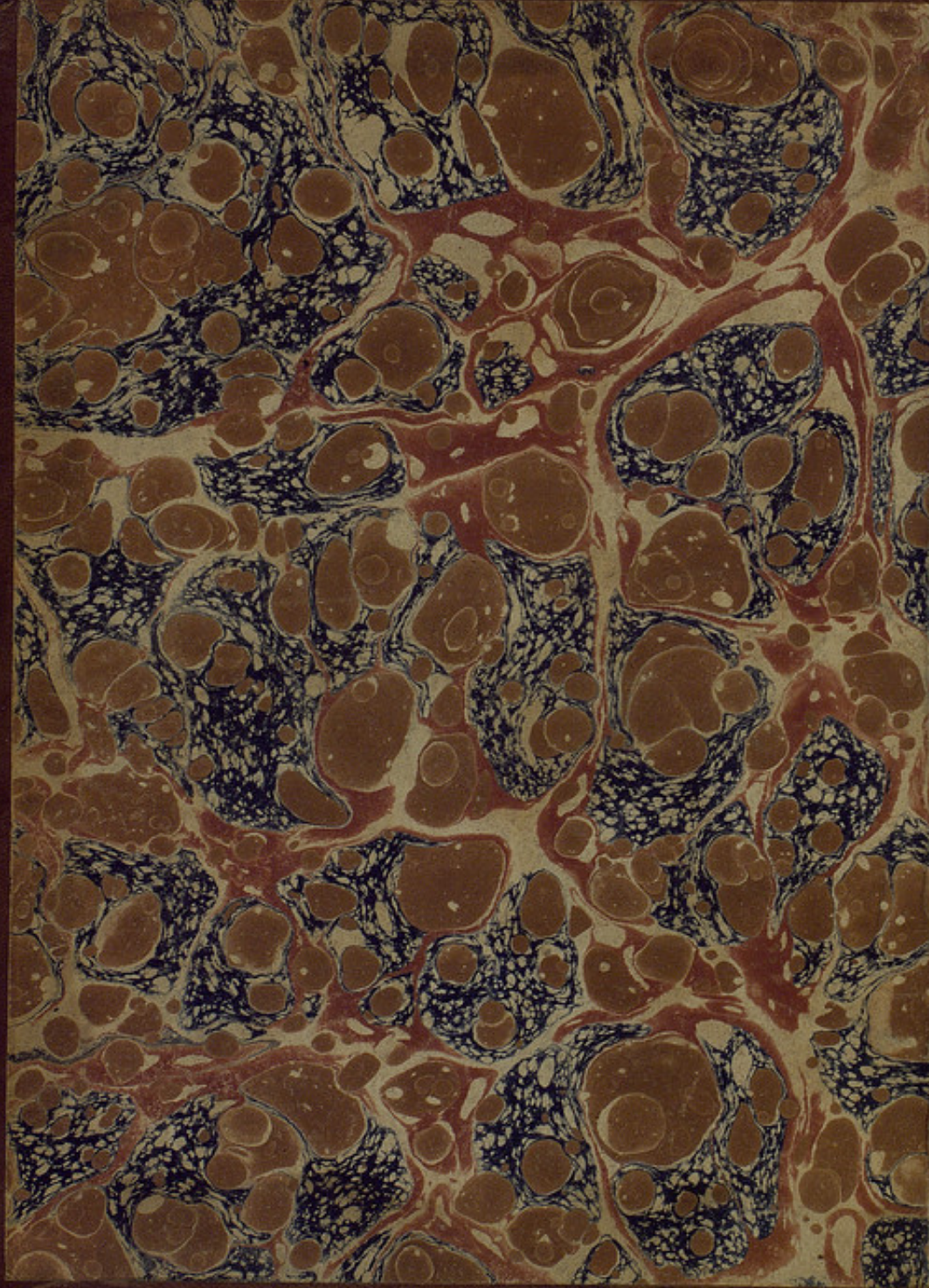
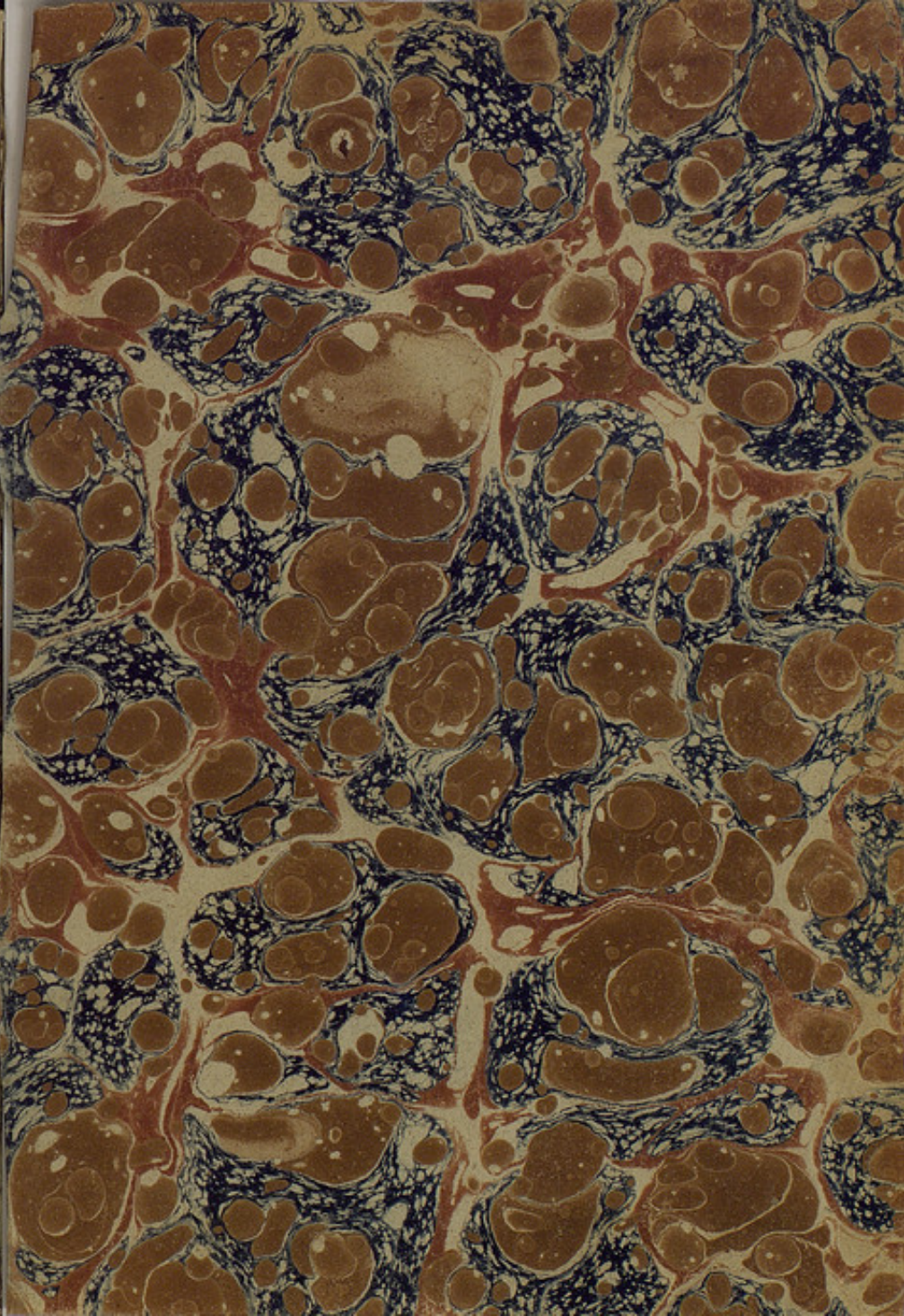
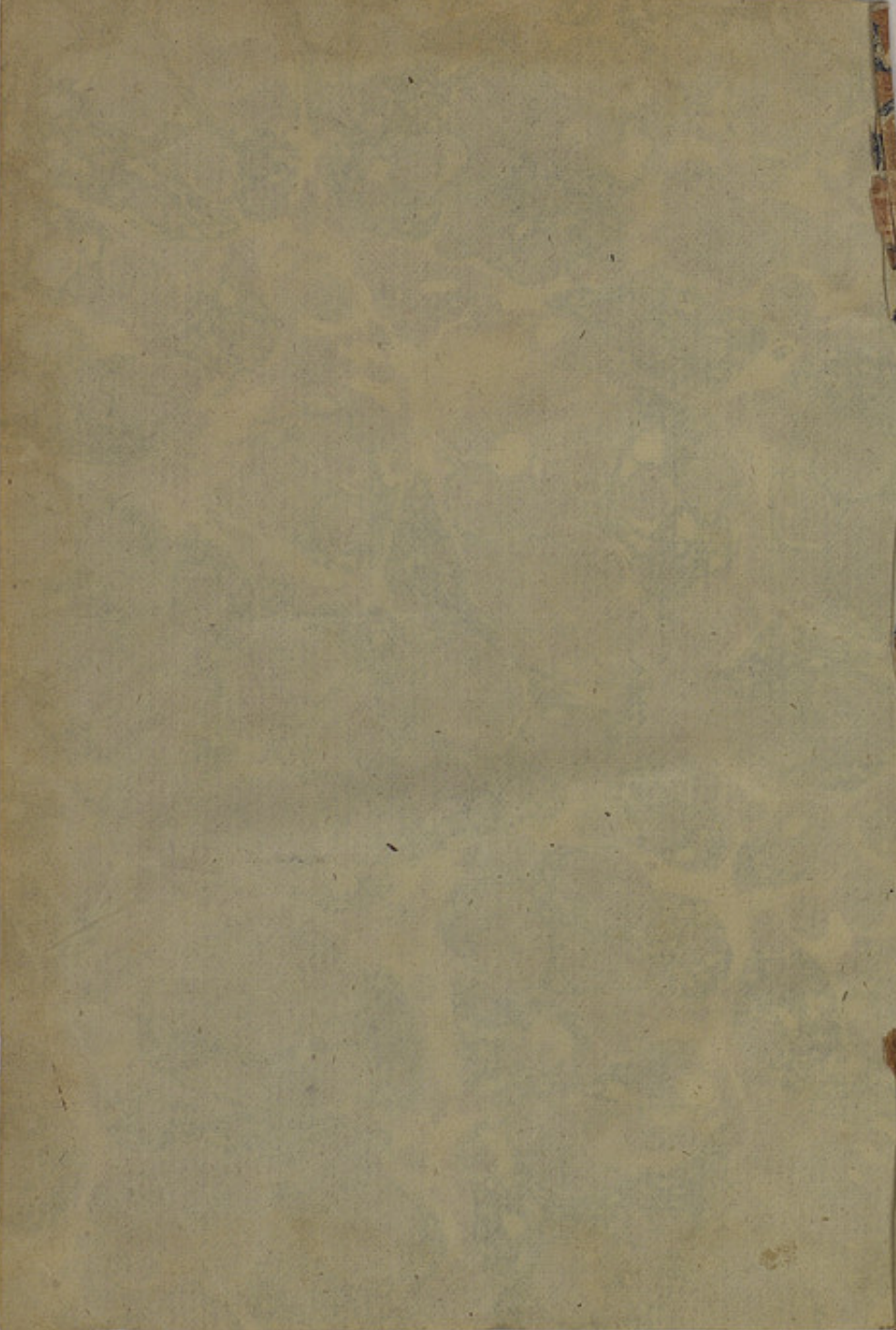


M.L.  
783  
E.C.







~~sc~~  
~~12579/85~~

H. P.  
12783.089





COSTA LOBO

POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA

*Autorizada com todo o genero de erudicaõ sagrada, e profana para  
a doutrina, e direcção dos Principes, e mais Politicos;*

DIVIDIDA EM VARIOS VOLUMES, EM QUE SE DA' NOTICIA  
de todas as virtudes, e vicios Moraes. De todas as Sciencias, e Artes Li-  
beraes. Particularmente da Astronomia, Geografia, e Chronologia. Das  
faculdades Bellica, Nautica, e Equestre. Da Historia Sagrada, e Eccle-  
siastica. De todas as Religioens da Europa, e Ordens Militares, e Regula-  
res da Igreja. Da Historia Geral. Da Fundaçã dos Imperios, origem das  
Monarquias, differenças dos Governos, e razoens porque os Estados cref-  
cem, se conservaõ, e diminuem. Da Historia de Portugal. Da Historia, e  
Genealogias de Portugal. Das leys, e costumes, das Batalhas, e Tratados  
dos outros Reinos. Da Historia fabulosa. Dos interesses dos Principes. Das  
Maximas da Corte, que ha de seguir, e dos livros necessarios, que deve ler  
o Politico Moral, e Civil.

OFFERECIDA

AO SERENISSIMO PRINCIPE DO BRASIL

D. JOSEPH

NOSSO SENHOR

POR

DAMIAM ANTONIO

DE LEMOS FARIA L CASTRO.

T O M O I.

LISBOA:

(19) Na Off. de FRANCISCO LUIZ AMENO Impressor da Congregaçã  
Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLIX.

*Com todas as licenças necessarias.*

Vende-se na mesma Officina na rua da Atalaya, junto á travessa  
dos Fieis de Deos, aonde se ficaõ continuando os mais Tomos.



COSTA LOBO

In  
Libreria  
de

Joaquim Jose Castano Pereira e Frizes.

AO SERENISSIMO REINADO BRASILEIRO  
D. JOSE FERREIR  
MESTRE  
D. ANTONIO  
DE ALMEIDA  
T O M O I  
L I B R O A  
DE OBRAS DE FRANCISCO ANTONIO DE ALMEIDA  
Escritas de 1811 a 1812

M. D. C. XLI  
Cem e poucos dias  
de 1841



AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO  
PRINCIPE DO BRASIL  
D. JOSEPH.

H. F. 12783. 89

SENHOR.



COSTA LOBOS

**A** Politica Moral, e Civil, Aula da  
Nobreza Lusitana não póde buscar outro  
Proteçtor senão a V. ALTEZA, que  
he

he o Principe dos Nobres de Portugal. O seu Author, que nella não entra com mais cabedal, que a curiosidade dos poucos annos, necessita de hum Apollo tão Augusto, que baste ouvirlhe o nome, para que os malevolos tapem as bocas.

Nos muitos volumes, que ha de conter esta Obra, que terá de comprida o que lhe falta de grande, offereço a V. ALTEZA outras tantas victimas nos altares da minha reverente vassallagem. Pequeno he o tributo para tão grande Magestade: porém já houve Principe, que não desprezou huma dura pedra offerecida em holocausto. A dureza do meu estylo, a secura do meu conceito, e a frieza da minha erudição he hum rustico seixo; mas, como sacrificio obsequioso, não deve petrificar o Real animo de V. ALTEZA, para que deixe de o aceitar, só porque he sacrificio. Se eu houvera de cortar pela immensa estatura de V. ALTEZA os moldes para a  
minha

minha vítima, offerecera a V. ALTEZA a si mesmo; porque só V. ALTEZA he do seu tamanho.

Esta certeza, Senhor, me anima a pôr tão altos estes primeiros frutos, que principia a colher a minha curiosa applicação. Serão elles de guarda para a estimação commua, se forem do gosto de V. ALTEZA. Receba-os a sua Real grandeza como primicias da minha obediencia, não negando, á imitação do Principe das luzes, os reflexos da sua protecção ás sombras desta minha obra, para desterrar dos olhos melindrosos os assombros, que lhes póde causar a temeraria confiança de levantar tantas vozes na Republica das letras hum particular, totalmente mudo nas Sciencias.

Porém como sayo a correr o dilatadissimo campo deste Estadio, levando abraçado o Real Escudo da Protecção de V. ALTEZA, não tenho que temer nos golpes da maledicencia; porque ainda

da que me descubra faltas, talvez que nellas me não corte, por se não expor a ferir o broquel, que me ampara. A preciosa vida de V. ALTEZA augmente o Ceo dos nossos annos, para que vivendo os de Nestor, com a immediata assistencia de Deos, seja feliz o seu Nome em toda a terra, venerado das Naçoens, temido dos contrarios, amado dos subditos, emulação dos mayores Principes, Olympo inaccessible a todas as desgraças, Primogenito da fortuna, Honra de Portugal, estrondoso Ecco dos clarins, e eterno Assumpto dos Epinicios da fama.

Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro,

*EN MERECIDO APLAUSO DE TANDOCTA,  
erudita, y noticiosa Obra, en cuya pequeña  
vastitud se encierra el Orbe.*

ROMANCE HEROICO.

**E**L robusto parto, que en cortos años  
Concibe tu ingenio tan fecundo,  
No cabe en las altas expresiones  
Si cupo en el afan de tu estudio.  
Tu, illustre Joyen, que pudieras  
No negar a la edad lo que era suyo.  
Excediendo tu discurso a los tiempos,  
No aguarda los tiempos tu discurso.  
Propones en sublimes elegancias  
Politicos objectos tan difusos,  
Que la edad de Nestor seria corta  
Para poder escribir tan solo uno.  
Comprehende tu idea un infinito  
De erudiciones utiles refumo,  
Y oprimiendo el mar en una concha,  
Dibuxas en un mapa a todo el mundo.  
Tu alta comprehension, tu gran talento  
A una corta esfera a si reduxo  
Todo lo que el mundo ha visto en tiempo  
Desde que ha venido el tiempo al mundo.  
Como el Aguila sublime en tus buelos,  
Tan altos se remontan tus assumptos,  
Que aun fueran Icaros los Dedalos,  
A nõ fer estos buelos buelos tuyos.  
Composiste las alas con fatiga  
Rindiendo a las ciencias un tal culto,  
Que no dexas instantes su Museo  
Juntando tu caudal en sus influxos.

La Encyclopedia no comprehendida  
Huirse de tu vista ya no pudo,  
Penetrando tus ojos como lince  
Lo que en si encerraba mas oculto.  
Las ciencias te faltan, no ay duda,  
Y que todas las sabes no lo dudo,  
Pues en ellas discurre tan discreto,  
Que te escuchan los sabios como mudos:  
La modestia reprime tu agudeza,  
No negando à los doctos sus tributos,  
Los Mercurios celebras como Apolos  
Cortando-te los braços qual Mercurio.  
Mas al fin tu ingenio relevante  
Que se esconda mas tiempo no es justo,  
Y sacando la cara sin congoxa  
La expone ya patente al publico.  
El Orbe literario reconozca,  
Que tu noble talento sin segundo  
Es igual à lo noble de la sangre,  
Si illustre en esta, en aquel fecundo.  
Y mi Musa en su canto pregonera  
A tu nombre declame por el mundo  
Para que eternas vivan tus memorias  
Sin temer en el tiempo lo caduco.

*Fr. Antonio de Santa Maria,  
Mercenario Descalço en la Provincia de la Andaluzia*

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFÍCIO.

**V**istas as informações, pôde imprimirse o livro intitulado *Politica Moral, e Civil*, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16 de Agosto de 1746.

*Fr. R. Alencastro. Silva. Abreu. Almeida.*

## DO ORDINARIO.

*Censura do M.R.P.M. Paulo Amaro, da Companhia de Jesus, Qualificador do S. Officio, &c.*

EXCELLENT. E REVER. SENHOR.

**V**I por ordem de V. Excellencia este livro intitulado *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*, e combinando eu esta obra com o seu Author, achei, que mutuamente se correspondião, e acreditavaõ. Isto tem as grandes obras, que reciprocamente daõ, e recebem hum grande nome dos seus Authores. O deste livro merece eternizado o seu nome no templo da fama, por nos dar ao publico huma obra, que he em tudo singular. Bem sey, que muitos Escriitores Politicos tem admirado o mundo; mas tambem não ignoro, que nenhum passou sem nota nas regras da sua Politica. Justo Lypso a ensinou a Flandes, Tacito a Roma, Tullio a toda a Italia, Quintiliano ás Hespanhas, e Aristoteles a todo o mundo; mas não com tanta felicidade, que faltasse quem dissesse, que Justo Lypso fora pouco pratico, que Tacito corrompera a Religião, que Tullio propendera para a lisonja, que Quintiliano só compozera para os Antigos, e que Aristoteles não escreveo para os modernos. Porém o engenhoso, e erudito Author desta Politica ajuntou nella a novidade sem extravagancia, que muitos não querem conceder em Aristoteles; a discreção sem superfluidade, que não querem respeitar em Quintiliano;

tiliano ; a verdade sem adulação , que não querem admitir em Tullio ; a pratica sem impossibilidade , que não querem reconhecer em Justo Lypsio ; a perfeição sem dezar , que a este Au hor devem todos conceder ; e o que no meu conceito he mais estimavel , as maximas da Politica , com os dielames da Christandade , tanto contra o que hoje se ensina com pratica nas mayores Aulas do mundo , como se não pudesse ser hum bom Politico sem ser fer máo Catholico.

A Politica verdadeira só he o conhecimento , e a praxe das virtudes ; por isso os Romanos , que forã huns dos melhores Politicos do mundo , lhes edificaraõ muitos Templos , julgando , que o seu culto he o que funda o melhor estabelecimento das Monarquias. Por esta razã se empenha tambem o Author desta grande obra neste seu primeiro Tomo em descrever todas as virtudes Moraes , e Civís , accrescentando a cada huma daquellas virtudes os seus dous vicios collateraes , que por excessõ , e por defeito se lhe oppoem. Aqui vemos , que toda a virtude não he mais , que hum rigoroso meyo entre dous fins repugnantes , huma discreta medição entre dous excessos contrarios , e huma ajustada uniaõ de actos perfeitos entre dous extremos oppostos. Nesta situaçã de qualquer virtude entre dous vicios se conhece a grande visinhança , e ventagem , que tem o mal a respeito do bem. A visinhança , porque nenhuma cousa neste mundo está mais perto de huma virtude , do que hum vicio ; e a ventagem , porque sendo as virtudes muitas , sab os vicios duplicadamente mais.

Sendo pois esta obra taõ singular pela Politica , que nos prescreve , mais o he pelo Moral , e Civil , com que a intitula. Lycurgo admirou a Lacedemonia com o Civil da sua Politica , e Aristoteles admirou ao mundo todo com o Moral da sua : porém a hum , e outro se adiantou este Author , por comprehender nesta sua Politica toda a erudição sagrada , e profana. He este primeiro Tomo a respeito de toda a obra , que nos promete o Author , como he a respeito de hum leã a sua unha , a respeito de hum gigante o seu dedo ; porque nesta obra havemos de ter toda a extensaõ da Historia , todo o computo da Chronologia , toda a univrsidade da Geografia , toda a sublimidade da Astronomia , toda a variedade da Mythologia , e por abbreviar , toda a industria das artes , e toda a multiplicidade das Sciencias. Consumada esta obra , que ouço ter já chegado ao quarto Tomo , fará superfluos para a Historia os Tucydedes , e Livios , para a Eloquencia



os Demosthenes, e Tullios, para a Poetica os Homeros, e Virgilios, para a Astronomia os Anaxagoras, e Ptolomeus, para a Medicina os Esculapios, e Hyppocrates, para as Mathematicas os Euclides, e Archimedes, para a Filosofia os Platonens, e Aristoteles, e para a Theologia os Mercurios Tremegistos, e Appollonios Tyaneos. Assim reduzio o Author muitos mares a huma concha, ou muitas livrarias a poucos livros.

O fundamento que nos dá o Author para intitular esta obra por Politica Moral, e Civil, bem o mostra a sua erudição mais curial, com que falla, e a sua agudeza mais civil, com que diz. Porém o fundamento, que nos não dá o mesmo Author para intitular a sua obra por Aula da Nobreza Lusitana, já que a sua modestia o callou, a minha obrigação o dirá. Intitula o Author esta sua Aula da Nobreza Lusitana, que dá ao publico por restituição da nobreza, que recebeu da mais illustre de Portugal. Para prova de ser desapaixonado este meu juizo, só me valerey dos testemunhos alheys, e haõ de ser estes dos mais famosos Genealogicos do nosso seculo. Joseph Freire Monterroyo Mascarenhas certificou com juramento, que o Author deste livro he legitimo descendente dos Progenitores de D. Lourenço de Almeida, e de D. Alvaro de Noronha filho dos Condes de Valladares. Gongalo de Almeida, Senhor da Casa de Cavallaria, debaixo do mesmo juramento testifica tem por seus Avós os do Almotacé mór deste Reino. D. Manoel Caetano de Sousa tambem jura pela autoridade da sua Ordem sacerdotal, que os Condes de Penella, e os de Abrantes são seus legitimos Ascendentes. O Marquez de Cascaes D. Manoel Joseph de Castro Noronha Ataíde e Sousa não duvidou affirmar com juramento, que o Author tinha por Ascendentes os Condes de Amarante em Galliza, e aos de Basto em Portugal, e que trazia a sua origem da Rainha D. Ignez de Castro, como a trazia a sua mesma casa, e familia dos Marquezes de Cascaes. Ultimamente o Cardeal Pereira não duvidou authorizar com toda a Eminencia de sua purpura a genealogia deste Author, ao qual faz descendente dos Viscondes de Fonte Arcada, dos Condes de Sandomil, VIII. neto do II. Duque de Medina Sydonia, e del Rey D. Affonso XI. de Castella.

E sendo estes os braçoens da nobreza do Author, com muita propriedade abrio á Nobreza de Portugal esta sua Aula, em que se pôde aprender toda a boa disciplina, e instrução. Adquirir esta pelas fontes, em que a bebeo o Author, só cabe no seu estudo, e comprehensão; porque como disse Hyppocrates

a vida do homem he muito breve, e a extensaõ de qualquer Arte muito dilatada; porẽm conseguilla neste compendio de todas as artes, ou nesta arte universal de todas as Sciencias, fõ o vastissimo entendimento do Author no lo podia facilitar. Esta só utilidade sobre muitas outras, que passo em silencio, pòde ser motivo muy cabal, (alẽm de que em nada encontra os bons costumes, antes os ensina,) para V. Excellencia conceder ao Author a licença, que pede; pois seguro a V. Excellencia, que em se fazer publico pela estampa este livro, se faz tambem manifesto ao mundo hum grande credito deste Reino, e outro muito mayor do Reino do Algarve, porque huma Villa-Nova deste II. Reino ha de preferir a todas as Cidades de Portugal, se entre estas se levantar outra contenda, como a que houve nas sete Cidades de Grecia pela verdadeira Patria de Homero. Este he o meu parecer, V. Excellencia ordenará o que for servido. Lisboa, Casa Professa de S. Roque da Companhia de Jesus 6 de Janeiro de 1747.

*Paulo Amaro.*

**P** Ode-se imprimir o livro de que se faz mençaõ, e depois torne conferido para se dar licença para correr. Lisboa 10 de Janeiro de 1747.

*Mello.*

## D O P A Ç O .

*Censura do M.R.P.D. Antonio Caetano de Sousa  
Clerigo Regular da Divina Providencia, Deputado da Bulla da Santa Cruzada, &c.*

S E N H O R .

**M** Andame V. Magestade ver o livro *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*, seu Author Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro. Este livro he o primeiro Tomo desta obra, que se extenderá a muitos pela larga disposiçaõ, com que seu Author a reparte com vasta erudiçaõ, para instruir na Politica Civil, e Moral a Nobreza de Portugal, e ao mesmo tempo affeçoalla às Sciencias, para que propoem  
em

em breve methodo na lição destes livros hum caminho por onde se possa passar á dilatada applicação, como fez o Author, que com louvavel genio, e inclinação estimavel se deu aos estudos, tirando desde a sua juvenil idade os principios, que os annos adi-antaram com trabalhos novos, unidos áquella prudencia com que hum Sabio como elle sabe distinguir as suas applicações. Neste livro não encontro cousa, que se opponha ás leys de V. Magestade, e he merecedor da licença que pede para se imprimir. Este he o meu parecer, V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa na Casa de N. S. da Divina Providencia, 6 de Abril de 1747.

*D. Antonio Caetano de Sousa. C. R.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa, para se conferir, e taxar, e dar licença, para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 11 de Abril de 1747.

*Almeida. Carvalho. Castro.*

---

**V**isto estar conforme com o original, pôde correr. Lisboa 28 de Março de 1749.

*Fr. R. Alencastro. Trigofo.*

**P**ode correr. Lisboa 1 de Abril de 1749.

*D. J. Arcebispo de Lacedemonia.*

**Q**ue possa correr, e taxaõ em 400. Lisboa de Abril de 1749.

*Almeida. Carvalho. Castro. Mourão.*

# INDICE

DOS CAPITULOS, QUE CONTE'M  
este primeiro Tomo.

## L I V R O . I .

- CAP. I. *Definiçoens de todas as virtudes, nobilissimo ornato do Politico moral, pag. 1.*  
CAP. II. *Do fim, e essencia da virtude moral, que tem por termo fazer o homem feliz, p. 10.*  
CAP. III. *Particular definição da virtude moral, e propriedades destas virtudes, p. 18.*  
CAP. IV. *Arvore das virtudes Moraes, que tem por tronco a rectidão, com a qual deve obrar o Politico em todas suas acçoens, p. 28.*  
CAP. V. *Do meyo da virtude, e como ha de o Politico achar este meyo, p. 37.*  
CAP. VI. *Das quatro Virtudes Cardinaes, p. 45.*

## L I V R O . II .

- CAP. I. *Essencia da Justiça, virtude summamente necessaria aos Principes, e Politicos, p. 48.*  
CAP. II. *Continua-se a mesma materia, p. 60.*  
CAP. III. *As dadivas são contagio da Justiça, p. 70.*  
CAP. IV. *A Clemencia ha de ser inseparavel da Justiça, p. 74.*  
CAP. V. *Na administração da Justiça, não ha de entrar a ira, ou vingança, p. 86.*  
CAP. VI. *Extremos da Justiça, e parallelo entre o Politico justo, e injusto, p. 94.*

## L I V R O . I I I .

- CAP. I. *Da Prudencia em geral*, p. 108.
- CAP. II. *Da Prudencia Politica*, p. 114.
- CAP. III. *He necessaria a Prudencia nos conselhos*, p. 120.
- CAP. IV. *Que qualidades de pessoas dicta a Prudencia se escolho para Conselheiros*, p. 129.
- CAP. V. *Das circunstancias, que ha de ter o Politico, conformes com a Prudencia, para ser Ministro do Principe*, p. 141.
- CAP. VI. *Se he conveniente ao Principe, conforme a Prudencia, admitir os Ecclesiasticos nos negocios civis*, p. 150.
- CAP. VII. *He regra da Prudencia, que o Principe não aggrave os Estados com tributos*, p. 159.
- CAP. VIII. *Para que a Republica goze a utilidade das leys, manda a Prudencia aos Principes as fação observar, e não as multipliquem*, p. 166.
- CAP. IX. *De que meyo deve usar o Principe, conformes com a Prudencia, para manter as leys em rigorosa observancia*, p. 174.
- CAP. X. *Da Prudencia Economica*, p. 182.  
*Documentos praticos para o bom Economo proporcionados com as regras da Prudencia*, p. 184.  
*Avisos praticos para os pays educarem bem seus filhos*, p. 196.  
*Regras, para que os filhos dos nobres se eduquem a si mesmos*, p. 198.
- CAP. XI. *Da Prudencia Monastica*, p. 205.
- CAP. XII. *Da Imprudencia, hum dos extremos desta grande virtude*, p. 209.
- CAP. XIII. *Da Astucia, segundo extremo da Prudencia*, p. 214.

## L I V R O . I V .

- CAP. I. *Da Fortaleza em geral*, p. 217.
- CAP. II. *A Fortaleza obra nas occasoens*, p. 221.
- CAP. III. *He igual o animo da Fortaleza em ambas as fortunas*, p. 225.
- CAP. IV. *Modos, e fins porque obra o Varaõ forte*, p. 231.
- CAP.

- CAP. V. *Da temeridade, hum dos extremos da Fortaleza*, p. 238.  
CAP. VI. *Da Covardia outro extremo da Fortaleza*, p. 243.

## L I V R O. V.

- CAP. I. *Da Temperança em geral, e da necessidade desta virtude*, p. 251.  
CAP. II. *A Temperança nos regalos he necessaria para a saude do corpo*, p. 256.  
CAP. III. *He necessaria a Temperança contra a gula*, p. 265.  
CAP. IV. *Da Temperança, e policia, que deve ter o Politico nos banquetes*, p. 272.  
CAP. V. *O uso do vinho he indigno da pessoa do Politico*, p. 277.  
CAP. VI. *Da Temperança no dormir*, p. 281.  
CAP. VII. *Da Temperança contra a luxuria*, p. 287.  
CAP. VIII. *Da Intemperança, e Estupidade extremos desta virtude*, p. 296.

## L I V R O. VI.

- CAP. I. *Que cousa seja Liberalidade, virtude propria de Principes, e Grandes*, p. 298.  
CAP. II. *A Liberalidade compoem a fabrica do throno*, p. 304.  
CAP. III. *Continua-se a mesma materia, e mostra-se quaes sejaõ os objectos da Liberalidade*, p. 313.  
CAP. IV. *Da Liberalidade com os pobres*, p. 324.  
CAP. V. *Da distribuiçãõ dos Bispados, e Beneficios Ecclesiasticos*, p. 330.  
CAP. VI. *Qual seja o Liberal, porque modo obre, e como se exercite a Liberalidade*, p. 338.  
CAP. VII. *Da Avariza hum dos extremos desta virtude*, p. 341.  
CAP. VIII. *Da Prodigalidade, outro extremo desta virtude*, p. 351.

# PROEMIO

A TODA A QUALIDADE DE LEITORES.

**N**ão he pequena infelicidade a dos Escri-  
tores , que , depois de trabalharem , cança-  
rem , e suarem pela tua utilidade , e diver-  
timento , são obrigados , ainda em cima , a darte sa-  
tisfações para te tapar a boca. Como estás nessa posse,  
naõ quero fazerte violencia , para me poupar ao tra-  
balho de resistir às tuas forças. Obrigado de muitos  
rogos ponho em publico os defeitos , que até agora  
estavaõ occultos. Dirás , que he valente a resolução,  
que me aníma a confiança , e que naõ ha no Mundo  
ignorancia , que deixe de ser atrevida. Já podes cri-  
ticarme ; porque sem o principio das letras , na ap-  
plicação a alguma sciencia , me resolvi a escrever so-  
bre as mais delicadas sciencias , como se em mim  
houveraõ letras. Continúa a estranhar , que sendo eu  
hum particular , que apenas estudou Grammatica  
muito de passagem , me resolvesse a fabricar de assen-  
to hum Musêo da Politica mais curial. Dize , que  
naõ póde deixar de errar muito quem sabe taõ pou-  
co : porém adverte de caminho , que a falta das sci-  
encias no Author he a mayor utilidade destes escri-  
tos , sendo para elles proveitoso o mesmo , que para  
quem os escreve foy perda. Tudo o que nelles acha-  
res he effeito de huma curiosidade ha vinte annos ap-  
plicada , que tantos tenho de uso de razaõ ; e em  
mostrarme ( ainda que obrigado ) aos juizos do Mun-  
do curioso , naõ pollo escandalizar os bons juizos.

Se escrevesse com os principios de sabio , ainda que o fizesse com acerto , ou sem elle , sempre me expunha aos grandes riscos , de que não escaparaõ os mayores homens. Se acertasse , arriscava-me aos defasios da inveja , que sempre foraõ perigosos. Escrevendo como curioso applicado , não posso acertar tanto , que me invejes ; e para me criticares os erros , com animo de Aristarco , he necessario , que sejas desalmado. Não duvido , que nesta Obra haja muitos assumptos para as crisis: porém repara homem malevolo , que se reprovas satyricamente os meus erros , entibias a applicação dos curiosos. Se errar , he porque quero aprender ; e bem sabes , que só aprende quem erra. Nesta primeira lição , que dou na Escola publica , deves desculparme de justiça , ensinando-me com caridade.

Em oito , ou dez volumes , que ha de conter esta Obra , não acharás frutos de erudição , que te lisonjeem o gosto ; mas sempre has de encontrar na sua materia alimento proveitoso para a faude Moral , e Civil. A sua fórma são folhas , ou flores , que dispoz a curiosidade , e regou a applicação , colhidas antes de tempo do jardim dos poucos annos , que ainda agora começaõ a fer Primavera. O fim da minha propensão ao estudo , não foy , para que algum dia viesse a representar no theatro do Mundo o papel de noticioso : quiz mostrar a mim mesmo , que era homem. Nestes , disse Aristoteles , he innato o desejo de saber ; e quem , além de ser ignorante , ao menos não mostra estes desejos , parece que se esconde a natureza de homem.

Muitos , e grandes escreveraõ sobre estas materias , que , para as forças do meu engenho , tem hum pezo muy desproporcionado. Porém não he caso no-



vo fallar entre gente da Corte, quem da regra do A B C, apenas sabe a primeira letra. (1) Já escreveo Política para huma grande Republica hum homem, tão falto de letras, como de pálvras. (2) Aquelles balbucientes deraõ regras aos cultos mais limados: eu offereço huma regra do A B C, para que se principiem a limar aquelles, que haõ de vir a ser cultos. Como ainda não deixey os annos juvenis, resolvi-me a fallar com os meus semelhantes. Nós cá nos entendemos, escuse o jaçtancioso de se vir meter aonde o não chamaõ. Satyrize, murmure, e critique, que já agora me não hey de emmendar nestas travessuras de rapaz.

Alguns prudentes me advertiraõ não expozesse o meu nome nestes escritos, para evitar os reparos, que podia causar a minha confiança. Errou o conselho; porque confiança, e medo saõ extremos, que se não unem. Nada tem que temer a ignorancia, ou a loucura; porque para huma, e outra está notavel o Mundo. Os privilegios de louco, e insensato tem as enfachas mais largas, que as purpuras dos Principes. Estes saõ dispoticos no que he justo: aquelles, no justo, e injusto, saõ absolutos. Eu entendia, que para o homem fazer vida boa era necessario ser sabio; mas para levar boa vida, não ha cousa como não ter juizo. Como se ha de sentir, quem não sabe de que se sente? Grande patrono he a ignorancia, e seguro apoyo a loucura! Porém eu não quero, que huma me sustente, e que outra me ampare. Bastará conhecer, que não sou douto, para que sinta menos, se os sabios me denominarem ignorante. Tu, que o não es, dize o que quizeres; porque ainda que me can-

(1) *A a a, nescio loqui, Jer. cap. 1.* (2) *Tardioris lingua ego sum; Exod. cap. 4.*

tes louvores , ou me chamarás nomes , ou me levanta-  
tás antifonas.

Outras muitas curiosidades tenho composto ,  
que , por serem correspondentes aos annos , me não  
resolvi deixallas patentes aos seculos. Agora , que  
me vejo crescer na idade , devo depor as meninices ,  
(3) e applicarme a materias uteis : se os effeitos cor-  
responderem à intençaõ , darey por bem empregado  
o meu trabalho.

Esta , que elegi para occupar tanto tempo ocio-  
so , pareceo-me proveitosa. Ha de vir tempo , no  
qual as estaturas pueris organizem o gigante da Re-  
publica ; e para que este seja proporcionado , he ne-  
cessario ajustarlhe os membros. As virtudes Moraes,  
e Civis regulaõ as acções humanas : com a sua prati-  
ca será o homem perfeito. Na escola da natureza ,  
aonde se lem os dictames da Prudencia , aprende o  
homem a Ethica , Politica verdadeira. (4) Tem esta  
por termo fazello feliz : e se todo o homem natural-  
mente deseja a felicidade , deve applicarse à boa Po-  
litica.

Particularmente se encaminha esta Obra à No-  
breza juvenil ; porque os Fidalgos tem mais obriga-  
çaõ de ser Politicos , já que nasceraõ illustres. Darem-  
se escuridades nas trevas , he porque propriamente  
saõ sombras : porém haver manchas no Sol , he alte-  
rar o constitutivo do seu luminoso ser. A Politica per-  
feita desterra estes eclipses ; porque evita a interposi-  
çaõ dos baixos vapores. Em todo o homem luzem as  
virtudes : no Fidalgo resplandecem. Os defeitos nes-  
tes saõ escandalos : nos outros homens saõ sô defei-  
tos. Tanto tem o nascimento de grande , quanta he  
mayor

(3) *Evacuavi , qua erant parvuli , ad Co. cap. 1.* (4) *D. Cy-  
ril. in Proam. ad lib. Apolog.*

mayer a obrigação de ser Politico virtuoso. Nas idades de ouro todos os homens eraõ iguaes, quasi todos pastores, e taõ innocentes como as ovelhas. Nos tempos de ferro, que saõ os nossos, naõ ha homem, que confinta igualdades; tudo he confusão, porque tudo saõ vicios. Nas trevas de tantas cegueiras só a luz da Politica desterra as sombras, como a tocha em lugar escuro. (5)

Neste primeiro Tomo, ainda que exponho todas as virtudes Moraes, e seus extremos, só tratarey das cinco principaes, e donde quasi todas as outras se derivaõ, a saber: a Justiça, a Prudencia, a Fortaleza, a Temperança, e a Liberalidade; as quaes, com doutrinas solidas, hiraõ instruindo hum Principe, e Politico, ajustandolhes as acções aos dictames da Prudencia. Este fim, como taõ nobre, devia ter o primeiro lugar. As Ethicas de Aristoteles foraõ o norte, que sempre seguio o rumo do meu discurso. Aquillo, que elle escreveo como Filosofo, fuy eu accommodando às minhas idéas Politicas, que com muita facilidade podera reduzir a Emprezas, se ellas fossem o unico objecto desta Obra; porém como só servem de veneravel preludeo, nelle as proponho como premio do Estadio Politico, e desejo que todos os homens o ganhem. Se o Politico Civil o naõ for Moral, pouco merece este nome. Fazer que os outros obseruem as Leys, e defajustarse elle das da razaõ, he querer hum bruto formar homens. Pelo contrario o Politico Moral poderá fazer homens, dos que eraõ brutos.

Espero, com o favor de Deos, continuar a minha idéa, e trabalhar o tempo, que me deixarem livre as occupações do meu estado; e dos muitos

(5) *Tamquam lucerna in caliginoso loco, 2. Epist. Petr. cap. 1.*

tos volumes , que tenho delineado , me parece , que te posso prometter dous em cada anno.

No segundo Tomo te darey a conhecer todas as Sciencias , e Artes , especialmente a grande Sciencia Aulica ; a Historia Sagrada em estylo claro , e laconico , para te poupar o trabalho de a estudares pela Biblia ; seis Tratados da Religiaõ , que haõ de conter a Religiaõ em geral ; as diferentes Religioes do Mundo ; a Religiaõ Christã , seus Mysterios , Sacramentos , e obrigações ; a Religiaõ , que em particular professa cada hum dos Estados da Europa ; e nos ultimos dous Tratados a formosa Historia das Ordens Militares , e Regulares da Igreja.

O terceiro Tomo ha de comprehender a Historia Ecclesiastica , e Chronologia dos Papas , com varios Artigos , nos quaes te darey noticia de todas as Perseguições , Scismas , e Heresias contra a Igreja ; de todos os Conciliõs Geraes , e muitos Particulares , especialmente da nossa Hespanha ; das Cruzadas da Terra Santa ; e das Congregações , e Tribunaes de Roma.

No quarto Volume verey se posso accommodar em relumo a Astronomia , e depois a Geografia , e Chronologia , que saõ as duas azas , com que o Politico Historiador se remonta à esfêra de entendido.

O quinto Tomo ha de ser todo para a Historia da nossa Patria. Nelle dividirey os successos de Portugal em quatro partes. Na primeira , começando do Diluvio , veremos a Historia de Portugal na Europa : na segunda Portugal em Africa : na terceira Portugal na Asia : e na quarta Portugal na America ; porque naõ tem mais partes o Mundo para hum só Portugal. Ponho esta Historia em primeiro lugar , entre as Profanas ; porque naõ he razaõ , que nos applicuemos

pliquemos ao alheyo, ignorando o que he noffo.

Entrará logo a Historia Geral; a Fundaçãõ dos Imperios, Origem das Monarquias, Diferenças dos Governos Monarquico, Aristocratico, e Democrático; e as razões porque os Estados crefcem, fe conservaõ, e diminuem. A Historia Particular; as Leys e Costumes, Batalhas, e Tratados dos outros Reinos; para o que, entre outros Authores, seguirey o Athlante Historico, e a Sciencia de Corte, que em algumas partes hey de ampliar.

Nos ultimos Volumes efcreverey a Historia Fabulofa; as faculdades Bellica, Nautica, e Equeftre; as Maximas da Corte; concluindo tudo com huma Lista dos Livros da melhor felecçaõ, para o Politico estudar as materias, que lhe tocaõ, e instruido nellas perfeitamente poder servir os Principes com acerto nas Embaixadas, Governos Monarquicos, e outros femelhantes empregos, para o que naõ he menos necessario o conhecimento dos intereffes dos Principes.

Da Genealogia Lusitana, que prometto no titulo desta Obra, darey noticia de algumas Familias particulares, na Historia, ou na Diferençaõ Geografica de Portugal: porẽm brevemente; porque esta materia tem compofto, e vay dando à luz o grande Genealogico do noffo feculo o Reverendiffimo Padre D. Antonio Caetano de Soufa.

Para fazer esta liçaõ gostofa aos engenhos applicados, defejey ornalla com a cultura do estylo; e com a variedade deleitavel de muitas erudições fagradas, e profanas. Cheguey até onde pude, e naõ me elevey aonde quiz. Considero o idioma Portuguez taõ apurado nos noffos tempos, que a efcrever cada vocabulo me tremia a maõ. Conheço alguns Lincez taõ investigadores de palavras, e taõ perspicazes

cazes na delicada subtileza dos estylos, que mais temo me critiquem por não saber fallar, que por não alcançar a discorrer. Em todo o termo, em que duvidey, busquey Patrono: se por estrangeiro não quizerem, que me defenda, olhe Portugal, que se mostra ingrato a quem deve tanto, que lhe veyo ensinar a fallar a sua lingua. Não podemos negar, que eramos Tobias cegos, em quanto a intelligencia de Raphael nos não deu remedio para vermos a nolla mesma luz.

Com os discursos de muitos fiz o meu discurso; porque os applicuey ao meu intento. Authorizey esta Obra com os Authores, que vão citados. Muitos materiaes ajuntey, não para amontoar, mas para erigir. Do succo de muitas flores compoem a abelha o favo; e sendo a materia de outrem, o formal da Obra he muito proprio. Neste estylo escreveo o grande Lipsio as suas Politicas: fallava com a lingua de todos, e todos eraõ a sua lingua. Apoyava os melhores ditos daquelles, que mais approvava, como diz Tullio. (6) O famoso Pierio, nos seus *Feroglyficos*, não desprezou toda a sorte de Humanidades. Dellas se compoem a estupenda Obra de Lourenço Beyerlinch. Assim seguiu Sávedra a idéa das suas *Emprezas Politicas*: organizou-as como corpo, e infundiolhes a alma de muitas erudições, que eraõ halitos alheynos. O thesouro da *Brachilogia de Principes*, toda a sua riqueza he erudição. O mesmo praticaraõ o grande Tacito, nas suas *Maximas Politicas*; o elegante Mendo, no seu *Principe Perfeito*; e o erudito Torres, na *Filosofia Moral*, que compoz para os Principes. Em muitas das suas Obras parece, que fallava o o discretissimo Causino pela boca dos Humanistas, e

Ga-  
(6) Nos ea tuemur, qua dicta sunt ab his, quos probamus.

Garau pela dos Mythologicos. Até os escritos Asceticos do Veneravel, e doutissimo Bernardes são compendios de noticias, como vemos nas suas *Florestas*. A mayor gravidade do estylo he citar Authores graves. (7)

Naõ ha nada novo debaixo do Sol. (8) A differença dos termos, com que se falla, faz parecer novidade aquillo, que os Antigos disserão. Referir qualquer sentença, recebida com venerada authoridade, he huma setta, que fere mais agudamente o entendimento. Entaõ faço minhas as sentenças, quando começo a traduzillas, dizia Marcial. (9) As figuras na Rhetorica são alma da eloquencia. Sempre que Christo fallou, o fez em Parabolás. (10) O estylo laconico, como mais conciso, enfastia menos. Intrincar orações he formar labyrinthos. Os discursos empeçados são enredos. O seu fio he linha recta: querer inclinallo he torcello. Formar contos sem substancia, val tanto como compor Novellas. O Artifice mais destro quando retrata hum gigante, delinealhe hum dedo: dibuxallo todo fora pintar hum monstro. Até o Mundo parece melhor, e mais formoso, reduzido à pequena esfera de hum Mappa. O que mais se comprehende he o melhor. Por esta razaõ desejey naõ te nausear o estomago com a multiplicação de termos desnecessarios. Quizera, que ouvisses conceitos agudos em poucas palavras. Huma só fallou Deos, e ninguem formou igual conceito. (11)

O mayor goito, que deve ter hum homem he

b

ver

(7) *Claud. Clemens ad Lectorem Musai.* (8) *Nihil sub Sole novum, Eccles. cap. 1.* (9) *Quem recitas meus est, à l'identine, libellus — Sed male dum recitas, incipit esse tuus.* (10) *Et sine Parabolis non loquebatur eis, Matt. cap. 24.* (11) *Semel locutus est Deus, Psal. 61.*

ver outro Sabio, e Politico. A nossa distincão dos brutos confiste na communicacão, e he indispensavel a sociedade entre os individuos humanos. A pratica com as especies, patece que dá huma nova fórma. Quem tratar com brutos será irracional; quem lidar com pastores será rustico; quem communicar com homens terá razaõ; quem comerciar com Anjos parecerá intelligência; e quem for familiar com Deos participará do ser Divino. Esta he a razaõ, porque se devem desejar muitos homens Politicos; porque tornarão muitos brutos em homens. He verdade que à prolapsidaõ da natureza he necessario hum grande trabalho para adquirir a boa Politica: porém aquelles, que se negarem à applicaçãõ, não aspirem aos premios da fama. O Velocino só o possuem os Argonautas, que tiverem espiritos de Jason. Primeiro que as estatuas se levantem nos Capitolios, ha de levar muitos golpes a pessoa. Os bronzes para as medalhas rompem-se à força, e com tempo. Dá grande brado na fama quem levanta altas as vozes. Não ha pretender subir ao Ceo, sem firmar a escada nos montes do Potofí.

Ao teu mesmo credito importa abonarme com todos; porque nesta Obra, ainda que não falle bem, fallo do bom; e se me criticares a fórma, offendes a integridade da materia. Em ti levo segura a minha opiniaõ; porque tu, Leitor meu, necessariamente has de ser douto, ou indouto: se es douto, não me capacito, que queiras gastar o teu precioso tempo em defacreditar àquelle, que à boca cheya está confessando, que toda a sua sabedoria he curiosidade. Se es indouto, dize de mim todos os improperios; porque me honras com afrontarme. Dos homens de máo juizo só quero as boas vontades. As tuas crisis são as  
appro-



approvações da minha Obra. Desgraçado de mim se me louvasses ; porque , ao menos , ficava na desconsolação , de que tinha sahido ao theatro publico com hum Entremez.

Eu bem sey , que te has de queixar de mim ; porque em muitas partes te chego rijo. Pois que querias : que te louvasse os vicios , a ociosidade , e a ignorancia ? Antes se me entorpecera a razão , que faltar à verdade. Como não conheço a lisonja , escrevo com bello desembaraço , e dasatado de toda a dependencia , aquillo que manda a doutrina Moral. Nenhum cuidado me dá , que julgues discursos satyricos as clausulas pareneticas. Serias tu o primeiro ignorante , que recebesse as correções com boa cara. Porém , ainda que ma mostres má , te advirto , que te não metas a fallar nas materias , que não entendes. Se te queres enfronhar nestas para as murmurações , fecha o Livro ; porque nem pelos nomes as conheces. Se queres aprender , tua he a utilidade ; e mais obrigação tens de olhar por ti para seres sabio , que por mim para te affectares critico.

*Vale.*



# PROEMIO

## A' NOBREZA.

1 **E** Screvo a Politica Moral, ou Ethica perfeita, e abro-vos huma Escola para aprenderes as regras, a que haveis ajustar as vossas acções. Todo o homem tem obrigação de ser Politico, pelas mesmas obrigações que tem de homem. A este preceito, que impoz a natureza em qualquer individuo humano, ajuntou outra ley, não menos rigorosa, a soberania do nascimento illustre. O homem he vivente sensitivo, e racional. Como sensitivo, pouco se distingue dos brutos: (1) como racional, he semelhante aos Anjos. (2) A organização material dos membros, formalhe o composto; a symetria moral da alma, formalizalhe a materia. O barro na estatua, todo he pés: o ouro das virtudes todo he cabeça. Della nascem os dictames da razão; e se o homem se governar por elles, ainda que a estatua se desfaça, tudo será pó de ouro.

2 Amavaõ os Filósofos antigos as virtudes; porque eraõ formosas, tendo-as por premio de si mesmas. O Politico Christaõ, como lhe conhece outro fim terminante muito mais superior, deve darlhe mayor apreço. Boa he a pratica das virtudes pela sua excellencia; incomparavelmente melhor pela gloria de Deos. O primeiro fim he racional; o segundo Divino.

(1) *Psal. 48.* (2) *Psal. 8.*

no. A fonte de Esculapio vertia oleo puro: (3) ficou mais luzida com o arco de ouro, com que a enriqueceu Heraclides. Grande luz communica à alma o oleo das virtudes, que corre dos dictames da razão: quanto mais se illustra com o ouro da intenção recta? Moralmente boa era a grandeza das esmolas, que se lançavao no Gazofilacio. Mais apreciada foy a moeda baixa de humia pobre mulher. (4) A intenção nas obras magnificalhe a mediania.

3. Ha de o Politico amar a verdade, estimar a honra, e forçosamente será virtuoso. Os Romanos no Templo do Deos Fidio, filho de Jupiter, collocavao os simulacros da Honra, Amor, e Verdade, dando esplendor à virtude. Bem a deixa ver quem lhe accende estas luzes. Para humas gentes, sem ellas, pedia hum Politico a Deos lhes desse Legislador tal, que os fizesse conhecer por homens. (5) Entre os homens gentes, saõ gentes sem homem estes mal vistos. Quasi todo o Mundo he Egypto; porque quasi todos os homens andaõ em trevas. Até a luz da Politica se vê com cegueira. As espigas das virtudes poucas Ruths as recolhem.

4. Consiste a virtude na mediocridade entre os extremos viciosos. E que visinho está o mal do bem! Tropeçar no mais, ou cahir no menos, he offender o melhor. Como será facil deixar o melhor entre o mais, e o menos. Já houve quem por Dama abraçou hum estatua. Tanto se equivooca o fingimento com a realidade. Sómente a luz da verdade descobre tudo; porque tudo vence. Devorou a vara de Araõ as varas

(3) *Caus. Symb.* 28. (4) *Marc. cap.* 24. (5) *Psal.* 9. *Constitue Legislatorem super eos, ut sciant gentes quoniam homines sunt.*

varas dos Magos. (6) Era vara de verdade, confundio as varas mentiroſas. O cavallo dos Gregos todo era mentira: todo foy deſtruição. O Pegaſo de Perſeo todo era verdade; todo foy triunfo. Aquelle arriuou a Troya: eſte livrou do formidavel monſtro a opprimida Andromeda. Que oppoſtos ſão os effeitos neſtes dous contrarios! Não podem caſarſe as operações entre entidades diſformes.

5 Quando Pilatos perguntou a Verdade, que couſa era, voltoulhe as costas. (7) Ainda hoje ſe lhe fazem muitas deſcortezias. Quantos lavarão as mãos às innocencas, a quem derramam o ſangue como malfeitores! Confiſſão de boca, e depravação de obras, he Politica Farifaica. Ha homens, que ſe dão a conhecer pelo deſejo das virtudes, e offendem a humanidade com as ſemrazões. Até aqui faz hum Pilatos.

6 Testemunha Pomponio Mela, que nas Ilhas Fortunadas ha duas fontes, e que bebendo ſe as aguas de huma, occaſionão taõ deſtemperada paixão de riſo, que com ella ſe perde a vida. As que correm da outra fonte, pela contrariedade dos effeitos, ſão o unico remedio deſte mal. (8) Mais facilmente ſe eſgotarão os mananciaes da primeira, que os da ſegunda. Muitos riſonhos querem antes perecer com os venenos da vida licencioſa; porque as aguas da verdade, ou ſe não tragaõ, ou nauſcaõ. No deſerto ás bebeo o povo, taõ verdadeiras, como milagroſas. Seguia aos Hebreos a bẽmeifeitora pedra, offerecedolhes perennes os ſeus mananciaes. (9) Goſtaraõ a verdade de caminho, e foraõ ſempre fugindo à virtude. Quem lhe dá as costas, retira os olhos da Politica.

Gran.

(6) Exod. cap. 7. (7) Jo. in. cap. 18. (8) Cauſin. Symb 47.  
 (9) 1. ad Cor. cap. 10.

7 Grande fortuna he a de nascer de pays illustres. (10) Os influxos do sangue estimulaõ o animo para obrar com bizarría. Em poucas horas de vida contava Hercules seculos de valor. Com os braços nas faxas já tinha mãos de Heróe. As serpentes, que cruel lhe arrojou a Deosa Juno, foraõ gloriosos despojos do gigante valor deste menino. Ainda não bem nascido, já o leão he rey entre as feras. Sem o diadema de penas respeitaõ as aves à aguia por sua rainha. São Fenix, que renascem, todos os bem nascidos. Quem goza nobreza herdada, logra estimações univértaes: porém se as acções desmentem a qualidade, he a nobreza a mayor infamia. (11) As obras de hum só Heróe illustraõ a todo hum Reino, e daõ brado por todo o Mundo. As de hum illustre, mas infames, escandalizaõ todos os póvos. (12) Se o nobre he grande por descender de outros grandes, seja progenitor de virtudes. O que se herda, apenas he nosso: (13) o que adquirimos não paga feudos, augmenta-nos a generosidade. (14)

8 Estimavel he a honra da nobreza: muito mais o obrar como nobre honrado. Aquella he reflexo alheyo: esta luz he muito propria. A arvore da familia deve produzir frutos correspondentes à sua bondade: se degeneraõ tem pêco. Nunca seraõ frutos de guarda; porque depressã se lhe corromperá a estimação. Se os ramos não daõ sombra benéfica, fazem a arvore odiosa. Os ascendentes franquearaõ, sem trabalho nosso, a entrada no Templo da Honra: se lhes fugirmos as pizadas, a poucos passos nos perdemos. Catilina foy fruto de nobilissimo tronco, e vilissimos

(10) *Plut. de Liber. educ.* (11) *Demost. 1. olint.* (12) *Idem ibi.* (13) *Ovidio.* (14) *Senec. Epist. 44.*

lissimos os seus procedimentos. As virtudes de Cícero humilde o pregoaraõ mais illustre. Entre os Athenienses foy Critias preclarissimo, como filho de hum irmão do grande Solon: porém sahio tão máo filho de seus pays, quanto peyor discipulo de hum tão grande Mestre como Socrates. Este Filósofo, filho de hum Ferreiro, mereceo mais estimações, que aquelle Fidalgo. Magnanimos Heróes foraõ todos os Capitães, entre quem dividio Alexandre o seu Imperio. Todos os seus descendentes degeneraraõ de tão augustos antepassados, como diz Plutarco. Só a virtude he primoroso esmalte da nobreza. (15)

o 9 Preciosos quilates saõ os da que se adquire com a pratica das virtuosas acções. Dizia Solon, que quasi todos os melhores juizos do Mundo entenderaõ ser mais glorioso o fazer-se, que o nascer nobre: (16) pelo que, disse o Marquez Malvezi: *Não he grande o que nasce Principe, mas o que sabe fazer-se Principe.* (17)

A verdadeira fama he premio dos fuores proprios, e não das fadigas alheyas. (18) Filho das luzes he o fumo, e tudo nelle saõ sombras. Filhas da noite saõ as Estrellas, e tudo nellas saõ luzes. As aguas do rio Lufias saõ purissimas, e os peixes que criaõ cor de pezo. (19) Não lavaõ as aguas, que correm passando, as manchas de quem se revolve no lodo. Pouco estimavel he a nobreza, quando a não acompanhaõ as virtudes. A magnanimidade de Germanico regeitou o Imperio, que lhe offereciaõ: a ambição de Agripina sua filha sacrificou o pejo, e a vida para o dominar. Octaviano foy modesto, recatado, e teve outras muitas virtudes: as detenyolturas de

(15) Div. Hier. in Epist. ad Ceteran. (16) Solon apud Auson. (17) Em Romulo. (18) Cleob. apud Auson. (19) Elian. lib. 10. cap. 38.

de sua filha Julia escandalizaraõ a toda Roma. Septimio Severo, pondo de parte o seu rigor, foy Principe perfeito: seu filho Antonio Caracalla mal mereceo o nome de homem, quanto mais de Principe. A hum Marco Aurelio prudente substituiu o lugar hum desenfreado Commodo: a Constantino glorioso outro Constantino vil: ao magnanimo Theodosio os covardes Arcadio, e Honorio. Assim como a gentileza se naõ herda, tambem a gloria se naõ deixa em legado. A valentia dos antepassados naõ he força nos proprios braços. Alexandre foy filho de hum Rey famoso: se com a sua espada naõ senhoreasse o Mundo, naõ gozaria a denominaçaõ de *Magno*. Se o Principe de Bearne naõ fosse gloriosamente atrevido, naõ o respeitaria França pelo *Grande* entre os seus quatro Henriques. As plumas nos cocães naõ saõ aguias, saõ ventos. A pelle de hum leaõ em outro bruto, naõ he leaõ: qualquer rapoza o conhece pelo que he. (20)

10 Nada tem de heroico o coraçãõ, que funda o ser da sua gloria em cinzas alheyas, e dissolutas. O Filho do melhor Pay, que teve o Mundo reconheceo perfeita a gloria do seu Nome, quando a vio possuida pelos seus merecimentos. (21) Grande esplendor dava ao Romano Pison a luz da sua nobreza. Diz Ovidio, que se naõ deixava ver como tal, comparada aos reflexos das suas muitas virtudes. (22) As estatuas nas salas saõ marmores lavrados, e troncos polidos. As virtudes na alma saõ glorias essenciaes, e caracteres indeleveis. Aquellas saõ huns supplementos das representações de outrem: estas saõ originaes proprios, que naõ gasta o tempo. Ainda a materia solida



lida dos thesouros se corrompe: (23) para a moeda da gloria não ha ferrugem. Depois de ganhar a famosa batalha de Farsalia, entregou Julio Cesar aos soldados os imensos despojos do campo de Pompeo, que podiaõ despertar a cubiça dos Diogenes, e Catoes. Igual desprezo mostrou o grande Rey de Portugal D. Affonso IV. vencida a milagrosa jornada do Salado. Quem esmalta a coroa de margaritas todas as moedas tem por baixas. Os mundos de Anaxagoras seriaõ irrisaõ de Alexandre, a podellos subjugar sem gloria. Para os Romanos entrarem no Templo da Honra, haviaõ passar pelo da Virtude. Não se toma de salto o seu vestibulo para entrar na gloria.

11 A mesma Roma vio em si esta verdade na familia dos seus Antonios. Elevou a fortuna a huns à esfera da mayor grandeza, e abyfmou outros ao caos do mais vil abatimento. A virtuosa Politica foy escaçada de huns, e o infame procedimento o tropeço dos outros. Dous ramos tinha a frondosa arvore desta familia no fecundo campo daquella grande Republica. Hum delles era a familia Patricia, que se extinguiu. O segundo era o da chamada plebea, de que nasceo Marco Antonio, dotado de excellentes, e raras virtudes, que o elevaraõ aos mais eminentes empregos da Republica. Sempre os premios buscaraõ os merecimentos. Marco Antonio Cretico, e Cayo Antonio, que lhe herdaraõ o sangue, degeneraraõ dos costumes, e saltoulhes a gloria da estimaçaõ. Igual fortuna correo Marco Antonio o Triumvir, porque os igualou nos procedimentos. Foy bom soldado, e não máo Politico, que tudo manchou com abominaveis torpezas, sacrificando a fortuna, e a vida à formosu-

ra da deshonestá Cleopatra. Deste monstro nasceo a grande Heróina Antonia, o mayor lustre de Roma, nobilissimo polimento da sua ascendencia, a mais sabia, a mais prudente, e a mais honesta Matrona. Não lhe corresponderão seus tres filhos: Germanico era Príncipe magnanimo: Claudio foy estúpido, infensato, e cruel; e Livilla huma especie de monstro, adultera, e homicida de seu mesmo marido. Estas desigualdades obraó os vicios, e as virtudes. Do mesmo ventre nasceraó Esaú, e Jacob. O nascimento era igual, o sangue o mesmo: porém Jacob foy escolhido, e Esaú reprovado. A desigualdade das obras fez dillemelhantes as fortunas.

12 Diz Tacito, que o Mundo ordinariamente se queixa da fortuna, e sem razaó; porque nas mãos dos homens está a fortuna boa. Quem andar pelos caminhos da virtude, ha de encontrar a boa sorte. Os Athenienses não consentiaó, que os Fidalgos sahisse das suas terras, (24) talvez porque não perdessem com os costumes alheios a pratica dos proprios. Viva o illustre com a lembrança na terra dos seus progenitores, não temerá a variedade da fortuna; porque a virtude não está sujeita às leys do acaso. Quem he filha da providencia, certa tem a fortuna boa. Empeña a procedimentos magnificos o nascimento grande. Os Heróes, que nos precederaó, desafiaó-nos à imitação. Os que sahem com ella a campo, não tem que temer no rosto da fortuna. Dibuxou Alciano a Mercurio sentado em hum pedrestal, e junto d'elle a Fortuna carrancuda. Não espere verlhe boa cara, quem vive de assento na ociosidade. Neste caso deixou Mercurio de ser prudente. Ha muitos Mer-

(24) *Pier. Val. hier. lib. 1.*

Mercurios prezados de prudentes em casos destes.

13) Todo o empenho do homem ha de consistir na gloria do seu bom nome. Assim o aconselha o mais sabio de todos os homens. (15) Isto he, o a que chamamos Fama; porque para acclamar o bem, he necessario huma lingua com cem bocas. Estimavel he a vida; mais estimavel a fama. Não sente a bomba o seu estrago, porque dá luz. (16) Mais val ser conhecido de todos, que conhecer a muitos. (17) Pouco merece o nome de homem, quem não cuida na opiniaõ futura. (18) Melhor he ser bem ouvido, que bem visto. (19) A formosura da alma he caracter: a do corpo representaçãõ. He bem ouvido, o que bem falla. Melhor rhetorica saõ as obras; porque com ellas se compra a boa fama. Grande cousa he andar nas bocas como Oraculo. (20) Quem não trabalha não lucra; nem vence quem não contende. As minas do Potofí não se cavaõ passeando nas praças. Os louros dos triunfos não se cortaõ nos jardins amenos. Infamou Tacito a ElRey Marabodo; porque estando despojado do seu Reino, vivia ocioso em Italia. (21) A Coroa nos Reys não he só insignia, tambem he pezo: se fugirem com a cabeça aos cuidados, perderaõ a honra da insignia.

14) A coroa obsidional honrava as frentes do triunfante; mas primeiro supportava os trabalhos da guerra, que gozasse as delicias do triunfo. De graça he a coroa da gloria, e devem os merecimentos fazella de justiça. Tudo no Mundo se consegue com facilidade, e só a fama com trabalho. A esperanza do premio he  
muito

(15) *Eccles. cap. 41.* (16) *Sáved. fol. 99. Empr. Pol.* (17) *Plut. in Apopth.* (18) *Plat. Epist. 2.* (19) *Epith. apud Stob.* (20) *Cicer. in orat. perf.* (21) *Tac. lib. 2. Ann.*

muito valente. (22) As riquezas são alimento da vida: a fama patrimonio da honra. Proporcionem-se os desvelos pela desigualdade das estimações. A vida perece: a fama boa eterniza-se. (23) O grande D. João de Castro na famosa batalha de Dio, dizia aos seus soldados: *Com o sangue honramos o Deos, com a vitoria o Rey, e a fama he nossa, e eterna.* (24) Desprezar a fama, he desattender as virtudes. Destas necessita o homem com respeito a si: daquella em razão do proximo. (25)

15 Notavel meyo para adquirir a boa fama he o de ajustar as acções proprias com as dos gloriosos antepassados. Huma luz junto de outra communica mayores resplandores. Quinto Fabio, e Publio Scipião, inflamavaõ os seus animos heroicos à vista das imagens dos seus mayores. Os retratos não são sómente substitutos das presenças: tambem servem de estimulos da gloria, e de reprehensão às irregularidades das obras. As inscripções nos monumentos são mais despertadores dos vivos, que suffragios para os mortos. As glorias sepultadas desenterraõ muitos descuidos defuntos. Na superficie da terra, como em laminas de bronze, se lem as magnanimidades dos corações, que o da terra occulta. Não pôdem ser os vocabulos desconhecidos, a quem he tão natural a lingua. Se forem lidos, haõ de deixar aproveitados. Para Tiberio obrar como generoso, em quanto o foy, trazia diante dos olhos as acções do grande Cesar. (26) Quem traz Cesares à vista, ha de obrar com magestade.

16 A valentia do animo he a mayor virtude do ho-

(22) *Magnum iter ascendo dat mihi gloria vires. Propere.* (23) *Gloria eterna erit iustus.* (24) Jacinto Freire na sua vida. (25) *Chrysoft. de com. Serm.* (26) *Tac. lib. 4. Ann.*

homem. (27) Com os attributos do valor se compoem o todo do ser humano. (28) Elle immortaliza os homens; porque supportaõ os trabalhos pelos estímulos da gloria. Destroe os vicios, que eclipsaõ as luzes do credito. (29) Occupa a robustez em vencer a difficuldade das emprezas, como bemaventurança do espirito. (30) Alenta a prudencia para governar as acções. (31) Todo o valor da alma se empenha em adquirir a perfeita gloria; e sendo esta sombra da virtude, (32) só com ella acompanha. A constancia de Scipiaõ o fez glorioso. Paulo Emilio a servio com felicidade, e a teve sempre agradecida. Fabio Maximo conseguiu igual applauso, se o ciume que lhe occasionava a grandeza de Scipiaõ, não fosse mancha do seu grande credito. Sómente o valor heroico, como segura guia, nos introduz no Templo da Fama, sem errar o passo.

17 Devemos andar pelos caminhos da virtude, não só pela gloria da propria fama; mas por não delustrar as dos nossos progenitores, que nos abrião os pavimentos ao seu Templo. Muitos illustres, com a infamia dos vicios, derribaraõ os simulacros dos seus preclarissimos Avós. (33) Outros humildes, com a grandeza das suas acções, se fizeraõ cabeças de Familias nobilissimas. Nestes foy gloria grande, o que mereceraõ: naquelles infamia mayor, o que desprezaraõ. Huns honraraõ em si os séculos futuros: outros vilipendiaraõ consigo as idades passadas. Fez grande a Mario ser author de si mesmo: Nero se fez vil, desauthorizando-se a si proprio. Não ha nobre, que

(27) *Arist. lib. 1. de anim.* (28) *Senec. Epist. 51.* (29) *Cicov. lib. 1. de finib.* (30) *Senec. Epist. 114.* (31) *Quirit. 1. §. 21.* (32) *Senec. Epist. 79.* (33) *Sil. Bass. contr. lib. 1. com. ov. 6. apud Senec.*

que na sua ascendencia não tope com algum humilde: tudo será Campidolio luzido, se nos que forem nascendo for a virtu de rayando.

18 O principio de todos os homens he Deos. A variedade dos tempos confundio as igualdades, e os procedimentos diversificaraõ as estimações. Socrates, e Plataõ com a virtude foraõ Herões. Os filhos dos seus netos, que já o eraõ de homens grandes, sendo viciosos, se lhes não fizellem esquecer as obras, quem duvida lhes offenderiaõ os nomes? A purpura cria o bicho, que a roe. Em se condensando os ares, nem o mesmo Sol dá luz. Se a terra não tremera, não cahiriaõ os edificios, nem os mortos se desenterraraõ. Quem não quizer eclipses no Sol, evitelhe a interposição da baixa terra. Levantar os horoscopos nos astros dos mayores, he errar as influencias às estrellas dos nascimentos. A pratica das virtudes he figura, que os vivos levantaõ aos mortos, sem erro da calculação. Os objectos distantes, pela interposição do microscopio, parecem mayores. Se o vidro for opáco, tudo seraõ sombras. As manchas nos filhos de Heli foraõ nodos em seu pay. Os Eforos de Esparta castigavaõ nelles as culpas dos filhos. As arvores conhecem-se pelos frutos. Não se póde escandalizar o soberbo, se lhe chamarem filho de Lucifer. Não deve fazer vaidade ao justo denominarem-no por filho de Deos.

19 Nesta Obra vos offereço a regra, a que haveis ajustar os vossos procedimentos. Bem sey, que não corresponde a minha offerta às vossas qualidades: porém a sua materia he esféra dilatada para estenderem os voos as aguias dos vossos entendimentos. As doutrinas, que em todo o seu discurso pertencem aos  
Prin-

Príncipes, deveis proporcionallas às vossas obrigações. Aquelles como se occupão em reinar, devem ter mayor sciencia. A arte de dominar os póvos he faculdade, que envolve todas as sciencias. (34) A felicidade dos governos consiste na boa Politica; (35) e por isso devem os Príncipes sabella melhor, que os outros homens. Qualquer homem governa em si o microcosmo, ou mundo pequeno: o Principe dous mundos grandes. Para ter maõ naquelle basta hum gigante forçoso; para sustentar estes são necessarios muitos Athlantes valentes. O mayor pezo das obrigações requer mais robustas as forças da sabedoria. Esta he a razaõ, porque dizia o grande Augusto, que o Rey sabio, ou não havia de nascer, ou nunca houvera de morrer.

20 Os mayores homens do Mundo tiverão pelo mais alto de todos os empregos, escrever, e ensinar a Politica aos Príncipes, sendo sciencia propriamente sua. Porém como estes, ainda que nasção de Reys, e para Reys não são logo sabios, he preciso, que a educação lhes suppra os defeitos da natureza, que tem de homens. A elevação de engenhos tão perspicazes os fez remontar os voos às esféras do Sol. Eu que reconheço nas minhas azas poucos alentos para voar como aguia, não me atrevi a subir tanto, por não cahir de tão alto. Como ha registrar as luzes do mayor Planeta, quem voa tanto às cegas pela regiaõ das sciencias? Ainda para vós, que estais em jerarquia inferior aos sublimes Solios, não escrevo como quem ensina, mas como quem propoem. Eu vou aprendendo no mesmo, que discorro: a vós offereçovos huma util lisonja dos vossos entendimentos. As

d

ma-

materias que trato faõ as mais importantes do Politico Moral, e Civil; e ainda que a fórma lhe naõ corresponda, naõ choreis o tempo, que deres à sua lição. Em todo o discurso deste primeiro Volume fim fallo de sorte, que parece instruo hum Principe perfeito. Naõ he este o meu animo; porque o que foy rigor da precisaõ, naõ deveis julgallo por empenho livre da vontade. Pareceo-me, que naõ podia faltar às circumstancias das materias; e busquey nos melhores Authores Politicos que tive, seguros apoyos para naõ tropeçar em caminhos taõ difficultosos de seguir. No Reino, em que escrevo, me faltaraõ muitos, que me eraõ necessarios, e naõ entrou nesta Obra mais cabedal que o meu. Mal podia ser bastante a livraria de hum curioso particular, para a exposiçaõ de semelhantes materias, quando para as enriquecer de acertos seria pobre o Vaticano. Nem se quer, meus Nobres Mancebos, tive hum homem pratico na Politica, que me encaminhasse; e esta circumstancia deve fazer desculpaveis, naõ só os erros, mas ainda os barbarismos. Tambem vos peço perdaõ da estupenda liberdade, com que fallo em algumas partes: porém he, porque muitos de vós o merecem. A doutrina Moral he correcçaõ dos viciosos, e largas as suas licenças.

21 O mayor Ornamento de hum Reino naõ consiste só em ter muitos homens opulentos, mas tambem muitos homens sabios. Para trazerem os Filofofos às suas Cortes, dispendiaõ os Principes antigos grandes thesouros, como referem as Historias. Os corações dos doutos faõ erarios ricos. A sua materia he a sciencia, que proponho. Dizia Quintiliano, que o Reino falto de palavras era pobre; como ha de ser



fer rico se não tiver virtudes? Hoje ha muitas no nos-  
so Portugal; porque os seus engenhos, no presente  
seculo, despertaraõ o letargo dos passados. Empe-  
nharaõ-se em abrir os olhos às mortas noticias, se-  
pultadas dos antigos, que nos monumentos enterra-  
vaõ cadaveres, e memorias. Fecundou-se Portugal  
em fogeitos doutissimos; com gloriosa emulação das  
Nações mais polidas. Porém o preço da sciencia sem-  
pre he raro, e quanto esta cresce, tanto aquelle se  
lhe augmenta. As minas da sabedoria saõ inesgota-  
veis: extrahirlhe muito ouro he dar valor à estima-  
ção; e tanto mais se lhe cava, mais lhe fica. Qual-  
quer porção, que se tira do infinito, não lhe dimi-  
nue o todo. Não ha escrito, que deixe de merecer  
apreço. Todos elles saõ ramos de ouro de outra me-  
lhor arvore, que a de Enéas. Hum terá quilates, ou-  
tro algumas fêzes; mas todo he ouro. Os entendi-  
mentos saõ taõ diversos, como as caras: bem pôdem  
os discursos não propor nada de novo, e fallar a lin-  
gua com muita novidade.

22 Sempre a ambição humana competio igual-  
dades com o ser Divino. Erroulhe os meyo com a  
desobediencia. Julgou magnanimidade, o que fora  
conselho soberbo. Perdeo o que tinha, por querer  
ser mais do que era. (36) Mudou o homem de meyo  
com os olhos no mesmo fim: o que não logrou igno-  
rante, goza como sabio. Todo o empenho humano  
foy eternizar-se. Já venceo o homem a corrupção. A  
fama do bom nome he a fórma cadaverica, com que  
morto vive. A pratica das virtudes lhe dá esta nova  
alma. Junto de huma Cidade dos Apolloniatas, con-  
finante com Epidamno, sita em o mar Jonico, (37)

está huma mina, de cuja boca corre hum derretido betume como liquido crystal, que rega os campos visinhos; e em hum monte, não muy distante, se deixa ver hum sempiterno fogo, em cuja circumferencia parece, que fizeraõ allento Flora, e Pomona, sem que a voracidade das chammas lhes offenda a fertilidade, e formosura. Accendeo este luzeiro, para nunca mais se apagar, a guerra que os Apolloniatas tiveraõ com os Illirios. E que natural symbolo das virtudes! Na formidavel guerra, que o homem faz aos vicios, ateya no seu coração o fogo da heroica sabedoria, que illustrando visinhos, e distantes, a si mesmo se eterniza. Não se apaga a luz do seu bom nome. Ainda entre as chammas da consumidora inveja, he amianto. As flores da sua eloquencia, e os frutos das suas obras, são anno eterno de duas estações, que se não alteraõ. He mais forte o privilegio da fama, que o estatuto da morte. Estas estrellas fixas vivem eternidades perpetuas.

(38)

23 Daqui se segue, que ainda que todos os homens morraõ, não morre a fama dos homens todos. Morre o ignorante; porque não deixa de si memorias para o futuro, nem ainda vestigios do passado. (39) Tambem morre o sabio, mas não de todo; porque na fama deixa brados do que foy, e na eternidade vive como he. (40) A pratica desta Politica he aquella materia, da qual o homem depois de morto fórma outro novo homem. Contra o mal da morte não ha remedio: contra o veneno da corrupção he antidoto a boa Politica. Para que o mesmo desobediente,

(38) Dan. cap. 12. (39) Transivi, & non est inventus locus ejus, Psal. 36. *Justi autem in perpetuum vivent.*

obediente, que quiz ser eterno não recobrasse a immortalidade no lugar, aonde perdera a vida, poz Deos guardas à porta do Paraíso. Cá nos ficcu outra como arvore da sciencia: colha-lhe o homem os frutos, gozará da immortalidade. A vida da sabedoria está isenta da jurisdicção dos seculos. Em si mesma existe a virtude, sem outra alguma dependencia: como toda he espirito, nada tem que temer na corrupção. A ambiciosa curiosidade dos olhos lavrou no microscopio hum instrumento com que parecsem perto os objectos distantes. Esta verdade mentirosa da vista he mentira illustre da arte: porém na virtude he realidade visual com mais verdadeira mutação. O objecto da immortalidade, que o homem sempre trouxe diante dos olhos, quanto mais o procurava com a vista, mais distante o suppunha com a representação. A Optica da razão interpoz entre o desejo do homem, que buscava, e a immortalidade, que fugia, o vidro transparente da virtude; e com esta Divina industria unio os extremos mais distantes. Eternizaraõ-se as estaturas com mais firme permanencia, que as estatuas; porque o longe da eternidade aníma com a virtude a corrupção. Os que no pó do seu fim eraõ atomos dissolutos, com o informe da humildade creesceraõ a estaveis colossos, inacessiveis a todos os combates do tempo. Abre o homem os pavimentos da fama no atrio da immortalidade, e os capiteis destas columnas penetraõ as abobadas do ultimo Ceo. Na cabeça de Deos tem a sabedoria o seu trono, e ao seu lado direito se assenta o sabio.

24 Nas cinzas do seu cadaver se achou o coração de Germanico incorrupto. Todos os virtuosos  
saõ

saõ Fenix: se padecem estragos, renascem melhor. Morrer praticando virtudes he merecer aclamações de Divino. (41) Atreverseha a adversidade ao coração heroico; mas para o molestar não tem poder. Injurias da superficie facilmente se cicatrizaõ. Quem está isento das leys da natureza, não lhe teme as penas. A virtude sempre foy muy privilegiada. (42) Louva muito Plutarco o coração intrepido, com que ElRey Leonides, atravessado o peito de muitas fettas, voando por entre mortes, chegou ao trono de Xerges; e arrebatandolhe da cabeça a Coroa, acabou glorioso com ella em as mãos, principian-do a eternizar a fama, quando acabava a vida. (43) Gloriosa he a morte, que dá alma à opiniaõ. A joya do bom nome por todo o preço he de graça.

25 Se eu tivera os principios de sabio, podera fer esta huma das razões, que (sem offender a recta intençaõ) me obrigasse a antepor a composiçaõ desta materia à fabrica de outros livros, que poderaõ lisongear mais, e aproveitar menos. Com fastosa ambição de mostrarme investigador, poderia especular segredos taõ difficultosos de alcançar, como gostosos de ouvir. Porém pareceome, que podia unir a utilidade com a deleitaçaõ. Levantar edificios sem pavimentos solidos, he desafiar a ruina, e a irritaõ. Construir mausoléos para collocar cinzas, será maravilha, mas he vaidade. Debellar monstros, e erigir templos he gloria. Vencer batalhas, e gozar triunfos he justiça: porém organizar quiméras he formar monstros. O ouropel parece o que não he. Supposições não saõ realidades; porque copias sem originaes. No theatro das sciencias não se representaõ farças.

Naõ

(41) *Marc. cap. 25.* (42) *Bion. apud Stob.* (43) *Plut. in parab.*

26 Não me dilato em exporvos as utilidades desta Obra, porque a luz da sua materia as deixo ver. Fazella presente aos vossos olhos, he para que seja bem vista. Da vossa fidalguia não espero, que me offendais, quando entendo, que vos obsequiey. A mim não me pôde molestar a inveja, ou a critica; porque nem tenho sciencias, nem busco a opiniaõ. Se me amolgarem a curiosidade, tambem esta não deve sentirse; porque, como não obra por obrigação, o errar não a deslustra. Bem sey, que entre vós, como taõ sabios, não merecerá o nome de bom Escritor Politico hum particular, não só indouto, mas pouco pratico na Corte, aonde só foy aprender a divertir-se. Porém não me ha de a Patria negar a gloria de ser eu o primeiro dos seus filhos, que propriamente escreveo sobre as materias de toda a Politica. Entre as Nações a que pude entender as linguas, vi que muitos, e graves Authores escreveraõ sobre as mesmas, que trato. Encontrey-me com muitos Latinos, quantidade de Hespanhoes, e não menos Italianos, e Francezes: mas no idioma Portuguez não me consta, que os haja. Se esta minha ignorancia he por falta de noticia, não pretendo usurpar a gloria a quem se deve.

27 O nome glorioso não he liberalidade da fortuna. O General não empunha o bastaõ por nascer illustre; porque se fez soldado. Aquella prerogativa reservou o Ceo para os Sceptros. Nas aulas da adversidade se graduaõ os Mestres da constancia. O navegante arriba ao descanço do porto depois de soffrer no mar o trabalho das tormentas. Para gravar o nome nos Astros he necessario subir às Estrellas.

trellas. Para lavar os clarins da fama he preciso desentranhar o metal das minas. Para collocar estatuas nos Capitolios he forçoso abrillas a golpes. A pedra Filosofal da perfeita gloria fabrica-se com a despeza de muito trabalho. Até Deos parece que cançou em edificar o Templo da sua gloria accidental. (44) Primeiro que as Quizas de Portugal fossem gloriosas, estiveraõ expostas em huma mão a experimentar os azares da fortuna. Sem supportar as actividades do fogo não se expurga das suas fézes o ouro. Pelos mesmos passos, porque Alcides desceo ao Inferao, subio depois às esféras. (45) Entre espinhas se coroa a rosa como rainha. Não fora Abril Primavera, se lhe não precedera o Inverno de hum Dezembro. Mal frutificaria a arvore, se os seus olhos se não applicassem até rebentar de cuidadosos. Faltando oppostos que vencer, não póde haver quem seja Heróe. Se não pastoreara os rebanhos de Labaõ, não gozaria Jacob a formosura de Rachel. Se as Armadas do felicissimo Rey D. Manoel não sahillem do porto de Lisboa, não conquistariaõ com tanta gloria o Imperio Oriental. Se a Serenissima Casa de Bragança tivera horror aos trabalhos, faltarlhehia ao fangue Real a soberania da Magestade, e nós padeceriamos o terrivel cativeiro da tyrannia. O Sol antes de ser luz primeiro foy cáos. A gloria he consequenica das proprias obras, como diz Seneca. (46)

28 Quando aquelle Mercador quiz senhorear o campo do thesouro, vendeo todo o seu cabedal, comprou o campo, cavou para achar; e porque  
traba-

(44) *Requievit die septimo, Gen. cap. 2.* (45) *Tragic. in Fur.*  
(46) *Epist. 42.*

trabalhou, possuhio. (47) Quem quizer gozar as riquezas do Oriente, ha de expor-se aos perigos de navegar o golfo. Na America não se acha o ouro sobre a face da terra. Lembra me ter lido. (não sey em que Historia) que viajando nos nossos Brasis hum Religioso da Companhia, se encontrou com muitos homens cavando em huma mina, com tal ancia, que á violencia da respiração parece queriaõ infundir huns nos outros muitas almas. Réprehendeo-lhes o Religioso o evidente perigo a que expunhaõ as vidas, e responderaõ: *O' Padre, quem acha ouro, cava até morrer.* Os avarentos da riqueza das virtudes haõ de trabalhar nas minas da sabedoria sem descanso. Se para purificar a virtude he necessario arder no fogo das tribulaçoens; (48) que trabalhos não seraõ precisos para a alcançar, e possuir? Das ruinas de muitos monstros fabricou Alcides o Templo da sua gloria. De quasi todas as producçoens da terra edificou Salamaõ o da gloria de Deos. Com o trabalho de amontoar materiaes se formaõ os Colossos; por isso saõ maravilhas. Quem quizer nome com gloria, não repare em trabalhos. (49) Se o coração tem por azas a generosidade, ha de voar sobre o risco dos tropeços. He Anteaõ brioso, que dos mesmos precipicios fórma novos voos, dando alentos ás azas, a esperança de chegar ao cume. (50) A fonte de Loodicea tem as primeiras aguas amargas, e as mais dulcissimas. (51) Por hum trago defabrido, não se larga da mão hum copo de suave nectar. Com a esperança da faude, se faz gostosa a intractavel acrimonia dos remedios. Querer cicatrizar

Tom. I.

e

a cha.

(47) *Mat. cap. 13.* (48) *Virtus in infirmitate perficitur. Ad Corint. 2. cap. 12.* (49) *Christus.* (50) *Æneid. 6.* (51) *Strab. liv. 12.*

a chaga, he fazer menos sensivel o cauterio. Quando Moysés pegou na vara, pareceo lhe hum dragão; ao depois toda foy milagres. (52.) Quem se resolver a principiar, continue. Se depois de posto a caminho voltar os olhos a traz, levantará estatuas, mas de infamia. (53) Na estrada Real da virtude não ha retrocessos: deixar de andar he cahir, cahir da virtude he abyfmarfe.

*Vale.*

POLI-

(52) *Exod. cap. 3.* (53) *Genes. cap. 19.*



POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA,

Que para a sua erudição abriu

DAMIAM ANTONIO DE LEMOS  
FARIA E CASTRO.

LIVRO I.

CAPITULO I.

*Definições de todas as virtudes, nobilissimo ornato do Politico Moral.*

29

**A**

Faculdade ingenita, que ha em todos os corpos, e potencias naturaes, para produzir os effeitos, e operações dependentes das suas

propriedades, e qualidades, he o a que chamamos virtude natural. Esta se dá nos Planetas, porque influem em todas as plantas, e mineraes, que tem muitas, e particulares virtudes. A magnetica tem taõ escuro o conhecimento, como evidentes as operações. A prolifica das fementes, he labyrintho dos juizos. Vemos produzir o vegetavel; e os mais segredos faõ para o Author da natureza.

30 Os Filozofos daõ o nome de virtude, em sentido figurado, ou metaforico, ao bem honesto do homem, á disposição da alma, e habito moral operativo, productivo de actos bons conformes com a razão, e dirigidos com a prudencia, e moderação, que se deve. Esta he a segura guia da natureza, que

conduz os affectos pelas veredas da razaõ, livres dos perigos dos viciosos extremos, que a acompanhaõ (1) Dividem-se as virtudes em Divinas, e Humanas. As divinas, saõ as Theologicas, e Moraes infusas, que inclinaõ as operaçoens, e actos conformes com a ley eterna, e dispoem a alma para o gozo de huma gloria sobrenatural. (2) Virtudes humanas, saõ as adquiridas pela natureza com actos frequentes, que a inclinaõ á recta razaõ. (3) Deste mesmo genero saõ as virtudes Moraes adquiridas, as Intellectuaes, Heroicas, e Filosoficas. Estas ultimas se distinguem das virtudes Christãs, que nos conformaõ com a razaõ sobrenatural; e as Filosoficas inclinaõ a obrar com o dictame da razaõ natural. (4)

31 A virtude Heroica he huma tal disposiçaõ do juizo, e dominio taõ dispotico sobre as paixoens, e appetites, que nenhum objecto póde alterar o coraçãõ heroico, para deixar de obrar o que for mais conforme com o racional. (5) As virtudes Heroicas transcendem os objectos de todas as virtudes: os objectos de todas ellas saõ o seu objecto proprio; porém em gráo muito mais superior.

32 As virtudes Intellectuaes aperfeiçoãõ as potencias intellectivas, e se dividem em especulativas, e praticas: estas occupaõ-se nas artes; aquellas assinalaõ-se nas sciencias.

33 A virtude Moral he hum habito electivo da potencia appetitiva, que dispoem o homem para obrar cousas honestas, segundo os dictames da prudencia. (6) Adquire esta virtude a erudiçaõ, e o costume

(1) *Cicer. 2. de Leg.* (2) *Div. Bern. in Epist. & Chris. sup. Joan. cap. 12. hom. 81.* (3) *Plaut. in Amphit.* (4) *Arist. Epist. ad Alex.* (5) *Arist. Eth. 5.* (6) *Arist. in Eth.*

tume augmentando-se intensivamente com a repetição dos actos. (7) As virtudes intellectuaes são mais nobres, que as moraes; porque nascem do entendimento, que he potencia mais nobre, que o appetite: porém o fim destas he mais illustre; porque as intellectuaes buscão a obra, e as moraes fazem bom o sujeito operante.

34 Estas são as cores vivas, que dão alma á pintura humana, confundida entre as sombras de huma natureza corrupta. A difficullosa empreza se atrevem as virtudes. Parece que vestem as armas da temeridade, para sahirem a campo contra o formidavel exercito de vicios, paixoens, e appetites, com que se lhe oppoem a rebeldia da natureza. Fazer natural o estranho, e estranhar o natural he hum empenho quasi impossivel. Tudo póde vencer a virtude, porque as armas da sua formosura tudo rendem. Ella he tão gentil, que ainda as primeiras esquivaças, que affecta o seu desdem, são poderosos estimulos para continuar na sollicitação. As virtudes são a mesma paz, e para mostrarem o que tem de pacificas, guerream entre si mesmas, não porque sejaõ inimigas, mas em razão dos sujeitos para quem ha virtudes oppostas. O Cortezaõ não he Anacoreta para viver solitario. O Aulico vestido em hum sayal representará o ridiculo papel de bobo no theatro da Corte. Fraco será o General pacifico. Não póde o Juiz ser todo brandura. A Dama illustre não corresponde a touca de beata. O estado perfeito da virtude he proporcionar a virtude pelos estados. Se ao tempo se não pagarem tributos, tudo no mundo será confusão.

35 Pinta-se a virtude, não com o veneravel aspe-

A 2

cto

(7) *Idem ibi.*

cto de varaõ forte; mas com o especioso semblante de formosa Dama. Ella he a inãy dos famosos Heroes. Com magnificos Templos a honrou a soberba Roma. Parece que teve aqui desculpa a idolatria, porque á progenitora de tantas divindades bem se podiaõ tributar obsequiosas adoraçoens. Era o Templo da Virtude o vestibulo por onde se entrava no da Honra. Já lá vay o tempo destas precedencias. Para gozar as honras, não se buscaõ virtudes: cortejaõ-se as industrias, porque a gloria dos triunfos he premio da sagacidade das raposas. O que ha de vicios com diversas caras, occupando os lugares honrosos, deshonorados com quem os occupa! Porém alegre se a virtude, que para o monstro da hipocrisia ser bem visto, he necessario que se retrate com as suas cores. Que de pinturas destas andaõ pelo mundo com syssonomias contrafeitas, mudando as caras á proporçaõ dos aspectos das dependencias!. Deixay-as occupar os lugares altos, vereis que não mudaõ o que eraõ, mas mostrarem o que são. (8) Está o mundo taõ cego, que não distingue rostos de mascaras. Retratem-se os Janos com as tintas dos seus malvados affectos, que os homens grandes não tem mais original, que a virtude. Os Mercurios da Grecia eraõ copias do rosto de Alcibiades. Não muda de cores quem tem á vista a virtude honrada.

36 Os premios honrosos só se devem á virtude: porém he melhor ter merecimentos, que mercês. A falta destas póde ser injustiça; a daquella sempre he vileza. A formosura será vaidade; a virtude não póde deixar de ser gloria. A que essencialmente he immortal, merece estimaçãõ; porque he semelhante

(8) *A Rainha D. Catharina fallando dos hypocritas.*

te a Deos. (9) Sem alheyas galas bizárrea a virtude. (10) O defalinho he o feu melhor traje. Não necessita o leão de artificio para fer respeitado como Rey entre as féras. O desprezo de Agefiláo o deu a conhecer pelo mayor Monarca; porque só fazia gala da virtude. (11) A terra mais esteril de producçoens he o mineral mais copioso de metaes. Compete a fertilidade do centro com o infrutífero da superficie. Com o feu thesouro no coração está satisfeito; porque quem tem ouro não estima hervas. Gosta de que lhe sangrem as vêas, para que se utilize a faude dos povos. O mayor dos premios he distribuir riquezas. Para a clava de Hercules fer respeitada, basta-lhe não estar ociosa. (12)

37 Nenhuma fórte adversa contrasta hum perseguido, porque só Deos o póde fazer. (13) Em qualquer acontecimento podem vencer as virtudes. (14) A estupenda liberdade com que Epicteto as praticava, fez gloriosa a sua escravidão. Até o monumento de hum virtuoso he Paraíso. (15) As chammas da fornalha de Babylonia forão fresca viração para os tres meninos. (16) As linguas de fogo eraõ brados, que ajudavaõ o pregaõ da sua gloria. A actividade das brazas foy tapeçaria de flores para o seu passieyo. Os leoës do lago prestaraõ obsequios a Daniel. (17) O furor das tempestades arrojará ás ondas hum virtuoso; mas não lhe ha de faltar huma Balêa que o traga á praya. (18) A crueldade das perseguiçoens fará perecer de fome muitos Elias; porém haõ de vir os Anjos do Ceo  
a con-

(9) Senec. de vita beat. cap. 7. (10) Idem Epist. 66. (11) Plut. in eo.  
(12) Pier. Hierog. l. 51. (13) Sen. in Aethio. (14) Menand.  
(15) Isai. cap. 11. (16) Dan. cap. 3. (17) Dan. cap. 6. (18) Jon.  
cap. 1.

a confortallos. (19) Abrazada toda Roma, e reduzidos a cinzas os Colifões, então se vê mais firme o constante Colosso de hum Cataõ. A todas as tempestades he a virtude Olimpo. O esterquilinio de Job foy a aula aonde se graduou a mayor paciencia. Em actos taõ heroicos se corooou a virtude por invencivel. Haverá atrevidos, que arrojem ás ondas os Palinuros: porém tirarlhes das mãos o governo, isso não consegue a arrogancia. (20) A falta de opposição não deixa ouvir os estrondos da virtude. Quanto mais opprimido está o ar, com mayor harmonia de vozes ressoa o ecco do clarim. A constancia da palma cresce com a desproporção do pezo. O Emperador Fernando II. antes queria mendigar como pobre, que offender a virtude para conservar a grandeza. A intenção taõ recta correspondêraõ felicidades iguaes. Quando nos opprimidos Portuguezes faltavaõ os alentos, se revestia de constancias o heroico animo do grande Rey Dom Affonso Henriques. Não descahe de forças quem se espiritualiza com a virtude. Cercados de immensos regalos viviaõ os Emperadores Romanos; e ao mesmo tempo tyrannizados pelos seus impios affectos. As masmorras de Faraó eraõ para Joseph amenos Elyfios. Quando Nabuco comerciava com brutos, sendo Rey, se familiarizava Deos com Daniel, que era escravo.

38 Sempre as adversidades foraõ a pedra filosofal da virtude. Não póde haver bondade sem oppostos: porém estes adormecem a soberba, para despertar a razão. Assim como á arrebatada corrente se encosta a espadana, se prostra á opposição a temeridade de hum animo altivo. Se Naaman não fora leproso, não seria Santo. As estrellas de Lucifer cahiraõ do Ceo;

por-

porque virão em si tudo luzes. (21) Na mesma arvore em que Adam perdeu a vida, achou o defengano. (22) As infelicidades abrem os olhos para o conhecimento. Padecer infortunios pela virtude, he tornar o mal em melhor. (23) Nem sempre o impeto do vento he furioso, e as ondas da adversidade não contrastão logo. (24) Entre delicias não ha varaõ perfeito. He necessario provar o escudo da constancia nos golpes das calamidades. Os trabalhos da India, e Africa produzirão muitos Heroes. Os que ficaraõ passeando na Corte, não sey que tenhaõ nas Historias nome celebre. Se Salamaõ vira algum dia o rosto ás adversidades, talvez que não perdera a vida da virtude. A tribulaçaõ não he cruel, nem injusta, e quasi sempre proveitosa. (25)

39 Não se respeita por magnanimo o que nunca vio a carranca da fortuna. (26) O rayo ha de empregar a sua furia, aonde achar mayor resistencia. Perdera os quilates, que tem de activo, se respeitando o aço, só offendeste a bainha. O Ceo derramando diluvios sobre a terra, parece que intenta submergilla, e o seu fim he beneficialla. He a calamidade huma engenhosa inventora. (27) Depois de descarregar a nuvem a cerraçaõ, se percebem os objectos mais claramente, interpondo-lhe o Telescòpio. Toda a infelidade he jornaleira, e a virtude sempre foy estavel. O entendimento combatido da oppressaõ filosofea com mais desafogo. (28)

40 Mas assim como a virtude se não humilha á forte má, tambem a não ensoberbece a grande forte.

Feliz

(21) *Isai. cap. 14.* (22) *Gen. cap. 3.* (23) *Eurip. in Rhes.* (24) *Senec. de provid.* (25) *D. Aug. l. Med. ca. 36.* (26) *D. Greg. in Mor.*  
(27) *Nazianz.* (28) *D. Basil.*

Feliz he o fabio; (29) mas em quanto vive pòde vir a ser miseravel. (30) Naõ deve a luz da sabedoria defvanecer o cerebro com a vertigem da vaidade, por se naõ arriscar aos precipicios. A prosperidade naõ he fomento da soberba, antes necessario concurrente para o exercicio das virtudes. (31) A fortuna adormece nos braços da contingencia. Muitas vezes repètia Pompeo: *Como saõ instaveis as tuas cousas, ó mundo! Sem esperança de possuir o Imperio Romano, o gozey; e sem a menor suspeita de o largar, o perdi.* (32) Ao virtuoso animo de Seneca causava gosto a prosperidade; porèm nenhum pezar o infortunio. (33) Roubava-lhe a desgraça os cofres, e nunca teve gazúa para lhe entrar no animo. As joyas da alma estaõ bem guardadas. Retiraõ-se dos caminhos; porque os ladroens naõ as furtem. (34) Lamentou o grande Philippe a noticia, que recebeu no mesmo dia do vencimento de tres batalhas. Quando as victorias lhe firmavaõ o Reino, temia a desmembração dos Estados. Mais difficultoso he tomar as redeas á vaidade, que suspender a carreira ao baixel furioso. Os ventos da soberba saõ indomitos Eolos; levantaõ ás estrellas para sepultar nos abyfmos.

41 Passemos pela lembrança as historias, e veremos no theatro da fortuna as funebres representações das figuras mais tragicas. Collocou Ptolomeo na emnencia da privança ao soberbo Euxenides. Perturbou-se lhe a vista na elevação, esvaiose-lhe a cabeça na altura, e veyo rodando ao abyfmo de huma forca. Muitos destes Icaros teve o mundo, que para deixarem

(29) *Plu. de Nat. nom.* (30) *Arist. in Ethic.* (31) *Sen. Epist. 18.*  
 (32) *Lucanus.* (33) *Epist. ad Abin.* (34) *Depredari ergo desiderat, qui thesaurum publicè portat in via. S. Bern.*



rem vestígios aos defenganos, não cahirão nas aguas. A mesma escada porque Seyano subio ao valimento de Tiberio, foy o fatal tropeço da sua quéda. Plauciano era grande privado do Emperador Severo, e teve honras correspondentes á amizade, que todas perdeu com a cabeça. No tempo do Emperador Commodo manejava os negócios, como despótico, o seu valido Cleander. Tanto se esqueceo do ser, que devia a quem lho tinha dado, que infamou ao mesmo Emperador de ignorante na presença das Cohortes Pretorianas. Pagou com a vida taõ inaudito atrevimento. Se no caminho das prosperidades se fechaõ os olhos á luz da razão, cada passo será tropeço. O luminar do entendimento apaga-se com os sopros da soberba. A mayor fortuna he não fazer caso della. (35) Se he muito grande, tem mayores riscos. (36) Quem pretende sentar-se sobre os altos montes, examine a disposição do cerebro: se he sujeito a vertigens, evite as quédas, que são certas. O virtuoso, que se levanta para attrahir estimaçoens, não larga os espinhos da cabeça. (37) Tenha sobre ella titulos de honra, e firaõ-lhe os olhos os espinhos da humildade.

42 Conheça o illustre Politico, que só a virtude he estimavel, e ornato digno da sua pessoa. Ella he a merecedora da verdadeira honra, e estimação: a que constitue o homem inaccessible ás adversidades: a que destroe o abominavel vicio da pusillanimidade, indigno em hum Politico bem nascido: a que refrea a soberba, defeito torpe de todo o homem honrado: a que mette debaixo dos pés a vaidade, para que as fumaças não ceguem a razão; e só quem obra com ella livre, merece o nome de verdadeiro Politico.

Tom. I.

B

CA-

(35) *Senec. de prosp.* (36) *Idem ibi.* (37) *Si exultatus sacro, omnia traham. Joan. cap. 12.*

## CAPITULO II.

*Do fim, e effencia da virtude Moral, que tem por termo fazer o homem feliz.*

43 **O** Fim, e effencia da virtude Moral, termina-se á felicidade do homem. (1) Mas que pouco applicaõ os homens os meynos necessarios para ser felices, desejanço tanto o ser de felices homens! Constituir o seu effencial nos bens meramente sensiveis, he fazermo-nos brutos. Nos que fomento saõ exteriores, he negarmo-nos a alma. Sem os bens do animo naõ póde haver felicidade perfeita. (2) O mundo foy sempre taõ desgraçado, depois que perdeu a graça, que o vil, e desprezivel merece o mayor apreço. Por hum prato de iguarias rusticas vendeo Esau o seu copioso morgado. (3) Trinta dinheiros baixos foy o preço, porque se comprou o thesouro do Ceo, e da terra. (4) Por tributar adoraçoens aos Idolos de Venus, as negou Salamaõ ás Aras de Deos. Entre as delicias do manná, naõ há quem se esqueça das cebolas do Egypto. Haveráõ muitos, que por lisonjear huma escrava negaráõ hum Christo. Para desentranhar o ouro das minas, se entranhaõ os homens na terra, escondendo-se á luz do Ceo.

44 Quanto erraõ as especies humanas a repartiçaõ das contas! Fazer vil o precioso, e precioso o vil he eleiçaõ de condemnado. (5) Ordinariamente se antepoem no mundo, naõ só as honras, e riquezas, mas ainda os deleites viciosos, e brutaes satisfacoens do appetite aos bens effencialmente honestos, que saõ as virtudes.

(1) *Arist. in Eth.* (2) *Idem ib.* (3) *Gen. cap. 25.* (4) *Math. cap. 26.*  
 (5) *Isai. cap. 5. v. 20. Vt qui dicitis malum bonum, & bonum malum.*

virtudes do animo. Estas constituem a verdadeira felicidade do homem, porque governaõ com o freyo da razaõ o bruto das inclinaçoens, que lhe tiraõ os seus gozos como incompativeis com os vicios. Fundar a gloria em deleites, he acreditar os sonhos de Maforma. (6) Virtude, e felicidade he impossivel com a torpeza. Nos prostibulos de Venus, nas demasias de Baccho, e nos pensamentos de Lucifer ha felicidades de infernos.

45 Os bons costumes no sabio he o seu unico thesouro. (7) Estes bens saõ propriedades do homem. Com elles se enriquece o racional; porque participa dos divinos. Naõ he impossivel a sua posse, antes os pódem adquirir todos os homens. Mais estimava Critoláo huma só virtude, que muitos mundos. Filippe II. queria perder os seus Estados, porque nelles naõ entrassem os infames erros de Luthero, e Calvino. Os mundos do homem consistem em viver, como se naõ fora homem do mundo. Primeiro estaõ os bens do racional, que os da terra. Estes saõ avareza da fortuna; e aquelles liberal dom da providencia. Huns eraõ o apreço de Dionysio, e o outro o unico estimavel de Diogenes. Este abominava os bens como oppostos ao bem; e aquelle aborrecia o bem, porque se encontrava com os seus bens. Esta desigualdade de affectos fez que hum fosse Dionysio Tyranno, e outro Diogenes Filosofo.

46 Todos os homens tem habitos para as virtudes, e naõ lhes exercitaõ os actos. Ha potencias que tem as operaçoens sem pratica. Todo o homem tem as propriedades fivel, e risivel; e com tudo nem to-

B 2

(6) *Guilielm. de Lege cap. 19. loquens de Avicena beatit. corpor.*

(7) *Socrat. apud Stob.*

dos os homens rim, e choraõ. O escultor dormindo tem habito para esculpir, e naõ o faz em acto. O piloto na praya sabe navegar, e naõ navega. Quando huns jornaleiros trabalhavaõ na vinha, estavaõ outros de assento na ociosidade. Se hum destes he feliz com o trabalho de huma hora, he milagre que Dcos faz huma vez, e porque muito quer. (8) Dormirem os homẽs quando a virtude vigia, saõ agonias da alma. (9) Supporar nos vicios he meter a razaõ em lethargo: em quanto naõ desperta, estã o homem imagem morta. Naõ põde haver satisfaçaõ sem o gozo da ventura. A virtude sem pratica he ambriaõ da felicidade. Para esta contribue aquella quanto põde; porẽm a virtude desacompanhada naõ faz o homem feliz. Nella ha muitas virtudes differentes, e na felicidade muitos bens diversos. A felicidade do homem estã em obrar com todas as virtudes.

47 A felicidade temporal he mais alegria, que felicidade. A alegria he hum impeto do animo: a felicidade he huma sãrie continuada de permanentes prosperidades. Aquella tem a sua medida nos objectos presentes: esta nos habitos permanentes, e immutaveis. Huma termina-se pelos principios, e outra pelo fim. No fim do termo se conhece a felicidade. He Estadio Olimpico, que no ultimo passo da carreira ganha, ou perde o premio do seu nome.

48 No tempo de Aristoteles desinio a Escola Peripathetica a felicidade, que entãõ se conhecia. Por huma operaçaõ da faculdade intellectiva, naõ desamparada dos bens extrinsecos, e corporaes, como ajudadores; acompanhada do gosto, e da honra como propriedades inherentes, e de hũa segurança, e prosperidade continuada.

49 Em

(8) *Math. cap. 20.* (9) *Idem cap. 26.*

49 Em quanto operação da faculdade intellectiva, he muy propria do homem; porque além de dispor, e ajustar com ella as acções racionais, e avivar a contemplação das cousas immortaes, e divinas; della deduz duas felicidades nas vidas activa, e contemplativa, com as quaes o homem, quanto he possível, se chega ao ser divino.

50 A este essencial da perfeita felicidade se seguem os bens extrinsecos, como seus ajudadores. O homem em quanto sensitivo, para exercitar a faculdade intellectual, necessita do uso dos sentidos, para o logro dos bens corporaes, em quanto ajudado ao espirito, o qual não pôde obrar sem a sua dependencia, em quanto está unido á materia. Não impedem as riquezas a felicidade perfeita. Se todos os homens fossem Diogenes, não houvera Principe feliz. A fardalia pobreza nunca foy virtude. Para Christo provar, que era Filho do mais bemaventurado Pay, disse, que lhe dera nas suas mãos todos os thesouros. (10) Placão, e Aristippo não perderão o ser de sabios pelo ter de ricos. Quem deixará de julgar por acção ridicula a de arrojarem Crates ao mar a sua fazenda, para filosofar melhor? Trazer, como o Cynico, o domicilio ao hombro, he não dar lugar certo á sabedoria. De cavar os olhos, como Democrito, segue-se não ver a luz. Só a pobreza Evangelica he honrada; todas as mais tem vilezas. Entre infamias não ha venturas: a sua falta deshonna o ser de sabio. De que servem as riquezas aos vicios? O virtuoso reparte-as como liberal, e caritativo: o vicioso, como prodigo, ou o avaro. Bom he que tenha o mais quem o sabe gastar melhor. Se o homem não tiver com que dar esmolas,

falta-

(10) Joan. cap. 13.

falta-lhe hum dos meyoſ para a remiſſão dos peccados. (11)

51 O goſto, e honra acompanhaõ a felicidade. O goſto ha de ſer intellectual, e naõ voluptuoſo. Aquelle he proprio da parte mais nobre do homem; e verdadeiramente deleitoſas ſão as operaçoens do entendimento; porque com ellas ſe contemplaõ os objectos divinos, que he o prazer unico, com que ſe ſatisfaz a alma. Alguns Filoſofos, mais brutos que homens, quizeraõ ſeparar eſte goſto, e os mais bens externos, e corporeos da verdadeira felicidade, julgando-os por males, inuteis, e prejudiciaes á virtude. A eſta cegueira deu luz o grande luminar de Ariſtoteles com toda a Eſcõla Peripathetica.

52 Correoſpondente ao goſto he a honra deſta felicidade. Merece aquella mais eſtimaçaõ, que o louvor. Até para com Deos huma das ſuas mayores glorias he ſer antes para honrado, que para louvado. A honra reſpeita á peſſoa immediatamente, e o louvor ás acçoens externas. Occupa ſe Deos eſſencialmente contemplan-do ſe; e ainda ſem acçoens exteriores eſta ſatisfeito de ſi meſmo. As acçoens externas de Deos, as obra contemplan-do ſe como cauſa ideal de tudo; de ſorte que a vida contemplativa lhe he precisa, e a activa *ad extra* totalmente livre. Aſſim o ſabio na ſua felicidade, á imitaçaõ de Deos, vive contemplan-do occupado em ſi meſmo; e por iſto digno de honras para a ſua peſſoa, e de louvores para as acçoens externas, e operaçoens da vida activa. Honrado, e louvado participa o ſabio da felicidade de Deos, que além das adoraçoens devidas á ſua perfeiçaõ infinita, merece pelas ſuas eſtupendas, e admiraveis obras incef-

ſantes

fantes louvores ; sendo magnificado por ellas mesmas. (12) Oh que ventura a de ser sabio virtuoso !

53 A segurança , e prosperidade necessaria para o logro da felicidade , parece impossivel gozar-se no mundo. Entre inundaçoens de delicias opprimiaõ a Salamaõ afflicçoens do animo. (13) A pratica do Thabor , cercado de glorias , eraõ os successos do Calvario , aonde tudo foraõ penas. Porém entre as tempestuosas ondas , que levanta o mar da fortuna , he immovel promontorio a felicidade do sabio. Ainda que os bens corporeos , e extrinsecos vivaõ com sujeiçaõ ao caduco , e desapareçaõ muitas vezes os gostos , e honras ; naõ sente o virtuoso alteraçãõ no constitutivo da sua felicidade. Aquelles bens sãõ ajudadores , e accessorios , e naõ substancialmente a felicidade verdadeira , que se funda nos actos virtuosos , e sabios , e na voluntaria contemplaçaõ dos objectos divinos. Estê bem he sujeito á vontade humana ; e por isso immutavel , permanente , e imperdivel , em quanto o homem naõ quizer deixar o seu uso. Facil he perder o sabio os bens extrinsecos , e internos , como sãõ honras , riquezas , a saude , e as forças ; mas os da sabedoria huma vez adquiridos , ou infundidos residem nas potencias da alma. Daqui se colhe , que ao homem só o póde fazer infeliz o vicio , ou a loucura.

54 Naõ tem contradicãõ alguma pena , e felicidade. Entre tormentos foy hum ladraõ feliz. Já houve quem com o preço de lagrimas comprou a mayor ventura. Quanto a adversidade for mais valente , tanto mayor será o triunfo da constancia. Com ella desespera o nescio , e se confórma o sabio. Vencer as opposicçoens da fortuna he a mais gloriosa victoria da sabedoria.

(12) Dan. cap. 3. & Psal. 148. (13) Eccles. cap. 2. v. 21.

ria. As resoluções heroicas da alma alestaõ-se com o infortunio. (14) A certeza de melhorar de fórte faz gostosas as desgraças. (15) O homem mais infeliz do mundo he o que nunca vio a infelicidade. (16) Quando o sabio padece, he sem culpa. A innocencia lhe coroa as penas, e a paciencia se esmalta nas tribulações. As felicidades externas dos viciosos são tormentos da alma. Em esplendidos banquetes lisonjeava o seu gosto aquelle Tyranno de Siracusa: porém o interior verdugo da consciencia lhe representava sobre a cabeça huma aguda espada, pendente de hum delgado fio. As infelicidades exteriores do sabio virtuoso são esporas, com que picada a alma corre pela estrada das virtudes. O mayor infortunio de Paulo Emílio foy a morte de seus filhos, mas a grandeza da sua alma partida em tantos pedaços, entãõ se deixou ver mais inteira.

55 A morte he o summo mal dos que vivem: porém nella se alega o sabio, e desespera o nescio. Entãõ se acabaõ as felicidades accidentaes do vicioso, e principiaõ as essenciaes do virtuoso sabio. Os habitos intellectuaes unidos á immortalidade da alma, daõ mayor luz ao entendimento separado da materia. Eterniza o sabio a sua felicidade a pezar de todos os oppostos, vivendõ, e morrendo com vida boa á vista do mundo, e morte preciosa nos olhos de Deos. (17) Esta felicidade não pôde ser adequada em todos os homens: porém o que não souber dibuxar Heroes, como Apelles, pinte rusticos como Ludio. Quem não for perfeito feliz entre o muito, como Augusto; goze a sua felicidade no pouco, como Aglão. Se saltar a ventura do grande, não se despreze a tranquillidade do pequeno.

56 Es-

(14) *Clean.* (15) *Quint. Decl. 1.* (16) *Senec. Epist. 92.* (17) *Pf. 115.*



56 Esta he a grande felicidade do homem, a que a virtude moral se encaminha. Estes são os bens, que a acompanhaõ, e o bem, de que se compoem, chamados pelo mesmo Filosofo Bens pequenos, medianos, e grandes. Bens pequenos são os externos, medianos os corporeos, e grandes os do animo; subordinados huns aos outros; porque os externos servem ao corpo, o corpo serve a alma, e a alma ás operaçoens virtuosas, que são a verdadeira felicidade.

57 Não conheceo Aristoteles, nem outro algum da Escóla Peripatetica a mayor das felicidades; porque em todos faltou a luz da Fé. Com ella vemos a felicidade Evangelica irmã da Filosofica; mas de prerogativas muy superiores; porque unido os principios da razaõ com os da Fé, chega a investigar os reconditos arcanos da Divindade. A Filosofica tem por fim da contemplaçãõ a virtude; e a Evangelica tem por fim da virtude a contemplaçãõ, que he huma vantagem grande. Os actos intelléctivos fim são mais nobres, que os das virtudes moraes; porque sahem de potencia superior: porém as operaçoens da virtude Evangelica são mais illustres, que os da faculdade intelléctiva; porque andaõ unidas ao amor de Deos, que he o diadema das virtudes todas. Saber, e amar são obras do entendimento, e coração: porém o saber he dom, que Deos nos dá, e o amor he dadiva, que Deos nos pede; (18) e mayor excellencia he amar a Deos, que conhecello. A felicidade Evangelica he a porta por onde se entra á eterna; e o fim desta he todo o amor. Até Deos poz termo á sua contemplaçãõ com o Amor, ficando no meyo a produccãõ do

Verbo; porque aquelle he o complemento da felicidade beatifica, e divina.

58. Conheça o Politico Christão, que se deseja a perfeita felicidade, ha de applicar-se á virtude; porque só com ella se acha, ajudada dos bens externos, e corporeos, que a acompanhaõ, sem que a adversidade lhe altere o constitutivo formal, e intimo; e a Evangelica conseguida pelos actos das virtudes Christãs governados pelos dictames da razão, e luzes da Fé seguraõ o logro de huma felicidade eterna, ultimo fim, para que o homem foy creado.

### C A P I T U L O III.

*Particular definição da virtude Moral, e propriedades destas virtudes.*

59. **J**A' dissemos, que a virtude Moral he hum habito electivo da potencia appetitiva, que dispõem o homem para obrar cousas honestas, segundo os dictames da prudencia. Com a repetição dos actos se adquirem estas virtudes, e com ellas se aperfeiçoa o appetite sensitivo, e racional em ordem aos bons costumes. Dissemos tambem, que as intellectuaes são mais nobres pela origem: porém estas medem-se pelas Artes, e as moraes pela honestidade da intençaõ. A Arte Poetica faz a Poesia boa, e o Poeta pôde ser máo. A Oratoria afermosca a Oraçaõ, e não faz bom ao Orador: porém as acçoens moraes, honestamente executadas, fazem bom a quem as exercita.

60. Ninguem foy mais sabio, que Salamaõ, e poucos prevaricaraõ tanto como elle. Soube muito, e obrou muito mal. A saude do entendimento não remediou

diou as enfermidades da vontade. O homem fabio, e vicioso he Fauno biformo, meyo homem, e meyo bruto. Em Nabuco se vio esta verdade sem ser fabula. Era Principe não idiota; porém hum receptaculo de torpezas. Homem, e bruto andava a pasto entre as feras.

61 Os habitos no homem não passam para os extremos. O virtuoso não o póde ser vicioso; e pelo contrario. Na obra dar-se-ha este metamorphose ou pelo fim, ou pela intenção. Qualquer operação das Artes he indifferente: a intenção porém, como inclue moralidade, póde fazella boa, ou má. Se o Piloto for destro, cumpre com as obrigações da Nautica: mas se der com a não a través, e a encalhar entre penhascos para affogar a equipagem, e destruir o mercador, será homicida, e ladrao. A Poesia he Arte intellectual destrissima, e indifferente pelo que toca aos costumes: porém se Virgilio cantar acções heroicas, para inflamar os animos, e Ovidio entoar metros lascivos, para mover a concupiscencia; Ovidio será lascivo, e Virgilio amante da gloria.

62 A bondade intellectual consiste no concurso das circumstancias, que fazem a obra fysicamente perfeita, no que diz respeito á arte; e a moral, em todos os motivos, que a constituem moralmente boa, no que faz relação aos costumes. Para a perfeição da obra deve haver objecto moralmente bom, boa intenção, e bons meyos. Gastar o cabedal no ornato de Venus he obra intrinsecamente má pelo objecto. Dar esmólas por vaidade, he obra boa pelo objecto, e má pela intenção. Furtao o alheyo para gastar com Deos na decencia do seu culto, e só pelo seu amor, he obra boa pelo objecto, e intenção, e viciosa pelos meyos,

que sendo inhonestos mudaõ em maleficencia a sua bondade. Para haver obra boa, he necessario, que conorraõ todas as circumstancias honestas, e para ser viciosa, basta-lhe qualquer defeito.

63 He a virtude o objecto da Filosofia moral: porẽm naõ lhe tem subordinacão as virtudes todas. As que saõ naturaes se excluem da sciencia moral; porque saõ communicadas pela natureza sem trabalho; e assim como os defeitos naturaes naõ saõ viciosos, as perfeicoens da natureza naõ saõ virtudes; porque a verdadeira ha de ter vicio, que se lhe opponha. Tambem excluimos as intellectuaes mechanicas, ainda que adquiridas; porque a sua bondade se termina á obra externa, e naõ á intrinseca do sujeito. Para fazer huma obra ridicula, naõ he illicito perverter a regra das Artes: para obrar hum actõ indigno, nunca he licito faltar ás da razão: Peccar contra a Arte, naõ faz o Artifice máo: se quebrar a ley dos bons costumes, perde, como homem, o ser de bom. Exceder, ou diminuir as regras da virtude sempre he peccado; alterar as da Arte, nem he defeito. O seu trabalho paga-se com dinheiro, a mais pequena virtude naõ tem preço. (1)

64 Tambem as Artes liberaes, e grandes sciencias, se naõ comprehendem na virtude Moral; porque ainda que sejaõ ingenhuas, e honrosas, fazem o homem douto, e naõ bom. Em duas partes se divide a razão: Na apprehensiva, que conhece o verdadeiro, e na appetitiva, que abraça o bem. As sciencias grandes aperfeicão a primeira; e as virtudes moraes pullem ao mesmo tempo, huma com a prudencia, que ou-

(1) *Omne autem in comparatione illius arena est exigua. Supl cap. 7. v. 9.*

tra com as mais virtudes. As intellectuaes, ainda que para se adquirirem sejaõ voluntarias, não se pôdem chamar electivas; porque esta condiçaõ he intrinseca das Moraes. O arbitrio do homem não pôde fazer, que a sciencia seja verdadeira, ou falsa; e pôde fazer, que a obra moral seja boa, ou má. Ainda dos habitos das sciencias se pôde usar para hum daquelles dous fins: porèm da virtude moral sómente para o fim bom; porque o não pôde ser o habito, se o fim he máo; nem he absoluto bem, o que pôde servir ao mal. A effencial bondade de Deos não dá o premio da gloria a quem sabe muito; mas a quem bem obra.

65 A effencia propria das virtudes Moraes he serem dignas de honra, como oppostas ao vicio, que só merece vituperio. Conhece-se a honra pelo final externo de estimaçaõ, que interiormente formamos das excellencias de outrem. O vituperio pelo final de baixo conceito, que interiormente fazemos da vileza de outrem. Merece a virtude estimaçaõ, e he esta o premio do merecimento. Porèm como os actos internos se não vem, he necessario testemunho ocular da estimaçaõ invisivel. A estimaçaõ he hum temor reverente produzido da veneraçãõ, que causa a admiraçaõ, nascida da excellencia, que por si mesma se faz estimavel. Todas as palavras, e insignias honrosas são signaes externos da estimaçaõ. Entre a honra, e o louvor ha a distincão, que já dissemos. A honra respeita intimamente á pessoa, e o louvor ás acçoens externas. Este engrandece as perfeiçoens exteriores, e aquella estima a excellencia moral. A bondade está em quem recebe a honra, e a honra em quem a dá a essa bondade. Esta he bem extrinseco do virtuoso; mas o ser digno della he bem intrinseco á virtude.

66 Conheçaõ os amadores da honra, e amantes da estimaçaõ, que a não pòdem comprar verdadeira, fenaõ com a inestimavel moeda das virtudes. Acumule o ambicioso as glorias de Affuero, os triunfos de Cesar, as magnanimas emprezas de Alexandre, os thesouros de Cresso, as delicias de Sardanapalo: ajunte as sciencias, que espalhou Plataõ nos campos de Academio, Aristoteles nos porticos de Licéo, Salamaõ nos pòvos da Palestina; habite com todas as Musas como na Agata de Pyrro, que se não for com todas estas honras, riquezas, e sabedoria, virtuoso, não he o homem digno da honra verdadeira. De qualquer virtude he ella premio devido; (2) e sem haver virtude, não ha honra. Ao grande Filosofo Falereo honrou Athenas com tantas estatuas como dias tinha o anno. Não as mereceo Falereo só por Filosofo, mas como sabio virtuoso, sustentando sobre os hombros da prudencia o pezo da Republica, que se arruinava. Iguaes motivos deraõ correspondentes estimaçoens ao famoso, e discretissimo Solon.

67 A honra, e gloria, que resulta de obrar bem, he inseparavel, e parte essencial da virtude. Não deve o Politico ser prodigo desta honra, antes trabalhar sempre pelo seu augmento. Quem no mundo for sabio, tenha esta honra por premio. O que for Heroe, recolha-a por despojo dos seus triunfos. Não se ponhaõ os olhos nas apparencias honrosas, que estas são hoje moeda para todo o genero de mercancia. Em quem não tem talento haverá muitas riquezas: empregar-se-haõ os louvores nos temerarios: passarão praça de sabios os imprudentes falladores; e o que se faz mais lastimoso, he vermos Dignidades em indignos. Se ao

(2) *Dic. Thom.*

mundo lhe faltasse o eixo, que o sustenta, se arruinaria esta maquina material. A formosa vemos cahida; porque está o mundo fóra dos seus eixos. Titulos, que enchem de honras a sujeitos vãos de merecimentos, são apparencias sonóras. Grita o clarim, e quanto tem em si, he vento. Tanto estrondo faz o canhão, que emprega a bala, como o que evapóra fumo. Pedio Alexandre Sévêro ao Senado lhe não desse o titulo de Grande, e de Pay da Patria. Não quiz Tiberio aceitar o honrado prenome de Senhor. (3) Desgostou-se Julio Cesar; porque o povo Romano o acclamou Rey. (4) O mesmo titulo regeitava o primeiro de Portugal, em quanto não vencia os Mouros. Honras sem virtudes são mais vergonha, que gosto. A purpura, que cobre vicios, he tambémito. Muitos o trazem por gala; o ponto está em vestillo, ainda que seja por peça. Semele, filha de Cadmo, desejou ver a Jupiter com toda a magestade, e as mesmas luzes, com que quiz coroar-se, a converteraõ em cinza. Se os ambiciosos foraõ feitos em pó, não aspirariaõ ás Coroas tantos indignos. Mandou Mario edificar os Templos da Virtude, e Honra, ordenando os não fizessem altos. Deu documentos de humildade aos que pelos caminhos da virtude haviaõ chegar ás honras. Felices seculos os em que as virtudes tinhaõ a entrada tão franca para os Templos da Honra! Lastimosos os tempos, em que fó a hypocrisia se vê honrada!

68 Quando a virtude he verdadeira, não se alimenta com louvores, nem se incha com as honras. Merece muito, e não pretende nada. Nenhum sabio se deve gloriar, senão nas suas mesmas Obras. (5) O virtuoso he muito honrado; porque a honra como som-  
bra

(3) *Erasm. l. 6. Apophth.* (4) *Plut. in eo.* (5) *Senec. Epist. 42.*

bra da virtude, (6) sempre a acompanha. Perderá o sabio este applauso exterior; mas de nenhuma fórte a essencial honra da virtude. A mesma Athenas, que honrou a Falereo com trezentas sessenta e cinco estatuas, lhas arrazou depois com infame ingratitude. Zombou o Filosofo do desprezo, dizendo: *Elles arruinaraõ as estatuas, que eraõ imagens minhas; mas não o farãõ á virtude, que he original indelevel.* Consolem-se os merecimentos cahidos, que a sua honra sempre está em pé. Não se esvaeção os vicios exaltados; porque os seus honrados nomes andaõ debaixo dos pés. Estes são Soes do Egypto, que se adoraõ com sete pedras na mão. A'quelles atirarlhes ás pedradas he engastarlhes diamantes. Quem levanta a mão contra os merecimentos, he injusto, e impio. Contra os vicios se devem levantar todas as mãos por acto de justiça, e obra de misericordia.

69 Muitos amantes da honra teve o mundo; mas que poucos a conseguiraõ verdadeira! Os Romanos, que sobre todas as naçoens a estimavaõ, muitas vezes respeitaraõ a copia pelo original. Anibal lhe seguio as pisadas, andando ao mesmo tempo pelos caminhos dos seus desordenados affectos. O grande nome de Alexandre he mayor, que a sua vida. Nella teve muitas manchas, e naquelle incomparaveis honras. Venceo a todos, e não se soube rejeitar a si. Com Clito foy ingrato, e com Parmeniaõ injusto. Os amantes da verdadeira honra não são difficultosos de conhecer. Aquelle, que nas suas acçoens busca o premio dellas mesmas, he hum dos seus obsequiosos. A honra como invisivel; só mostra alguns reflexos nas imagens da virtude. A sua forma he semelhança da honestidade, (7)

e nem

(6) *Idem Epist. 79.* (7) *Cic. ad Cat.*



e nem sombras terá de honrado o que não for virtuoso. O sabio vicioso he hum bruto carregado de letras. O homem máo authorizado com muitas honras do mundo, e nenhuma virtude na alma, não me atrevo a dizer o que he. Disse hum Rey, que tambem a perdeo, que he hum tal animal, que para se dar melhor a conhecer, falla mais alto que todos (8). Esta he huma das modas do tempo entre muitos Cavalheiros de estylo culto. Para se fazerem conhecidos, fallaõ gritando. A ondê ha valor de Tartaro, bom he peleijar com o estrepito. Muitas vezes o estrondo do trovão não deixa perceber a fusilada do relampago. Ninguem he tão nada como o que não deseja a verdadeira honra. (9) Nada saõ os tudos do mundo, se só na vaidade das apparencias fundaõ o todo do ser illustre. Estas tem muito de fortuna; porém nada de beneficios da virtude. (10) Ella não se sustenta com o que reparte o mundo; mas na suavidade, que em si occulta. (11) A estes honrados não lhes faremos injuria, antes lisonja, em dar por assumpto aos seus Epinicios os mesmos louvores, que Claudiano deu a hum javali, ou os de Simonides no panegyrico, que fez á mula vencedora nos jogos Olimpicos. As honras desta gente saõ manhas, ou ferezas.

70 Lembre-se o Politico do que já lhe dissemos no seu Proemio. Não he illustre o sangue, se com os proprios merecimentos se não levantaõ as estatuas da honra. Até os filhos dos Reys Godos para terem lugar nas mezas de seus pays, haviaõ comprallõ na campanha á ponta da lança com o preço do seu sangue. (12) A honra he muito preciosa: distribuilla sem mereci-

Tom. I.

D

mentos

(8) *Comparatus est jumentis. Ps. 48.* (9) *Plin. Sen. l. 15.* (10) *Curt. lib. 8.* (11) *D. Aug. sup. Joan.* (12) *Cassiod. 8. var. 4.*

mentos he injustiça. Em quanto se não adoptassem pelas virtudes, nem os filhos dos Reys se deviaõ chamar Principes. Nascer de Reys he honra, que dá a natureza: produzir-se a si mesmo he gloria, que cada hum se deve; e mais merece a honra o que soube renascer bem, que aquelle, que só he bem nascido. (13) O sangue nas veias será nobre; derramado he mais illustre. Leito da honra chamaõ os Francezes á campanha; porque só merece o nome de heroica a que o sacrificia pela patria. Quando perdido he sangue proprio; e alheyo quando guardado.

71 Tragamos á memoria os homens mais honrados, que teve o mundo, e veremos a quem deveraõ a sua honra. Foraõ estes os Reys de Roma, os quaes pela escada das virtudes subiraõ á altura do throno. Quem foy o pay de Servio, e a mãy de Tullio Hostilio? Diz Seneca, que se não conheceraõ. (14) Elles com as suas obras se fizeraõ conhecidos. O homem mais feliz, e honrado, que teve o mundo, foy Augusto. Era filho de hum latoeiro em quanto á natureza, e de si em razaõ da honra. (15) A Vitellio chamáraõ muitos Escritores remendaõ. (16) Vespasiano, que adquirio a mayor honra, seguro nella confessava a humildade dos seus principios. (17) O Emperador Pertinax illustrou o sangue, que tinha de hum vil escravo, sendo Principe nobilissimo. (18) Galerio Armenitário deixou o cajado pelo Sceptro; o surraõ pela purpura; e pastoreando gado nos montes como rustico, veyo reger homens nas Cidade, como Politico. (19) Quem foraõ os Davís, os Maximinos, os Pupienos,

OS

(13) Tac. J. 1. hist. (14) Epist. 108. (15) Cic. in fine Epist. ad Q. frat. em. (16) Sueton. in ejus vit. cap. 1. (17) Idem in eo cap. 1. (18) Julius Capitol. (19) Aurel. Vict.

os Aurelianos, os Probos, os Dioclecianos, os Lícinius, os Valentinianos, e os Basilios? Quem he no presente seculo aquelle formidavel espanto da Potencia Othomana, não só emulo da sua grandeza, mas fatal instrumento da sua decadencia, o famoso Sophi da Persia, conhecido por Thamaz Kouli Kan? Todos estes mereceraõ pelas suas grandes obras os mais honrados nomes. Sempre o Senado Romano teve por mais nobre o melhor. Só he digno de honra quem a sabe ganhar com a virtude.

72 Com a vida do homem se não acaba a honra, que alcançou, como virtuoso. No Ceo se eterniza, e o mundo a perpetúa. Nas cinzas do cadaver não esfriaõ as memorias do bom nome. Antigamente se levantavaõ as columnas nos monumentos. (20) Supponho, que era para melhor se ouvir a Fama, gritando de mais alto. Dizia-se Scipiaõ: *Quantas estatuas te levanta o povo Romano, não são columnas donde se decantem as tuas acçoens?* Sobre a celebre de Trajano se edificou hum Colosso. Em cima das cinzas de muitos homens se levantaõ Colifões á Fama, ou á infamia. Nesta se perpetúa a afronta dos vicios, e naquella se immortaliza a honra da virtude. Roma não sómente acclamou a Tito por delicias suas: tambem deu a conhecer a Nero por verdugo da patria. Quem quizer levantar obeliscos no Egypto da honra, (21) ha de merecellos com a virtude. Os que pretenderaõ fazer os nomes celebres, gravando-os nas estrellas, cuidaraõ subir ao Ceo por hum monte de pedras. Falta-raõ lhe os pés, e confundiraõ se as Babylonias. Quem se não governa pelas linguas da razaõ, não entende os vocabularios da honra. No seu Templo só levantaõ

(20) *Pier. Hier. l. 49.* (21) *Pier. ib. fol. 530.*

taõ estatuas os que entraõ pelo da virtude.

73 Advirta o Politico, que a virtude he quem merece o essencial da honra. Naõ se institue o seu morgado, sem a despeza de hum grande cabedal de merecimentos, que possaõ fazer suas aquellas propriedades. Naõ o adquirem as sciencias, riquezas, ou Dignidades, se com ellas naõ anda a virtude. Muy honrados saõ os seus amigos, (22) sem necessidade de louvores, que os sustentem, ou da grandeza de lugares, que os exalte. He eterna a sua honra depois do tempo, e immortal em todos os seculos.

#### C A P I T U L O IV.

*Arvore das virtudes Moraes, que tem por tronco a Rectidaõ, com a qual deve obrar o Politico em todas suas acçoens.*

74 **N**A arvoe das virtudes tem cada hum dos vicios collateraes, donde evidentemente se colhe, que a virtude he o meyo entre dous extremos viciosos. A Rectidaõ do entendimento he quem consulta o bem, que todo está em correr áquelle meyo, e fugir dos seus lados. E porque estas virtudes, e os seus extremos nos haõ de dar materia para as idéas Politicas deste volume, as expomos em hum Capitulo.

(22) *Nimis honorati sunt amici tui.* Pf. 138.

*Para consultar o bem, he necessario, que o entendimento concorra com a Rectidão.*

**A**S virtudes, e extremos são a *Prudencia* entre a *Imprudencia*, e a *Astucia*. A *Justiça* com a *Injustiça* do mais, e *Injustiça* do menos. *Fortaleza*, *Covardia*, e *Temeridade*. *Temperança*, *Estupidade*, e *Intemperança*. *Liberalidade*, *Avareza*, e *Prodigalidade*. *Magnificencia*, *Parvificencia*, e *Ultradecencia*. *Modestia*, *Incuria*, e *Ambição*. *Magnanimidade*, *Pufilanimidade*, e *Soberba*. *Mansidão*, *Insensibilidade*, e *Ira*. *Veracidade*, *Picção*, e *Arrogancia*. *Eutrapelia*, *Rusticidade*, e *Escurrilidade*. *Affabilidade*, *Adulação*, e *Contradicencia*. *Verecundia*, *Encolhimento*, e *Desaforo*. E a *Indignação* entre a *Inveja*, e *Malevolencia*. Nesta visinhança da virtude com os vicios he grande o risco de tropeçar nos extremos, passando de salto a virtude, que consiste no meyo. Entre vinte e oito vicios se misturão quatorze virtudes. E como não haverá viciosos em dobro, se os vicios são dobrados! A *Rectidão do Entendimento* livrará o Politico dos perigosos extremos.

75 Para as açoens humanas serem perfeitamente reguladas, haõ de seguir os dictames do entendimento recto, e conhecimento pratico das cousas, que naturalmente devemos obrar. (1) A rectidão dos actos humanos he huma conformidade com a ley eterna, ou eterno dictame do Entendimento Divino, que he razão objectiva, medida, e regra de toda a santidade. A rectidão he o contrario do mal, (2) e não havendo meyo entre o máo, e o bom, não póde obrar este quem se desviar dos dictames, que propoem a  
recta

(1) *Plat. de nat. nom.* (2) *Arist. Rhet. 1.*

recta intenção. O homem perfeito governa-se pelos dictames da razão sempre fiel, e esta só se conforma com a rectidão. (3) Pelas operaçoens do entendimento se assemelha o homem a Deos; (4) e Deos, como summa razão, em todas as suas obras he rectissimo: e assim como Deos póde fazer tudo, o homem recto sabe obrar em todas as cousas. (5) Daqui resultaõ huns habitos taõ inclinados sempre para o melhor, que nenhuma acção indigna pratica o homem com vontade deliberada, (6) aconselhando-se, em todos os casos, com a razão, como prudente directora das acçoens humanas. (7)

76 Huma das primeiras circumstancias, que considero nas operaçoens do homem, he serem, em muita parte, conformes á intenção, que influe nelle para obrar. Acerta o tiro quem aponta bem o alvo. Veja o homem aonde poem o ponto, e esteja á mira da sua intenção. Já não he necessario, que os homens olhem por si para se conhecerem. Na cara da intenção, que passou para os rostos, trazem escritos os nomes. O aspecto de hum hypocrita parece fyssionomia de hum Santo, e as obras externas, que pratica, são santissimas. Que formosa pintura he a de hum destes retratados! Porém reparay com que fim sahem á luz estas efcuras sombras, confundidas entre as cores do mais verdadeiro original. Com esta industria se grangea a boa opiniaõ, o louvor da santidade, a aura popular da estimação; metem-se pelos olhos os merecimentos para os cargos; fazem suppor requisitos para os mandos; reputaõ-se por infalliveis, e canonizadas as virtudes para as Dignidades; e ganhada a introducção, com

(3) *Arist. in Eth.* (4) *Diog. Laert. l. 7.* (5) *Arist. Eth. 4.* (6) *Idem vi.* (7) *Idem Eth. 2.*

com quem os entronize sobre a roda da fortuna, sem que esta dê hum gyro, vemos pessoas authorizadas com coroas postas nos vicios. Quanto ha disto pelo mundo! Ouvi a hum pretendente fallar no Ministro, ou Valido, de quem espera a mediação para o bom despacho. Nestor em sua comparação não he prudente; o mais prodigo nem sombras tem de liberal; a affabilidade, a Politica, a promptidão de despachar, o desinteresse, o zelo do serviço do Principe, tudo são portentos nunca vistos, nem ouvidos. Ora esperay hum pouco; deixay que se acabe a pretensão, e que se não consiga a mercê; vereis perder esse Ministro quanto tinha de bom, e entrarem a descobrir-se-lhe muitas circumstancias más. Os effectos, e affectos dão a conhecer as intenções. Quando David faz morrer Urias para encobrir o adulterio, quem o ha de livrar de homicida? Quando Phinees tira a vida ao Israelita por zelo da honra de Deos, quem lhe ha de negar ser virtuoso? Adorne-se Jesebel para agradar a Jehu, que todos a conhecem por lasciva. Enfeite-se Judith para parecer bem a Holofernes, e com animo de livrar a patria, que bem sabemos, e a veneramos por casta Heroína. Deixem Tigilino, e Petronio de ser modestos, que não ignora o mundo, ser esse o meyo necessario para subirem á graça de Nero.

77 O Politico bem intencionado em todos os successos he hum, e nunca muitos. Como homens de hum só rosto, não são Janos, que mudem caras. Inalteravel foy Job em todos os acontecimentos; porque era immutavel a sua rectidão. (8) Este grande homem deve ser o exemplar de todos os homens grandes. Para gozar a fortuna, e soffrer a desgraça, para possuir

o em-

(8) Job. cap. I.

o emprego, e largar a Dignidade, para adquirir as riquezas, e perder o cabedal, não deve o Politico tirar a publico mais que huma só cara; porque assim mostrará na sua rectidão o heroico da sabedoria. A's mudanças da Lua se comparaõ os ignorantes, (9) que como taes, não pôdem ser bem intencionados. Estes para luzirem, haõ de mudar os aspectos pelas influencias. Observemos tantos Cenocéfalos humanos pendentes da luz das inconstancias, e veremos, que novos nos luzimentos, crescendo nos resplandores, no ultimo augmento das luzes, e nos minguentes de tantos mentidos reflexos, sempre saõ ignorantes em qualquer estado, que pareçaõ Luas. Haverá mudanças no monstruoso luzir: porém sempre saõ os mesmos na monstruosidade de ignorar. Se obrassem com outra intenção, ainda que fossem simples, seriaõ santos; porque a simplicidade da rectidão he a mayor sabedoria.

78 Não muda o coração heroico de intenção com a variedade dos accasos. Nos trabalhos de perseguido, e nas delicias de soberano sempre foy hum o coração de David. Com a mesma alegria, com que Abraham levantava o braço para matar o filho, descarregou depois o golpe no Cordeiro. Com animo inalteravel recebeu Philippe II. as duas oppostas noticias da famosa victoria de Lepanto, e fatal perda da Armada de Inglaterra. Consolou-se El Rey Dom João II. na lastimosa morte de seu filho unico o Principe Dom Affonso; porque conhecia no seu genio, que não era para Rey de Portuguezes. Todos os Fados impera quem se governa pela rectidão. (10) Aquelle celebre gentio Pericles foy hum dos homens mais conformes com a  
 razaõ,

(9) *Stultus ut Luna mutatur. Ecol. cap. 27.* (10) *Senec. Epist. 37.*



razaõ, que teve o mundo. (11) Para os louvores, e improperios compunha o seu rosto ao espelho da rectidaõ. Ameaçar Euclides de morte he facilitar-lhe a immortalidade. Ordinariamente vem á cara as paixoes do coraçãõ; mas quando este anda direito, naõ ha affectos, que se inclinem, nem inclinaçoens, que se conheçaõ. Admira-se Xantipes de que Socrates se recolhe para casa com o mesmo semblante, com que sahio della. Naõ ha encontros, que perturbem, a quem naõ anda torcido no passieyo. Quando a Cataõ lhe fazem injurias pelo que obra, entãõ se diverte com jogos; porque sabe, que obrou bem. (12) A segurança da consciencia he imperturbavel Olimpo. Mande Lisimaco levantar a forca aos olhos de Theodoro, que elle com gosto lhe offerece a garganta; porque lhe naõ dem garrote á rectidaõ. (13) Ser hum homem senhor de si, he a sua mayor soberania. Triunfar dos proprios affectos val mais, que vencer gigantes. Arrastar a verdade pela praça das inclinaçoens he infamia de hum illustre. As lisfonjas naõ tem lugar em huma lingua honrada. Quem lhe faltaõ os merecimentos para o despacho, deixe-se de pretender com corteziãs. Se os pés se arrojaõ muito, tem o perigo de escorregar. Abaixar a cabeça com violencia, he chamar mortes, ou lançadas. Tudo o he para a opiniaõ, quando o coraçãõ se deixa atacar da maligna febre de huma adulaçaõ infame.

79 Muitos perigos tem as amizades; porque sãõ raros os verdadeiros amigos. Acabaraõ-se os seculos dos Jonathas, e Davis, dos Pilades, e Orestes, dos Brutos, e Lucilos, dos Hercules, e Theseos; e outros,

(11) D. Bassi. Hom. 24. de legend. 1. Gen. (12) Senec. Epist. 104.

(13) Tull. 1. Tusculan. Brigidol. 2. cap. 12.

tros, que referem as historias. Basta hum amigo mal intencionado, para se inclinar a reſcidaõ. A amizade he hum vinculo de amor de benevolencia, fundado em razaõ, e virtude. Na lastima dos presentes seculos de-raõ volta com o tempo os constitutivos da amizade. Rarissima se enccntrará no mundo, que não seja huma dissoluçaõ do amor fundada em malevolencia, em vicios, e semrazoens. Ama-se o chamado amigo por conveniencia, e sensualidade, e se não concorre para ella, não he homem de boa feiçaõ; porque arranca a arvõre predicamental da amizade. Haveis de demaſiavos na temperança, ou sois estúpido: se os não acompanhais na escurrilidade, fereis sério: se lhe deixais os lados, quando entraõ nas casas de Venus, sois timido: se os não imitais na arrogancia, sois dissimulado. Se em tudo vos não vestires das suas cores, não sois homem do seu pano, nem taõ fino, como o das suas boas peças. Grande amizade travaraõ entre si o Emperador Fernando II. e certo Principe Italiano, que viera á Corte pedir-lhe a investidura de hum grande feudo. Vistos os merecimentos, os não tinha o Principe para a mercê. Negou-lha o Emperador. Forte exaccçaõ, que não dá lugar a que se faça favor a hum amigo! Repararaõ os Aulicos na resoluçaõ; e perguntaraõ ao Emperador de que modo havia tratar dalli por diante aquelle Principe? *Do mesmo modo, que atégora, respondeo o Emperador; porque nem eu pela amizade havia faltar á reſcidaõ da justiça; nem elle póde interpretar, que a justiça reſta he falta de amizade.* Neste Regio exemplo aprendaõ os bem intencionados como se haõ de portar com os amigos. Este nome *amizade*, he nome santo: (14) e

OS

(14) Menand. apud Plut. de amit. adulat.

os que por ella obrarem contra a virtude, destroem-lhe o essencial. A situação, em que está o mundo, obriga-nos a seguir o conselho de Aristoteles: Amigos muitos, amigo nenhum. (15) Só mostra que o he verdadeiro, o que não concorre para a petição, e rogo injusto. Aos Discipulos amados se negão as cadeiras, que não deve dar a justiça. Em huma occasião não fez Publio Rutilio certa cousa a hum amigo, que lha pedira. Disse-lhe este como aggravado: *Para que quero eu a vossa amizade, se me negais o que vos peço? E eu para que quero a vossa*, respondeo Rutilio, *se me pedis o que não he justo?* Pôr os olhos na conveniencia he dar as costas a amizade. Dizia Alexandre dos seus dous amigos Cratero, e Efestião, que Cratero era amigo de ElRey; e Efestião de Alexandre. Os amigos da pessoa não lhe pedem, que obre o mal: os da conveniencia amaõ o que lhe he util, seja bem, ou mal obrado.

80 Nenhum respeito humano ha de ser taõ poderoso, que desvie o Politico dos caminhos da intenção recta. Se o illustre he Sol na fidalguia, imite-o em communicar-se. Com todos he o Sol igual, e sempre o mesmo no luzir. Se o apedrejaõ, ou adoraõ, tudo recebe com a mesma igualdade. Em todas as nossas acçoens devemos levar o fim da honestidade. Se o mundo se não der por satisfeito, mais val cahir nas suas linguas, que nas da consciencia. Aquellas cortão sem ferir; e estas ferem sem cortar. He vileza de hum animo illustre esconder no coração, o que não quizera lhe viesse á lingua. Sujeitar a fidalguia á dependencia, he fazer escrava a liberdade da honra. Incline-se aos merecimentos, e não se curve pelas mercês. Se estas

E 2

lhe

lhe faltarem, mais val merecellas, que acquirillas com ignominiosas genuflexoens. Nos Templos, aonde a Fortuna colloca os seus idolos, entraõ a orar muitos, que no seu coração, não só se sentem por superiores a todos os homens, mas iguaes ás divindades, e com entranhas de Fariseos confessaõ rendimentos de Publicanos. Não duvidaõ chorar miserias, se dalli aguardaõ farturas. Saõ irmãos de Joseph no Egypto, que pedem o remedio da vida a quem quizeraõ áar a morte em Canaan: Se esperaõ, que lhe dem a mão para subir, cravaõ o joelho no chão até se enterrar. O que ha no mundo de adoraçoens Farisaicas! Os adorados se desejaõ crucificar: o ponto era haver quem lhos entregasse á sua vontade, veriamos como as boas vontades se satisfaziaõ. Esta casta de gente não deixa de meter a lança por andar cega, mas por ser bem vista. Oh terribilidade dos tempos! Que pize hum Politico a honra para que lhe levantem os vicios! Aquella real estrada algum dia tão seguida, tem hoje muito de trilhada. Em quanto os valerosos Portuguezes foraõ ás partes mais remotas do mundo levados do zelo da Religiaõ, da honra do Principe, da gloria da nação, e sua, fizeraõ-se respeitados das gentes, temidos no mundo, venturosos os Principes, felice o Imperio, e elles Heroes. Mudou-se a intenção, e a fortuna. A lastimosa decadencia do nome Portuguez nas partes aonde era ouvido com veneração, e espanto, dá a conhecer o modo, porque hoje se obra. Lá vay hum particular enriquecer com o governo, sem fazer caso das extorçoens do commum. A honra da Patria he a propria conveniencia; a gloria do Principe roubar-lhe a fazenda; e da honra da pessoa não fazer cabedal. Depois que entrou no mundo a maldita fome do  
ouro,

ouro, tudo se sacrifica nos abominaveis altares da cubiça. Porém o Politico verdadeiro não deve torcer a sua rectidão por nenhum fim particular. Traga diante dos olhos a honra de obrar bem, que he o melhor premio da virtude.

## C A P I T U L O V.

*Do meyo da virtude, e como ha de o Politico achar este meyo.*

81 **A** Virtude he o meyo entre dous extremos viciosos: porém entre a virtude, e o vicio não ha meyo. Esta he a difficuldade grande do mayor bem; porque sendo infinitos os modos de adquirir os vicios, a virtude se consegue de hum só modo. A ella se avizinha quem se chega ao meyo; (1) e della foge quem d'elle se desvia. Perguntando-se a Socrates: que cousa era a virtude, respondeo: *Nada de mais*. Devera tambem dizer: Nada de menos; porque assim como o demais he vicio, o de menos não póde ser virtude. Na mediocridade está o optimo das acçoens humanas. (2) Em acautelar os lados se allegura o caminho. (3) Muitas vezes se vem no mundo venerados por grandes virtudes os mayores vicios. O ignorante Claudio teve estimaçoens de prudente, e conheceo-se tarde quem elle era. A temeridade afortunada de Alexandre foy respeitada pela mayor valentia.

82 O meyo da virtude, deixando as muitas definiçoens, que lhe dão os Filosophos, he obrar sempre o que for *razoavel*. Sem o dictame da razão, não se póde

(1) *Arist. Polit. 4.* (2) *Idem 1. offic.* (3) *Ovid. 2. Metam.*

de obrar virtuosamente. Elle he a guia do caminho das virtudes, que sempre lhe foge dos extremos. Só os vicios, ou a loucura constringem o homem a obrar contra a razaõ; e com a perda do entendimento faltaõ os acertos do seu uso. (4) Proporciona-se a razaõ com os sujeitos; porque todos os homens a não tem igual. O ponto está em que cada hum conheça o que sabe, e obre como conhece. (5) Esta he a liberdade do homem, que serve á razaõ; (6) porque sendo relativa ás pessoas, e não aos extremos, cada hum com a sua razaõ póde ter o gozo da liberdade. O seu governo faz o homem soberano; tudo impera, e sobre tudo manda; porque elle só he o livre, e o senhor. (7) O patrimonio do mundo deixa-o o pay ao filho; (8) e o da razaõ deu-o Deos ao homem, para que governando-se pelo seu dom obrasse sempre o bem. A nossa vida he da razaõ, e não dos affectos. (9) Na sua carreira haviamos imitar, se fosse possível, o curso do Sol. Na indivisivel linha da Ecliptica nunca o Sol sóbe ás estrellas Boreaes, nem desce ás Austraes. Os outros Planetas, como errantes, já se levantaõ ao pólo mais elevado, ou se abysmaõ no inferior, sem se firmarem no meyo. Em contraposição destas estrellas, se dá ao virtuoso o nome de fixa no hemisferio da eterna razaõ.

83 A moderação taõ necessaria a todos os homens, õ he muito mais aos Principes, e principaes homens: estes no que gastaõ, e aquelles no que daõ. Distribuir grandes honras por pessoas, que pouco as merecem, he peccar o Principe no mais; e no muito, que dá, fazer da pessoa menos. O cothurno de Alcides não se ajusta ao pé de hum pigmeo. Dentro delle se escond

de

(4) *Arist. I. hys. 8.* (5) *Idem Post. 1.* (6) *Plut. de profan.* (7) *Sen. Epist. 37. & Pj.* (8) *Cic. 3. de nat. Deor.* (9) *In Hist. Sac.*

de todo, e fica menos do que era. Até então via-se no pigmeo hum homem; agora nem homem, nem pigmeo, mas o cothurno de hum monstro. Estas pelles de leoens, em quem o não he por natureza, fervem de irrisão á sagacidade de qualquer raposa. (10) Chover muitos benefícios, quando o trigo nasce, he afogallo: bastará rociallo para que cresça. As mãos dos Principes são as que recebem mais sinaes de paz: porém se derem muito de graça, faltando ao que devem de justiça, não podem deixar de ser aborrecidas. As mercês repartidas com moderação, e correspondentes aos merecimentos, além de mostrar-se o Principe justo, tapa as bocas da inveja, que mora de assento nas Cortes. (11) Pedir a Alexandre huma mercê, e dar huma Cidade, fim o faz como Alexandre; mas tambem como injusto. Quem a merecesse mais, e tivesse menos, havia invejar o muito. Este máo vicio he companheiro da gloria. (12) Levantar a huns, que valem pouco, e não penetraão nada, he desafiar as altas vozes dos que valeraão, e prestaraão muito.

84 Tambem há homens, que deixando-se arrastar deste bruto da inveja, poem todos esforços da alma em derrubarem dos lugares, ainda os mais dignos, para que elles, ou os seus os occupem. Em toda a esfera humana ha muitos individuos desta má natureza. Com semelhante gente he necessario huma circunspecção grandissima; porque se lhe parecer conveniente, não só haõ de pôr a muitos Amans nas forcas, e meter os Danieis em lagos, mas se lhes for possivel crucificarão hum Christo. A Neocles, Rey de Chypre, dava o Filosofo Isocrates hum grande conselho.

Escu-

(10) *De asino & vulpe.* (11) *Plaut. in duobus cap. act. 3. scen. 4.*

(12) *Prob. in vita Cabriç.*

Escuta o que dizem os outros, e com que palavras o fazem; procura conhecer, que taes são os dizedores, e quaes os de quem maldizem; porque hoje são grandes as invençoens da inveja, e mentira. (13) Que differa o Filosofo se vira o hoje de agora, e o cotejara com o hoje de entaõ? Ninguem creya o que ouve, se ouve mal. Escute como sagaz, examine como prudente, e resolva como entendido. Acreditar suspeitas he pôr nodoas na reputação. Por ellas, e muito mal fundadas, morreo o fiel Parmeniaõ ás mãos de Alexandre seu intimo amigo: porém o mundo todo lho estranha, como acção indigna do seu Real animo. Aos Belifarios valentes se fazem tirar os olhos; porque ha gente tal, que com industria não ouvida, se quer fazer bem vista, mostrando as pontas das linguas afinadas para os aggravos alheyos. A's de agudas lancetas se haviaõ a estes jarretar as linguas, e arrancar os olhos.

85. O cuidado todo de hum Principe lhe he necessario para moderar os seus affectos. Se a prudencia lhos não governa, desgovernallos ha a vontade. Levanta-se a cauda ao manto Real, para que se veja, que a purpura não anda de rastos. O Principe, que se rende ás paixoens, cativa a soberania. Este defeito o faz companheiro dos meismos, de quem he Rey. Os Principes sim nascem homens: porém como a sua Dignidade he a mayor de todas, deve a virtude levantar-lhe a essencia sobre toda a natureza. A' condição Real nenhuma do mundo se iguala: sujeita ás condiçoens de humana, muda-se lhe a qualidade, ainda que não perca o caracter. Os vicios nunca são magnetes do respeito, e sempre foraõ poderoso iman da desestimação.

Que

(13) *Isac. de reg. orat. 1.*



Que cousa mais horrivel, e iindigna, que ver hum Principe colerico? Em qualquer rosto he medonha esta paixãõ, e no seu aspecto espantosa. Bem o experimentou o Secretario de Philippe II. quando com as mãos do sono, e os sentidos de Morfêo deitou tinta por arêa na carta, que El Rey escrevera. Palavras asperas em hum Principe são vozes de rayo sahidas por boca de trovaõ. Quando a colera o domina, como homem, entãõ perde de reinar como Principe. Quem pinta Jupiter com rayos, esquece-lhe a qualidade. O que pôde castigar não se deve enfurecer. Aos nublados do Ceo se mete de permeyo o Iris. Da esfêra pacifica do throno não chovem tempestades. Qualquer defeito em hum Principe he mancha irreparavel. Se os não puder vencer, trabalhe muito pelos enco-brir.

86 Entre os caminhos mais faceis de chegar ao meyo da virtude, he o primeiro, aliviar o animo do insupportavel pezo dos affectos desordenados, e máos costumes, como sombras, que se oppoem á luz da razaõ, ou natural sinderêsis, que distingue o mal do bem. Não dá virtudes a natureza, mas reparte luzes para se conhecerem. Promulgou leys, e gravou-as nos entendimentos dos que as haviaõ observar. Não pôde o vicio viver com fôcego: na consciencia tem accusador, e no remorso o mais inexoravel verdugo. O entendimento livre sabe o bem, ou mal, que obra. Não pôde ignorar o meyo quem conhece os extremos, e pelo contrario. Desterradas as paixoens, he a consciencia a mais evidente sabedoria, e clara sciencia. Os vapores da terra impedem ao Sol os seus luzimentos. A poeira das paixoens perturba o juizo, para não resplandecer o grande luminar da razaõ. M. is

terrivel supposição fazem os máos habitos ; porque ainda sem paixão arrastão o animo para os extremos.

87 De outra forte se conhece o meyo entre os extremos , que he a prudencia. Ajunta esta á luz da razão documentos externos, e experiencias proprias. Este beneficio não he da natureza , mas adquirido com largo uso, e despeza de trabalho. Grande virtude esta para Principes ; porque he a Princeza das virtudes. (14) Tanto tem o homem de prudente, quanto de bom, e o Principe de optimo. (15) A luz he propria no Sol, e nos Planetas accidente. A todos os homens he a prudencia necessaria ; no Politico, como remedio da natureza, e no Principe, como espirito da vida. Antes de Deos dar a investidura de todos os Estados da terra ao ProtoRey della, convocou hum conselho de prudencia. (16) Dissera eu, que quiz mostrar aos seus substitutos, que toda a sua fórma ha de ser huma prudencial essencia. Com muitos rostos, e olhos a pintaraõ em Jano, e Manasses ; (17) porque para todas as partes, e por todos os tempos vê o que lhe importa, formando das experiencias huma regulada série de acçoens ; porque de todas he arbitra. Em seu proprio lugar o veremos melhor.

88 Ambos os extremos são viciosos, mas differentes ; porque hum he menos monstruoso, como mais semelhançã á virtude. Com ella se parece o extremo do mais, e nem sombras tem suas o do menos. Se fosse honesto desejar o vicio, mais honra merece a astucia, que a imprudencia ; a temeridade, que a cobia ; a prodigalidade, que a avareza, &c. Estes vicios não podem exceder o meyo, sem o igualarem ;

e os

(14) *Diog. Laert. l. 4.* (15) *Plat. de nat. nom.* (16) *Gen. cap. 1.*

(17) *Horat. l. 2. Serm.*

e os defeitos, não podendo chegar á virtude, lhe são muy dissemelhantes. O extremo do menos facilmente se conhece; porque tem muy baixo nascimento. O do mais não se dá a conhecer, tanto pelo que he, como pelo que parece. Este extremo lá dá seus ares a muitos Fidalgos notavelmente extremosos. Parecem o que não são, e o que são ninguém o sabe. Não nos de conhecidos se querem affectar homens de mais. Aos olhos dos ignorantes scintillaõ como Planetas, e fica hum destes fenómenos com os creditos de estrella. Sejaõ todos muito, porque o mais he menos ignominioso, como semelhança do bom; e consolem-se com ter de bons apenas humas semelhanças. Sim he pernicioso, e horrível o extremo do mais; porém não he fervil, e tem muito de difficoso; e hum animo bifarro para se mostrar livre não ha difficuldade, que não atropelle. Destes Politicos sim tem muitos o mundo: porém os do menos são mais numerosos; porque os ignorantes sempre fizerão mayor numero.

89 Nas mesmas obras se conhece o que fugindo cuidadosamente dos extremos, busca a virtude no meyo. A ajustada proporção, com que gyraõ as rodas do discurso movidas com o pezo da razão, se deixa perceber pelo mostrador das accoens externas. O relógio, que dá as horas a tempo, anda ajustado com o Sol: o que repete muita baculada á todas as horas, e fóra de todos os tempos, a nada se ajusta nos seus des-temperados desgovernos. A maneira de obrar he horoscopo, que o homem se levanta á vista de todo o mundo. Qualquer acção tem fim a que se termine; e por elle se alcançaõ os meyo. Não he facil occulta-rem-se os vicios; porque as sombras, que os escondem, se convertem em raios, que os descobrem. Pe-

la vida se conhece a morte , e não menos a morte pela vida. A propriedade do mal he fallar pelas bocas do silencio. O máo cheiro da reputação todo o ar inficiona. Muitas vezes as acçoens de hum homem são os espelhos , que descompoem outro homem. A' vista de Diogenes , quem não conheceo Dionysio? Só os cegos não distinguem o dia da noite. Se a cigarra cantar juntamente com o rouxinol , a quem haõ de os Poetas dar o nome de Orfeo das selvas , e Amfião dos bosques? Huma vida qualificada com testemunhos de horror , e outra com provas de admiração , he impossivel occultarem-se. A huma não lhe val a modestia , e a outra importa pouco a vergonha. Ambas tem vozes , que gritaõ , luzes , e sombras , que af-sombraõ. Huma dá luz ás trevas , que a cercaõ ; e outra faz mais espessa a escuridade , que a cobre.

90 As operaçoens do sabio qualificão de irreprehensivel a sua vida. Facilmente se distingue do ignorante. De palavras , e acçoens se compoem as vidas : com ver , e ouvir conheceremos os homens , e daremos a cada hum o que for seu. Ao primeiro discurso , e acção não sentenciemos as causas. He necessario ver com muito vagar os merecimentos dos autos. Ha homens papagayos , que parecem Ciceros. Em aspectos de Nestores contemplamos retratados a muitos Neros. Esperemos até ver se ajustaõ com tal proporção a serie das suas acçoens ; que nellas se não descubra desigualdade notavel. Aos dizedores demos attenção com paciencia , até ver o alvo , em que desfechaõ as cargas dos seus discursos. As paixoens necessariamente haõ de tomar fogo ; e as inclinaçoens do coração rebentaõ de estalo pela boca. Advirta o Politico a necessidade , que tem de huma grande circunspeccão

pecção nas palavras, e acçoens, como evidencias dos segredos do animo, e bastidores, que se correm ás representações do entendimento

91 Os vicios tem consigo declarada guerra; e cada hum delles he inimigo de si proprio. As virtudes, como são a mesma paz, entre ellas tudo he concordia, e nunca rompem os tratados da razão. Taõ amavel he a virtude, que he impossivel ser aborrecida, nem desagradar-se de si, sendo taõ formosa. Como lhe não falta em que se alimente, não tem termo no crescer. Não tem que temer; porque he inculpavel. Não pôde ter de que lhe peze; porque não obra mal, de que se arrependa; e tendo por fim a felicidade, a nenhum homem pôde ser molesta.

## CAPITULO VI.

### *Das quatro virtudes Cardinaes.*

92 **A**S quatro virtudes, que chamamos Cardinaes, ou Principaes são o precioso esmalte das Coroas, e necessarias a todos os homens para obrar moralmente bem. A *Prudencia* illumina o entendimento: a *Justiça* dirige a vontade: a *Fortaleza* accende o temor: e a *Temperança* modera os desejos. Na parte sensitiva tem o homem duas faculdades, e duas na racional, que todas residem na alma. Irascivel, e Concupiscivel são as primeiras: Entendimento, e Vontade as segundas. A Fortaleza modera a Irascivel, alargando-a, ou supprimindo-a segundo a razão, pelo que pertence ás cousas arduas. A Temperança refrea a Concupiscivel sobre as cousas deleitaveis, conforme os dictames do racional. A Prudencia

dencia illumina o entendimento no que respeita ás cousas, que se haõ de obrar, e dá medidas ás leys, e ley ás virtudes todas. A Justiça modéra a vontade, inclinando a ás cousas justas, que pertencem ao bem alheyo. Estes sãõ os Athlantes, que sustentaõ em pezo a esféra da vida humana; se todos enfraquecerem darãõ com o homem nos abyssos.

¶ 93. Estas quatro virtudes, irmans das outras Moraes, naõ sãõ genericas, mas principaes, difficulas, e mais intimas ao homem. As outras naõ lhe sãõ subditas, mas secundarias. Na ordem da irmandade, por serem mayores, se lhe devem as estimaçoens de morgadas. Dellas pende, naõ só o governo interior do homem, mas o regimen Politico dos Estados. Estas sãõ as quatro partes, de que se compoem o microcosmo, ou mundo pequeno, qual he o homem: os quatro Elementos, que conservaõ a alma, como os humores o corpo: os quatro metaes da estatua, que mettem debaixo dos pés as inclinaçoens do barro: sãõ os quatro viventes, que tiraõ pelo carro da gloria, guiados do espirito da razaõ: (1) sãõ as rodas da carroça, em que arrebatado o justo voa pelas esféras da Divindade. (2) Sãõ os quatro rios, que nascem do Paraizo da alma, como lhe chamou Zoroastres. (3) O Ganges com as correntes, de que se illustra, enriquece as suas prayas com ramos de ouro, e a sua profundidade de preciosas pedras. A Prudencia dá estas luzes á alma, repartindo valor ao entendimento, e viveza ao espirito. A Temperança, qual outro Nilo, banha os campos do Egypto da alma com as fecundas correntes de outras virtudes; submergindo o ardor dos

(1) *Ezeq. cap. 1.* (2) *4. Reg. cap. 2.* (3) *D. Ambrosio. l. Parad. aleg. Phil. p. 39*

deleites, e delicias nos temperados mananciaes, em que os afoga. O Tigres, assim chamado pela rapidez do seu curso, he o melhor symbolo da Fortaleza, que com imperiosa corrente, estupenda constancia, e triunfante estrondo vay prostrando os vicios, que se lhe oppoem, e abyfmando os impedimentos, que a embarçaõ. O Eufrates nas infinitas producçoens, que cria com o seu copioso rego, se compára á Justiça; porque della sahem abundantes seguranças, e innumeravel copia de frutos, com que se fecunda o commercio humano. Varas para os castigos, e flores para os premios, são as producçoens da Justiça, como veremos no Livro seguinte.

POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA.

LIVRO II.  
DA JUSTIÇA, E SEUS EXTREMOS.

CAPITULO I.

*Essencia da Justiça, virtude summamente necessaria aos Principes, e Politicos.*

94 **E**STA he a que no Imperio das virtudes cinge o Real diadema da Magestade, e empunha o Sceptro da Soberania. A grandeza do seu caracter occupa o sublime folio da vontade. O seu poder regula as acçoens externas, attende ao bem commum, e conserva os Reinos, e Imperios. Esta he aquella forte, e tremenda Matrona, taõ venerada da antiga gentildade, que castigava com a espada na maõ os delictos, que pezava com a balança na outra. Esta he a amada dos bons, e temida dos máos, o freyo dos poderosos, a protecção dos pòbres, o amparo das viuyas, o refugio dos orfãos, a reputação do Principe, o muro do Imperio, e o sagrado, que nos assegura do formidavel golpe da espada do Juiz supremo. Este he aquelle habito, que inclina o homem ás cousas justas, a fazellas, e a querer fazellas. He aquella constante, e perpetua vontade de dar a cada hum o que he seu.



95 Em quanto Justiça Legal, e Geral he a que fórma as Leys, ou regras positivas, e publicas da vida civil ordenadas á felicidade da Republica. Esta consiste na virtude; e as Leys as abraçaõ todas, para lançar fóra da Republica os vicios, que se oppoem á felicidade. Em quanto no mundo não houve vicios, não haviaõ leys: com a injustiça nasceo a Jurisprudencia, e foy parto dos vicios a mayor das virtudes.

96 A Equidade, ou Justiça particular, se oppoem á injustiça, que se funda em iniquidade. Tomar alguma cousa em damno alheyo he desigualdade; e como o prejuizo he particular, se lhe dá o nome de injustiça particular, fundada em iniquidade. A Justiça particular, que se funda em Equidade, não toma para si, nem distribue aos outros mais dos bens, ou menos dos males daquillo, que he razão. A Justiça Legal funda-se no Direito, que attende ao bem commum: a Equidade limitada olha ao bem dos particulares. Entre as Leys he arbitra a Epiqueia, e medidora entre huma, e outra, attendendo mais ao intento, que ás palavras do Legislador, e tem por boa ley apartar-se ás vezes das Leys. Modera com a Equidade o rigor da Ley escrita: porque he injuria summa o demasiado rigor: e com a interpretação supre a Epiqueia a brevidade, com que em poucas palavras, se escreviaõ as Leys.

97 Divide-se a Justiça em Distributiva, e Commutativa. Aquella he, a que na distribuiçaõ dos bens do publico, para muitas pessoas, guarda a proporçaõ geometrica, segundo a qualidade do que recebe. Esta he a que observa a igualdade Arithmetica nas commutaçoens, e contratos entre particular, e particular. Ambas estas Justiças daõ com igualdade: porém

a Distribuitiva he com proporção, medindo a qualidade da pessoa, que a recebe. A Commutativa he indivisivel: mede a quantidade da cousa, que se deve. Na Justiça se incluem muitos Direitos; como melhor sabe o Jurisprudente. Ha a pena de Taliaõ, que inventou Radamanto; o Direito Civil, e Natural; o Direito Civil improprio, e Economico; o Direito Paterno, e o que os senhores têm sobre os criados; o Direito Marital, e o que o homem tem sobre si mesmo, os quaes incluiremos neste discurso Politico.

98 A virtude da Justiça he a mais propria dos Principes, e Politicos, que tem mando; porque com rigorosa obrigação devem attender ao bem commum, e ao commodo, honra, e utilidade dos vassallos, e subditos. Porém quantas Justiças ha pelo mundo, e ainda as que deviaõ ser mais exactas, e piedosas, que transformando-se na mayor iniquidade, atropellaõ, e pizaõ os homens, dilaceraõ as honras, e com increveis extorçoens roubaõ os commodos nas fazendas? Muitos povos se podiaõ chorar cadaveres. Não vive o corpo sem alma; não existe a materia sem fórma; nem a Republica se anima sem Justiça. (1) O Reino de Deos vive em summa paz; porque nelle he a Justiça igual. Ha Dominios de homens, e tambem Reinos de Deos, que elles governaõ, aonde não vemos mais que discordias; porque na Justiça tudo saõ desigualdades. Deos, como Juiz recto, não distingue pessoas: (2) nos homens, Juizes torcidos, tudo saõ distincçoens. Se os Ministros saõ tortos, como ha de a Justiça andar direita? Estes fixaõ os olhos para fascinar, e a tudo o que vem, daõ quebranto. Dizia Aristoteles, que sem Justiça era impossivel habitarem-se as Cida-

(1) *Plut.* (2) *Epist. ad Rom. cap. 2.*

Cidades. (3) Em muitas tem feito morada as injustiças, e até as pedras experimentaõ affolaçoens. (4) Choraõ os pequenos, naõ por lhes faltar quem lhes parta o paõ, que pedem, mas porque lhes sobra quem lhes reparta o que tem. Choraõ os caminhos, naõ por desertos, mas porque o muito concurso dos opprimidos, que como victimas da impiedade se trazem arrastando para os sacrificios da cubiça, movem á compaixãõ os mesmos troncos. Outros, que na abundancia das suas casas se nutriaõ com regalo, abraçaõ as immundicias; porque lhes faltã hum bocado de paõ para a boca, depois de addarem tanto tempo com a corda na garganta. E que será, se as pedras do Santuario andarem espalhadas pelos cantos das ruas, lamentando as affolaçoens do seu Templo, em que naõ yem pedra sobre pedra? Oh que depressa lhes faltará humma sede de agua aos que qualquer refrigerio lhes culta hum poço de ouro!

99 A Justiça igual naõ póde deixar de ser respeitada: (5) se tem respeitos, ha de ser aborrecida; se for excessiva, he tyrannia; se com frouxidaõ, arruina; se imprudente, atormenta; se discreta, castiga; a que he recta, conserva; e se de todo falta, destroe. Naõ deixaõ de haver Justiças com estes predicados. Rara he a rectidaõ, que conserve; a discriçaõ, que castigue; e a igualdade, que se respeite. Nos muitos destruidos vemos, que a Justiça falta: na quantidade dos atormentados a canonizamos por imprudente: nas infinitas ruinas lhe conhecemos o frouxo furor, com que se porta: nas monstruosas tyrannias estamos lendo os excessos, com que resolve; e taõ aborrecida a coretejamus, quanto ella tem de inclinada aos respeitos.

A Architas Tarentino advertia seu amigo Platao, que o homem não nascia para si só; porque pela boa razão estava obrigado á patria, parentes, e amigos, para repartir com elles os dotes, que recebera de Deos. (6) Fundado neste principio fallou Cicero mais especificamente dos homens, que tem obrigação de administrar Justiça; porque se aquella obrigação he transcendente a todos, com mais particular vinculo ha de atar aos que em razão da Dignidade tem obrigação de fazer Justiça. (7) Aquella obrigação commua da natureza ainda deixa aos homens alguma parte para si: porém os Principes, e Ministros nada haõ de ser seus; porque todos do povo. Estes são os verdadeiros Melchisedeqes, sem pay, sem mãy, sem genealogia, e ainda sem si. Se o Ministro he Melchisedec Sacerdote, basta-lhe ter pão, que offereça, ainda que o não coma, e não tire para comer. O Mayoral do rebanho não tosquia o vélo.

100 Nas idades de ouro, como tudo era innocencia, não haviaõ leys. A inteireza dos costumes compunha a integridade dos Tribunaes. Depois que no mundo entrou a cegueira dos vicios, sahio á luz a virtude da Justiça tambem cega: porém no equilibrio da sua balança he muy bem vista. A Justiça interior da razão escreveo as primeiras Leys, cuja observancia justifica os sabios. Dar a cada hum o que lhe pertence, he dictame natural, e o fundamento de toda a Justiça. A hum fim tão razoavel, como honesto, se encaminharaõ todas as Leys, com que se fizeraõ celebres os famosos Legisladores. Os de Esparta, Creta, e Corintho as deraõ aos seus tempos, deixando immortaes memorias para os nosos. Licurgo se eternizou nas ima-  
gens

(6) *Plat. l. 6. Epist. 9. ad Arch. Tar.* (7) *Cic. l. 1. Offic.*

gens da sua Justiça. Se Alexandre reprimira a vaidade, e ambição, não se perderia na posteridade as lembranças de muitas Leys justas, e suas. A Trajano fez famoso o estimar mais a gloria da Justiça, que a do triunfo. Todo o lugar, e tempo era de audiencia. Na frente dos exercitos levava Marte em huma mão, e Astréa em outra. A qualquer hora da noite ordenava o Emperador Carlos V. que o acordassem, se a administração da Justiça o requeresse. Bem pôde hum Principe esmaltar a Coroa das pedras preciosas das virtudes todas: porém se lhe faltar o diamante da Justiça, he o diadema ignominia. Os crimes horrendos merecem castigos proporcionados; se o Principe os dissimula, faz-se, como Tiberio, reo da mesma culpa. Os serviços gritão por premios correspondentes; se o Principe os não distribue, merece, como Justiniano, a nota de ingrato, se pôde dar-se nos Principes este vicio, que ainda que caya na pessoa, não querem, que offenda a Magestade.

101 Em toda a occasião não he conveniente ao Principe fiar dos seus Ministros a administração da Justiça. Quando as partes se queixaõ, seja o Principe, como Trajano, Juiz dos seus Juizes. Recusar Justiça aos infelices, faz os Principes desgraçados. Os que sem ella sóbem ao throno, occupaõ-no, mas não o enchem. Entaõ principia a reinar, o que começa a ser justo. Antes da morte acaba o Imperio se espira a justiça. A que he continuada faz o Reino successivo: administrada a tempos, constitue-o instantaneo. Os Romanos subjugarão as naçoens mais valerosas do mundo; porque peleijavaõ com as armas de huma recta, e continuada administração de Justiça: (8) e accrescenta

(8) *Vegec. de re milit. l. 1. cap. 1.*

centa Author mais veneravel, allegando o parecer de Cataõ, (9) que como os Romanos a ninguem aggravação, e a todos faziaõ Justiça, por isso Deos os elegera para Senhores de todos. O Principe, que por si mesmo a executa, domina os coraçoes alheios: se consentir injustiças, não será Senhor dos vassallos proprios. A tyrannia he abominavel em si mesma, e o menos da Justiça faz-se odioso. Haverá Faliscos, que resistão ás forças de hum Camillo; mas reconhecido por justo, os mesmos oppostos se lhe rendem. (10) Mais póde hum Principe com a força da justiça, que com a valentia das armas.

102 Com iguaes, e inferiores se deve guardar verdade nos tratos, e equidade nos contratos. Affectar rectidão, e usar enganos he a mais terrivel peste da Justiça. (11) Na jurisdicção delegada, deixe o Principe obrar o Ministro. Este, como Ceo inferior, ha de gyrrar pelos movimentos do superior, que o leva a pôs si, ainda que lhe não impede o proprio curso. Se houverem clamores, que firaõ o Ceo, páre então a ouvir a alta esféra. Se gritar o pobre, mayor attenção, por isso mesmo que he pobre. A estes fazia justiça de affento hum Rey justissimo. (12) Se quem o opprime he poderoso, incline-se o Principe para a parte do affligido. No juizo justo não se respeitaõ pessoas, olhaõ-se as offensas. (13) A indignação de Deos contra o seu povo foy, porque se não fazia Justiça á viuva desamparada, ao innocente afflicto, e ao pobre necessitado. (14) O Presidente do Areopago de Athenas nos actos de julgar tirava a coroa da cabeça, ainda que fosse

(9) *D. August. de Civit. Dei. l. 5. cap. 12.* (10) *Valer. Maxim. 6. cap. 3.* (11) *Cic. 2. Offic.* (12) *Job. cap. 29.* (13) *Prov. cap. 35.* (14) *Jerem. cap. 5.*

fosse Rey, para mostrar a igualdade, que entã havia ter com todos. (15.) No theatro da Justiça todas as figuras são o mesmo. Acabada a representação da causa, ficará cada hum o que era de antes. A sentença cahe sobre a culpa, e não em cima do reo. Os pleitos movem-os as semrazoens, e não as pessoas. Olhem-se áquellas, como que se não houveraõ estas. No Imperio da China viviaõ enclaustrados os Ministros no tempo dos seus governos. (16) Naquelles seminarios da Justiça entravaõ só os merecimentos dos autos, e nem pelo adro passavaõ os das pessoas. Alli se julgavaõ as causas dos pays, como se fossem de inimigos, e as dos inimigos com a pia afeição das dos pays. Dava-se a razão ás razoens da Justiça, e não se obravaõ semrazoens, pela razão dos affectos.

103 Para gozarem as suas felicidades se fundáraõ os Imperios, edificáraõ os Reinos, e elegeraõ os Principes. (17) Nas balanças daquelle tempo tanto pezava a Justiça do grande, como a do pequeno. Ainda que ao povo se lhe mude o nome de Juizes para o de Reys, não ha mudança na obrigação de julgar a todos igualmente. Os premios, e castigos haõ de distribuirse sem fazer relação aos sujeitos, mas á virtude, ou ao vicio. A huns não falte a pena, nem a outros se demore a paga. (18) A Justiça Distributiva, e Punitiva ha de ajustar-se a todos com proporção: se não se ajusta, não he justa. Os achaques da Republica, ainda que se não curem todos com hum remedio, todos se curaõ. Para soar com harmonia huma cithara, basta que a fira levemente a penna: para o duro metal do sino fazer estrondo, ha de levar golpes de ferro, que  
os

(15) Jul. Pol. l. Onomast. (16) Fern. Mend. Pinto. (17) Cic. a. Offic. (18) Lipsius.

os de pão só se ajustaõ nos tambores. No instrumento da Republica ha cordas taõ finas, que se se a pertaõ com o rigor das Leys, estalaõ. Em muitas occasioens ferá necessario, que a Épiqueia as tempére. As que forem de mayor corpo, como mais grossas, e rusticas, soffrem mayor garrote; porém todas haõ de ter apertos correspondentes, em fórma, que façaõ unísono.

104 Na repartiçaõ das mercês naõ se ouve esta harmonia, porque as vozes dos que as recebem, ordinariamente se desentoaõ. As nossas obras, como nossas, sempre parecem mais estaturadas, se as medimos pela corpulencia das alheyas. Muita igualdade he necessaria na distribuicaõ das mercês. Repartaõ-se com justiça, para se naõ dar pouco. (19) O que o faz, como avarento, furta: se como prodigo, desperdiça. Aqui deve ser a regra Lesbia de diverso metal; porque ha de medir os merecimentos, sem se dobrar. Quando o fizer ás pessoas, tenha sua inclinaçaõ; porém regularmente proporcionada. Dar pouco a quem merece muito, provóca as justas indignaçoes, que quando pouco desenfreaõ as linguas em estirados discursos, ou sem discorrer se estiraõ. Ser mãos rotas para os que estaõ muito inteiros, ou que quando muito faõ fârpas, he desafiar o agradecimento, que ordinariamente naõ costuma haver. Sómente dá com justiça o que reparte com prudencia. (20) Quem assim distribue, se naõ satisfaz o desejo, cumpre com a equidade; e quem recebe, se tem o juizo saõ, nunca se escandaliza. Esta concertada regularidade fará que a Mitra caya em quem tiver cabeça; a Commenda em quem tiver peito; o bastaõ aonde hooverem mãos; e

a ca-

(19) *Symach.* (20) *Tac. l. 1. Ann.*



a cadeira em quem for homem de alento. Assim abre a Justiça as mãos, impedindo, que forceje o braço da afeição. Quando os merecimentos são qualificados, não pôde haver quem murmure de ver, que se pagão dividas. Porém aos premios de affectados serviços não ha quem contenha o odio, e inveja; e ainda que estes effeitos se não justifiquem, a causa delles sempre he justa.

105 Não deve haver prescripção, ou antiguidade contra a memoria do homem famoso. He obrigação do officio, e divida da Magestade renovar com o premio do descendente a lembrança do generoso progenitor. (21) Bem pôde o Principe igualar os ultimos; mas não deve esquecer os primeiros. (22) Os operarios, que trabalham, não haõ de ser preferidos aos que já trabalharaõ. Os ultimos suáraõ huma hora, e os primeiros o dia todo da vida. Estes pegaõ na coroa com hum dedo: os outros sustentáraõ-na, quando inclinada, com todo o corpo, e alma. Os primeiros hiaõ por todo o mundo buscar feridas: os ultimos vaõ conduzir o ouro. Aquelles derramáraõ o sangue para com o seu rego fertilizarem a patria: estes sangraõ as veyas alheyas para recolherem os fructos da sua utilidade. Os que assim se pagaõ, escusaõ mercês: se trabalharem huma hora com desinteresse, e o Principe os igualar aos mais, diga, que o faz porque quer.

106 O que aconselha justiça, ainda que não falle ao gosto, deve ser do gosto do Principe. Primeiro estaõ os dictames do entendimento, que as propostas da vontade. Se o que se adverte for defeito publico, ainda que seja de amigo particular, primeiro está a publicidade do escandalo, que clama se evite, que

conservar a amizade, que importa pouco, que se quebre. Dissimular culpas por esta razão, he fazer proprios os peccados alheios. (23) Os Eforos de Esparta castigavaõ nos pays as culpas dos filhos, tendo-as por effeitos do máo ensino. Os Principes tambem o faõ dos seus vassallos, e os que forem mais amados, haõ de ser os primeiros corregidos. Dissimular os excessos, e extorçoens dos amigos, he dar assumpto ás crises dos juizos desapaixonados. Quem tiver lido as historias veria a notavel exacção da Justiça de muitos Principes executada nas pessoas, que mais amavaõ. A sua propria mulher não perdoou o Emperador Ottaõ III. A Sempronio triunfante chamou Athenas a juizo; porque contra huma Ley subiu ao muro, e defendeo a Cidade de hum perigoso assalto. Promulgou Zeleuco a Ley, em que mandava, que a todos os Locreses adulteros se lhes tirassem os olhos. O primeiro, que incorreo nella, foy seu filho unico, em quem mandava executar a pena. Clamou o Senado ao pay, pedindo-lhe não deixasse cego ao Reino, arrancando-lhe as estrellas Polares das suas esperanças. Porém Zeleuco, que julgava aggravados os olhos da Justiça, não reparou no agravo, que fazia ás meninas dos seus olhos, e ao alvo de todo o Reino, para deixar de lhe vingar a sua offensa. Contra a ordem do Dictador seu pay sahio Manlio a peleijar com intrepido valor. Sahio, peleijou, e venceo. Por delicto taõ glorioso lhe mandou o pay a fõm de caixa cortar a cabeça. Laureado com o triunfo, perdeo a coroa com a vida: chorado, e applaudido teve vivas, e exequias. O cadafalso foy mausoleo, e carroça. Se a Justiça he taõ recta com os filhos triunfantes, como se póde torcer para os amigos escandalosos?

107 Porém nem sempre convém ao Príncipe tomar estes exemplos. Quando as Leys estão em observancia, faça justiça por meyo dos seus Ministros. Quando forem os casos notáveis, ou nos humores do corpo Monárquico se der alteraçãõ grande; como se interessa a alma da Magestade, espiritualize o Príncipe a Justiça com as respiraçoens proprias. Regula-se esta pelos casos, e pelos tempos: o que em huns he Justiça, póde ser em outros crueldade. As circumstancias dos successos são a Epiqueia das Leys. Os crimes de muitos, ainda commettidos contra o Reino, devem perdoarse: os de poucos não se deixem sem castigo, mas prudentemente regulado. Contra os impulsos da sua crueldade mandou Tiberio matar occultamente aquelle escravo de Agrippa, que pelas semelhanças o reputaraõ por seu senhor. A prudencia temperou a justiça, e a dissimulaçãõ, o tumulto. Os animos alterados exasperaõ-se com as atrocidades. Nos peitos generosos tem o temor pouco dominio. Ha de obrar a prudencia com a justiça, para se fazer respeitada. Os delictos pequenos, especialmente em pessoas grandes, devem ser perdoados; porque a prudencia nestes casos, evita casos mayores. Os crimes graves a ninguem se dissimulem. Esta maxima seguiu Agricola, e o fez merecedor de eternos louvores. (24) Castigar crimes grandes para emendar os outros, he piedade: fazer grandes culpas dos delictos leves para lhes dar penas mayores, he tyrannia.

108 Sempre a brandura foy mais poderosa, que o rigor. Com suavidade penetraõ os rayos do Sol, e obrigaõ ao pallegeiro a largar a capa sem violencia. Quanto mais se enfiuree Bolo para lha tirar dos hom-

bros, com mãos, e dentes a assegura, o que não he homem capaz de deixar a capa. Mais facilmente se de-  
poem os máos habitos com a brandura da clemencia,  
que com o exasperado rigor da justiça de mais. Ha  
muitas depravaçoens, que se não leuão á espada.

## C A P I T U L O II.

*Continua-se a mesma matéria.*

109 **D**Eve a Justiça mandar nos Reys, e não  
os Reys na Justiça. Desceo esta do  
Ceo, aonde os Principes não tem poder; porque são  
vassallos daquelle Imperio. Hum Aulico da moda dis-  
se a El Rey Antigono, que aos Principes tudo era jus-  
to, e honesto. (1) Se dissera, que tudo o honesto lhes  
era justo, fallava como racional: porém como quiz  
lisonjear, articulou razoens de bruto com lingua de  
homem. Confundir o justo com o poder, he obrar  
como barbaro. Vay grande differença de ser Rey a ser  
tyranno. Este não conhece ley, que o manda; e  
aquelle só manda o que sabe, que he ley. Não se pó-  
de chamar Principe o que não usa da piedade, para  
abusar do poder da Justiça. (2) Como Senhor absolu-  
to nenhum poder o prende: porém, se se soltar dos  
vinculos da razaõ, não merece o nome de homem,  
quanto mais de Principe. Entaõ reina, quando a equi-  
dade o impéra; porque he Rey de si, e de todos. Om-  
nipotente he Deos, e não póde obrar o injusto. A  
equidade nos Principes he huma eterna participaçãõ  
do ser Divino, e do juizo de Deos. A elle se sujeitaõ  
os que com a razaõ da Justiça se conformaõ. Ou a Jus-  
tiça

(1) *Plut. in Apopk.* (2) *Theodato ap. Cassiod. 10. Ep. 16.*

tiça ha de dominar os Reys, ou estes com difficulda-  
de senhorearão os vassallos. Como elles são os eipe-  
lhos, a que os mais compoem as accoens; será o vas-  
sallo absoluto no seu tanto, se o Príncipe for dispoti-  
co no seu todo.

110 Fazer Leys para se respeitarem, e não respei-  
tar o Rey as Leys, que faz, he ajustar os outros á ra-  
zaõ de homens, e desajustar-se a si das razoens de Rey.  
Quando El Rey Dom João II. prohibio as sedas, e as  
mullas, que eraõ os coches daquelle tempo, nunca  
mais cavalgou nestas, nem vestio aquellas; (3) e po-  
de mais a força do exemplo, que o rigor da Ley. Di-  
zia hum Politico, que os Principes dominavaõ o po-  
vo, e o interesse os mandava a elles. (4) Se assim acon-  
tece, ficaõ de peyor condiçaõ que os vassallos. Servir  
o povo ao Principe he honra sua, e justa honra: obe-  
decer o Principe ao interesse, he indecencia da Ma-  
gestade, e injusta indecencia. Fatigue-se Alexandre  
em sujeitar o mundo ao seu Imperio, e não se desve-  
le em entregar os appetites ao da razaõ: que disse se-  
ri hum Seneca prudente. (5) Em quanto se não vence  
a si, não he Heroe. Por hum desejo executado com  
injustiça, perdeu Acab o Reino, e a vida. (6) Nem  
tudo o que a Magestade póde, deve poder a Magêst-  
tade. O dominio do alvedrio tem a eleiçaõ livre, e o  
soberano dispotico: porém a razaõ sempre está liga-  
da com a Justiça, e a Magestade, e alvedrio prezos  
com a razaõ. Mayor triunfo conseguiu Alexandre,  
quando vencido da formosura da mulher de Dario se  
recobrou, que em desbaratar as armas do mesmo Da-  
rio. Grande foy o de David vencendo muitos mil em  
hum

(3) *Marix na sua vida.* (4) *O Duque de Rohan.* (5) *Epist. 104.*

(6) *Reg. 3. cap. 22.*

hum só gigante : porém mais afrontosa a ignominia de render prisioneira a soberania da Magestade á fraqueza de hum vil appetite. Seguiu-se a este a perda da razaõ , com a injusta morte do innocente , e offendido Urias. Abjura o racional quem se nega a adoraçãõ da Justiça. Se os seus administradores pretendem idolatrias , sejaõ os primeiros , que dobrem o joelho aos seus simulacros.

III. Não poder o injusto , he impotencia omnipotente. Assim pôde Deos , e esta Divina incapacidade de faltar á razaõ he o seu mayor poder. Se o Principe , qual outro Alexandre , entende , que val o mesmo desatar , que cortar o nó gordio , não duvido , que zombe da predicçaõ do vaticinio , mas não ha de escapar á nota de ambicioso. (7) O officio dos Potentados he ser bom para os bons , e máo para os máos. (8) Nada mais pôde o Rey ; e se fizer mais , será ou tyranno , ou injusto. Dar a cada hum o que he seu , constitue a essencia da Justiça. Deve-se o premio á virtude , e castigo ao vicio. Se esta distribuiçãõ se muda , a primeira será injustiça , e a segunda ninguem a livrará de crueldade. Tudo pôde fazer o Principe , como dispotico : porém não pôde , nem deve , como justo , e como Principe.

III. As razoens da Justiça são a razaõ. Nas penas do Avestruz lhe descobrirãõ os Egypcios huma grande semelhança ; porque eraõ iguaes a hum , e outro córte. Por todas as partes he a Justiça igualdade : regula-se pelas conveniencias da razaõ , e nunca pelas razoens da conveniencia. Proclamou o Senado Romano , por digno do Imperio , ao filho de Fabio Maximo. A universal acclamaçãõ do povo se oppoz a authoridade

(7) Curt. l. 3. v. 1. (8) Eurip. in Syleo.

dade do pay; porque julgou ser para a Republica exemplo perigoso, continuar em huma mesma familia aquella grande honra sem interpolação. (9) Foy mais poderosa para com Fabio a inteireza da Justiça, que a relação da paternidade. Quando se mostrou summo Juiz, então deixou ver, que era Maximo. Eis aqui os verdadeiros Heroes, que antepoem o amor da Patria á conveniencia das familias.

113 Não se ha de faltar á administração da Justiça com o pretexto de occupaçoens mayores. He celebre o Apothegma de huma velha, que pediu a Philippe, Rey de Macedonia, lhe fizesse justiça. Desculpou se o Rey com outras occupaçoens; ao que respondeo a velha: *Se me não pódes fazer justiça, não sejas Rey.* (11) A confiança sim foy de mulher, e velha, mas o documento he notavel para Principes. Como tal o tomou o mesmo Philippe; porque não só a despachou a ella, mas a outros pretendentes encanecidos. Entre as heroicas virtudes, que fazem de boa memoria a ElRey Dom Joáo o II. era a de despachar os homens, sem que lho pedissem. Sabia quem eraõ os que o serviaõ, e pagava sem esperar o violento sacrificio do rogo, aonde se soffrem mayores trabalhos, que nas fadigas da campanha. Aconselhavaõ os Medicos a Philippe II. de Hespanha, que suspendesse o despacho, como danoso ás suas muitas queixas. Respondeo o prudente, e justo Rey: *As dores não me tiraõ o dominio, nem me livraõ da precisão, com que sou obrigado a empregarme no bem do publico.* A Justiça não se cultiva para recolherse os frutos, nem evapora algalias para receber perfumes. Consume-se no beneficio commum, sem buscar mais bem, que os bens do

(9) *Valer. Max. de instit. ant.* (11) *Plut. in Mol. Apopt. Reg.*

do povo. As arvores quanto mais altas, sim ficão mais expostas aos ardores do Sol, e inclemencias do tempo; porém fazem mayor sombra. Quem nasce para abrigo dos outros, não repara nas incommodidades proprias. Assim o faziaõ Minos, e Rhadamanto, e mereceraõ, que Plataõ acabasse com louvor o discurso, que principiara com irrisaõ. (12) Os Principes sim tem mayores occupaçoens, que os outros homens; porém a mayor de todas he fazer justiça.

114 É se hum Rey não fazendo justiça, porque não póde, he melhor, que não seja Rey; como se metem a justiceiros os que não sabem? Nas Aulas da ignorancia conhecemos graduados muitos Ministros. A commua inadvertencia lhes dá o nome de Doutores, bastando conhecellos por Bachareis. Quizera reprovar este erro, a não saber, que naquelle nome lhes chamamos nomes. São Doutores por injuria, e della se desagravaõ; porque no seu mesmo juizo, sem juizo, daõ muitos libellos. Ah miseraveis povos! O que tendes de peccados! O mayor castigo de Deos he dar verdugos por Juizes. Em quanto o povo lhe foy fiel, mandava, que se elegessem os varoens nobres, e sabios. Entráraõ os peccados, e logo a governar tyranos. Muitas partes do mundo estaõ no segundo estado. Governãõ varoens, ainda que potentes, não nobres, nem doutos. A sabedoria he inutil, e desnecessaria a nobreza. A pureza do sangue, e a integridade das sciencias, como se fião nos seus pès, não buscaõ homem, e andaõ paralyticos. Os paralyticos da fidalguia, e letras, como não podem andar, buscaõ quem lhes dê a maõ, e trazem os leitos ás costas. Além está huma Mitra, alli o bastaõ, acolá huma Dignidade.

Tudo

(12) *Plat. l. 7. de lege.*



Tudo isto são leitões de paralyticos. Tiverão homem, e já andão dando pulos, os que não podião mover hum pé. Em todo o mundo ha destas monstruosidades, que por muitas já não são milagres.

115 As razoes, que haõ de mover o Politico a procurar os cargos, se os merecer, são as utilidades da Patria, e não as conveniencias da pessoa. Esta ley he da ambição; e aquella a suprema de todas as leys apoyada com o testemunho do mais sabio, e divino Politico. Gozou Christo o poder de julgar o mundo. Tinha merecimentos, não houve mister valias para o despacho. Gove nou-o com effeito, e tanto attendeo ao bem commum, que depois de enriquecer os povos com os immensos thesouros da Omnipotencia, lhes chegou a dar a ultima gota do seu sangue. O sabio gradua as obrigações; porque sabe está primeiro o util do todo, que o da parte, ainda que esta seja sua, ou entre com a sua parte. Mande embora Carthago a Roma o sempre decantado Atilio Regulo, para ajustar o seu resgate com o dos mais Romanos prisioneiros, que elle he o primeiro, que propoem ao Senado as desconveniencias de semelhante ajuste; e obrigado das leys da sua palavra, se restitue á escravidão com a mesma inteireza, com que nella, até á morte, soffreo os mayores tormentos. Os grilhoens de Carthago prendião o corpo de Atilio: porém os vinculos do amor da Patria, ligavão lhe o coração. Não sey se ha destes Regulos no nosso Portugal. Eufureção se os ventos, e levante o mar as ondas até ás estrellas, que o intrepido coração de Antonio Moniz Barreto não espera ventos galernos, e mares bonança para socorrer a Dio. Hum fragata o ha de levar por esses ares; porque o amor da patria não aguarda monçoens.

guem os animos acanhados por temeridade levantar-se com hum Reino debilitado o Restaurador da nossa liberdade, o Senhor Rey Dom João o IV. e accometer o Segundo do nome com seis mil soldados hum exercito formidavel; porque se daquella victoria pendia livrar a Patria de hum terrivel cativeiro, neste aperto ou vencer, ou morrer, tudo he gloria, e tudo justiça. Responda o Oraculo a El Rey Codro, que só perdendo elle a vida, ganharão os seus a batalha; que este coraçaõ heroico, disfarçando no humilde traje a Magestade da pessoa, peleijsa como o mais inutil soldado, expondo aos mayores perigos o preço, porque os seus haviaõ comprar a victoria. (13) Não duvida o braço reparar o golpe, porque se não offenda o corpo. Neste perde-se o todo, e naquelle huma só parte. Morre o Sol para que os Astros resplandeçaõ; e este rendimento he o seu mayor triumpho. Compra com morrer cada dia, o renascer a novas luzes, sem que se lhe dispute a Monarquia no brilhar.

116 De muito importa a summa cautella com os privados, e amigos em razaõ da Justiça do commum. Ordinariamente lhe impedem estes o curso, e fazem torcer a vara á sua rectidaõ. Elles com os Principes mandaõ muito, e as paixoens, e interesses mandaõ tudo nelles. Esperay que Assuero levante hum homem de nada á esfera do seu valimento, vereis este vapor exaltado perturbando hum Imperio todo. Fazer homens de lodo ficou só para Deos. Se elle se pudera enganar, disseramos o fez com Adam. Quiz Deos levantar nesta fabrica huma cousa taõ grande, que mette o mundo debaixo dos pés, e ella o pizou com o seu peccado. Os homens quasi sempre se enganaõ,  
ou

ou os enganaõ ; e em levantar de repente estes lodos , que parecem alguma coufa , he , porque lhes taparaõ os olhos , ou elles os fecharaõ. Em as respiraçoens levantando poeiras , naõ faltaraõ argueiros nos olhos. Até lá no Ceo , que he a summa ordem , bastou verse hum Principe muito grande formado de nada , para entrar o Ceo em huma defordem summa. Todas as monstruosidades aterraõ ; e como se naõ pódem arrancar da vista , olhaõ-se com horror. Dizia o Emperador Sigismundo : De que servem tantos privados favorecidos ? De obrar o Principe semrazoens , de commetter aggravos , naõ imaginados , de romper a ordem da Justiça , de condemnar innocentes , sem serem ouvidos , que he hum genero de barbaridade inaudita. (14) Os Thebanos no lugar dos seus conselhos tinhaõ humas figuras de veneraveis anciãos , sentados em forma de audiencia , e outra no meyo dellas , que fazia a de Presidente com as mãos cortadas , e os olhos vendados. (15) O bom Juiz naõ ha de ver a quem , e por quem julga , nem ter mãos para receber o que lhe derem os julgados. A vista solta a Justiça , e as dadas prendem a liberdade. Esta mesma pintura dibuxou Aleiato nos seus emblemas. E que bella para a terem os Ministros nas salas das audiencias , e gabinetes dos seus despachos !

117 Muito se arrisca a Justiça , se ha olhos de ver , e amigos bem vistos. Em mayores perigos anda fluctuando a Magestade ; porque lança ao mar a soberania. Os privados gozaõ o poder sem caracter , e os Principes reservaõ o caracter sem poder. A Justiça he a vontade do valido ; porque o valido he da vontade

(14) *Æneas Sylv. de dictis Sigismundi Imperat.* (15) *Plut. l. de Orid. & Ofrid. in Moral.*

do Principe. A mayor maravilha, que o Senhor de Escalas vio em Portugal, foy hum homem, que mandava a todos, e ninguem o mandava a elle. (16) Diz Tacito, que todo o privado he cego. (17) Desvanecese-lhe o cerebro na altura, e para quasi todas as resoluçoens lhe falta o lume dos olhos. O Principe sem validos he privado de Deos; porque não reparte o mando, que Deos conserva indiviso. Lá deu huma delegação de poder julgar; porém foy ao Filho: (18) Os mais Ministros são executores. Octavio Celar fazia justiça com mais exacção nos que se tinhaõ por seus mayores amigos; (19) e esta igualdade o fez conservar em paz o mando todo. Raro he o valido, que deixe de tropeçar na pedra do favor, e elles o são de escandalo para os povos. As injustiças forçosamente haõ de occasionar perturbaçoens. Negar as audiencias, demorar os despachos, e fallar com desabrimto ás pessoas, são bocados muy indigestos para o corpo da Republica: por isso ninguem os coze, e os humores se destemperaõ. Cada pretendente, a troco da liberdade, desejava ser Arca do Testamento, que se collocasse nos Templos destes Dagoens.

118 A irregularidade dos validos não só descompoem a harmonia dos membros da Republica, mas desordena aos Principes cabeças suas. Revolvaõ-se as historias, e se encontrarão a cada passo muitos Soberanos louvados de pios, clementes, magnificos, e valerosos, que perderão estas virtudes por causa dos mãos amigos, e inteiramente os arruinaraõ os validos mal intencionados. *Mãos amigos, máo Principe*, dizia o grande Mario. (20) Os que são bons, refreão as  
pai-

(16) ElRey D. Joã o II. (17) Max. Pol. (18) *Omne judicium delit fitio. Joan. cap. 5.* (19) *Suet. in ejus vita cap. 56.* (20) *Cinit. l. 4. de honest. dif. cap. 1.*

paixoens, e os máos exasperaõ o appetite. Os amigos perversos faraõ com que o Principe tyrannize povos justos. (21) Para que os Imperios se conservem florecentes, he necessario, que a Justiça dos Principes tenha amigos muito justos. Assim o disse a Ptolomeo hum sabio. (22)

119 A Justiça he mais formosa, quando a vemos anteposta á amizade. Se o valido affronta o particular, appareça em publico o exemplo da Justiça na execuçaõ do castigo. Por naõ perder a amizade de Aitalo feu valido, desprezou Philippe a queixa, que Pausanias lhe fez do seu agravo. Porém o generoso mancebo ( ainda que insolente ) vendo accrescer á injuria da sua honra a offensa feita á Justiça, tomou satisfacaõ de ambas na pessoa do Principe, tirando-lhe a vida. (23) Estimar mais a amizade voluntaria da pessoa, que a obrigaçaõ rigorosa da Justiça, he arrastar a soberania da Magestade. Os Egypcios á imagem cega desta virtude, (24) lhe collocavaõ no peito huma medalha de safiro, em que estava esculpida a figura da Verdade. (25) O Principe naõ ha de ter olhos, mais que para ver no seu peito a pura verdade da Justiça. Com elles no Ceo julgavaõ os Thebanos. (26) De lá olha ella para a terra, aonde nasce a verdade; (27) e se os homens levantaraõ os olhos para a ver, naõ faltariaõ á verdade nõ julgar. Os Lacedemonios, e Athenienses sentenciavaõ de noite as causas, que viaõ de dia. (28) Queriaõ luz para ver a Justiça, e sombras para naõ conhecer as pessoas. Ter presente o rosto do  
ami-

(21) *Eccl. cap. 7.* (22) *Arrestas de Septuag. interpret. ad Philocratum.* (23) *Just. hist. l. 9.* (24) *Diod. Sicul. l. 2. de fab. Antiq. gest.*  
 (25) *Ælian. de var. hist. l. 14.* (26) *Stob. Serm. 48.* (27) *Psal. 84.*  
 (28) *Alex. ab Alex. l. 3. cap. 5.*

amigo, inclina o affecto: o do inimigo, move a desinclinação; e por qualquer destas paixões se obraõ injustiças.

### C A P I T U L O III.

#### *As dadivas são contagio da Justiça.*

120 **E** Sta poderosa força traz a Justiça de ratos. Dizendo-se a **Filippe de Macedonia**, que certa Praça era incontestavel, respondeo: *E poderá nella entrar hum animal carregado de ouro?* A's batarias deste metal não ha fortaleza, por incontestavel, que se não renda. Roubaõ as dadivas o coração, disse **Ápelles**, quando na cabeceira da cama, em que estava enfermo, achou a bolça, que alli lhe deixára **Agefiláo** escondida. (1) Quem rouba o coração, furta a constancia da vontade, aonde mora a Justiça. *Vi huma Cidade de Reys*, disse **Cineas** a **Pyrro**, porque não havia em toda **Roma** quem abrisse as mãos para me aceitar huma prenda (2) Não dissera tanto **Cineas**, se conhecesse **Roma** no tempo de **Jurgurta**: Comprou este ao Senado a liberdade a pezo de ouro, e sahido dos muros, voltou os olhos á Cidade, e lhe disse com irrisão: *Que depressa te venderias, oh Roma, se tivesses comprador!* (3) Esta desgraça chorou **Petronio** cantando; (4) porque com a Justiça, que he o nervo dos governos, perdeu **Roma** a grandeza do Imperio. As dadivas corrompem o juizo, (5) e sem elle são não ha Justiça recta. Os corpos de ouro tem muitos perigos; porque os seus efflu-  
vios

(1) *Hofnias hist.* (2) *Justin. l. 18.* (3) *Salsustio.* (4) *Venalis populus, venalis curia Patrum.* (5) *1. Reg. cap. 8,*

vios sympathicos chegam a penetrar as almas. Offerecey ouro aos Aroens, velos heis com as bocas cosidas, consentindo adorar bezerros. A si mesmos se vendem os que o fazem á Justiça. (6) Se se puzessem em praça estes vendidos, ou venaes, que de honrados escravos teriaõ as Republicas! Melhor fora tirarlhes a pelle vivos, como a hum Juiz venal mandou fazer hum Rey justo.

121 He omnipotente o ouro; (7) mas prejudicial o seu poder. Ainda que as cadeyas sejaõ de preço, nem por isso deixaõ de prender a liberdade. Que importa chover nas mãos as abundancias deste metal, se entaõ cahem dos dedos, no lodo dos vicios, as memorias da virtude? Saõ as dadivas maliciosas Ceraftes: (8) occultaõ na arêa as garras, e lisonjeaõ com as douradas pontas as innocentes aves, que com a perda da vida choraõ o seu engano. Assim succede a muitos sem ser por innocencia. Outros mais destros lançaõ melhor a maõ, e tudo levaõ na unha, sem haver quem os pilhe. Até os peitos das Divindades se rendiaõ ás fetas de fino ouro. Temia Eneas as ameaças de Juno, e aconselhava-lhe o velho Tiber, que a applicasse com dadivas. (9) Era velho de largas experiencias, aconselhou como prudente, e talvez que como experimentado. Do mesmo usou Deyanira para abrandar o duro peito de Alcides. (10) Com fios de ouro todos os Teseos sahem de labyrinthos. Até o inferno franquea as suas portas a Eneas, quando o vê com hum ramo de ouro na maõ. Muitos condemnados compraõ o resgate com o seu preço, e ficaõ no estado de viadores para merecerem grandes premios. Não duvide

(6) Publ. Mim. (7) Ecel. cap. 10. (8) Solin. cap. 30. (9) Æneid. 8.  
 (10) Tragicus in Furente.

vide entrar nas amenidades dos Elyfios quem deitar ao Caó Cerbero hum bocado. Tal está o tempo, que por hum pedaço de paõ se vendem os guardas da Justiça. Se os gigantes, que querem subir ao Ceo, temem, que Jupiter lhes arroje a escada, firmem-lhe os pés nos montes do Potosi, que não só subirão seguros, mas voarão não arriscados. Os Joves, que intentão render os louros, fulminem rayos dourados, terão as Dafnes sem abrigo. Homens, e Deoses se applicão com dadivas. (11) Tudo obedece a hum rico; porque com hum fio de ouro prende a lebre ao leão. (12) Peleija com lanças de ouro, vencerás tudo, respondeo o Oraculo ao grande Philippe. (13) Não ha lugar forte, que o dinheiro não expugne, sagrado, que não profane, e barbaridade, que não sujeite. Com cadeyas de ouro arrastava Alcides os povos, e naçoens indomitas. Com este presidio seguiu Octaviano o seu Imperio. (14) Todas as razoens da causa perdem a força, se se vê hum artigo dourado. Quem fallar por boca de ouro, ainda que não seja Santo, nem Doutor, ha de com huma palavra emmudecer os Ciceros. Appareção os Embaixadores de Jugurta com as mãos cheyas no Senado Romano, que pouco importa se matem os Hyemsaes, e se obriguem os Aderbaes a largar os Reinos. Até á summa santidade de Christo entende o diabo, que a ha de render, só com lhe mostrar huma apparencia das riquezas. Oh maldita fome do ouro, a que não obrigarás hum peito humano! (15)

122 Recebão os Ministros as mercês dos Príncipes, e não os dons dos particulares. Aquellas são di-  
vidas

- (11) *Munera, crede mihi, placuit hominibus, Deosque, &c. Ouid.*  
 (12) *Lepus Leonē aureo vinculo retētur trahit.* (13) *Sob. Secm. 49.*  
 (14) *Tac. l. 1. Ann.* (15) *Aeneid. 5.*



vidas da Justiça, e estes são roubos contra ella. O Principe tem obrigação de ser dadivoso. Quando Apollo quer coroas de ouro, deve armar-se dos mesmos raios. Se as barras do Brasil andarem nas mãos dos soldados, cada bote das suas lanças será o arremço de huma barra. Montes de difficuldades atropella o valor, quando leva por Cabo a esperança do premio. Se o Velocino de ouro estiver na terra Austral não conhecida, não de haver Argonautas, que a descubrao. Dar fios de ouro á espada he levar segura a victoria, antes de entrar no conflicto. As tempestades do rio da Prata se convertem em maré de rosas. Quem espera navegar no mar pacifico das riquezas, zomba das carancas da Ilha do fogo, nem teme a furia das aguas no estreito de Magalhaens. Se o Principe dá muito, enriquece o Reino. Por miseravel perdeu Galba com a vida o Imperio. (16) Sem haverem premios para as façanhas, não podem prevalecer os Estados, (17) dizia Tullio. Negar a esperança do despojo, he esfriar os desejos do combate. Decahe o valor dos braços, quando se tira das mãos o premio. Arriscar a vida nas batalhas, he buscar nas contingencias da morte os meos para a sua subsistencia. Depois que as turbas se viraõ satisfeitas, quizerão eleger a Christo por seu Rey. Se as aves dão á Aguiã o diadema de Rainha, he porque na repartição das prezas a conhecem mais liberal. (18) O que sobra aos Principes, repartaõ no pelos necessitados, que trabalhaõ. Regeitar mercês de Ptolomeo, he só para os Legados de Roma. Os vassallos andaõ com os olhos nas mãos dos seus Senhores, donde esperaõ os remedios das suas miserias. (19)

Tom. I.

K

Se

(16) Tacit. Ann. 17. (17) Cic. 3. de Nat. Deo. (18) Barthol. Angl. l. 12. cap. 1. (19) Psalm. 122.

Se o Principe não gosta, que o Ministro furte, dê. A fome ha de se matar, e se ella he extrema tudo faz *commum*.

#### CAPITULO IV.

*A Clemencia ha de ser inseparavel da Justiça.*

123

**E** Stas grandes virtudes devem andar germanadas em os Principes, e Ministros. A summa Justiça he rigor, e a demasiada Clemencia frouxidão. Ha de haver Justiça com Clemencia, e Clemencia com Justiça. Busque-se no castigo tal prudencia, que com o menor damno do aggressor se satisfaza o crime, e offensa da Republica. Se a culpa pede vingança, a pessoa grita pela compaixão. O throno do Principe he throno de Clemencia. Jupiter sim tem rayos: porém nas garras de huma Aguia; porque nas mãos da Magestade não se vem instrumentos de castigo. Perde o Principe a essencia de Soberano, quando se esquece de ser clemente. Nos principios do seu governo o foy Nero, e mereceo o nome de homem Principe; quando passou a cruel, reputarão no por fera monstruosa. A Clemencia de Cesar servio de espelho aos Reys de Roma: com ella triunfou do tempo immortalizando a memoria. Os Deoses fizeraõ-se conhecidos por Deoses da Clemencia: por ella foraõ respeitados, e a ella se dirigiaõ todos os votos. Não he o mesmo castigar a culpa, que a pessoa. (1) Ao homem sempre se deve a Clemencia; e a pena só á maldade: porém como esta he inseparavel daquelle, assim a Justiça o deve ser da Clemencia. Não se escandalize

(1) Aristot. apud Diog. l. 4.

dalize Nero de que a sua cabeça alimpe as ruas de Roma, já que a sua crueldade derramou nellas tanto sangue. Nas tragedias da impiedade sempre os tyrannos fizeraõ o ultimo auto: com o proprio sangue vieraõ a lavar o theatro, aonde as representaraõ. Assim como a crueldade he o mais espantoso, e abominavel de todos os vicios; a Clemencia he a mais formosa, e amavel de todas as virtudes. Governe com branda maõ o que quizer ser Principe querido. (2) O Rey, como pay de seus filhos, castiga com piedade. Esta virtude he propria dos Grandes, e esplendor do ser Real. (3)

124 Nenhuma pedra preciosa brilha tanto na Coroa, como o piedoso desejo, com que o Principe intenta livrar da ultima execuçaõ o sentenciado á morte. (4) Assim mostra, que como pay sente a perda do seu filho, ainda que como Juiz lhe seja impossivel reparalla. Perguntado Agefilão, como poderia hum Rey viver seguro, sem mais guardas, que a sua authoridade? Respond o: *Mandando os vassallos, como filhos, com carinho, e amor de pay. O Principe ha de amar a Republica como casa propria*, disse hum discreto. (5) Entaõ vive seguro, como o pay entre seus filhos; porque contra a piedade não toma resoluçoens o atrevimento. Não podem gozar os tyrannos desta paz; porque a crueldade lhes alimenta os receyos, e nos remorsos experimentaõ inexoraveis os verdugos. Não se devem deixar sem pena os crimes grandes; porém nunca os ha de igualar o castigo. Condemnar á morte he o mayor dos males; e atéqui pôde a Justiça: accrescentarlhe circumstancias, não podem deixar de ser crueldades. A morte he o ultimo supplí-

K 2

(2) *Tragicus.* (3) *Plin l. 7. cap. 25.* (4) *Quintil. Decl. 2.* (5) *Marcell. l. 27.*

cio, e pede a razaõ, que se modere o rigor. Se hum homem julga outro como elle, naõ seja cruel á sua mesma natureza. Usar de Clemencia he satisfazer a Justiça com mostras de humano, (6) e imitação do ser Divino. (7)

125 Esta virtude eternizou nas historias as lembranças dos Cesares. O Emperador Rodolfo vendo-se pouco amado no principio do seu governo, por causa da sua muita severidade, mudou de condição, e de fortuna. (8) Adquirio clemente, o que naõ pode conseguir rigoroso. O Imperio das almas he mais nobre, que o dos corpos. Aquelle he patrimonio da Clemencia, e este naõ he segura herança da tyrannia. Aquella fez amados os Reys entre as naçoens, e gloriosas no mundo as suas armas. (9) Tratou o Consul Popelio aos Ligures, depois de vencidos, como escravos. Condemnou o Senado Romano de cruel o seu procedimento; porque a Justiça das armas vencia, e naõ castigava. Assim cativavaõ as almas, os que já eraõ senhores dos corpos. Se a Aguiã de Jove naõ faz sangue com o bico, como ha de o mesmo Jove ensanguentar os rayos? O Rey das Abelhas naõ tem ferraõ, com que moleste. (10) Tanto que os peixes viraõ ao Delfim sem fel, elegeraõ-no por seu Soberano. (11) Os nossos Avós cheyos de fauldade pelos seus clementes Principes, se resolveraõ, com gloriosa temeridade, a facudir hum jugo tyranno, e barbaro entre Christãos. (12) El Rey Dom Affonso de Aragaõ mostrava agradavel semblante a toda a sorte de pessoas,

e di-

(6) D. Petr. Chrys. Serm. 141. (7) Senec. l. de ira. cap. 16. (8) Aeneas Sylv. l. 2. de rebus Alphon. Regis. (9) Anton. à Faustina apud Vulcanium in Cassiod. (10) D. Basil. Homil. 8. (11) Athen. l. 8. Dipw soph. (12) Vide Philippica Portuguezã.

e dizia: *Que assim ganhava as vontades; porque guardando Justiça era amado dos bons, e usando Clemencia bem quisto dos maos.* O clemente vinga com rigor os damnos, que impedem o socego da Republica, (13) e perdoa com facilidade os proprios. Modifica os crimes, que se commetem por acaso, com differença dos de malicia, ou costume. (14) Premea os serviços da Coroa com mercês, e os da pessoa com liberalidades. Honra os bons com os empregos, os virtuosos com as Prelazias, e os sábios com os governos. He Sol, que aquece para fertilizar, e não queima para contumir. (15) Expoem-se a padecer cada dia hum occaso, para que o calor não arruine. Todas as influencias communica, e para si nada reserva. He espelho de Principes, e Principe dos Luminares. Mostra-se mais amigo do commum, que de si mesmo. Quer antes não luzir, que deixar de beneficiar. (16) Com todos reparte luzes, e para si reconcentra raios. Sol entre Principes clementes se mostrou Philippe Rey de Macedonia, ouvindo a atroz injuria, com que o affrontára Demochares Embaixador de Athenas. Pedia o caso vingança, e a Magestade desaggravo: não se alterou o Rey. Voltou para os outros Embaixadores, e lhes disse: *Contay lá o soberbo atrevimento do vosso Demochares.* (17) Filho deste pay foy o grande Alexandre, a quem Dario invejava mais a honra, que tinhã ganhado com a sua Clemencia, que a fama, que deixara das suas victorias. Cada acção de piedade he huma lamina de bronze, aonde se immortaliza a memoria do Principe. O mayor  
dos

(13) Cicer. *1.6. Offic. cap. 1.* (14) Cassiod. *4. variar. 29.* (15) Plut. *ad Princ. in erud.* (16) Tertul. *de occasu, & ortu Sol. in lide. re-ur. cap. 12.* (17) Plut. *in mor. l. Apoptil. Reg.*

dos seus triunfos he refrear , e pôr balizas á soberania.

126 O Principe demasiadamente piedoso será pouco estimado ; e se for todo severo , ha de ser aborrecido. Em dar mostras só de humano , arrisca o respeito : em deixar ver tudoferezas , inhabilita-se ao amor. Entre as sombras de divino haõ de resplandecer as luzes de humano. Bardano , Rey dos Parthos , foy grandemente temido dos seus vassallos ; porém de nenhum amado. Quando quiz conhecer a sua arrogancia , estava morto ás mãos da sua impiedade. O Principe , como pay , e Juiz , deve misturar a aspereza da Justiça com o carinho da paternidade. Conheceo Tiberio , que a Clemencia era a admiração do mundo ; e fez com que atroassem os eccos das suas graças , occultando ao mesmo tempo os impulsos da crueldade. Esta , que era verdadeira , arrojou Tiberio ao Tibre ; e aquella , como fingida , lhe naõ deu lugar no Capitolio. Todos os tyrannos foraõ victimas , que se immoláraõ aos olhos do povo. A impiedade clama vingança contra si mesma. Eternas memorias deve Tito á sua Roma ; porque os Principes clementes saõ as delicias da patria. O soberbo Mausoleo de Scilla , parece , que o mostrava ao mundo por Principe digno de boa memoria : porém os perfumes naõ penetraraõ o monumento. Com elle se enterráraõ as suas lembranças , deixando a todos os seculos o execravel cheiro das suas iniquidades. Em todas as idades se renove a lembrança da piedosa magnanimidade de Germanico , que naõ ha de gastar o tempo o glorioso nome daquelle , a quem naõ pode corromper o coração. Nelle inteiro deu a Roma , depois de morto , o throno , em que na vida reinara o amor dos seus vassallos. Se Deos se mostrasse sensivel aos louvores , veriamos ,  
que

que só lhe agradavaõ os elogios da Clemencia, com tanta mayor razaõ, quanto são nelle continuas as suas operaçoens. Eternidades vive a Clemencia effencialmente unida ao ser Divino. Com ella se fazem os Principes semelhantes a Deos, e immortalizaõ as suas lembranças. O Templo de Augusto arrazallo-ha o poder do tempo: porém a sua memoria está em pé com o mundo. Aquella se renova ao passo, que este se envelhece.

127 Deu a natureza ao homem dous olhos para ver. A Justiça, e Clemencia são os olhos, porque ha de ver o Principe. Repartir premios, e fulminar penas he o seu officio. Nenhuma Politica he mais poderosa para conservar a sociedade humana, que premiar bons, e castigar máos. Por isso disse Democrito não haviaõ mais deidades, que castigo, e premio. (18) Com ellas fructifica a Republica; porque floresce a equidade. Com estas duas azas voa o Principe ás estrellas; e collocado no Olimpo da grandeza, fica inacessivel a todas as calamidades. Rayos, e luzes nos olhos do Principe são promptidaõ, e valor nas mãos, e pés do vassallo. O leão, como Principe na Republica dos bosques, dorme com os olhos abertos. Andaõ em continua vigia, rasgados para o beneficio, e fulminantes para a pena. Astrea, ou o signo de Virgo, está em meyo de Leão, e Libra. Libra traz a equidade sempre em pezo, e a Justiça mora no signo de Leão, casa do Sol. A Justiça, e Clemencia de huma parte poem o merecimento, e a culpa da outra. Nunca se inclina; porque a rectidaõ he o fiel. Se a Justiça fizesse pezo só consigo, talvez que passasse a crueldade. Todos os seus sacrificios se lhe offerceriaõ

nas

nas Aras de Hercules Thebano: (19) tudo sangue para se amassar o lodo, e levantar a Ara. Parece que Juno Olimpia perde o ser de Deidade, quando aceita victimas offerecidas em altar de cinzas. (20) O Principe não fulmina estragos; porque o seu rosto he Iris. Huma só vez se mostrou Deos rigoroso com o mundo, executando nos homens huma geral mortandade. Tanto custou á sua piedade esta execução, que a encareceo com o impossivel da sua dor, e empenhou a divina palavra, com sinaes exteriores, de o não tornar a impellir o seu furor. Oh Deos todo Clemencia! No vosso throno sim está a Justiça em Elias, mas á mão esquerda: a Clemencia em Moysés occupa o melhor lugar. (21) Tanto estimais a piedade, que lhe dais a mão direita por honrada, e no vosso Reino ella só he a valida.

128 Com carinho, e rigor se amansa o bruto. He empreza do elegante Saavedra. (22) Mais se sujeita o potro ao brando affago, que ao ameaçado rigor da vara. A mayor temperança de hum animo augusto he não provar o ultimo extremo da paciencia dos povos. (23) A fama de clemente he o melhor primordio do mando. (24) A benignidade em qualquer Ministro attrahe o amor dos subditos, e exorna a sua pessoa. Esta grande virtude, innata na Serenissima Casa de Bragança, alentou os cahidos animos dos poucos Portuguezes, pondo-se ao lado do Senhor Rey Dom João o IV. sem temor do mayor Potentado da Europa. Cada vassallo será hum leão, se vir que o seu Principe he cordeiro. Esta figura foy proprio geroglyphico do supremo Rey, por quem todos desejaõ dar o

(19) Pausan. in Elia. p. 161. l. 1. (20) Idem in Junonis Ara. (21) Mat. cap. 17. (22) Saav. Emp. 38. (23) Senec. ad Neron. (24) Tac. hist. 4.



fangue, e vidas. Amor, e respeito, como podem andar juntos, obraõ extremos: porém o affecto puro nunca com o temor servil fez uniaõ, que tudo o que executa he forçado. Guarde o Principe o fazerse temer para os inimigos, que dos seus vassallos deve cuidar muito em ser amado. Daquelles sahio Bardano victorioso, e estes triunfáraõ d'elle tirando-lhe a vida. (25) Não aproveita o medo dos inimigos sem o affecto dos vassallos: que importa vencer a Seylla o que se perde em Carybdes? Quando ainda envolto nas mantilhas, advertio o Senado Romano, que para fortalecer o seu Imperio até á robustez de adulto, era necessario inspirarlhe a alma da Clemencia. (26) Com mais facilidade perdoava os aggravos, que castigava as offensas. Até a Ley de Deos escrita em pedras recolhe pouco fructo. Quando quiz reduzir o mundo com efficacia, com o dedo na terra formou os caractéres, para não abrir as letras com aspereza. (27) Lá teve outra occasiaõ, em que foy necessario usar do azorrague da Justiça, (28) e não obstante a gravidade da culpa, temperou o rigor com a piedade; porque merecia o peccado mayor pena. Fazia-se temer, e amar: neste com paternidade, e naquelle com reverencia. Todos eraõ filhos, ainda quando servos.

129 Sustente a maõ do Principe o flagello da Justiça, mas governe as suas execuçoens a piedade. Se o Sceptro houver de inclinar-se para algum dos extremos, melhor he ser summamente piedoso, que justiceiro. A Clemencia fez amados os Octavianos, os Antoninos, os Trajanos, e os Aurelios. Pela demasiada Justiça foraõ aborrecidos os Caligulas, os Ner-

Tom. I.

L

vas,

(25) Tac. l. 11. Ann. (26) Salsst. (27) Journ. cap. 5. (28) Idem. cap. 2.

vas, os Domicianos, e os Neros. Seguirão estes aquella abominavel maxima. Teraõ, ainda que aborreção: (29) e porque se déraõ a temer muito, ainda elles se receáraõ mais. Tantos são os timidos, quantos os que metem medo. Não se póde chamar Rey quem conta tantos vassallos como inimigos. Zombava hum dos de Hespanha dos poucos Portuguezes, com que o nosso sahio á campanha. Advertio-o a Rainha, e advertio-o bem, dizendo: *Vede, Senhor, que aquelles poucos são filhos, e os nossos muitos são vassallos.* Nada teme o Rey, que he pay, ainda que os filhos sejaõ poucos. Muito tem, que temer o que devendo ser pay, só he Rey. Quanto mais se deve recear o que nem he Rey de vassallos, nem pay de filhos, mas o que converteo filhos, e vassallos em inimigos? A brandura gera huns de outros; e a fereza os converte a todos em verdugos. (30) Não pode Agamenon reduzir a Troya, senão queimando-a: porém mostrou nas suas lagrimas, que lhe queria apagar o incendio. (31) Não faltou á Justiça das armas, nem com a Clemencia á Justiça. Ambas cantáraõ triunfos, e ambas plausiveis victorias. Quando temido de huns, ficou Agamenon amado de todos. No dia, em que Aurelio veste a Imperial Toga, não ha homem infeliz. O prezo, e escravo tem liberdade, e todo o afflicto remedio. Pergunte-lhe a inveja, a ignorancia, ou a maldade: porque se dá a todos Aurelio? Que o clemente, e sabio Principe não responde mais, que para todos se darem a Aurelio. Esforce a Potencia Romana o seu furor para se vingar de Perseo: porém advirta, que quando o vir trazer em ferros, se lhe haõ de

(29) *Oderint dum metuant.* (30) *Senec. de Clem.* (31) *Senec. in Troad.*

dê derreter os corações de cera. (32) Combata Alexandre a Dario, como inimigo, que logo lhe assistirá aos funeraes com amor de filho. Dignos do Imperio são ainda os brutos piedosos. Ulysses Telemaco, e Arion lançados ás ondas encontraraõ em hum Delphin a piedade, que lhes negáraõ os homens. Hesiodo morto não lhe deveo menos Clemencia, que aquellos vivos. (33) Affectos tão piedosos lhe deraõ a coroa de Rey dos peixes. Não ha Lisimaco, que tema feridas, se os Alexandres lhas apertaõ com as faxas dos seus Reaes diademas. (34) Quando Mathias Corvino visita os Hospitaes dos enfermos, não ha Soldado, que se não exponha aos golpes do furor, para experimentar os impulsos da piedade do seu Principe. (35) O negrume escuro desfaz-se em aguaceiros furiosos, que levaõ o campo no enxurro. O brando chuveiro da nuvem serena penetra toda a terra, e produz abundancias.

130 O Principe ha de sacramentar o substancial da soberania, para que resplandeçaõ as especies da humanidade. Anime-se o respeito com o affavel, e não o perturbe a Magestade. Quando a Divina se vio humana, não pode estar entre sombras. Vestio-se de neve, sem mostrar-se esquivo; brilhou com rayos, mas de agradavel luz. Quando a Magestade he só Divina lá terá occasião, em que mande observar leys com vozes de trovaõ, e furor de rayo: (36) porém, se juntamente he humana, escreva-as com o sangue proprio, para que se não verta o dos povos; e todo o pezo do seu jugo he a mesma suavidade. Se se não rebuçar a soberania, faltaráõ os agrados á pessoa. Os

L. 2

La-

(32) *Diod. l. 31.* (33) *Paus. apud Pier.* (34) *Quint. Curt.* (35) *Bofin. l. 7.* (36) *Exod. cap. 19.*

Lacedemonios tinhaõ por seu Deos ao Principe affavel. (38) A humanidade de Abfalaõ roubou os coraçoes de Israel. (39) Quando os vassallos vem, e ouvem ao seu Soberano, entaõ sabem, que tem Rey. A fé do ouvido he fõ para os Mysterios da Fé. Quem quer crer hum Rey humano, para o reconhecer Divino, pede, que o deixem ver, e tocar. (40) Quando os moradores de Niza vem no seu Castello ao Principe Manoel Filisberto, tem Deos comfigo, e das ameaças de todo o mundo faz irrisaõ o seu valor. (41) A arrogancia dos Aulicos arrojaraõ os pobres plebeos da presença do Emperador Rodolfo: porém a sua Clemencia a todos chama; porque naõ he Emperador fechado na arca. (42) Por naõ confundir a civilidade do trato com o serio despacho dos negocios, madrugava o Emperador Vespasiano. (43) Com a communicaçãõ affavel fazia Estilicon amigos dos maiores contrarios. (44) Facilitar as audiencias, e naõ demorar os despachos, faz aos Principes mercedores dos eternos applausos de Trajano. A observancia das leys deve ser o seu mayor cuidado; e as que melhor se guardaõ, saõ as que promulga a Clemencia. A offensa das mesmas leys he a mais propria esfera da piedade. Hum dos attributos da essencia Divina, he perdoar sempre: (45) o essencial da Magestade humana ha de ser perdoar muito. Indulgencia, e pena saõ as duas redeas, com que se governa a Republica, e o bruto do povo: se for preciso, que alguma se alargue, seja a que manda a Clemencia. Ha de chegar a piedade aonde naõ alcança o rigor. O braço do Principe

(38) *Plus, de cobibenda ira.* (39) *2. Reg. cap. 15.* (40) *Joan. cap. 20.*  
 (41) *In vita Emman. Filisb.* (42) *Scriban. l. 2. Polit.* (43) *Suet in eo.*  
 (44) *Claudian.* (45) *Cui proprium est misereri semper, &c. ex Eccles.*

cipe he mais comprido, que a espada. Aquelle nunca deixou de recolher frutos beneficiando, e esta cortando nem sempre merece palmas. (46) Saiba o Principe todos os delictos, mas não os castigue todos. Se houver parte, que se queixe da piedade, responda com Claudio Tulianno: *Queixarse-hão as leys da Clemencia, mas a mansidão he a primeira ley do Principe.* (47) Para perigar de justo, antes lançar mão do seguro da Clemencia; dizia Theodorico. (48) Culpas leves, e occultas, hão de ter o perdão facil: ás publicas, e grandes deve-se exemplar castigo. Haverá occasioens, em que baste o arrependimento, que allaz pena he o rogo para hum coração generoso, e illustre. Estes acertados dictames seguia Agricola, como refere Tacito. (49) Nunca o Cirurgião destro corta as partes, que póde remediar. A vida de hum homem he de muito preço: se o lenitivo a preserva, não se deve arriscar com o cauterio.

131 Advirtão os administradores da Justiça o summo cuidado, que devem ter, em que sejaõ raros os castigos. Quando o Juiz firmar a sentença, cuide, que o faz contra si mesmo. Jogando aos dados não se julgaõ as vidas, e fazendas dos homens. Ao escrever a primeira sentença punitiva, exclamou Nero: *Oh quem não soubera escrever, para se não ver obrigado a te firmar!* Clemente animo! Mas que depressa degenerou em cruel alma. O brando zefiro desfaz huma horrivel cerração. Hum inalteravel chuveiro sopea a arrogancia do Oceano colerico. Perde os fios a espada, se sempre anda cortando. O aspecto de hum Fyfico matador ainda aos sãos espanta. He verdade, que  
por

(46) Dizia Philippe II. (47) *Marcel. l. 16.* (48) *Ap. Cassiod. l. 11.*  
(49) *Tacit. in eo.*

por andar metido nos olhos, se lhe perde o medo. Assim acontece ao rigor: o seu mesmo exercicio, quando o faz odioso, lhe destroe a efficacia.

## C A P I T U L O V.

*Na administração da Justiça não ha de entrar ira, ou vingança.*

132 **P**erturba-se o entendimento com a ira, (1) e fica á disposição da vontade cega as acçoens, que devia governar a razão advertida. Se esta vehemente paixão predomina o Ministro, será mayor a pena, que a culpa, (2) e execranda insolencia a que devia ser Justiça recta. Que sentença ha de dar na causa, sendo Juiz, o que nella não pôde ser ouvido, como indifferente? (3) Lançará mão do primeiro effeito da vingança, que he o augmentar a afflicção ao opprimido. (4) Castigará o bom, como delinquente, e deixará incorregido o facinoroso. (5) Muito más conselheiras são estas paixoens! (6) Ainda para o bem só advertem o mal. Por esta razão julgou o grande Seneca ser a vingança indigna de todo o animo Real; (7) porque della resultariaõ nos castigos enormes atrocidades. (8) Hum unico Theodosio teve o mundo, que então era mais clemente, quando se mostrava mais vingativo. (9) Se todos os Juizes tivessem condiçoens de Theodosios, fossem embora amigos da vingança. Os póvos são membros, que tem por cabeça ao Principe: e quando houve alguma taõ má, que

(1) Cicer. 4. Tuscul. (2) Idem 1. Offic. (3) Idem ibi. (4) Idem ibi.  
 (5) Max. l. 3. (6) Salust. in bello Jugurt. (7) Senec de Clem. (8) Id.  
 de ira. l. 1. (9) D. Ambr. in ejus obitu.

que os aborreça, ainda que consinta, que lhos cortem? Nenhum homem ha tão barbaro, se não está louco, que tome vinganças em si mesmo. Além de que, raios de furor não sahem das mãos de Jupiter. (10) Que os prezados de Divindades sejaõ todos fogo, será porque furtáraõ as luzes para queimar como raios. Quem resplandece com propriedade, aqueenta, mas não consome. Se os povos se abrazaõ, he porque os raios de Jupiter não andaõ nas garras das Aguias. Veja o Principe, que luzes accende, para evitar chammas, que devore Saiba, se os seus Ministros saõ incendios, ou luminarias. Se se consomem no beneficio alheyo, e luzem em si mesmas, não lhes falte com o oleo, para que se não apaguem. Se abrazaõ o commum para se satisfazerem a si, ponha-lhes o fogo, para que não estraguem. A impiedade de Nero nunca quiz ver as execuçoens da sua tyrannia: (11) a Clemência do Principe toda ha de ser olhos, para ver a crueldade dos Neros.

133 Com a boa vontade da Justiça se satisfazem as boas vontades. Este he o nome com que se bautiza a vingança. Para ella não ha padrinhos, porque nunca se deixou tocar da piedade. Se os impulsos do furor arrebatãõ, á sua vista haõ de perder as do inferno o ser de Furias. A mão, que devia sustentar a balança, se arremessará á espada. O aspecto veneravel se transformará em medonha carranca, prognostico de lamentaveis tempestades. Encapotar-se-ha a piedade, para que vibre raios a vingança. Meter-se-ha a Justiça no escuro, para que as trovoadas do furor estalem com mais horroroso estampido. O rosto, que a natureza fez preya dos olhos na compaixaõ, mudando-lhe a

rai-

(10) Senec. l. 2. qua. st. natur. 63. (11) Tac. in Agricol.

raiva o exercicio, parecerá nas lavaredas a esfera do fogo. Conjurarse-hão as ameaças; porque antes que afoguem as ondas da colera, se soçobrem os animos com o fulto. Quem he féra nas entranhas, não póde deixar de vestir de tigre o exterior. Este bruto, ainda que generoso, não he Rey dos animaes por vingativo. Cinge o leão a coroa; porque o espanto da sua braveza faz mais espantosa a benignidade da sua Clemenciã. (12) O mesmo he humilhar-se lhe a preza, que abater a arrogancia. Cede o furor á brandura; porque fora affronta da sua soberania descarregar o golpe sobre o que cahio debaixo da mão. Taõ clemente se mostra com o rendido, como soberbo contra o arrogante. Cevar nos coraçõens dos Prometeos condemnados, he exercicio dos Buitres do inferno. Estes Alcides furiosos querem matar os filhos só com ser vistos. (13) Todos os seus ensayos são de Medéa: espada, sangue, e morte, porque em predominando o furor, nem aos mesmos filhos se perdoa. (14) Entaõ se mostra a alma mais inteira, quando he pelas proprias mãos despedaçada. Ah brutos inhumanos! Que por dares morte aos Aruntos, não duvidais cravar depois o mesmo punhal nos vossos coraçõens, se entendeis, que além da morte lhes podeis ir alanceando as almas. (15) Muitos destes escandalos da humanidade occupaõ os Tribunaes do mundo. Que desgraça seria, se tambem os houesse nos thronos! Para as injurias de Deos he bom o furor de Phinees; para os agravos dos homens, não tem lugar a vingança. Aquelle canonizaõ-no as Escrituras; a este abominaõ todas as historias.

(12) *Pier. Hierog. l. 1. cap. de Leo.* (13) *Trag. in Furien.* (14) *Trag. in Medea.* (15) *Flor. l. 1. cap. 10.*



134 O furor de Nero mandou dar a morte á mesma, de quem recebeo a vida. Como vibora venenosa atropellou as piedades do parentesco, para sahir á luz com a mayor impiedade. Estragou os foros da natureza, por não faltar á essencia de tyranno. Em a cegueira da raiva escurecendo a razaõ, nem com o mesmo sangue ha atençaõs. Huma resoluçaõ vingativa a todos os respeitos fecha os olhos. As suas leys tem por inutil a averiguaçaõ da innocencia. Estes impios profanaõ os altares da Justiça com as victimas da maldade. A espada porém, que he de Principe, não corta com dous fios: destronca a vide, e não offende a cepa. A utilidade da Republica recolhe os frutos da Justiça, e não arranca as arvores na vingança. A vinha póda-se para que produza, e não se decepa, para que pereça. Que mal faz ao Nilo eriar Crocodillos, se as suas aguas são savorosas, e fertilissimas?

135 Não he taõ prejudicial a ira do Ministro, como a do Soberano. As avenidas do ribeiro, quando muito movem o cascalho, levaõ a arêa, e afogaõ os que temerarios se lhe arrojaõ: porém as inundaçoens do Tejo arrebatãõ os penhascos, enterraõ as montanhas, tragaõ os Galeoens, e parece, que querem comer o Ceo. Os campos mais viçosos ficãõ páramos desertos, as arvores, ainda que tenhaõ fundas as raizes, ou se arrancaõ, ou se quebraõ, e os edificios mais solidos se arruinaõ. Quando o Principe se enfurece, tudo, o que he grande, se destroe. Os Reys não são lagos da Avernia, que a qualquer leve toque se exalperaõ. Sobre os montes da terra os levantou a natureza, como Olimpos, aonde não chegaõ tempestades. Hum coraçãõ Real he Oceano immenso: he necessario, que haja conjuraçaõ nos ventos, para que

elle vomite espumas. Se todos os rayos cahissem na terra, já estivera abrazada. O Principe ha de desfazer o fogo da colera no ar da escondida respiração. Quando não temer estragos, vomite embora chammias: se houverem de atear incendios, respire zefiros. Os hastilhaços do furor, quando a ira rebenta, tudo o que topão arruinaão, e perde o Principe a gloria de se vencer a si. O elefante gasta muito tempo em se encolerizar. Parece, que cuida no que faz, e discorre no que ha de fazer. He animal generoso, e quer provar o seu valor no soffrimento. O leaõ, como soberano, ainda dá mais lugar á ira. (16) Não sujeita o imperio da liberdade á vil escravidaão de huma vingança. Ainda que Heraclides seja indigno da vida, ao seu Principe Dion parece acção infame, a de mostrar-se ao mundo vingativo. (17) Quando a ira se encontra com a Justiça, antes falte esta, para que se não entenda, que póde mais a colera, que a piedade. Desembainhar a espada para tomar satisfaçoens, he covardia do animo Real. Tirar da lingua para fulminar affrontas, ainda he mayor, e mais vil fraqueza. Advirtaão os Grandes, e os que se prezaão de o ser, se lhe conyem á sua honra desaggravar-se com as mãos da lingua, já que não tem lingua nas mãos. Notou Aristoteles, que os elefantes, a quem a natureza fez grandes na Republica dos bosques (e não sey se por isso os ensinou a andar trombudos, metendo pelos olhos o respeito) tem as linguas taõ pequenas, que mal se alcançaão com a vista. (18) As dos homens illustres, devem ser pelo contrario: linguas, que andem bem vistas nos olhos de todos, e não firaão os ouvidos de ninguem. Trazer

as

(16) *Martial. l. 1.* (17) *Bruson. Contursinus. l. 3. cap. 4.* (18) *Arist. l. 2. de animalibus. cap. 6.*

as espadas na boca he affeminar o cinto da fidalguia, pondo por hum fio a integridade da honra.

136 Se fosse licita a vingança, sempre aos homens grandes era indigna, e sómente honrada a gloria do perdaõ. O grande vingativo mostra-se de peyor condiçaõ, que o pequeno insultuoso; porque este executou, o que aquelle não pode precaver. O que perdoa as offensas movido da piedade, em não se desaggravar podendo, deixa ver, que o não faz, porque não quer; e he taõ honrado este *não quiz*, como vil aquelle *não cuidey*. Hum illustre colerico faz prova de que a sua tranquillidade pende do gosto alheyo; porque a qualquer incidente se altera. Quando a Cataõ lhe pediraõ perdaõ de huma injuria, negou constantemente havella recebido. (19) Foy mayor a grandeza do seu animo em não conhecer a offensa, que seria generosa a facilidade do perdaõ. O coraçãõ humilde, como pequeno charco, ao toque de huma pedra já escuma: o peito generoso, como dilatado mar, muitos furacoens o não inquietaõ. O rustico feixo com hum golpe se quebra: o fino diamante a todos os martellos resiste. Quando Adriano foy elevado ao throno, disse a hum Capitaõ seu inimigo: *Acabaraõ-se os teus sustos; porque a esta esfêra não sobem aggravos.* (20) *El Rey de França não vinga as injurias feitas ao Duque de Orleaens.* Mais sentio Cesar a morte de Cataõ, por se ver privado da gloria de perdoarlhe; que se alegrou com o triunfo, em que o rendeo. (21) Tudo ganha a piedade sem risco, quando a vingança tudo arrisca sem ganho. Com a reputaçãõ anda a vida contingente, a alma pouco segura, sujeita a vontade aos amigos; e ainda com total necessidade

M 2

da

(19) Senec. l. 2. de ira. (20) Mend. in Virid. l. 3. Probl. 6. (31) Pluc.

da mesma pessoa do contrario, para nella tomar vingança. Não he gloria do grande Philippe assolar Cidades, mas edificallas. (22) Se o incendio de Roma he o gosto do tyranno Nero; a honra do piedoso Augusto he deixar renovada de marmores, a que achou Roma de ladrilhos. (23) Os verdadeiros Principes sempre esmaltáráo a Coroa com a Clemencia: os impios tyrannos vestiráo por purpura a vingança.

137 Desdiz muito do effencial de Principe, servir-se dos meýos da Justiça, para satisfazer as offensas da pessoa, que entre as suspeitas de desprezada sempre he a mesma. Se recolhidas as aguas em duas horas de tempo haõ de ficar os campos descubertos como d'antes, para que inundaõ as de Cambaya trinta legoas de terra em duas horas? (24) A mayor vingança do Principe he formar hum generoso desprezo, de quem prezume que o offende. Muito injuriou a Cesar o Tribuno Metello: porém o Emperador no Olimpo da sua grandeza, inacessivel a todo o atrevimento, o desprezou, dizendo: *Não pódes fazer cousa, que mereça a ira de Cesar.* (25) Quando a cabeça está inteira, não sente o grande Constantino, que na sua estatua lhe firaõ a face. (26) O Colosso no cume de hum monte, ou no baixo do valle, sempre he o mesmo. Quem se não ha de rir da vingança, que Cizefonte tomou da sua mula, dando-lhe igual golpe, ao que della recebeo? Não sey qual dos dous tinha o juizo mais racional. A mula fez o que lhe ensinou a natureza, e Cizefonte contra o natural de homem, imitou as aççoens naturaes da mula. A lingua de Nicenor contra Philippe Macedonio. foy como o pé da mula

(22) Plut. (23) Apud Aurel. vict. in eo. (24) PP. Combric. Meteor. tr. 8. cap. 4. (25) Suet. in eo. (26) Plut.

la para Cizefonte. Soube este Príncipe de huma grande enfermidade de Nimacor, e o mandou soccorrer com animo generoso, e maõ liberal. (27) Eleva-se muito a Magestade, quando por vingança faz mercês. O Sol escondia-se ás pedradas dos Egyptcios, porque se não entendesse, que despedia rayos, como vingativo. A colera do Soberano não ha de competir igualdades com o atrevimento dos ignorantes. (28) Quando a hum Rey de Portugal lhe parece, que nas suas costas lhe faltaõ ao respeito, o mais que diz he: *Os Reis não tem avessõ, nem direito.* (29) Assim se corrige a culpa, sem molestar a pessoa. Não se perturba a Magestade, e desaggrava-se a Soberania. O Príncipe cinge a espada por amor das injurias alheyas. El Rey Dom Pedro I. mais justiceiro, que cruel, lançou as mãos ao rosto, quando soube, que ao seu Ministro lhe arrellaraõ as barbas; sentindo mais a affronta do vassallo, que as offensas da pessoa. (30)

138 Todo o Politico, que houver de administrar Justiça, evite nella deixar-se vencer da ira, ou vingança. A injuria, que suppoem, pôde ser impostura ou engano; (31) e ainda que na realidade seja, com a espada da Justiça nenhum honrado se desaggrava. Huma das advertencias, que fazia Livio a seu discipulo o Emperador Theodosio, era: *Que repetisse o alfabeto Grego antes de tomar alguma resolução.* (32) A pausa dá lugar a que socegue o juizo perturbado com a colera. Em quanto arde Troya, veja-se o incendio de longe. Em quanto se corre o touro, não se deix o seguro do palanque. Se ao desbocar do cavallo

(27) *Plut. in Apophit.* (28) *Arist. Epist. ad Alex.* (29) *D. Joã. II.*  
 (30) *Chron. de Port. in ejus vita.* (31) *Senec. l. 2. de ira. cap. 29.* (32) *Aurel. Vict. in vita Theod.*

vallo se perdem os estribos , faõ quasi certas as quedas. O cutello , com que se executavaõ os delinquentes Romanos , levavaõ-no os Liçtores em hum molho de varas muy bem enliado com cordas. Na dilacão de as defatar succedia muitas vezes suspenderse o corte aos fios da vida ; porque se descobria na Justiça a fem-  
 ração. (33) Se ao mesmo Emperador Theodosio naõ esquecera este prudente costume , escusara depois de mandar se executasse aquella horrivel mortandade de Milaõ , pela qual foy excommungado , e lançado da Igreja com o rigor , que a sua crueldade merecia. (34) Ao toque de huma caixa reõrime o soldado o furor da contenda no ardor mais vivo do ataque. Demos lugar á ira , logo poremos as cousas no seu lugar. (35)

## C A P I T U L O VI.

*Extremos da Justiça , e paralelo entre o Politico justo , e injusto.*

139 **A** Vista da clara luz da Justiça , se deixoõ ver com horror as sombras dos seus extremos. As acçoens racionaes , santas , e divinas do Politico justo , mostraõ mais abominaveis , torpes , e brutaes as do injusto. A Deosa Nemefis respeitou a discreta gentildade por Deosa da Justiça. (1) Tinha esta o Imperio do Sol , que he o mais proprio symbolo da equidade ; e com as redeas na maõ reprimia o despenhado orgulho dos soberbos , como em hum dos seus Emblemas a dibuxou Alciato. (2) Junto de Nemefis puzeraõ os Mythologicos a Momo, e sem ração ;

(33) *Plut. l. Probl.* (34) *Niceph. Ecclesiast. Hist. l. 12. cap. 41.* (35) *Da te locum ira. ad Rom. cap. 2.* (1) *Amian. & Marcel.* (2) *Embl. 17.*

zaõ ; porque lhe era deidade opposta , de rustico entendimento , e estragado gosto. De tudo julgava mal, não lhe escapando as obras dos artifices mais primorosos , e ainda as fabricas dos mesmos Deoses ? Constituhia a sua gloria em ser contumaz, opposto ao bom, e injuriador dos Deoses , e homens. O bellissimo touro de Neptuno , o magnifico palacio de Minerva , e o perfeito homem de Vulcano , a que a natureza , e arte não puderaõ achar defeito ; infamou a injusta sentença de Momo , lançando-a sem outra averiguação , que a sua malicia , nem mais conhecimento , que a sua ignorancia. Na propria figura mostrava ao mundo a sua impiedade. Era melancolico, macilento , fraco , e com a vista cravada na terra ; porque nunca no Ceo vio a Justiça. Taõ insupportavel foy aos Deoses , que o arrojaraõ á terra ; porque não móra a insolencia nas alturas. Em eminentes lugares vemos muitos destes Momos , que devendo ser Nemesis no officio , saõ insoffríveis invençoens da tyrannia. Não duvidaõ fazerse Momos , para descomporem nas estupendas obras os Neptunos , os Vulcanos , e as Minervas.

140 O Politico justo levado do habito virtuoso a todas as cousas justas , gosta summamente da equidade. O injusto arrastado do habito vicioso a todas as cousas injustas , se satisfaz extremosamente da iniquidade. Saõ estes , como certo Tegelino , de quem diz Tacito , que nunca pelo caminho da virtude queria o premio della mesma , mas pelo do vicio , ou industria. (3) A's vezes por estes atalhos se sóbe ao cume da grandeza : porém que pouco dura o folio , que se firma sobre a injustiça ! Intentem-se as mortes dos innocentes Nabods , que o rego do sangue justo , ainda  
que

(3) Tac. 1.1. hist.

que as vinhas se defrutem, não fazona os cachos da iniquidade. Seguem estes Politicos a maxima, que dictou o inferno: para alcançar o fim grande, não se ha de reparar na injustiça dos meynos. Não sey se no presente seculo vemos hum grande Potentado do mundo abraçar esta mesma Politica. Ha de abyssmar-se huma grande casa, e seja como for. Falte-se á palavra, estrague-se a Justiça, rompaõ-se os tratados; porque a conveniencia das nossas vastas idéas está primeiro que tudo. Como a sua grandezza he o padrao da nossa ambição, arraze-se o antemural da Christandade, para que cheguem até ao Bosphoro os termos da nossa Monarquia. Segure Herodes a successão de dilatados Reinos, ainda que com barbaridade se derrame o sangue a milhares de innocentes. Se o Ceo não favorece os intentos, valha o poder de Acheronte do inferno. (4) Diga Cesar, que se o Direito da Justiça se ha de romper, seja só para reinar: (5) porém advirta, que ha de reinar morrendo cada dia, com o temor de morrer huma só vez. (6) Nunca viveo segura a impiedade; porque para Reys injustos houve já mãos atrevidas. Ainda o mundo respeita Judiths valerosas, se houverem Holofernes insolentes. Se se não acabáraõ os Sifaras, tambem não morrerãõ as Deboras, e Jaéis. O fragil sexo de huma Dalila traz de rastos pelos cabellos muitos Sanfoens. Quando Deos quer confundir as fortalezas do mundo, escolhe por instrumento o que nos parece mais fraco. (7)

141 Execravel para os povos he o Principe injusto: tanto tem de aborrecido, como o justo de amado. Quando Saul alanceou a David, ganhou este o amor.

(4) Virgil. (5) Eurip. in Phonic. (6) Plut. in eo. (7) I. firma mundi eligit Deus ut confundant fortia. 1. ad Corint. cap. 1.



amor, que perdera aquelle. A injustiça da fragilidade de homem póde ser desculpada na natureza do Principe: porém a iniquidade maliciosa de Principe não lha desculpa a fragil natureza de homem. Em quanto homem, o he o Principe, como os outros; mas em quanto Principe, he homem, como Deos: e assim como Deos não póde deixar de ser justo, o Principe em nenhum caso póde ser injusto. O seu exemplo he muy poderoso: se cooperar para as femraçoens, consente que outrem as faça. Os mares vestem se das cores do Ceo. As aguas ardem, porque os Astros scintilaõ: perturbaõ-se, porque a esfera se inquieta: turvaõ-se, porque o ar se nubla; e estaõ claras, quando o Ceo respira sereno. Não finta Esparta que lhe destrua os seus exercitos a sombra do infeliz Scedavio, já que lhe faltou á justa satisfação da roubada virgindade de suas filhas. Riaõ-se os Eferos das lagrimas, com que em quanto vivo pede Justiça, que depois delle morto sentirão os soldados de Polipida os furores da sua vingança. (8) Se Rodrigo acautelára o injusto amor de Cava, que com cadeyas de ouro lhe prendia o coração, não sujeitára Hespanha ás correntes dos Mahometanos.

142 Na Justiça Legal não tem o Politico justo mais vontade, que a ley, aborrecendo igualmente os vicios todos: O injusto não tem mais ley, que a vontade, professando hum odio geral a todos as virtudes. Quando Lucifer pretende grandezas no Ceo, fenta-se sobre as leys nos montes do Testamento. Se o homem chega a presumir, que com huma injustiça poderá ser divindade, ha de tragar de hum bocado as Leys Divinas. Para lograr o Imperio absoluto, não ha

Tom. I.

N

quem

(8) *Plat. in Narrat. Affuer.*

quem tema a escravidão dos vícios. O injusto traz sempre ao ouvido aquella infame voz *Quando as maldades fructificão, he peccado o obrar bem* (9) Esta infernal Politica só a pôde acreditar o Atheísmo. Ainda aos brutos, feitos da sua vontade, poz a natureza como por ley ao instinto, que muitas vezes os governa contra os impulsos do appetite, buscando o bem, de que pende a sua conservação. Menos, que bruto he o homem, que tem por ley a vontade, com a qual faz honra da ignominia, e reputa o affrontoso por credito da opiniaõ. Para estes tanto importa Venus, como Minerva, Cupido, como Apollo; porque devendo governar o entendimento á vontade, a vontade desgoverna o entendimento. O mesmo he interpretar as leys, que rompellas; ou sempre as rompem, para que nunca as interpretem. Com diverso intento ao de Antisthenes prescinde o injusto das leys. Tinha-as este por desnecessarias; porque para o sabio obrar bem, bastava, que o mandasse a razaõ, e não a ley. (10) O injusto, para fazer tudo contra o que a razaõ ordena, tem por inuteis, e odiosas as leys todas. Este desprezo da sua Justiza he a poderosa Circe, que transforma os Principes em tyrannos. Delle procedem as dismembraçoens, desordens, e ruinas dos Estados; porque tudo se perde, quando impera a injustiza.

143 A civilidade do trato he hum dos preciosos esmaltes do justo. Este nas distribuçoens tem por medida do premio o merecimento das pessoas: O injusto mede os meritos alheios pelo favor proprio. O primeiro antepoem a virtude ao poder: o segundo pospoem a virtude aos vícios. Hum premia a bondade com a pessoa, e outro a maldade do sujeito. Paga-se, como vicio-

(9) *Apud Publ.* (10) *Laert. l. 6. cap. 1.*

vicioso, quem faz merecês aos mal procedidos. Reparemos com attenção nas acçoens do Politico justo. Com a sua lingua honradora engrandece a virtude; reparte liberalmente os premios pelos merecimentos; acode ao virtuoso na afflicção; soccorre-o na necessidade; alivia-o na pena, e faz-se seu companheiro nos trabalhos. Todo he da virtude, e nada de si. Respira aromas nas palavras, abre nas mãos o Potosi, evapora-lhe o rosto affabilidades. Todo brandura no trato, suave para os bons, veneravel para os máos: os seus amigos são os sabios, os domesticos modestos; o seu luxo he a decencia, a sua superfluidade o preciso, e os seus divertimentos a Eutrapelia. Busca sempre o bem verdadeiro, e deidilha-se de amar o apparente. Goza sem sobro as castas delicias da razaõ; despreza as loucuras dos viciosos; segue os poucos sabios, e foge dos muitos ignorantes: vale-se dos males para o bem: serve-se do mundo, sem que o sirva: todos os trabalhos suaviza, e fazendo voluntario o forçoso, sempre he hum em todos os successos. De justiça se lhe deve o titulo de Rey. Quem não paga feudos aos vicios, he soberano Monarca de si-mesmo. Basta obrar bem para ser Rey. (11) Merece a honra da Magestade o Politico eminente na virtude. (12) Nas idades de ouro escolhiaõ-se para Principes os bons. Que importa ser David Pastor, se o seu coração he talhado pelos moldes do de Deos? Desagrado Galba aos Romanos, não porque era máo, mas por não ser bom. (13) A bondade do sujeito sempre he soberania da pessoa; porque se governa pelo estado da razaõ, que he gloria mayor, que a de governarse pelas Razoens de Estado.

144 Vejamos á luz deste retrato as sombras de outra copia, que tem com esta pintura muitos longes. Olhay a civilidade do Politico vicioso, se he que merece este nome. Saõ estes chamados Politicos, como os moradores de Cirra, Villa na costa do golfo de Corintho, a quem respondeo o Oraculo de Apollo, que se queriaõ viver em paz huns com os outros, guerreassem sempre com os vizinhos. Esta gente Politica á moda tambem para gozar o mentido locego dos vicios, declara huma sanguinolenta guerra a todas as virtudes. A sua lingua he espada de dous fios, que corta por todo o bem; porque naõ ha para huma lingua destas nada bom. Saõ flagellos, que penetraõ até aos ossos, e atrevidos vapores, que sobem ao Ceo. Cada impulso do animo he o arremello de hum tigre: a brutalidade dos costumes os risca da jerarquia de humanos: o veneno das acçoens, parece que sahe da essencia de hum dragaõ. Quanto mais intentaõ disfarçar o vicio, naõ o póde malcarar a dissimulaçaõ. O amigo ha de ser dissoluto com o nome de jovial: os espectaculos de Venus haõ de frequentarse por urbanidade, e facecia: gastar com os viciosos de todos os officios, para officialem os vicios todos, he liberalidade: a vaidade, o luxo, e tambem a luxuria, saõ magnanimidades: a insolencia, e temeridade, he valentia; e a arrogancia petulante, generosa confiança. Fogem dos sabios, como de pestes do seu gosto; porque a estes basta-lhes a presumpçaõ de o serem idiotas. Mas já que fazemos justiça, naõ lhe demos o nome, que naõ he seu; conheçaõ-se por idiotas presumidos alguns ignorantissimos de taõ alta esféra, que naõ sabem ajuntar huma duzia de letras para escrever os seus nomes. Ama-se no dissoluto a semelhança da inclinaçaõ;

o cria-

o criado ha de ser arrogante, atrevido, deshonesto, e moço de boas partes. Estas se lhes pagaõ não só com os ordenados, que os outros cobraõ em promessas, mas por cada defordem, que descobrem, se lhes premeya a novidade do invento, ou a nova invenção, que ha de ser todo o seu emprego. Consómem-se os patrimonios nos proffibulos de Venus, nas victimas da gula, nas chocarrices, e bufonerias dos bobos, nos pateos das Comedias, nas salas das Operas, nas Aulas do jogo, e na vaidade do luxo; sem que falem estes entretenimentos á vida, ainda que ella se conserve a poder de roubos, e empenhos. Não se repara no dano da casa, e na injustiça, que se faz aos filhos, com tanto que os vicios estejaõ de viveiro, a que nunca faltará o rego de ouro, ainda que a Jupiter se lhe furtam as chuvas; porque não pôdem cair em casas, que tem tantos aqueductos para a rua.

145 Que infeliz Politico he o injusto vicioso! Na tormenta dos seus mesmos regalos encontra o cachopo da desventura, que o destroe. Perturbado o Ceo da razaõ, até as perolas dos divertimentos saõ escuras. Que importaõ as placidas serenidades, que affecta o rosto, se os nublados do animo saõ espantosas carrancas? Como vos considero prezas as liberdades, oh civis, e injustos Politicos! Sois Camaleoens, que dos affectos, de quem dependeis, dais cores ás librés, quando assistis como subditos ao seu cortejo. Percebo as vossas vozes, como affectados eccos da soberania, quando vos contemplo hypocritas Narcisos das fontes da grandeza. Por seguirdes o passo dos que saõ primeiros moveis, não duvidais confessarvos por Ceos inferiores, quando pretendeis collocarvos sobre as estrellas. Para vos expores á publica censura, não cuidais

dais de examinar o talento, se esperais possuir assim muitas moedas. Perigrinareis fóra da vossa origem, se deste modo conseguireis o credito de illustres. Já a realidade do vosso nativo ser não he adorno: na disputa do que não sois esperais adivinhar, o que fereis. Não vos estimais, como diamantes preciosos para as coroas dos Principes por tirados das minas; esperais, que as mãos alheias vos infundaõ nas luzes, que não tendes, as estimaçoens, que vos faltaõ. Tendes razaõ; porque ás coroas dos Principes não servem diamantes brutos. Se quereis, que nellas vos engastem, mendigay luzes, ainda que vos derretais em oleo; ou para vos pulirem o que tendes de toscos, derramay a muitos cordeiros o sangue. Se o Valido vos perde a inclinaçaõ, considero vos sem abrigo; porque vos falta o amparo da authoridade, que talvez serviria de broquel ás rigorosas inclemencias, e terrives golpes das vossas injustiças. Aqui vos vejo obrigados a consolidar o soffrimento, até que se aniquilem os rayos, que vos fulminaõ. Se esperais, que Jupiter vos chova ouro; haveis endurecer a paciencia para tolerar do seu Apollo hum chuveiro de rayos. O retiro, que o bom Politico busca por modestia, procurais vós com dissimulaçaõ. Aquelle não se iatromete por tímido: vós affectais temores, para poderes ser intrometidos. Aquelle tem segura na morte a veneraçãõ dos Principes devída ás suas obras; e vós sem ellas pretendeis as mercês na vida. As cortezias sim saõ no mundo merecimentos grandes, e pelos serviços dos pés se despacha muita gente. Melhor fora despachar a quem tem mãos. Quantos applausos encontrais, tantas posses tomais da vaidade, para que os ventos da soberba vos soprem os merecimentos, que vos faltaõ; sem ad-

vertires,

vertires, que com huma respiração vos esbulhaõ, e mais não vos fazem violencia. Tapais os vicios com a arte, e se lhe dais alguma emenda instantanea, será porque vos obriga a conveniencia. Com corados primores disfarçais as paixoens não reprimidas; que he huma das notaveis Politicas da malicia, cobrir a sinceridade com a apparencia, para dar alta jerarquia á semrazaõ.

146 Nos contratos commutativos veremos o Politico justo preferir a Justiça á utilidade; ou compre, ou venda, quem faz o preço he a razaõ. O injusto antepoem a conveniencia á Justiça; nas compras furtiva, nas vendas engana, e ordinariamente os seus contratos vem a acabar em pleitos; porque lhe arrasta a razaõ o amor da ganancia. Depositar joyas na mão do justo, he entregallas ao sacrario da Fé: o mesmo, que se deu, se acha. As do injusto são poços de Acheronte: o que nellas cáhe nunca mais se tira. Muitas utilidades tem as riquezas; porém adquiridas por máos meyo, não pôdem parar em bons fins. Buscar o Olimpo do descanso na posse do ouro, he loucura. O uso do ouro não pôde parar no ouro: ha de sahir de si para ser util a seu doño. Mais seguro está o thesouro Real nas mãos dos póvos, que nos cofres dos Principes. Naquellas cresce com o trafego; nestes estanca o inuso. Entaõ se julga Alexandre mais rico, quando paga as muitas dividas dos seus soldados. (14) Por não impor tributos no povo em occasiaõ de huma guerra, mandou Marco Aurelio vender em publica almoeda as alfayas, e guarniçoens do Palacio. (15) Com a moeda da sua fome pagáraõ os Lacedemonios huma divida. Resolveraõ-se a não comer hum dia, para que fosse

(14) *Marlian.* (15) *Idem.*

se desempenho das pessoas, o que nelle haviaõ ser gastos da cosinha. (16) E se haverá hoje Portuguezes taõ economicos, que façaõ outro tanto? He blasfemia Politica só considerallo: ha de se comer, venha da onde, e como vier. Paguem os successores as dividas com aperto, que os Politicos do tempo os naõ soffrem na largueza dos seus estomagos. Haõ de jejuar infinitos, só para que elles comaõ; nem se lhes dará matar muitos de fome, para que a sua fartura tenha sobre posse. Este discurso fizeraõ huns golosos, e quando principiavaõ a abrir as bocas, os tragaraõ as do inferno. (17)

147 O Politico injusto naõ teme cahir na nota de trapaceiro, para descobrir os meynos, com que fomenta as suas torpezas; e porque a opulencia as facilita, se procuraõ as riquezas por todos os meynos. Com que se haõ de adornar os idolos de Venus, se faltarem perolas para os colares; ouro, e diamantes para os brincos, e joyas; as flores, rosicleres, e fitas, de pezo, para a cabeça; as sedas, primaveras, e brocados para as roupas; os gallacés, e veludos para a esquipação dos mais enfeites; os ambares para as mãos; e os galloens, e bordados para os pés? Como haõ de haver copas sem prata; banquetes sem iguarias; Comedias, Operas, Bailes, bufonarias, jogos, coches, cavallos, matillas, e criados sem dinheiro? Pede a Razaõ de Estado, que tudo haja; e importa pouco, que se estrague o estado da razaõ. Rompaõ-se as gargantas dos montes; abraõ-se as minas do Potosi; escalem-se as eminencias dos Olimpos, dos Athlas, e Erimantos, obrigue-se o mar a que vomite perolas; e se ainda

Eneas

(16) *Arist. 2. de Econom.* (17) *Saturabitur in bonis dies suos, in puncto ad inferna descendunt. Job. cap. 21.*



Eneas no inferno tem o ramo de ouro na mão: penetrem-se elles abyfmos; porque não ande abyfmada a vaidade de huma opiniaõ mentida. Abraõ-se com chave de ouro as portas da Babylonia, para que não fique muda a confusaõ dos vicios. Estes Teseos não querem os fios de ouro para fahir dos labyrinthos, mas para mais se intrincarem na espessura das suas sensualidades; Desejaõ as riquezas de Cressõ, para as gastarem como Sardanapalo. Haõ de deixar perecer os Lazaros famintos; porque se alimentem os brutos de seus damnados appetites.

148 Reparta o Principe os governos por estes generos de Politicos, verá, que o justo iguala os crimes dos ricos, e pobres; e que o injusto tem por grandes as faltas dos pequenos, e por pequenos os peccados dos grandes. A huns não permite nada; a outros consente tudo, e só a quem dá perdoa. Roubará com extorfoens os povos innocentes, para premiar escandalosos. Encherá as arcas de roubos, sem que possa matar a fome do ouro. Na hydropefia das riquezas, quanto mais esgotar as fontes, entãõ mostrará a mayor sede. (18) Seraõ chammass vorazes, que com a materia mais se accendem, (19) e consumindo tudo, nada lhes basta. Se esgotarem o Ganges, desejarãõ beber o Ebro: se penetrarem as concavidades do Idapes, habilitar-se-haõ para buzios do Tejo: sorverãõ as perolas do Istro, e tragarãõ de hum bocado todos os thesouros da Lydia. Desejarãõ juntar ambos os Oceanos ao seu mando; e que as veyas do Potofi circulem todos os mineraes nos seus cofres; e com tanta abundancia, ou fartura de ouro, cada vez será mayor

Tom. I.

O

a sua

(18) *Crescit amor numi quantum ipsa pecunia crescit. Ovid.*  
 (19) *Prov. cap. 13.*

a sua fome. Não hayerá causa, que se não vença, officio, que não vá á praça, e mercê, que não ande em leilaõ. Estes Tantalos famelicos estimaõ qualquer moeda baixa; como hum pomo das Hespéridas, se a adquire a injustiça. Eliogabalos insolentes, que para se revolverem no ouro, que os não satisfaz, não duvidaõ confiscar os bens dos innocentes. (20) Morrem, como Midas, na sua fome enterrados em montes de moedas, até que a ira de Deos cançada de soffrer tanta iniquidade os obriga a vomitar as riquezas pelas entranhas. (21)

149 Ainda nas leys demasiadamente rigorosas, ou escuras, não fará o Politico injusto ley natural a Equidade; porque como não conhece a Justiça senão pelos extremos, summamente cruel, ou brando faz interprete da ley á sua mesma paixãõ, e conforme a parte der, verá a qual dos extremos se ha de inclinar. Para o rico interpretará as leys com injustiça de menos, e para o pobre com rigor de mais. Será prezado de tão prudente, como Nestor, usando, ou abusando das leys para os seus latrocínios com a crueldade de Nero.

150 No Direito Familiar não observará o máo Politico mayor equidade, que no Civil. Estimarã a mulher, como se fosse amiga, os filhos menos que os criados; e os criados peyor que os brutos: com estes não tem clemencia, com aquelles caridade, Fé com a mulher, e a nenhum delles amor. Sómente a si se ama, quando na realidade se aborrece; porque totalmente se perverte, sujeitando a razaõ aos appetites, e as paixõens aos sentidos; sem que estas obedeçaõ á vontade, nem a vontade á razaõ; destruindo o governo Monastico, em que consiste toda a felicidade

(20) *Lampríus in eo.* (21) *Jcb. cap. 10.*

dade do microcosmo, e universal Monarquia do homem. Desterra da patria da humanidade o agrado, a fidelidade, a reverencia, e a Religião; porque com a iniquidade da sua mente confusa offusca os Direitos Divino, e Humano, o Civil, o das Gentes, e o da Natureza: sem Religião com Deos, sem obsequio com os Principes, sem reverencia com os mayores, sem fidelidade com os iguaes, e sem agrado com os menores. Oh que abominavel escandalo da natureza humana he hum Politico injusto!

POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA.

LIVRO III.  
DA PRUDENCIA, E SEUS EXTREMOS.

CAPITULO I.

*Da Prudencia em geral.*

151

**H**E esta nobilissima virtude a alma de todas as Moraes, ou a máy das virtudes todas. O seu nome se equivoca com o que chamamos recta razão, sendo essencialmente a mesma cousa. He aquelle habito virtuoso do entendimento, que regula com acerto as acçoens humanas sobre aquellas cousas, que são moralmente boas, ou más. As outras virtudes Moraes residem no appetite regulado; e a Prudencia no entendimento regulador, sendo ella o espirito universal das acçoens do homem. Nas resoluçoens anima o peito, e desafoga a respiração dos infortunios. Diffimula a dor no soffrimento; e na soberania modera a Magestade. Não chora a desgraça na pobreza; porque affugenta a desesperação na calamidade. Para evitar os sustos das contingencias sabe fazer dos acafos prevençoens. Reflecte-os com serenidade, sem olhar a ventura, como forçosa, fazendo os rigores voluntarios, e tratando a precisão como electiva. Muda-se com o tempo, sem ser mudavel: não tem firmes

as permanencias ; porque com a variedade dos casos se illustra nas novidades. Deixa o ser antigo , e com diverso conselho adquire novo ser pela differença das resoluçoens. Todas as obras resplandecem com a sua luz , e até illumina os affectos mais occultos. Consegue o fim de todos os intentos ; porque sabe dispor os meynos com acerto. Não ha difficuldade , que não atropelle , nem lugar inacessivel á sua jurisdicção. A madureza das suas reflexoens he mais poderosa , que a robustez das forças para levar as empresas ao fim. Com este leme se governa a grande náó do discurso , sem que tope no cachopo dos desacertos. Ella he a pedra de toque , que aos metaes das virtudes descobre a estimacção nos quilates. A's vezes se rende , como fraca ; rara vez resiste , e quasi sempre triunfa. Deixa-se governar das casualidades , para vir a ser arbitra da sorte. Tem a luz da razão sempre acceza , amainando nas paixoens os furiosos ventos dos appetites , para que lha não apaguem. Nas casas , em que mora , não ha ruinas ; porque logo acode com os reparos. Ella he a imagem de Apollo , Presidente da sabedoria , a quem os Lacedemonios pintavaõ com quatro orelhas , e outras tantas mãos. (1) A Prudencia , como ouve muito , executa com promptidaõ o que lhe adverte o zelo. Germana de tal sorte todas as virtudes , que tanto tem o homem de prudente , quanto de virtuoso. (2)

152 Entre as virtudes intellectuaes , que saõ : Habito do entendimento , Sciencia , Sabedoria , Arte , Prudencia , Opiniaõ , e Suspeita , se distingue a Prudencia ; porque as sciencias activas olhaõ á rectidaõ intellectual ; e esta virtude á intençãõ moral. Aquellas

(1) *Solib. in Cenob. cent. 4. Adag. 54.* (2) *Plat. de Nat. nom.*

las fazem o homem douto, e esta bom. Como forte muralha resiste a Prudencia ás baterias de todos os vicios. (3) Entre as verdades especulativas, e praticas, aquellas que conformaõ o conhecimento como objecto intellegivel; e estas, que naõ tem infallibilidade; porque o objecto naõ he infallivel, como nas sciencias; de tal forte regula a Prudencia o appetite com a razãõ, que nunca já mais erra; ainda que as acçoens humanas naõ sejaõ sempre verdadeiras, como singulares, e contingentes. (4) Entre a opiniaõ, e suspei-ta se distingue melhor a Prudencia; porque, sendo virtude perfeita com regras certas, e infalliveis, naõ póde enganar, como aquellas, que se fundaõ nos conhecimentos especulativos, e praticos, que saõ em si imperfeitos. Por esta razãõ he facil ao Prudente eleger sempre com acerto tudo, o que lhe he util. (5) Naõ se eleva menos a Prudencia entre a arte meca-nica: porque aquella regula os actos internos, e esta as obras exteriores. A Prudencia naõ tem por fim o material da acçaõ, mas a bondade do sujeito. (6)

153 A Prudencia Habitual distingue-se da Actual: a adquirida da natural, e a humana da brutal. Quem obra de tempo a tempo alguns actos de Prudencia, naõ veste o habito desta virtude, que se talha dos principios de obrar prudentemente com facilidade. Muitos animaes se respeitaõ prudentes, sem que o sejaõ. Aonde falta a recta razãõ, naõ póde haver virtude. A Prudencia dos brutos está na natureza, que obra nelles. O concurso da Providencia Divina parece Prudencia nos individuos daquella especie: porém do parecer á realidade vay tanta distancia, como do verdadei-ro

(3) *Antist. apud Diog. l.6.* (4) *Arist. 2. de anima.* (5) *Demost. 1. Olinth.* (6) *Plut. apud Siob.*

ro ao verosimil. Em muitos meninos vemos rayar a Prudencia, antes de amanhecer a idade: mas, como não tem razão, que faz o habito, não está perfeitamente maduro, por ser formado sem experiencia. O menino, e o animal não tem mais vontade, que a necessidade; e em se lhe representando as imagens, obraõ sempre do mesmo modo. Porém o homem Prudente coteja os objectos, fórma proposições genericas das imagens singulares, e accomodando-as aos lugares, e tempos, ou obra, ou se suspende, regulando se pela conveniencia, ou desconveniencia dos casos, formando a regra da razão, de que são incapazes os meninos, e brutos. Estes quasi sempre erraõ, e aquelle com difficuldade se engana.

154 Não pôdem dar-se acertos sem Prudencia: ou ella pelas veredas da razão ha de encaminhar os pés, ou a cada passo se haõ de encontrar tropeços. Algumas obras se acertaõ sem Prudencia: porém quando foraõ as casualidades regras infalliveis? Não dá Apollo os seus louros a todos os successos, que a fortuna faz felices. O habito prudente he quem ajusta o homem com a felicidade verdadeira. (7) Raro será o que apontando o alvo muitas vezes, deixe de acertar nelle com algum tiro: porém que applauso merece o que por huma raridade succede? (8) O Areopago de Athenas não estimava, ainda a acção mais heroica acontecida pelos felices influxos de hum acaso. O seu famoso Capitaõ Nicias combateo com todo o valor, e regras da milicia aos Espartanos cercados em huma Ilha. Defendiaõ-se briosos os sitiados, opondo hum a outro valor, e huma a outra pericia. Offereceo-se o mancebo Cleon com temeridade, e

ar-

(7) *Arist. de virt. & vit. divis.* (8) *Senec. Epist. 29.*

arrogancia juvenil, a render os de Esparta em vinte dias. Ajudou-lhe a fortuna o atrevimento, e cumprio o que prometteo. Mandou o Senado agradecer a Nicias a victoria; porque a Prudencia, com que dispuzera as cousas, foy o unico motivo do bom successo. (9) Ficou Cleon com a gloria de temerario venturoso, e Nicias reconhecido por sabio, e prudente Capitaõ.

— Não he conclusaõ scientifica a que se tira de premissas falsas, ainda que ella seja verdadeira. Entre as muitas acçoens, que o homem pratica, he impossivel errar em todas. As causas dispuzeraõ os meyo, com que os affombros da natureza se elevaraõ á perfeiçaõ; e rara vez saõ os milagres, que parecem. Se a Prudencia não informa as maravilhas da arte, e Politica, injuriamolas em lhes dar este nome. Ella, como Rainha das virtudes, he a que governa o mundo, e proporciona as cousas humanas, assim universaes, como particulares; porque para o acerto das acçoens, he necessario, que a Prudencia saiba o que obra. (10) Quem não adverte, não merece, e vay grande differença de obrar bem, a obrar o bom. Temistocles, e Falereo reconhecerã pela mayor das suas venturas a desgraça do seu desterro. O favor de Ptolomeo não os deixou sentir a saudade da patria. Esta felicidade não agradecerã elles aos seus emulos, reconhecendo, que aquelle bem fora feito sem a sua vontade advertida. Quando esta se governa pela Prudencia, então gradua de heroicas as acçoens; porque nem todas saõ iguaes ao que representaõ.

155 Nem tudo o que julgamos acertado, he o que nos parece. Na esfera das cousas existentes ha muitas exhalacõens, que a ignorancia colloca na jerarquia dos

(9) *Plut. in Nicia.* (10) *Cicer. de nat. Deor.*



dos Planetas. Que importa luzir o ouropel, se na realidade não he ouro? Muitas vezes ha nomes mentidos, que adormecem os descuidos, quando os devera despertar a prevençãõ. O rayo he mais executivo, quando despede mayores luzes. Apparencias do que não ha, são Reinos de Lucifer: offerece vistas para provocar adoraçoens. A Prudencia sem simplicidade he malicia (11) Tambem ha simples maliciosos prezados de prudentes. Com córados primores se pintaõ caras diversas, e ordinariamente sem mudar de tintas. Mais he para temer huma sagacidade encuberta, que a mayor violencia. Ha palavras, que evaporãõ ambares fahidas por bocas de serpentes. Com aspectos de Nestores andaõ por ahi infinitos Neros. Não faltaõ no mundo Mercurios prudentes, que fazem o seu assento sobre pedras, para que lhes fiquem á maõ os instrumentos dos martyrios.

156 Se os homens tivessem hum só coração, facilmente se conheceriaõ. O que lá mora no peito todo he astucia, e o que passa no rosto todo Prudencia. Com o rebuço de estrellas esconde Estilicaõ o seu veneno. Não duvidaõ os cegos, que ouvem vozes de Jacob, mas tocadas as mãos, acha-se o pello de Esau. O mesmo Etna, que vomita chammas, se cobre de neve. Quem com estes prudentes o não for muito, morrerá como Fedra, e Hypolito ás mãos dos Tescos astutos. Ha muitos dolos com huns vislumbres de Prudencia. Occasioens ha nesta virtude, em que lhe he util aquelle, que tem o nome de vicio: porém differe muito hum dolo de outro dolo. O engano, de que se serve a Prudencia, he irreprehensivel; porque se ordena a fim util, conveniente, e licito, e entãõ pro-

Tom. I.

P

priamente

(11) D. Hieron.

priamente he solercia. Com hum dolo prudente soube Salamaõ qual das duas litigantes era mãy do menino vivo. (12) Accusaraõ ao Emperador Carlos Magno a hum pay, e seu filho incurfos em pena capital. Como hum dos dous era o malfeitor, a força do sangue lhes deu valor para no mayor rigor dos tormentos negarem constantemente qual era o culpado. Mandou o Emperador, que se enforcassem ambos. Neste ultimo extremo se declarou o pay por delinquente, para escapar a vida do innocente filho. (13) Se assim enganaraõ os astutos, reconheceramo-los prudentes; porque mostravaõ nos effeitos, que os governava a razaõ.

## C A P I T U L O II.

### *Da Prudencia Politica.*

157 **E**M tres especies se divide a Prudencia, a saber: Politica, Economica, e Monastica. A Prudencia Politica he o bem publico, para o qual tem Po rincipe rigorosa obrigação de concorrer com todas as suas forças. Assim o protestou Tiberio no Senado, reconhecendo, que pela razaõ do seu cargo devia servir a todos em geral, e a cada hum em particular. O Rey, e o tyranno essencialmente se distinguem, em que este só reina pela sua utilidade, e aquelle pela dos seus vassallos. As leys, ainda que justas, saõ odiosas, e o Principado molesto: porém como as regras da Prudencia todas se dirigem ao bem do publico; a utilidade do povo destroe o odioso das leys, e a molestia do Principado. O proveito de quem obe-

(12) 3. Reg. cap. 3. (13) Andr. Sicul. in comment. ad leg. Cum acutissimi cod. de si. lei. commissis.

obedece, e não o de quem manda, suaviza a precisão, e tem por feliz o mesmo pezo do Imperio. Esta he a razão, porque a Prudencia foy sempre o molde por onde se cortárao as purpuras, sendo ella a melhor gala da Magestade. Quando os Politicos quizeráo talhar de vestir a hum Principe, se encontráo tanto na eleição das cores, que se não ajustárao os juizos para a escolha. Na confusão de tantos sentimentos resolveo o Oraculo Divino, que a Prudencia era o habito proprio da Magestade. (1)

158 Com esta grande virtude se haõ de vestir os Principes. Quando Deos constituhio a Adaõ por Monarca do mundo todo, o primeiro dom, que reparatio com elle, foy huma grande participaçãõ da sua infinita sabedoria. Com esta virtude Imperial, (2) se illustraõ os Dominantes dos Imperios. Sobre base taõ firme se sustenta a maquina do poder, e a eminencia do throno. A ElRey Cyro disse Tigranes Armenico: *Todas as virtudes, que pòdem caber em hum Principe, sãõ nada, se lhe falta o uso daquelle dom chamado Prudencia.* (3) Ella he a alma do animo, (4) o nervo das forças, (5) a luz da razão, (6) e o valor da pessoa. (7) Tudo se lhe rende; porque ella tudo avallalla. (8) Triunfa da fortuna, e vence todos os contrastes. (9) Os negocios intrincados de hum Reino mais facilmente os compoem as razoens prudentes, que os braços fortes. (10) Seja a Coroa temida com a virtude; victoriosa pela valentia, igual na justiça, que se lhe faltar a Prudencia nenhuma destas virtudes

P 2

tudes

(1) *Stote prudentes. Mat. cap. 10.* (2) *Arist. Pol. 2.* (3) *Xenoph. 1.3. de Fed. Cyr.* (4) *Sine prudentia animus timidus. Alcuin de tra. & temp.* (5) *Fortitudo exigua. idem.* (6) *Invalida ratio. Idem.* (7) *Dissipata persona. Idem.* (8) *Menander.* (9) *Euripides.* (10) *Horat 3. Od. 1.*

tudes será completa. Quando Deos quer felicitar hum Reino, poem o Sceptro nas mãos dos sabios, e infunde nos Reys Prudencia. (11) Ainda que as forças sejaõ grandes, não são infalliveis os seus triunfos. Quem atropella tudo, arrisca-se a ficar sepultado no mesmo, que derruba. Como não ha cabeça, faltaõ os pés, e abyfma-se aquelle, que intentava submergir. Se no Sceptro não houver o olho da Prudencia, com que o pintavaõ os Egypcios, sempre será páo seco, sustentado nas mãos de hum tronco. O Rey deve ter as circumstancias daquelle insigne Mestre, que mandou Hiraõ, Rey de Tiro, a Salamaõ, quando quiz edificar a fabrica do Templo. Com a summa Prudencia, de que era dotado, descobria os meyo para primorosamente lavrar o ouro, e a prata, o bronze, e o ferro, e todas as mais materias, de que se compunha aquella sumptuosa, e magnifica obra. (12) Na arte da Prudencia ha de o Principe ter geral conhecimento para distribuir, e formar com acerto tudo o que pertence ao corpo da Republica, de que elle he cabeça. Com esta grande virtude unio Anibal nos seus exercitos diferentes naçoens. (13) Os Affricanos, Francezes, e Hespanhoes todos pareciaõ Carthaginezes. O espirito prudente infórma todas as materias; e faz, que respirem o mesmo halito os que beberaõ diferentes influxos em ares diversos.

159 Mais póde o homem prudente, que o valeroso. (14) A ferocidade do animal se lhe sujeita, não pelo temor das forças, em que o excede, mas pelo poder da sua industria, que tudo vence. Esta he a que triunfa nas campanhas; porque póde mais a cabeça de

(11) *Eusebius.* (12) 2. *Paral. cap. 2.* (13) *Plut. in ejus vita.*  
 (14) *Val. Flac. l. 4.*

de Nestor , que os braços de Achilles. (15) Mais temia Cesar os prudentes Bruto , e Cassio , que os destemidos Dolasbelas , e Antonios. (16) Valente foy Agamemnon , e pondo em paralelo dez Achilles , e hum Nestor , queria antes este , que aquelles. (17. Ordinariamente he fraca na sabedoria a alma , que habita no corpo muito valente. (18) As armas do famoso Achilles com razão se julgáráo merecidas da sagacidade de Ulyffes : porque se Diomedes ha de sahir á campanha como animoso , pouco importaõ a suas forças , se o naõ acompanhar Ulyffes , como prudente. (19 ) O mesmo Oraculo Divino canonizou por melhor a sabedoria , que as armas. (20) Estas muitas vezes se rendem : aquella nunca foy vencida. Os louros do triumpho naõ coroaõ as mãos , que cortáraõ com as espadas , mas as cabeças , que propuzeraõ os conselhos. Qualquer animal prudente derruba o leaõ mais forte. (21)

160 Naõ se póde duvidar , que as industrias são mais poderosas , que as armas. A natureza tem muitas impossibilidades , que só aquellas podem vencer. Escalar o Ceo com as forças , foy loucura dos gigantes da terra. Com montes sobre montes quizeráõ abrir o passo para a Regiaõ das estrellas. O poder dos Reinos mede-se primeiro com as industrias dos prudentes. Contra os Fidenates combatia Tullio Hostílio , deixando hum corpo de reserva , que mandava Mecio Suffecio traidor Romano. Levavaõ os Fidenates a vantagem ; porque enfraqueceraõ as Aguias Romanas. Desamparava Mecio a Tullio , marchando a unirse com os inimigos vencedores. Neste aperto obrou  
Tullio

(15) Euripides. (16) Plút.in eo. (17) Apud Homer. & Alciat. Emblem. 41. (18) Cicer. (19) Pindar. & Ovid. ap. Alciat. Embl. 28. (20) Eccl. cap. 9. (21) Caus. l. 2. Parab. 73.

Tullio, como prudente, o que não podia, como Hostilio valeroso. Levantou as mãos, como dando final a Mecio, que atacasse a retaguarda inimiga. Com esta industria se consternáraõ os Fidenates, e lhe largaraõ no campo huma gloriosa victoria. (22) ElRey Dom Affonso IX. de Castella teve o Reino quasi perdido, se desta fatalidade o não livrara a industria de Diogo Lopes el Bueno. Que poder mais desmarcado, que o do Imperio Romano? A prudente sagacidade dos Numantinos fatigou quatorze annos as forças daquelle Potencia. A conquista de Sagunto foy mais trabalhosa aos mesmos Romanos, que a de toda a Asia. As nossas Hespanhas tiveraõ muitas vezes vacilante o seu diadema Imperial. A Prudencia industriosa, como existente na alma, não se consome: as mayores forças com o tempo se gastaõ. Taõ apertado foy o cerco de Turim no anno de 1640., que nenhum poder era bastante para meter huma carta naquella Cidade. Mas quanto val a industria! Em ballas de artilharia se escreviaõ aquellas grandes cabeças o Principe D. Thomaz de Saboya, e o invencivel Marquez de Legañes, respirando aquellas heroicas almas por bocas de bronze. (23) Escreveo Tiberio a Germanico, dizendo-lhe: *Que em nove vezes, que passára a Alemanha, mais vencera prudente, que valeroso.* (24) Mais val hum dedo de entendimento, que muitos mil braços armados. Tambem ha brutos taõ valentes, como temerarios. Só o homem tem juizo, e com elle se deve governar nas suas acçoens, como prudente.

161 A Prudencia, e as forças feraõ mais poderosas, se andarem unidas. A valentia desacompanhada he

(22) Flor. tit. 1. cap. 3. (23) Strad. dec. 2. l. 4. ad annũ 1581. (24) Tac. l. 2. Ann.

he tão cega, que não se arroja sem perderse: o juizo tem tanta luz, que nas mayores confusões se ganha. Na guerra não peleijsão só os braços; tambem contende a cabeça. Bom he ter nas mãos cabeças de Touro: porém he melhor, que as cabeças tenham mãos de homem. Não ha felicidade com contingencia, em se unindo as mãos com a cabeça. Assim o mostrou Macaria filha de Hercules: Coroada com os louros de Apollo, tinha na mão direita o caducêo de Mercurio, symbolo da Prudencia, e na outra a cornucopia, mostrando na uniaõ da sabedoria com o poder inseparaveis as felicidades aos que haõ de governar. Desta fórte seguiu Alexandre o seu Imperio. Quando quiz cortar o nó gordio, deu o entendimento fios á espada. Ainda que Alcides confie muito nas suas forças, não se atreve a sair a campo sem as armas da Prudencia. A sua clava era de oliveira, symbolo proprio desta virtude. (25) Mais vezes triunfou Pompeo com a sagacidade de raposa, que com a valentia de leão. As forças de Belorofonte não se podiaõ emparelhar com as da invencivel Quimera. Armou-se de industrias, e conseguiu glorioso triumpho. O grande Cesar com os raios da penna se enfiava para cortar com a espada. Esta era o ornato de Licurgo, mas tanto que abriu mão das leys, faltou-lhe a força nos braços. A espada corta nas campanhas: o juizo em toda a parte guerreira. A industria entra em todas as praças: o valor em poucas, e com risco. Dizia Eduardo Rey de Inglaterra, *Que mais guerra lhe fazia Carlos o Sabio Rey de França escrevendo cartas, que seu pay, e avô com todas as suas armas.* Sem sair de Lisboa espantou o Rey D. Manoel o mundo todo. Aonde não alcançavaõ

(25) *Eumenius in orat. pro instaurandis Scholis.*

çavaõ os fios das espadas, atroavaõ os eccos do feu prudente governo. Aquellas cortaõ de hum só modo; o juizo fere de muitas maneiras. Os acertos do valor nascem da cabeça. O homem valente, e sabio, primeiro defembainha o entendimento, do que tire pela espada.

### C A P I T U L O III.

#### *He necessaria a Prudencia nos Conselhos*

162 **N**O manejo das cousas do governo não pôde haver valor, e efficacia sem o pezo desta virtude; (1) porque á justiça hão de vestir o traje da vingança, despindo-lhe os habitos da rectidão. Todas as virtudes declinarão para os extremos, e com a quêda da razaõ se arruinará a fabrica do throno. O Principe, que a elle sóbe sem Prudencia, precipita-se. Os premios, que alcança, são ignominias; porque nada goza da Coroa, se a Prudencia lha não tece. Que importa se dê a Marte o Imperio do valor, se Jupiter, ainda que não tão forte, he respeitado por omnipotente, e entre as deidades a primeira por mais sabia? Quando Apollo dirige ao rustico Vulcano, fará que chore Marte o seu esforço; porque ha de prender o Deos da guerra. Esta só virtude he o grande luminar de todos os Reinos. Desterra as sombras do nócivo, para se ver a claridade do util. Impede a temeridade nas resoluçoens, a inconstancia das palavras, a inconsideraçãõ nas obras, a negligencia nas acçoens, destruindo todos os oppostos, para que o governo do Principe seja felicidade do Reino.

163 O Rey prudente tem obrigaçãõ de perguntar

(1) *Isocr. ad Dem.*



tar o que não sabe para não errar no que executa. As resoluções arduas fiadas do proprio dictame quasi sempre tem funestas consequencias. Assim o entendeu o barbaro, mas prudente Emperador Mahameto II. que sem maduro parecer não resolvia os negocios dos seus Estados, por não expor o bem commum ás contingencias de hum erro. (2) Os conselhos propios, ordinariamente os concebe a soberba; (3) e para que os povos não padeçam os effeitos de alguma resolução menos bem ponderada, deve o Principe estender os voos com muita pausa pela esfera do conselho prudente. Quando Perseo quiz cortar a cabeça de Medusa, não pediu as armas de Marte, mas o alfange, e azas de Mercurio. A Prudencia executa as determinações voando; porque discorre de assento.

164 He dictame da Prudencia, que o Principe não siga o seu parecer, quando se encontra com o de muitos sabios. Ainda que foubera, que acertava, deve accommodarse aos mais votos. Errar com conselho, não he errar: a Prudencia lhe muda o nome. Discretissimo era o Emperador Antonino, e sempre preferia os pareceres dos doutos ás unicas propostas do seu entendimento. (4) Dizia Artabano a Artaxerxes, que os conselhos sempre eraõ proveitosos; porque no caso de faltar a dita no que se obra, se adquire o louvor de o fazer com conselho. (5) As resoluções fundadas sobre os pareceres doutos, fazem menos medonhos os males. (6) Se Minerva não presidir nos conselhos, não será Marte o Deos da guerra. O amor proprio ainda nós mayores acertos he suspeito. Rara vez correspondem os successos aos dictames do juizo. Perdeo

Tom. I.

Q

Ro-

(2) Joan. Ocho. Chron. de Castrioto. sel. 173. (3) Tit. Liv. Decad. 3. l. 1. (4) Jul. Capit. in ejus vita. (5) Herod. l. 7. (6) Senec. ad Mort. 9.

Roma a memoravel jornada de Cannas; porque a tenacidade de Terencio não seguiu o parecer de Paulo Emilio, que propunha as desconveniencias da batalha. (7) O sabio nas emprezas arduas he o ultimo, que se consulta; e com esta differença se qualifica de prudente. O Principe, como tem os espiritos levantados, se soltar as azas sem conselho, ha de chegar-se muito ao Sol. Preveja o modo, porque ha de voar, para não dar com os seus despenhos escarmentos ao mundo. O passarinho, que inconsiderado sobe ao ramo, pega-se no visco: depois de prezo, quanto mais forceja, mais se cativa. Vulgarmente sabido he aquelle notavel conselho, que deu Cineas a Pyrro, quando pretendeo conquistar Italia. Suppunha Pyrro já rendido hum Reino. *Que faremos depois?* (Perguntava Cineas.) *Conquistaremos outro*, respondia Pyrro. De pergunta em pergunta, sujeitou a lingua de Pyrro o mundo todo ao seu Imperio. *E então, Senhor*, disse Cineas, *sendo nós já Senhores de todo o mundo, que faremos?* *Resta-nos passar a vida em summa paz, gozando com tranquillidade tantas venturas, e Reinos*: respondeo o Principe. Aqui tirou Cineas a conclusão de tão dilatadas premissas. *Dize-me, ó Rey, cujo nome venera a terra com respeito; quem te impede o gozo dessa paz, tranquillidade, e venturas?* *Es Senhor de hum Reino potentissimo, aonde ninguem se atreve a inquietarte: para que logo determinas exporte a tantos perigos, e contingencias?* (8) Os olhos proprios não vem o fim das cousas; porque os cegaõ os defejos. Se ElRey D. Sebastião não desprezára tantos avisos prudentes, levado dos impulsos da sua marcial inclinaçõ, escusára na perda de Portugal

as

(7) Plut. in vita Anibal. (8) Senec. in vita Pyri.

as lagrimas aos olhos, e á Coroa a escravidaõ. Nem sempre ha razaõ para queixar da fortuna. A's vezes se mostra ella taõ favoravel, que desperta o menino, que incauto adormecco no bocal do poço, para que lhe naõ imputem a culpa, quando se chorar affogada a innocencia. (9) Sem conselheiro prudente todo o somno he lethargo, e toda a queda precipicio.

165 Para chegar ao fim das resoluçoens he necessario andar com muita pausa. Lembra-me ter lido de hum Portuguez, que chegando sobre a tarde a hum casal, a todo o galope do cavallo, perguntára, que leguas eraõ até tal parte, para onde caminhava. Respondeo-lhe huma mulher: *Ainda saõ tantas, e se quer lá chegar hoje, vá de vagar.* Toda a acção consideravel, em que se naõ anda passo a passo, ou ha de cançar no caminho, ou tropeçar na temeridade. (10) Naõ ha melhor conselheiro, que o tempo. Quando em Athenas se espalhou a voz de que Alexandre era morto, mandava o Senado pegar nas armas para facudir o jugo. Deteve hum sabio a resoluçaõ, dizendo: *Se Alexandre está morto hoje, tambem o estará á manhã.* (11) Era Apopthegma do Emperador Carlos V., *Que a acceleraçõo paria abortos.* He necessario cuidar de espaço no que se ha de obrar de repente. Nesta certeza estava o prudente Augusto, e bem celebre he o proloquio do seu *Apressa-te devagar.* Nunca este Emperador declarou guerra, sem ponderar com madureza a esperança do bem, e o temor do damno. (12) Como hum rayo atemorizou Anibal o Imperio Romano: porém a opposiçaõ vagarosa de Fabio Maximo fez evaporar, como fumo, o fogo do seu va-

Q 2

lor.

(9) *De puero, & fortuna.* (10) *Pitag. in Esti.* (11) *Phosion.*  
 (12) *Suet. in eo cap. 25.*

lor. Se Cambifes previra a falta de subsistencia, que havia padecer nos desertos da Ethiopia, não se retirára para Memphis sem honra, e sem soldados. (13) Não foy assim o prudente Tiberio Graco. Sitiava este os nossos Portuguezes, que costumados a vencer Romanos fazião irrisão do seu valor. Mostravaõ-lhe o pouco, que o temiaõ; porque tinhaõ bastimentos para dez annos. Respondeo-lhe o astuto General, jubilado na Prudencia: *Ao menos no anno onze vos hey de render.* Aquelles braços valentes, que não podiaõ estar ociosos, pasmados de tanta fleuma, entregáraõ a Cidade a partidos. (14) Para haver de cahir, melhor he não andar. Ha muitas naçoens, que poem toda a sua força na primeira investida. Estes taõ depressa ganhaõ, como perdem; porque gastados os fios na conquista se embotaõ para a defensiva. Pelo contrario os Portuguezes, e Hespanhoes obraõ com vagar, e lentamente, mas aonde metem o pé, atolaõ. Em todos as quatro partes do mundo se está vendo ha seculos a prova desta verdade. Qualquer verso, que muito tempo o não corrige, e com muitas riscas se não apura, o reprehende Horacio. (15) Quem se move em muitos pés, he necessario ajustallos bem. A palma frutifica com vagar; e por isso os seus frutos são da arvore dos triunfos. O elefante he o animal, que quasi sempre vence; porque gasta mais tempo em se tomar da ira. As resoluçoens de futuro, querem muito tempo de presente.

166 Entre as muitas miserias da vida humana he huma das mayores não ver claramente os negocios proprios, como os alheios. Não sabem o que se aconselhaõ,

(13) *Bußer. l. 1.* (14) *Plut. in ejus vita.* (15) *Carmen reprehendite quod non multa dies, & multa litura coercuit. Horat. in Arte.*

felhaõ, os que daõ conselhos a si mesmos. (16) Naõ o pedir nos negocios difficultosos, he temeraria soberba. (17) O mais sabio de todos os Deoses era Jupiter, e para fulminar rayos contra a terra, pedia os pareceres de doze Conselheiros. (18) Nos castigos graves naõ ha de dar a sentença o voto do Principe, ouça o que sentem os outros, pezelhe as razoens, e obre confõrme os pareceres dos mais Prudentes. Parece, que gastou Deos cento e vinte annos em resolver se havia, ou naõ castigar o mundo com o diluvio. Para formar o homem satisfez-se com huma reflexaõ instantanea: (19) porẽm para o desfazer cuidou hum seculo. (20) Os Potentados mais Prudentes, que teve o mundo, nem das experiencias se fiavaõ. Assim o referem as historias de Augusto, Nerva, Adriano, Marco Antonio, Alexandre Severo, Theodosio, Valentiniano, Probo, e outros muitos. Os impios Machiavello, e Bodino reputaraõ os Conselheiros como embaraços do Principe, e totalmente inuteis ao seu governo. Mais authoridade tem o Espirito Santo, que manda ao sabio ouça os Prudentes, para ser mais douto. (21) Condemnou o Senado Romano a Julio Cesar; porque naõ usava do seu parecer. (22) A esfera do bom governo move-se nos eixos da prudencia, e conselho. O Principe naõ he razaõ, que totalmente se sujeite a outro arbitrio, sem que pela sua resoluçaõ obre alguma cousa: deve ouvir para escolher, e apresentar no que lhe parecer mais acertado.

167 Mayor miseria he a de buscar nos Conselheiros, naõ conselho, mas sequazes. Assim propoz Lucifer

(16) Quint. Curt. (17) Tit. Liv. l. 44. (18) Rosin. l. 2. antiq. Roma cap. 3. (19) Genes. cap. 1. (20) Genes. cap. 6. (21) Eccles. cap. 1. Sapiens audiens sapientior erit. (22) Tit. Liv. l. 4. bell. Pun.

cifer a horrivel idéa , que forjára a sua soberba. Não disse o que sentia para abraçar os pareceres , mas para obrigar os outros a seguir o seu dictame. Isto he buscar no conselho por acerto ao applauso. Os partos , que concebe a vaidade , dão á luz o arrependimento , ou a desesperação. Ainda que os Principes soubessem tudo , devem ceder ás vezes , por não mostrar jaçtancias de infalliveis. Como piloto destre ha de sondar todas as profundidades , para tomar fundo em todos os negocios. Faça reflexão nos discursos para conhecer as intençoens. Ouça os pareceres todos , e ainda que encontre o gosto , e o proprio entendimento , siga sempre a sciencia. (23)

— 168 Fôrme o Principe no seu interior hum tal conselho , como se não houvera mister os Conselheiros : porém eleja Conselheiros taes , como se não tivesse conselho proprio. Occulte os pensamentos , propondo as materias entre confiado , e timido. Não declare a inclinação ; porque conhecida a vontade , se lhe não arrastem os entendimentos. Não peça o parecer a todo o corpo do Conselho , mas aos seus membros em particular. Proponha as materias , como duvidosas , e possiveis , e não como para hum caso precisamente certo. A cada Conselheiro mude as circumstancias ; porque revelado o segredo , se conheça o infiel.

— 169 Barbaras determinações serão as que resolver o Conselho de Estado , quando o Principe he Presidente , Conselheiro , e Executor. Tudo quanto deseja fará proprio patrimonio. Todos os filhos o serão do seu talento. Não adjudicará a sciencia alheya , e todos os olhos lhe parecerão tão cegos , como os seus.

Como

Como se compoem, ou descompoem ao espelho da fantasia, vestirá o traje de tyranno, violentando a suavidade do Imperio. Os Narcisos da sua capacidade, ordinariamente se affogaõ nas fontes da inadvertencia. São Pelicanos da sua comprehensãõ, que com o sangue dos proprios dictames alimentaõ os filhos do seu capricho.

170 Infinitamente sabio he Deos; e com tudo se mostrou a Micheas consultando os seus Ministros sobre a justiça, que devia fazer contra Acab. (24) Quem não pôde errar, não consulta para saber: ensina aos que ignoraõ, como homens, que devem imitar a Deos. Tanto que Christo subio ao throno, ornou a sua circumferencia de veneraveis anciãos. (25) Quando no mundo quiz executar a mayor acção da sua vida, convocou Moysés, e Elias a hum Conselho de Estado, e Guerra. (26) A sabedoria da Igreja, que nos pontos de Fé he infallivel, para estabelecer verdades ajunta Concilios.

171 Para adquirir, e conservar saõ necessarias forças, e conselhos. A natureza dividio o mundo em Provincias, e as fortificou com os baluartes dos montes, circunvallou com as ondas do mar, e profundidade dos rios, oppondo difficuldades á ambição humana. Todos estes esforços da natureza, e os reparos, que lhe ajuntou a arte, não foraõ bastantes para conter nos seus limites os impulsos do homem. Para dominar o alheyo se expoem todos os bens ás contingencias da fortuna; sendo certo, como dizia o Emperador Rodolfo, que he melhor governar bem, que ampliar o Imperio. (27) O bom regimen dos Estados proprios he obrigaçãõ; o desejo dos alhejos he  
ambição,

(24) 3. Reg. cap. 22. (25) Apoc. cap. 4. (26) Mat. cap. 17. (27) Quint. Curt.

ambição, ainda que menos difficultoso, que aquelle. Huma conquista póde ser arriscada: porém o bom successo pende da fortuna das armas, que quasi sempre as governa o acaso. O bom governo he filho do conselho sabio, inseparavel da Prudencia.

172 Muitas vezes nos busca a fortuna sem esperar as nossas diligencias: a difficultade está em seguralla depois de possuida. (28) Aproveitar as occasioens, ou fazer nascellas da Prudencia, he meyo notavel para adquirir, e conservar. O conhecimento dellas pertence ao conselho, e ás armas a determinação executiva. Esta circunspecção não he tão necessaria nos Estados hereditarios. Os vassallos reconhecem na Coroa a propriedade, e esquecem-lhe a instituição. Apenas nasce o Principe, já he respeitado por Senhor. Porém nos adquiridos, e herdados por linha transversal, ou por casamento, deve haver mayor cuidado; porque a novidade do Soberano a não cause nos vassallos. Com esta mal fundada justiça entrou Hespanha a dominar Portugal. Se o governo não fora tão barbaro, e tyranno, como sentiraõ nossos avós; (29) talvez que não cahisse daquella Coroa tão preciosa pedra, com a intrusão de sessenta annos. Pouco tempo durou a Galba o Imperio: governou-se pelo seu dictame, e trocou o Sceptro em flagello. (30)

173 He muy importante no principio do governo acreditar-se o Principe com gloriosas acçoens. Com ellas se adquire a estimação, e com esta se seguraõ os Estados. Assim o entendeu Agricola, quando governou Bretanha. Pelas primeiras acçoens regulou o credito das mais. (31)

174 Não

(28) *Publ. l. 3. tit. 2. p. 2.* (29) *Vide Filippica Portugueza contra la investiva Castellhana.* (30) *Tacit. l. 1. hist.* (31) *Idem in ejus vita.*



174 Não he menos poderoso meyo para adquirir, e conservar applicar-se o Principe a ganhar o amor dos vassallos, e o temor dos inimigos. Este na guerra abandona as praças, e aquelle na paz firma o throno. Os dictames da Prudencia são o esteyo seguro das Monarquias. O desprezo dos conselhos tem arruinado a muitos Reinos. A resolução antes de executada vay perdida, se não apoyaõ as reflexoens dos entendimentos sabios, prudentes, e definteressados.

## CAPITULO IV.

*Que qualidades de pessoas dicta a Prudencia se escolhaõ para Conselheiros.*

175 **D**isputou Lampridio se era mais util á Republica hum Principe máo com Conselheiros bons; ou se estes máos com aquelle summamente bom. (1) Resolveo Sophocles o Problema, dizendo: *Que a hum máo poderiaõ emendar muitos bons, e hum só bom não era facil corrigir atantos máos.* A's portas do palacio de Isboset estava huma mulher alimpando trigo. (2) Muitas vezes ha de passar pelo crivo do exame o que se elege para Conselheiro. Não fazem as mãos das mulheres esta escolha.

176 Os Conselheiros são os olhos do Principe. (3) Veja bem a quem entrega a sua cabeça. Nem todas as arvores frondosas frutificaõ. Ha troncos com verduras, ramos cheyos de frutos, e vergontes sem folhagens. Muitos dos que andaõ ao lado dos Principes lhes parece, que o seu conselho presta para muito. Estes jactanciosos ordinariamente para nada prestaõ. Gran-

Tom. I.

R

de

(1) *In Alex. Sev.* (2.) *1. Reg. cap. 4.* (3) *Arist. Epist. ad Alex.*

de numero de Aulicos, isso sim, que he magnificencia da Corte: porém Conselheiro hum de mil. (4) Assim como não ha cousa peyor, que hum conselho máo, (5) tambem não ha cousa mais horrivel, que hum máo Conselheiro. Os Ministros de Deos mandados á terra eraõ olhos do Cordeiro. (6) O Principe ha de ser vara de Jeremias: deve vigiar sempre sobre as felicidades, e desgraças da Republica. Não pôde a sua vista alcançar a todas as distancias: he preciso valer-se das alheyas.

— 177 Não pôde o Principe governar sem Ministros. Elles faõ os seus olhos, mãos, e pés; (7) e com tantos instrumentos de ver, e ouvir andarã acertado com os informes de todos. (8) Destes dependem as resoluçoens dos Principes: e por essa razaõ deve escolher para taõ perigoso officio homens muy circumstanciados. Nas suas mãos se poem os Sceptros, e elles andaõ nas cabeças dos Principes. Os Emperadores, e os Reys de Heipanha mandavaõ esculpir lhes os nomes nas suas Reaes Coroas. (9) Acertado invento; porque só os bons Conselheiros daõ nome aos diademas.

178 Prodigio he da vida o soldado, que escolhe as peyores armas. Se o erro não he da ignorancia, pouco estima o seu valor. O artifice mais destro na eleição dos melhores instrumentos mostra o desejo, que tem de ser primoroso nas obras. Quando os vapores baixos se levantaõ da terra ao throno do Sol, perde este as luzes, e o mundo se cobre de sentimentos. *Taes são os Senadores, tal he o Principe*, dizia o Emperador Ottaõ. Se ElRey Antigono elege hum Medico para Conselheiro ( officio não improprio de hum Minif.

(4) *Eccl. cap. 6.* (5) *Sophocles.* (6) *Apoc. cap. 5.* (7) *Arist. l. 3. Pol. cap. 12.* (8) *Sines ad Arcad.* (9) *Saavedr. Emp. Pol. fol. 396.*

Ministro) elle se esquece tanto do seu verdadeiro exercicio, que nos offensivos do Principe applica cauterios ao povo. (10) Alexandre Severo foy taõ exacto em desempenhar o seu nome na eleição dos Conselheiros, que todos os informes lhe pareciao poucos para taõ grande negocio. (11) Até nos astros desejava levantar-lhes os horoscopos; porque não errasse com os influxos da terra.

179 Que felicidades ha de esperar França, se Luiz XI. tem hum alfayate por Conselheiro? (12) Tanto que se vio mal talhado molde da purpura, se desajustou tanto das suas medidas, e apertou de sorte as da tyrannia, que se rebellou o Reino. Não puderaõ soffrer os vassallos, que o throno se mudasse em tenda, e o Sceptro em tifoura, cortando de vestir a mão Real, impellida dos atrevimentos da mão vil. Que fundos ha de ter para o conselho aquelle, que sem o norte das sciencias, e o iman do illustre nascimento fia de huma agulha o levar enfiados todos os negocios, sem nelles perder o rumo? Se a vontade leva á toa o baixel do entendimento, como não haõ de ser infalliveis os naufragios? Quem impedio as glorias posthumas de Theodosio o Grande, de Arcadio, Honorio, e de Theodosio Menor, mais que o credito, que de raõ aos erros de Rufino, Eutropio, Estilicon, e Chri-fosio seus Conselheiros? A eleição, que Philippe o Formoso fez do infame Longareto, foy a orgiem dos seus grandes trabalhos. (13) Em Pistorio, lugar da Toscana, se sentou hum jumentinho na cadeira do Magistrado á vista de todo o povo; e logo este prognosticou as infelicidades, que o esperava com Ministros,

R 2

de

(10) Polib. l. 5. (11) Lamprid. in ev. (12) Bod. l. 6. (13) Jacob Meyer. l. 11.

de quem hum tal procurador vinha tomar posse. (14)  
 — 180 O applauso, ou reprovação commua he a  
 melhor pedra de toque para purificar a capacidade,  
 ou inercia de hum Conselheiro. Naõ póde ser bom o  
 que todos reprovaõ, nem máo o que todos applaudem.  
 Desta industria usava Dom Fernando o Catholico.  
 Fazia publicar o Ministro, que queria eleger, e  
 esperava a aceitação, ou desagrado do povo para o  
 nomear. Eis-aqui os Principes prudentes, que á satisfacção  
 dos seus póvos provêm os Tribunaes. Os quilates  
 do merecimento tambem se conhecem pelo juizo,  
 que delles fórma o Principe; e como póde eleger  
 entre todos, se presume, que escolhe aos melhores.  
 (15)

181 Huma imagem perfeita naõ se fórma de hum  
 golpe: com repetidos louvores a pule o escultor. O  
 Ministro bom naõ se faz de repente: pela boa expedição  
 dos negocios inferiores ha de ir sendo promovido  
 aos mayores. Quem mostra exacção no que he  
 menos, necessariamente o ha de fazer no mais. (16)  
 O homem posto de hum salto nas estrellas, brevemente  
 se enterra nos abyssos. Reprehendeo Tacito a  
 Brutidio, sujeito de muitas, e excellentes prendas,  
 porque pretendia antes de tempo os mais eminentes  
 empregos da Republica. (17) A quantos sem as circumstancias  
 de Brutidio, se puderaõ estranhar as mesmas idéas.  
 Os Tribunos de Roma impediraõ a Tito Quincio  
 Flaminio, que passasse de Questor a Consul sem occupar  
 os cargos inferiores. (18) Assim como as virtudes,  
 e merecimentos naõ crescem de golpe, tambem he  
 justo, que os officios se talhem pelas estaturas.  
 182 Pa-

(14) *Amnianus* l. 27. (15) *Cassiod.* l. 1. ep. 12. & 43. (16) *Plin. in Paneg.* (17) *Tac. l. 3. Ann.* (18) *Tit. Liv.* l. 32.

182. Para o conselho maduro são necessarios homens de idade, sciencia, e experiencia. Esta maxima he assentada por certa. Os annos experimentados são os Mestres da vida, e a sabedoria a reguladora das acçoens humanas. (19) Com ordem expressa de Deos determinou Josué a conquista de Hay; e não obstante o decreto, chamou os Capitães velhos a conselho. (20) Os annos tem muita liberdade no dizer, e a experiencia affugenta o temor para fallar.

183. Mandou Deos a Moysés, que elegesse sessenta Varoens conhecidos por velhos, e sabios, para coadjutores do seu governo. (21) Não haviaõ ser velhos na figura, mas realmente conhecidos por sabios velhos. Os cabellos, que nascem na superficie da cabeça, e encanecem com o tempo, não são finaes infalliveis de que mora nellas muito juizo. Tambem ha meninos de cem annos, (22) e com pouca idade ha moços muy velhos. Meninos, e anciãos havia em Babilonia, e todos dá a conhecer a Escritura com grande differença. Quando os velhos lascivos violavaõ o jardim de Susana, os meninos sabios, e bem procedidos, governavaõ as Provincias do Imperio. (23)

184. Nos annos dos Conselheiros ha de dar-te virtude, experiencia, e exemplo. Se faltarem nos velhos estas circumstancias, e na menor idade houverem outros requisitos, como honestidade de vida, madureza de capacidade, amor da patria, zelo do serviço do Principe, e estimação da propria honra, deve esta preferir áquella. A capacidade suppre os annos, e o muito viver não infunde juizo. O elefante vive muito, e morre taõ bruto, como nasce. Mandou Athenas

dous

(19) *Ecc. cap. 25.* (20) *Jos. cap. 8.* (21) *Num. cap. 11.* (22) *1. ju. cap. 65.* (23) *Dan. cap. 13. & cap. 2.*

dous discretos mancebos a huma Embaixada importantissima. Reparou-se naquella Corte, que huma Republica taõ sabia, e Politica mandasse tratar negocios de importancia por dous moços taõ meninos, que ainda naõ mostravaõ no rosto os sinaes do fizo. Responderaõ elles com discreta graciosidade: *Se a nossa Republica sobera, que aqui só se estimaõ barbas, mandara-vos dous bodes por Embaixadores.* Mais importaõ em hum moço duas horas de estudo, que no velho ignorante cem annos de vida.

185 — Eleja o Principe para Ministros a homens de virtude, que reformem os costumes; de letras, que encaminhem as consciencias, e de muita experiencia para as utilidades Economico-Politicas. Estime mais os entendimentos prudentes, que os engenhos agudos. (24) Estes ordinariamente causaõ novidades, e aquelles buscaõ os meyo do focego. (25) Anteponha o varaõ nobre, e sabio a outro igualmente douto, mas naõ taõ illustre. Prefira os annos maduros, e prudentes aos juvenis, e inexpertos: porẽm se estes forem sabios, naõ os posponha aos muitos ignorantes.

186 Naõ deve haver gosto na eleiçaõ; porque o seu prazer pertence á satisfacaõ commua. (26) Com estas circumstancias buscavaõ os Lacedemonios os vinte e oito anciãos, que compunhaõ o Senado; (27) e o mesmo faziaõ os Athenienses. (28) Os Reinos, que assim elegem os Conselheiros, haõ de ser felices nos governos. Desta sorte se occupaõ os dignos, e alentaõ os benemeritos; porque á semelhança das prendas esperaõ igual remuneraçaõ. A virtude perde as forças, quando vê occupados os indignos. Assim succedeo

(24) Senec. Epist. 80. Tit. Liv. l. 2. (25) Plat. cont. Soph. st. (26) Arist. Eth. 3. (27) Alex. ab. Alex. l. 4. cap. 11. (28) Rhod. l. 18. cap. 25.

deo a Catullo defejando a morte; porque a sublime elevação de Vatinio, e Efruma Nonio, sem merecimentos, havia caufar á Republica grave damno. (29)

187 Igual cuidado deve ter o Principe em proporcionar as peſſoas com os lugares. Como ha de aconselhar com acerto, quem tal vez não sabe o nome ás materias, que se tratao? O Aulico, que nunca vio a campanha, que póde dizer sobre a guerra? O Ecclesiastico, que veste a sobrepeliz, como ha de ajustar os arnezes? Haverá homens bons Ministros para as Cortes, e muito máos Generaes para as campanhas. Ninguem falla a lingua, que não entende. O mesmo foy confundirem-se em Babylonia os exercicios, que arrazarem-se as torres. Quando Apelles pintava alguma imagem, expunha-a á publica censura, e se escondia para ouvir notar os erros, e emendallos. Se o sapateiro repara em algum defeito dos sapatos, como era officio proprio, corrigia Apelles o defacerto. Porém se o mesmo subia dos pés a dar voto na cabeça, castigava-lhe o artifice o atrevimento. (30)

188 Os engenhos modernos tem tal presumpção de doutos, que cada hum delles se chora por perdido em não ser Conselheiro de Estado do Salamao mais fabio. Destes, que fiaõ tudo de si, não fie o Principe nada delles. Como os impelle a vaidade, em todas as resoluçoens haõ de tirar por esses ares. Os sequazes do capricho em nenhuma materia tem voto. Se sondarmos o fundo destes poços de sciencia, sem cobrir o pé daremos em secco. Com o estudo da moda que veyo de França, do bom gosto da carruagem, da musica da Opera, e das regras do jogo, não se aprende a difficullosa Politica, necessaria para os conselhos.

Qual-

Qualquer arte mecanica para se saber com perfeição, ha mister largos annos de trabalho: e a arte das artes póde haver quem se julgue nella jubilado sem mais estudo das sciencias, e pratica dos negocios da Corte, que o exercicio de lhe passear as ruas? Basta hum Conselheiro destes para destruir o Reino. Estribaõ a opiniaõ de prudentes em se accommodarem ao gosto do Principe, e lhe fondaõ a vontade para lançarem ferro: porém advirta este, que como filho de Jupiter, deve consultar nas materias os Teseos expertos.

189 Não se deve tomar conselho de pessoas interessadas nas materias, que se propoem. A cubiça he raiz de muitos males, e primeiro saltaráõ os homens á Fé, que ao interesse. (31) O inestimavel preço de hum conselho por qualquer moeda se corrompe. Os ambiciosos inventaõ meynos exquisitos, e indecentes, não deixando pedra por mover, a fim de conseguirem o que intentaõ. Esta he huma das razoens, porque aos Conselheiros se chamaõ olhos dos Sceptros: haõ de ver as conveniencias exteriores do commum, e nada das proprias, e internas. Os Planetas, que para todos saõ luzes, só para si reservaõ sombras. A Lua, que para crescer em enchentes esconde os rayos no seu centro, faz mais horrivel o escuro da noite.

190 He necessario reconhecer hum animo heroicamente desinteressado para o consultar nas materias, que lhe tocaõ. Se o mundo tivera hum destes Ministros, bem se podia fazer nelle a trasladação da Magestade. A luz sempre he a mesma: porém confôrme a parte donde vem, assim forma mayor, ou menor sombra. He necessario, que esteja no zenith do desinteresse,

(31) *Radix omnium malorum est cupiditas ... erraverunt à Fide. 1. Epist. ad Timoth. cap. 6.*



rerefse , para meter debaixo dos pés o levantado dos objectos. As agoas do Ebro provadas neste rio são dulcissimas ; bebidas no mar perdem a suavidade. O juizo mais puro se inficiona , quando entra no oceano da conveniencia. Quem olha a satisfazer a cubiça , perverte a intenção. (32) O famoso Jorge Castrioto , estando para morrer , advertio a seu filho , que se acatellasse deste genero de Conselheiros. (33) A industria da utilidade arma a vencer tudo; e quando as ideas se frustrem , fará o estrepito a peleja.

191 Os melhores Ministros são os que busca o Principe , e não os que se lhe offerecem. O homem bom , como menos ambicioso , sabe conterse nos limites da modestia. Quando a dignidade bate á porta do merecimento , além de procurar quem a merece mais , leva a segurança de achar quem a administre melhor. Assim o faziaõ Galba , e Alexandre Severo : repartiaõ os empregos , não pelos pretendentes , mas pelos benemeritos. (34) Não se reprova a pretensão , se a governa a modestia. Ostempos , os negocios , e as distancias não deixaõ que o Principe conheça todos para distinguir os melhores. (35) Ha merecimentos , que esquecem , não só se se não fazem lembrados ; mas se lhes falta padrinho , que lhes dê a mão.

192 Repartaõ-se os empregos pelos muitos sabios , e não se entreguem a hum só valido. Entre os mais doutos do seu Reino dividio Salamaõ o maneyo dos negocios. Os Ministros são as portas por onde se entra a fallar aos Principes ; e devem ser muitas ; porque o concurso he grande , e ha de haver lugar para todos. O valido nem sempre dá porta. Fiar

Tom. I.

S

tudo

(32) *Ecccl. cap. 27.* (33) *Ochoã in ejus vit.* (34) *Suet. in Gall. cap. 15*  
 (35) *Senec. Trag.*

tudo de hum, he cegueira da vontade; e repartillo por muitos, dictame da Prudencia. Com os Ministros he bom aconselhar sempre; ao valido não communique tudo. Sallustio foy de contrario parecer. Aconselhou a Tiberio, que não expozesse nada ao Senado, e em tudo obrasse como dispotico. Só a hum Principe, ou a hum monstro, como Tiberio, se dá semelhante conselho. A experiencia das cousas clama contra esta opiniaõ; porque sem o concurso de muitos se não póde governar a Republica. O mesmo Tiberio experimentou as fataes consequencias de entregar a Seyano as chaves do seu coração, sem fazer caso dos mais Ministros.

193 O mando dividido tem huma grande differença. Na repartição respeitaõ-se os homens huns aos outros: na singularidade só hum merece a estimação, como se no mundo não houvera mais homens. (36.) A divisaõ não diminue a força ao governo, antes lha augmenta; porque com mais facil acerto se expedem os negocios. As immensas circunstancias, que são necessarias para o bom regimen da Republica, mais depressa se acharão em muitos, que em hum só homem. Descance o Principe dos seus muitos cuidados; porque se tem no seu Reino, como Alexandre, Parmenioens, Crateros, e Efestioens, ou como Augusto, Agripas, e Mecenas, bem póde sem sustos repartir a authoridade. O mando do valido he perigoso; porque ainda que a cabeça seja grande, sempre he de homem, que com o seu pezo se inclina. O Principe, como Legado de Deos, não póde delegar a jurisdicção. Transplantar o dominio he pôr contingente a fecundidade do Cetro, que he a arvo-

re

re da Republica. Na repartição dos cargos cumpre o Principe com o que deve; porque, á imitação de Deos, a todos pede contas dos talentos, que lhes entrega.

194. A authoridade de hum só homem he injustiça feita ao publico. Todos os benemeritos se julgaõ abatidos, quando vem o valído unicamente levantado. A força da indignação desfata as linguas para se queixarem; porque do sangue de todos se alimenta a fortuna de hum. A utilidade do Privado he prejudicial á authoridade do Principe: ordinariamente perde na fama o nome da Magestade, e passa a gloria do subdito a ser ignominia do Senhor. Não faltaõ pelas Historias exemplos bem lastimosos do que propomos. Quantos Príncipes se chegáõ a temer dos que fizeirão temidos? (37) Carlos o Simples levantou de baixa esféra a Haganon, e o poz de hum salto na eminencia do seu Conselho de Estado. Conjurou-se este infame com outros traidores, e despojaraõ-no do Reino. Agatocles valído de Philopator revolveo todo Egypto. Pedro da Vinha, que era hum pobre pedinte, andando de porta em porta pelos empregos; subio ao lado do Trono do Emperador Federico II. Com tanta authoridade não cabia em si, quem ha pouco não coubera com os outros. De tal sorte inquietou este monstro ao mesmo Emperador, que se com tempo lhe não tirara os olhos, chorariaõ os seus mayores aggravos. Plauciano enriqueceo de maneira no tempo de Severo, que casou sua filha Plautilha com Antonio Caracalá filho do mesmo Emperador, dando-lhe hum dote immenso. Tantas, e taõ grandes maquinas armou este industrioso infiel, que se seu mesmo

genro lhe não tirára a vida, subiria ao Trono. Arcadio teve o Imperio perdido, se a facção contraria lhe não derrubara os ambiciosos Eutorpio, e Rufino. A grandeza de Seyano trouxe em continuos sustos a Tiberio. O mesmo foy ver-se Estilicon tão favorecido, e amado de Honorio, que o beijava no rosto, que traçar-lhe elle a venda, como Judas. Estas são as conseqüencias, que trazem consigo as grandezas dos validos; as quaes não costumão ser tão faceis nos muitos Ministros doutos, prudentes, e desinteressados.

— 195 Não duvidamos, que seja conveniente hum supremo Ministro, a quem o Principe tenha moderada inclinação; porque fora negarlhe o alivio das amizades, commum a todos os homens, e ficar a Magestade de peyor condição, impedindo-lhe as inclinações. Sempre os Principes tiverão validos nos seus governos. (38) O supremo Rey deu este exemplo, entregando a João os segredos do peito. Se as prendas merecem o amor, não se póde estranhar a afeição. A divisaõ dos negocios ajusta-se muy bem com o valimento. Não de os outros Ministros consultar o primeiro, ouvir o seu parecer, e resolverem as materias, que lhes pertencem.

— 196 Não os eleja o Principe estrangeiros; porque os costumes estranhos rara vez se accommodaõ ao governo da Republica, que não conhecem. (39) A preferencia dos estrangeiros he injuria da nação. Tambem se não vendem as occupaçoens, ainda na mayor urgencia das necessidades. Neste caso entrarão os ricos ignorantes, e mal intencionados a ser verdugos

(38.) *Lips. in Pol. lib. 3. cap. 2.* (39.) *Cicer. 2. de orat.*

gos das Republicas. Luiz XII. Rey de França tirou doze milhoens em vendas de officios, e outras tantas infamias nas Historias. (40)

## CAPITULO V.

*Das circumstancias, que ha de ter o Politico, conformes com a Prudencia para ser Ministro do Principe.*

197 **O** Oraculo Divino nos ensina, que de entre mil se ha de escolher o Conselheiro. (1) Tantas prerogativas se requerem para este emprego, que apenas se acha hum entre milhares. A felicidade do governo está pendente do bom conselho; (2) e este só o sabe dar o Conselheiro bom. Hum homem, que se ha de oppor aos affectos do seu Principe, (3) he necessario, que seja despido de todas as inclinaçoens. Em toda Grecia apenas se acha hum Elfato, a quem não arraste o amor, ou odio: (4) para dar as costas á lisonja entre os Petroyanos encontraõ-se poucos Craconios: (5) a fidelidade para as pessoas dos Essenes descobre-se em rarissimos Barbarios. Para as cautellas do conselho tem Roma hum só Fabio Maximo. (6) A modestia dos Xenocreates poucas vezes sahio da Grecia. Tudo he necessario ao Politico para aconselhar como prudente. Com a modestia porá limites á superfluidade do Principe: com as forças buscará o trabalho, para cumprir as obrigaçoens: com a experiencia obrará circunspecto: como

(40) Borer. liv. 2. hist. (1) *Consiliarius sit tibi unus de mille. Eccl. cap. 37.* (2) *Erasm. in Epist.* (3) *Plut. in amit. & adulat.* (4) *Salust. in conjurat. Catil.* (5) *Principe Consulè non dulciora, sed optima. Solon. apud Laert.* (6) *Demost. liv. Esurg.*

mo agradecido, olhará ao credito do seu bemfeitor: se aborrecer a lisonja, será amigo da verdade: se esquecer o aggravo, não se lembrará da vingança: se não tiver inclinaçoens, amará a justiça; e se fallar com liberdade no que he util ao Reino, não faltará com a advertencia ao Principe.

198 A estas circumstancias se segue a de hum inviolavel segredo. Quem sabe os mysterios do peito, dorme sobre elle. (7) Em quanto as resoluçoens se não executaõ, não se devem abrir os olhos. Pouco ama a Patria quem vozea os decretos. Os Romanos edificavaõ debaixo da terra as casas dos seus congressos. (8) O conselho ha de sahir da boca respirando, e espirando: apenas nascido, ja enterrado. Descoberto o segredo, se embaraçaõ os decretos, porque se previnem os interessados. Pôr os intentos na praça he vender o Principe. (9) A seu mesmo filho occultava Antigono as resoluçoens. (10) Pelo descuido de huma palavra se bota a perder hum bom successo. Tiberio se receava de sorte, de que lhe faltassem ao segredo, que de ninguem o fiava. (11) O bom Rey não pôde fazer outro tanto; porque de justiça está obrigado a consultar: porêm o Politico deve impedir, que a revelação não malogre as idéas. O sello de Angerona ha de andar na boca dos Conselheiros; porque cada hum delles deve ser o Deos do silencio.

199 Quem entra nos gabinetes deixa de fóra a soberba. Este máo habito, de que tantos fazem gala, he o primeiro, de que se ha de despir o Politico. Os conselhos soberbos são caudas do infernal Dragaõ, que atiraõ a derrubar estrellas. Peyores que o diabo são estes

(7) *Joan. cap. 12.* (8) *Tertul. lib. de Spect. cap. 8.* (9) *Vegec. de re milic. lib. 3. cap. 26.* (10) *Plut. in Apophth.* (11) *Tac. lib. 1. Ann.*

estes Conselheiros; porque aquelle não pôde penetrar por illapso a substancia da alma, (12) e os máos conselhos entraõ ás vezes tanto por ella, que a mesma alma os faz como proprios, e illicitos pelas suas potencias. Era proverbio antigo, que o bom Conselheiro se havia estimar como cousa sagrada: (13) porém ao soberbo se ha de desprezar como cousa maldita. Se o empenho destas arvores da ostentação he arraigarem no amor da vaidosa estimação com o pé junto aos rios de Babilonia, que fructo haõ de levar nos seus conselhos, senão lisonjas, sensualidades, e ruinas alheyas! Pela sua soberba perdeu Jeroboam onze Reinos: com ella assolla hum Conselheiro muitas Provincias.

200 Ainda as proprias pessoas não dou por seguras aos que nos pavimentos da soberba levantaõ as maquinas da vaidade. O altivo desprezo, que contra Cesar mostrou Pompeo no dia de Pharsalia, foy a causa de perderem os seus a batalha, os filhos a fazenda, Roma a liberdade, os amigos a vida, e elle a cabeça. Que importa a estes Politicos appellidarem-se Deoses sabios com a soberba do cruel Domiciano, se os punhaes dos offendidos lhes haõ de abrir bocas por onde esses immortaes vomitem as almas? Os Conselheiros, como Aman, levaõ o garrote nas forcas, que levantaõ para os Mardocheos.

201 Os conceitos, que se enthronizaõ no cume da soberba, tem os despenhos infalliveis. As vertigens do cerebro sempre deraõ com as cabeças nos abyssos. Ordinariamente os Icaros jactanciosos vem a parar em subpedaneos dos povos, aonde representá-  
raõ

(12) *Magist. sentent. 2. dist. 8. q. 1.* (13) *Res sacra consultor. Manut. in Adagis.*

raõ nas visinhanças dos thronos as figuras de Semiprincipes. A presumpção do Conselheiro lá dentro no gabinete he muy arriscada a vir parar cá fora no pelourinho. Com ella se desperta a ira do Principe, e o furor do povo. Os seus vicios de homem, como não prejudicão o commum, serão murmurados; porém não tão perseguidos como a soberba.

202 Se os prudentes não querem cahir da altura, em que se achão, não olhem para o lugar aonde estão, mas aonde estiverão. He muy facil parar em queda da soberba o que foy voo da fortuna. Agatocles bebia por copos de ouro, como Rey de presente: porém comia em pratos de barro, para se lembrar, que fora oleiro no passado. Talvez que pelos conselhos dos Principes andem muitos, que mais se deverão considerar Israel sahindo do Egypto, que possuidores da Palestina.

203 A soberba quasi sempre simula, e dissimula: por isso dizia o Emperador Federico aos seus Conselheiros: *Tomara, que quando entrasses daquella porta para dentro, ficasse lá fora a simulação, e dissimulação.* (14) Não pôde ser bom o conselho faltando-lhe a intenção recta, com que a soberba se não cafa.

204 O Politico ingrato, e avarento será a peste dos conselhos. Os efeitos da cubice laõ taõ prejudiciaes, como vimos na virtude da Justiça, e melhor trataremos na da Liberalidade. O ingrato porém, se he indigno de se lhe dar, com que razão se lhe ha de pedir? Manda a Prudencia, que ainda o que se sabe se pergunte; (15) mas ao ingrato não se deve consultar, nem ainda no mesmo que se conhece. Em dando hu-

(14) *Supico* 1. p. lib. 3. fol. 133. (15) *Unde ememus panes?* Joan. c. 6.



humacôr ás tintas, mudará na figura a realidade da representaçãõ. A peyor cousa do mundo he o homem ingrato; (16) E se he o mesmo dizer ingrato, que proferir tôdas as maldiçoens; (17) que bemaventurados conselhos haõ de dar estes malditos! A ingratiçãõ he filha de humagrandissima imprudencia, (18) que não tem entrada nos conselhos.

205 Não he menos incapaz de conselho o Fidalgo, ainda que muito grande, se não tem juizo. A fortuna do nascimento dará privilégios, mas não infunde capacidade. (19) A nobreza sem predicados he titulo vaõ. (20) O Fidalgo ignorante vota o que quer, e não o que entende; porque não sabe o que ha de entender; nem entende o que vota. Quanto mais presume, mais erra; e quanto mais falla, menos diz. A summa vaidade o fará tenaz, e a obtusaõ soberba do seu entendimento a nada se accomoda. Como sectario do capricho, não reconhece os filhos da ignorancia por bastardos. Não fora elle nescio para deixar de presumir que sabe tudo. (21) Deos sim mandou ao seu povo, que elegesse para ministros os Varoens illustres, mas doutos. Esta atençaõ teve Tiberio em quanto foy Principe: preferia os nobres, com tanto que fossem sabios. (22) Como por acaso ouvia Adriano os humildes entendidos, e muitas vezes lhe resolveraõ casos grandes. (23) O acerto, que David não encontrou nos seus illustres Conselheiros, veyo a achallo em humamulher. (24)

206 O Politico de consciencia estragada não ser-

Tom. I.

T

ve

(16) *Publ. Mim.* (17) *Dixeris maledicta cuncta cum ingratum hominem dixeris.* *Idem.* (18) *Apud Stob.* (19) *Senec. in Med.* (20) *Lips. liv. 3. Pol. cap. 10.* (21) *Div. Aug. Epi. 174.* (22) *Tacit. liv. 4. Ann.* (23) *Dion. Cass. in ejus vita.* (24) *1. Reg. cap. 25.*

ve para Conselheiro. Quem espera a bemaventurança na Politica adulterada, não duvida arrastar a observancia do Evangelho. Não pôde luzir o bem do publico, quando a Religião se mete no escuro. Com muita facilidade passarão estes homens de arbitristas a herefiarcas, se for assim conveniente á sua Politica. A esfera da Republica gira nos dous pólos da Religião, e Justiça: se estes se não sustentarem, tudo se arruína.

207 Os Eforos de Esparta quando hum homem máo dava algum conselho bom, o mandavaõ repetir por outro virtuoso, ainda que menos sabio, para que fosse aceito. Não pôde acertar o entendimento, quando erra a consciencia, dizia o Poeta Grego. Nos Principes, e Conselheiros Ecclesiasticos ainda se fazem mais abominaveis os pareceres Machiavelistas. Tudo o que encontra a paz, e concordia, he opposto ao Evangelho, que propriamente defendem.

208 A verdade ha de ser inseparavel do Politico: o habito de mentir em nenhum dos tempos he moda. No Conselho de Estado tem o primeiro lugar o alto estado da razaõ da verdade. Na Camera de Dario controverteraõ tres Aulicos a questaõ, de qual era no mundo a cousa mais poderosa? Depois de muitos debates, se julgou por vencedor o que resolveo, que a verdade. (25) Ella he o juro da Prudencia, e nega o principal, quem lho não paga. Zombou Cassandra dos amores de Apollo. Picou-se a Divindade offendida, e decretou que Cassandra profetizasse sempre com verdade, mas que ninguem lhe desse credito. Assim succedeo; porque quando annunciou a ruina de Troya sua patria, não aproveitou o aviso para  
a cau-

(25) *Esdre. Iiv. 3. cap. 3.*

a cautela. Se as verdades profetizadas he necessario regulallas pelos modos, tempos, pessoas, e lugares, para produzirem effectos uteis, que utilidades se podem esperar dos que nos seus conselhos entraõ a profetizar mentindo?

209 Huma das prendas estimaveis em hum Ministro, he a de fallar verdade; porque diz sem rebuço. Contra certo Conselheiro se irou grandemente hum Rey da China, pela liberdade com que em huma occasião o advertio. Soube-o a Rainha, e vestida de galla (que se usava naquelle Reino em alguma função de parabens) entrou á presença de seu marido. Reparou elle na novidade, e perguntou o motivo. *Venho darvos o parabem, respondeo a Princeza, de teres hum Ministro taõ excellente, que vos adverte dos vossos descuidos. Este he o que mais vos ama; e por isso he quem mais deveis amar, e ainda soffrer.* (26) Os excessos da liberdade devem contrapezar-se com a recêitadão do animo.

210 Bem sabemos, que os Principes naõ gostaõ das verdades ditas com muito despejo. Naõ he esta a menor das suas calamidades: (27) Porém o Politico, ainda que reprima o modo, naõ pode coarctar a verdade. Diga a sempre, a troco de ser Profeta com Saul, Micheas com Josaphat, o Bautista com Herodes, ferrado como Ilaias, e apedrejado como Jeremias. Para haver de acabar ás mãos da mentira, antes como Callisthenes ás de Alexandre, desterrado como Philoxeno por Dionysio de Sicilia; ou como Sotades por Philadelpho; ou como Eudemo por Perseo; ou como Apollodoro por Adriano, e outros infinitos martyres da verdade, de que estaõ cheyas as Historias,

rias. Porém advirta o Politico, que para aconselhar verdade, não basta, que diga o que sente; he necessario que finta o que deve sentir: e sô entaõ sente como deve, se com a ley natural, e de Deos consente.

211 Tres impulsos costumaõ predominar os juizos, e todos perniciosos para a liberdade, e inteireza dos conselhos, que saõ o affecto, a ira, e a vaidade. O amor dá fôrma a quem ama, e tal he o sujeito, qual o amor. (28) Os affectos desordenados já chegarã a pizar Coroas. Lastimosos catastrophes contaõ as Historias dos Principes, a quem elles venceraõ. Se o amor he cegueira do entendimento, como haõ de ser bem vistos os conselhos, que se daõ tanto a olhos fechados? Lastima mais horrivel por commua, que chegue a vileza de huma paixã a arrastar a liberdade de hum juizo heroico! Esta he entre as humanas a mais poderosa, e não sey com que razaõ se chama paixã humana, a que destroe no racional o ser de homem. Mais discursivos confidero aos brutos; porque os affectos os não predomaõ tanto. Por esta razaõ desejava Plutarco comprehender o homem nas leys do irracional; porque este não excede os limites do instincto, que o governa. (29)

212 Que damnos não tem causado esta vergonhosa tyrannia do animo em muitos Reinos, e Republicas! A Politica, que discorre com affeição, leva por ultimo fim a conveniencia, encontrando-se a razaõ de Estado com os affectos oppositos á boa razaõ. Nino Rey de Babilonia nos poucos dias, que teve de vassallo do amor, não só perdeu a Coroa, mas a cabeça. (30)

Se

(28) *Div. Aug. de substan. amoris.* (29) *Apud Stob. cont. volupt.*  
 (30) *Elian. hist. liv. 7. Salianus.*

Se os corações não reinao livres, nem os diademas tem liberdade. Render cultos a Deos, e obsequios ao Principe, saõ obrigaçoens da Religiaõ, e vassallagem: porèm sujeitar a servir, como escrava a liberdade da razaõ, he ignominia de todo o homem, e infamia muito mayor, quando se rompem as leys da Fidalguia, pela observancia do vil preceito, que impoem o impuro affecto.

213 Não podem deixar de ser infaustos os conselhos, se por algum motivo os impelle a ira. Quando se emperra a arrogancia, não ha tranquillidade no juizo. Alteradas as ondas da colera fluctua o baixel do entendimento; e se a tempestade se não serena, ou o haõ de submergir as vagas, ou desfazer os cachopos. Os Etnas, e Vezubios não sã vomitaõ chammas, que se consomem nos ares: tambem lançaõ liquidos penhascos, que ao depois petrificaõ os campos, impossibilitando semear-se para recolherlhes os frutos. Os conselhos, que saõ pedras derretidas, ainda que se proponhaõ como branda cera, não podem fecundar a Republica. A impotencia da ira he muy poderosa para tragar, e consumir Imperios. Muitas vezes perderaõ as vidas, os que se pozeraõ nas suas mãos. Ella impedio ao filho de Joaõ Comeno a immediata successaõ ao Imperio. Nas suas garras se immolaraõ, como victimas do furor, o velho Valentiniano, e Mathias Corvino, Rey de Hungria. Nos impetos da ira todas as propostas se confundem, e não se assentará resoluçaõ, que não ponha os pés sobre a temeridade.

214 Ultimamente, se os entendimentos saõ inchados, o que teraõ de hydropicos os conselhos! Torres levantadas no ar, depressa as leva o vento. Como  
a vai-

a vaidade he a que pinta, cada representaçãõ farã muitas figuras. A's materias leves se daraõ cores de solidas; e ás muito grandes lhes esconderaõ a estatura entre sômbra. A vaidade abre as azas para voar nos clarins da fama: mas que depressa cahe, quem taõ mal sobe! A's vozes, que todas faõ mentira, naõ lhes impede o ecco a dissimulaçãõ. Alguma vez fallará verdade sem saber dizella; porque accrescenta, diminue, ou muda. Iachadas as vélas do discurso com os ventos da vaidade, naõ governa o leme da razaõ. Levados á toa pelos furacoens, ou perigaõ no Scyla da simulaçãõ, ou no Carybdis da mentira. Mas como se engana a si, quem cuida, que o faz aos outros! Qualquer juizo destingue o Rey dos metaes do ouropel. Trabalhar por adquirir os applausos do vulgo, he fundar a opiniaõ de gentil-homem na vista de hum cego. Naõ quer a vaidade o nome do que he: os brados da sua fama haõ de ser testemunhos. Na falsidade da opiniaõ estribaõ estes Politicos a gloria do credito. Pretendem luzir, como Signos do Ceo, os que merecem os nomes dos animaes, e brutos mais ferozes da terra. Que fataes influencias seraõ as destes escuros lizeiros!

## C A P I T U L O VI.

*Se he conveniente ao Principe conforme a Prudencia  
admittir os Ecclesiasticos nos negocios civis.*

215 **C** Ontrovertida he a questaõ, se será conveniente ao Principe occupar os Ecclesiasticos nos negocios civis, e seculares. Se lhes regularmos os exercicios pelos significados do seu nome,

me, não podem elles mais, que sacrificar a Deos, administrar os Sacramentos aos homens, e ajudallos nas materias pertencentes á salvação. (1) Bem poderia ser; que os seus governos felicitassem as Republicas; porque como homens mais chegados a Deos, e com obrigação de vida ajustada, mereceriaõ para os acertos a immediata protecção do Ceo. A benignidade paternal, e a mansidão dos conselhos, proprios daquelle estado, talvez fizell'em suspender a ferocidade das armas, pacificando as criticas situaçoens dos negocios. Como a terra lhes não merece cuidados, pòde ser, que se deixassem governar da rectidão: se desprezassem as riquezas, amariaõ o bem commum; e faltando-lhes successores para herdeiros das honras, evitariaõ nos ministerios a sumptuosidade, refreando o desbocado bruto da ambição.

216 Veneravel era o seu nome na antiguidade. Sacerdotes, e Reys eraõ huma mesma cousa, e todos cingiaõ coroas. Os de Apollo as traziaõ de louro, os de Hercules de alemo, huns de murta, e hera, e outros de folhas de carvalho. Na Phenicia trajavaõ huma opa de purpura, e ouro, e na cabeça huma coroa do mesmo metal guarnecida de pedraria. Na Cidade de Tyro tinhaõ ao lado do Rey o primeiro lugar. Os EGYPCIOS elegiaõ os Reys de entre os seus Sacerdotes. Anio, que era Rey dos homens, honrava-se com a dignidade de Sacerdote de Apollo. Os Emperadores Romanos se chamavaõ Summos Sacerdotes. Muitos tem havido, que governaraõ com acerto os ministerios, que se lhes encarregaraõ. E não comprehendendo neste Capitulo, os que tem annexo ao Sacerdocio o direito do Principado, como ha mui-  
tos

(1) *Sacerdos sacra dans, sacra docens, sacra dos.*

tos em Alemanha, sô trataremos dos que governaõ as Dynastias alheyas.

217 Se pozermos os olhos na Escritura, descobriremos Republicas felices governadas por Sacerdotes, e os seus conselhos servindo de muita utilidade aos Principes. No dominio de Samuel foy feliz ao povo Hebreo: os votos de Elias aproveitaraõ muito aos Reys de Samaria: Eliseo servio aos Principes de Israel, Zacharias a Osias, Isaias a Esequias, Jeremias a Josias, e Daniel aos Reys de Babilonia. He verdade, que já se acabou o tempo dos Profetas.

218 Muitos Principes Christãos obraraõ acertadamente com o parecer dos Ecclesiasticos justos, e reformados. Eusebio de Nicomedia foy familiar Conselheiro de Constantino Magno, S. Remigio de Clodoveo, Germano de Childelberto, Audeno de Dagoberto, Arnulfo de Pipino, Turpino de Carlos Magno, Guido Crasso (que depois foy Papa Clemente IV.) de S. Luiz Rey de França. Os Ambrosios, e os Ximenes, os Mazarinos, Lancastras, e Cunhas foraõ Ministros justissimos, e zelosissimos da Patria, e immortal gloria das suas naçoens. Grandes Politicos das temporalidades foraõ tambem os Granvelas, Richelieus, e Fleurys, arbitristas famosos dos seus seculos, e ainda que sahidos do mesmo ventre, lhes damos o lugar de Esaüs na fraternidade daquelles Jacobs.

219 Hum engenho moderno reprova as occupaçoens civís, como improprias das pessoas Ecclesiasticas, que sô parecem o que saõ no Altar, Confessionario, e Pulpito. (2) Os assentos das Cortes, fóra de Cortes, naõ saõ lugares muy proporcionados para as Mi-

(2) *Fr. Franc. da Annun. nas Vindicias da virtude.*



Mitras (3) Nos palacios controvertem-se materias Politicas, e quem governa almas, não trata de materias. Os negocios espirituaes são proprios dos Ecclesiasticos, e incompativeis com o seu estado os temporaes, Aulicos, e Politicos. O Prelado he Pastor, e marido, como Pastor não pôde deixar as ovelhas, e como marido ha de viver com a esposa.

220 O trafego dos negocios dá nome aos sujeitos, e quem todo he civil, não pôde deixar de ser essencialmente secular. Que a santidade veneravel, as inspiraçoens do Ceo, e os rogos do povo obriguem os Ecclesiasticos a entrar nos palacios, he muito justo; porque os levaõ com violencia os impulsos do Ceo, e como arrastando as cadeas da caridade. Porém se as attracçoens não são effectos destes motivos, antes muito alheyos de tão santos fins; quem não julgará o Ecclesiastico mais por Aulico, que por Sacerdote?

221 A eminencia do lugar costuma perturbarlhes a vista. Não ha razaõ tão cega, como a de hum Ecclesiastico desvanecido, e fóra dos limites do seu modo de viver. Se affectaõ pretextos de piedade, e Religiaõ, entaõ são mais perniciosos á Republica. (4) Destes hypocritas da verdade nos acautella o Evangelho; porque para devorarem, como lobos, se vestem com pelles de cordeiros. Cahiraõ do Ceo das virtudes, e estendem a cauda para arrastar estrellas. Hum só vez entregou Moysés o governo civil ao Sacerdote Aaram; e na Anarquia de poucos dias se mudaraõ as adoraçoens em idolatrias. Tanto que lhe mostraraõ o ouro, fez Aaram, que não via o Bezerro. A ambi-

Tom. I.

V

ção,

(3) Div. Bern. liv. 1. de Considerat. ad Eugen. cap. 5. Filesiæ. de idol. Pol. cap. 2. Petrus Blesen. epist. 48. § 108. Bernegerus 9. 56. ad Tacit. (4) Livi. liv. 37. & Salvianus liv. 4.

ção, e a avareza, que nos outros homens tem balizas, no Sacerdote pouco reformado não se lhe acha termo. Abrem-lhe as entradas do coração, e nelle dormem o seu sono descansado. (5)

222 Os desejos de honras em hum Ecclesiastico são frenesis, e a sede do ouro hydropesia. A quantas casas varrerão das immundicias as riquezas Ecclesiasticas! Quantas exalações com estupendo metamorphose, tornarão em Astros as luzes das Mitras, e os reflexos das Purpuras! Quantas vezes estragou o herdeiro nos prostibulos de Venus os bens da Igreja! A esterilidade Ecclesiastica fecunda-se na ambição, e avareza. Os nomes, que não perpetuão nos successores (os que os não tem) eternisaõ-os na instituição dos morgados, a que impoem o sagrado nome de Capellas, para que se authorize o profano com a sagração da nomenclatura.

223 Não podem escandalizar-se os Ecclesiasticos, se lhes dissermos, que tem pouca pratica dos negocios civis. Se começãõ a aprender, haõ de principiar a errar; e a Republica não he escola de meninos ignorantes; mas cadeira de Mestres jubilados. (6) O Officio quer homem feito á sua custa, e não que se vá fazer á custa alheya. (7) O Politico experimentado tem primeiro lugar, que o Ecclesiastico, ainda que douto, inexperto. A pratica do governo civil tem pouco parentesco com a theorica das faculdades. O Theologo moral encaminhe as consciencias, e o Escolastico dispute nas Aulas. Os Magistrados, e Conselhos são proprios para os Jurisprudentes, e Politicos.

224 Os

(5) *Ambitio in sinu Sacerdotis dormit. S. Ambros.* (6) *Div. Bern. de Consil. ad Eug. liv. 4. cap. 5.* (7) *Tacit. in Agricola.*

224 Os que se dedicaraõ ao sagrado dos Templos, dem a Deos o que he de Deos, e deixem para os Aulicos o que pertence a Cesar. Se o Evangelho lhes ensina, que ninguem pôde servir a dous Senhores; como pretendem servir a Deos, e mais ao mundo? A Moysés no monte basta-lhe, que as oraçoens de Aaram lhe sustentem os braços. Este he o officio dos Ecclesiasticos; e as suas deprecaçoens, se elles faõ justos, pôdem muito com Deos. (8) Felicitem os Reinos rogando por elles, que mais haõ de obrar com as mãos pregadas no ocio santo da oraçaõ, que soltas no manejo dos negocios seculares. Este meu sentir naõ deve fazer opiniaõ: porem o mesmo, que eu sinto, opinaraõ muitos Santos Padres, e decretaraõ varios Concilios.

225 Queixou-se o pay de familias de lhe botarem a perder a sua seara. O sementeiro de zizanias he hum Ecclesiastico pouco reformado applicado todo em damnificar os campos da Republica. Abra o curioso as Historias, e verá com horror infinitas Cidades, e Provincias destruidas pelos governos Ecclesiasticos; as muitas guerras, que movêraõ, e o risco em que puzeraõ grandes Reinos. Quantos capitanearaõ os esquadroes sem os motivos da defenõsa, e necessidade; e sem averiguarem a authoridade legitima, a causa justa, a intençaõ boa, e o devido modo da guerra? Quantos na aggressiva naõ attenderaõ, se os motivos eraõ meramente humanos, para trocarem o Baculo pela espada, a Mitra pelo capacete, e a Cruz pelo arnez? Nesta entrou Saõ Joaõ Capistrano contra o Turco, governando o lado esquerdo do exercito, e o famoso Huniades o direito. Naquella pelejou o Arcebispo

(8) *Multum valet deprecatio justii assidua. Epist. Jac. cap. 5.*

de Braga Dom Lourenço, quando os Castelhanos invadiraõ Portugal em tempo de ElRey Dom Joaõ o I., e foy taõ bom Soldado, que trouxe na cara os finaes do valor. (9) Christo manda aos Principes dos Sacerdotes, que embainhem as armas. (10) Lá teve outra occaſiaõ, em que lhes mandou vender as tunicas para comprarem espadas: porẽm era para que vestidos de valor se armassem de zelo.

226 Naõ he facil de refrear a inveja, que causa o poder civil dos Ecclesiasticos. A nobreza os olha com horror; porque como lhe usurpaõ os lugares, que faõ propriedades da fidalguia, se lhes fazem odiosos os seus dominios. O povo os respeita involuntario; porque reconhece os empregos improporcionados ao seu caracter. Se os seus ascendentes foraõ conhecidos por homens de pouco porte, soffre mal a grandeza, que as cartas dos seus privilegios valhaõ o mesmo, que aquelles sobrescritos. He necessario, que as muitas letras, e eminentes virtudes lhes dê o ser, que naõ receberaõ da natureza, para que sejaõ menos odiosos. A obediencia dos povos para com os Principes tem por primeiro esteyo a soberania do nascimento.

227 O Ecclesiastico na sua dignidade he todo divino: porẽm occupado nos governos humanos, ordinariamente se esquece da humanidade. Introduzio-se nelles com a astucia, e naõ se lastima das ruinas da Republica, que olha, como alheya. Faltalhes o temor dos castigos, e se os naõ governa a rectidaõ da consciẽcia, se introduzem na sua liberdade, para revolver Reinos inteiros. O Principe fim póde desnatu-

(9) *D. Rodrigo da Cunha na Hist. dos Arceb. de Brag.* (10) *Mitæ gladium in vaginam. Joan. cap. 18.*

turalizallos: porém como não deixaõ refens de quem se lembrem, porque lhes falta o amor do sangue, tambem nos seus castigos não lhes fica que temer.

228 Poderosissimas razoens temos proposto por huma, e outra parte para a admissaõ, ou exclusãõ dos Ecclesiasticos nos empregos civis, e fizemos da questãõ problema. He justo que o resolvamos, para que estas advertencias não fiquem dentro nas regras de huma simples theorica. Para este effeito revolvemos muitos, e gravissimos Authores, cujo sentir recopilaremos em poucas palavras.

229 Os Ecclesiasticos, em quem se venerar fãtidade rara, virtude muito conhecida, antiga bondade, summa modestia, livres de avareza, e ambição, sem soberba, e arrogancia, amor da Patria, fundo de entendimento, dote de Prudencia, e illustre nascimento, não só devem ter lugar nos Conselhos, e administração dos governos civis; mas serãõ felices, e ditosos os Estados, que regerem; porque todo o seu cuidado se ha de empregar no bem commum por honra, e gloria de Deos.

230 Que bem experimentou Portugal estas felicidades no tempo dos Bartholomeus, e Lourenços, esplendores da Primacial das Hespanhas, e do Eminentissimo Lancastre taõ illustre no sangue, como heroico em virtudes. Mais que todos bem afortunado foy o nosso seculo, nos acertos taõ Politicos, como Christãos do Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, cuja memoria para a posteridade fica gravada em tantas medalhas de bronze, quantas foraõ as resoluções do seu heroico entendimento; taõ cheyas de zelo, e amor da Patria, como invejadas das nações estranhas. E depois de idades largas animaráõ o pre-  
gaõ

gaõ da fama os brados da sua Prudencia , servindo as tradiçoens vulgares de eternos Epinicios ao seu nome ; e passará de pays a filhos , como em livro successivo , a faudosa lembrança daquelle tempo , em que atroou o mundo o levantado ecco do seu prudentissimo governo.

231 Neste numero entraõ os Bourboens ; e Lotharingios , os Ambrosios , e Ximenes , os Remigios , e Germanos , os Audenios , e Arnulphos , os Rochelis , e Gendios , que fizeraõ gloriosos os Reinos dos seus Soberanos com a sua inculpavel innocencia , e grandes virtudes. Outros muitos em particulares empregos afombraraõ o mundo. Anscherio , Bispo de Pariz , foy Chanceller de França : Matheus Vintocience , Regente do mesmo Reino , em tempo de Philippe o *Atrevido* : O Cardeal Brisoneto no de Carlos VIII. Ambrosio no de Luiz XII. e Ossato no de Henrique IV. Seria hum numero inumeravel , se recopilássemos , os que nomeaõ as Historias. Naõ devemos porém deixar em esquecimento as memorias dos Senhores Cardeaes Patriarca , e da Mota : aquelle , que depois de mostrar em varios empregos o seu zelo pelo bem da Patria , agora se applica com tanto cuidado ao governo espirital das suas ovelhas , servindo de espelho aos Prelados do Reino , e de gloriosa emulacão aos estranhos: Prelado , que sendo o primeiro da Patriareal de Lisboa , ainda que se lhe figaõ muitos , nunca terá segundo: este , que actualmente he Ministro do Reino , se lhe deve muita estimacão pela sua conhecida bondade. A virtude solida , e sabedoria prudente merece todos os lugares , e só ellas saõ dignas dos empregos.

## CAPITULO VII.

*He regra da Prudencia, que o Principe não aggrave os Estados com tributos.*

232

**A** Etymologia de subdito vem do tributo, que sempre foy molesto ao tributario. A forçosa necessidade do publico o faz voluntario, se se emprega utilmente em paz, ou guerra. Na antiga Roma se cobravaõ estes impostos de Tribu em Tribu; e por isso se chamou tributo. Todas as leys mandaõ, que o paguem os povos ao seu Principe, como devido premio ao cuidado do seu governo. O modo suave de os impor he quem faz menos rigoroso o tributo. Quando Pericles queria alguma nova contribuição dos Athenienses, primeiro alegrava o povo com sumptuosos banquetes, festas magnificas, e espectaculos theatraes. Estas sangrias dos povos devem-se fazer sem dor. Rompa-se a vea da arca, porém com lanceta aguda. O Principe navega na não da Republica: os tributos são como as vélas: haõ de levar o navio, e segurallo, e não afundallo com o pezo. Marco Antonio estando em Asia, impoz no mesmo anno dous tributos: respondeo-lhe o povo, que quem tinha authoridade para pôr duas decimas, tambem a teria para haver dous Estios, e dous Outonos, em que elles fizessẽ duas colheitas, e duas vendimas.

233 Primeiro foy a potestade do mundo tyrannica, que paternal. Depois que entrou a reinar a suavidade, não deve a violencia ter lugar entre os homens. Dizia Artaxerxes, Rey da Persia, que dos Principes era mais proprio dar, que pedir. Converter a guerra em paz, he acção de Rey: mudar a paz em

em guerra, he exercicio de tyranno. Em Homero chama Achilles a Agamemnon devorador do povo. Assolallo com tributos, para manter os desordenados gastos, só o praticaõ os barbaros. (1) Ainda que Bela subio ao Throno de Hungria por hum detestavel parricidio, foy muito amado dos povos, porque livrou os subditos do pezo dos tributos. (2) Os desempenhos do credito Real suavisaõ os impostos. Porem se o Principe, como Caligula, gastar em huma cea os tributos de tres Provincias, quem o ha de livrar de ser tyranno?

234 Enfina, maliciosa, a moderna Politica fer licito tudo aquillo, que he conveniente para a conservaçãõ. A natureza, mestra de acertos, abomina femelhante conselho, como prejudicial á mesma conservaçãõ. A arvore naõ sente, que lhe cortem hum ramo: se a deceparem pela raiz, acabou-se a arvore; porque morre a vegetaçãõ. O Pastor aproveita-se do leite, e naõ muje a ovelha, até que lhe corra o sangue. Tosquia-lhe o vélo, e deixa-lhe a pelle coberta, para que resista ao frio. O Emperador Mauricio roubava as Cidades com impostos. Dizia elle, que se queria aproveitar do Sceptro, em quanto lho naõ tiravaõ. (3) Naõ o tem muito firme o Principe, que tanto o aperta.

235 Naõ vive seguro nos palacios, quem os guarnece com o sangue dos povos. O Emperador Commodo, e Diõnyfio de Sicilia foraõ taõ aborrecidos dos vassallos pelas suas extorfoens, que viviaõ intractaveis para escaparem á furia dos tumultos. Os povos da Syria se rebelaraõ contra Andos, por causa dos

(1) *Petr. Riber. de Statu Persico. liv. 3.* (2) *Hist. Hung.* (3) *Franc. Asthanus de Republica liv. 20. §. 7.*



dos muitos tributos, com que a sua crueldade os opprimia. (4) Pelo mesmo motivo perdeu Alberto os Reinos Godos, e Suevos: (5) Margarida de Dinamarca a Coroa: (6) O Emperador Tiberio a Dalmacia, (7) e Frederico foy totalmente deposto do governo. (8) Na tyrannia falta o soffrimento, e o corpo do povo não pode supportar sangrias, que o haõ de enfraquecer até espirar. Assim como para colher a féra voraz se armaõ os caçadores; para destruir o Principe tyranno, se poem em campo os mesmos vassallos; e huma vez estragada a obediencia, não val á pessoa o sagrado da Magestade. O Principe he senhor da herdade, e não rendeiro: este locupleta-se destruindo, e aquelle utiliza-se conservando.

236 A pessoa do Rey he mortal, e não morre o Reino. Se acabasse com elle, menos culpavel se lhe faria a violencia: porém como ha de continuar nos successores, que o representaõ, pede a justiça, e manda a razão, que lho conserve como deposito, e não o dissipe como herança. (9) Até a virtude tem limites; e em todas as cousas deve haver modo. (10) O dano he companheiro da superfluidade, (11) e todo o excesso se faz reprehensivel (12) O tributo he dividida nos vassallos, quando não excede a moderação. (13) Os povos não repugnaõ a pagar; exasperaõ-se da violencia de impor: não recusaõ o roubo, queixaõ-se do modo. (14) O arco estala com o demasiado aperto. A porfiada continuacão dos golpes, irrita a mais soffredora paciencia. Os mares no inverno combatidos

Tom I.

X

dos

(4) *Justin. liv. 38.* (5) *Ashbanus liv. 31. §. 9.* (6) *Johan. Magn. liv. 21. cap. 12.* (7) *Dion. Cass. liv. 55.* (8) *Paris de Puteo de Syndic. cap. de Regum excessibus. cap. 1. n. 15. fol. 81.* (9) *Gongora.* (10) *Horat. Sat. 2.* (11) *Plin. liv. 11* (12) *Eurip. in Hipol.* (13) *Philostrat. in vita Apollon. liv. 5. cap. 13.* (14) *Ovid. 5. Trist. Eleg. 3.*

dos ventos fechaõ-se ás pescarias: ao brando zefiro, no Veraõ, franqueaõ os seus thesouros com sereno semblante. Advertiraõ a Alexandre, que os seus Reinos ainda soffriaõ mayores tributos, e respondeo, que elle era Rey, e naõ Hortelaõ para arrancar os frutos com os ramos.

237 As moedas dos tributos pescaõ-se ao anzol de huma em huma. (15) Lançar a rede he varrer o mar. Os discretissimos Athenienses, ainda nos mayores apertos, se mostravaõ notavelmente circumfpectos na imposição das fizes. Consideravaõ, que o nome de tributo he summamente odioso; e para o fazerem mais suave, lhe davaõ o disfarçado titulo de governo. (16) Saboreavaõ o freyo, para que naõ escaldasse a aspereza. O grande Pompeo se fez aborrecivel; porque amava as riquezas com excessõ. (17) Quando os Principes se mostraõ sequisiosos, advertem os acautelados a esconder as fontes, para que naõ fatisfaçaõ a hydropesia. Nos apertos do Reino naõ ha vassallo, que naõ as ponha patentes, como muitas vezes se vio em Portugal; e ainda no Estado da India, donde as donzellas offerenciaõ o adorno das joyas para o reparo das Praças, e construcção das Armadas, como referem as nossas Historias.

238 Naõ sey, que se possa fundar em boa razão, a Razão de Estado, que aconselha, se útil a pobreza dos vassallos para mayor segurança da obediencia. Naõ tem pouca authoridade os que disseraõ, que o verdadeiro thesouro dos Principes saõ os vassallos ricos. (18) O abatimento dos animos he a primeira base, sobre que se estribaõ as maquinas dos levantamentos.

A pa-

(15) *Mat. cap. 17.* (16) *Rhod. liv. 17. cap. 9.* (17) *Plut. in ejus vita.* (18) *Cassiod. liv. 5. Epist. 11. & Eusebius in vita Constantini.*

A paciencia mais diamantina se exaspera com o flagello da fome, quando não he immediato castigo de Deos. Se a necessidade não respeita os Sacrarios, muito menos o fará aos Thronos. Quantos homens empobreceo Saul, tantos inimigos teve ao lado de David. (19) Acheo, Rey de Lydia, e Meonia impunha nos povos enormissimos tributos, que cobrava com desapiadado furor, duplicando nas execuçoens a tyrannia. Sangrava até esgotar as vêas, depenava até arrancar a pelle, e roía os ossos até chupar os tutanos. O miseravel povo, que já não tinha alentos para viver, lhe sobrraó as forças para matar. Entrou o palacio com furioso tumulto, e não só recuperou os roubos, que escondiaó os cofres, mas lavou com o sangue do Principe, e de toda a sua familia as abominaveis nodoas da sua impiedade. (20.)

239 Ao povo Hebreo lembrava o cativeiro do Egypto; porque nelle teve abundancias. Pouco importa, que se multipliquem os privilegios para a liberdade, se no roubo do cabedal se deixaó os homens escravos da miseria. A moeda do tributo fim se tira da boca; mas não se vende o peixe. O pescador ha de pagar o censo, e ficar com o lucro do trabalho. (21) Jejuns involuntarios são mais impaciencias, que merecimentos. Tirar os meyoas da vida, he polla no fim. Nem só os punhaes arrancaó vidas, tambem a necessidade mata de fome. Tanto que o Lavrador Termestino vio, que Pison lhe levava a alma nos seus frutos; tirou a vida de Pison para conservar a sua. (22) O Supremo Rey pede affectos por tributos: os que no mundo o representaó, não devem ganhar odio nos

(19) 1. Reg. cap. 22. (20) *Apud Marlianum.* (21) *Vieira serm. de Santo Antonio na occasião de Cortes.* (22) *Tacit. liv. 4. Ann.*

impostos. Curio, e Fabricio vencerão aos Samnites. Davaõ-lhes estes immensos thesouros, em reconhecimento da nova sujeição, que elles não accitaraõ: dizendo: queriaõ antes mandar a ricos, do que fello. (23) A mayor opulencia dos Principes he enriquecer os vassallos.

— 240 Todas as forças da Prudencia faõ necessarias para a imposição dos tributos. A Republica deseja o Rey, como a terra a agua. O chuveiro impetuoso, revolve a, sem que a fertilize; o brando fecunda-a, sem que a inquiete. O negocio he hum dos nervos do Imperio. Se a corrente furiosa dos direitos o combate, ha de levallo o enxurro pela barra fóra. O Emperador Augusto impoz tributos ao valor das perolas, deixando livre a mercancia dos contratadores, a quem favorecia muito. (24)

— 241 A nobreza, se se vê tributaria, exaspera-se; porque sem distincção dos plebeos, se lhe igualaõ os privilegios, que mereceo a virtude, e herdou o sangue. A soberba das nobras Hespanhas não soffre estas igualdades; e mais facilmente faltaraõ á fé do Principe, que ao amor da honra. (25)

— 242 Deve o Principe fazer as possiveis diligencias para não impor tributos nas Religioens, e Ecclesiasticos; porque não saõ felices as suas consequencias. Dos vasos do Templo não se batem moedas para conquistar Reinos: servem nos ministerios da Religião, e só nelles se deve empregar o seu uso.

— 243 Nas cousas precisamente necessarias para a vida, he manifesta injustiça a imposição dos demasiados tributos. Carreguem-se as superfluidades, e deixe-se livre o preciso. Nas preciosidades da India, Chi-

na,

na, e Arabia haja muitos impostos, que temos o exemplo dos sabios Romanos. Nos officios, que servem mais á pompa, que á necessidade, faça-se o mesmo, que Alexandre Severo. Os contratadores estrangeiros paguem mais, que os naturaes. Abraõ-se os portos a todos; porém a huns com chaves de ouro, a outros de prata, e para alguns de cobre.

244 E de que cuidado não necessita o Principe com os Procuradores, e Recebedores dos tributos, para que lhes não opprimão os seus povos? Já que se lhes tira o sangue, seja com brandura. Não se lhes prove a paciencia; porque se irrita a desesperaçãõ. Nem todos os Estados tem o soffrimento de Sicilia. (26) Bem se pode tirar a capa, sem que se rompa. Só as aves de rapina levãõ com violencia; porque roubaõ. Os Recebedores cobrando fazem os tributos mais peizados, que o Principe impondo. (27) Mais povoaçoens arruinaõ estes impios, que as armas dos contrarios. (28) O Principe á imitaçãõ de Theodorico, deve reprimir estes excessos. (29) Se a cubiça dos Recebedores se não modera, cada dia inventarãõ novas crueldades. (30) Os Cobradores de Temistocles reduziraõ os Andronicos a taõ miseravel estado, que já não tinhaõ com que, nem de que pagar tributos. Ameaçaraõ nos de que levavaõ consigo dous Deoses para Cobradores, que eraõ a Persuaçãõ, e Violencia. Responderãõ elles, que na Pobreza, e Impossibilidade tinhaõ outros dous Deoses para não pagar. (31) Se o Principe na sua moderaçãõ não quer opprimir os povos, não consinta, que os seus Cobradores lho façãõ.

## CAPI-

(26) Cicero. (27) P. Sa in Prov. 30. (28) Cassiod. liv. 5. Epist. 39.  
 (29) Idem. liv. 2. Epist. 26. (30) Tacit. liv. 13. Ann. (31) Herod. liv. 8.

## CAPITULO VIII.

*Para que a Republica goze a utilidade das leys, manda a Prudencia aos Principes as façãõ observar, e não as multipliquem.*

245 **C**Om o homem nasceraõ as leys, porque com a natureza a razaõ. Todos viemos ao mundo para sequazes da virtude, e foy necessario quem nos refreasse os animos, para não despenhar a Religiaõ, e faltar aos Principes com o devido obsequio. Entre os filhos de Adãõ foy a natureza o primeiro Theologo, e as duas leys que depois se lhe seguirãõ, não abrogarãõ a sua. He Deos o supremo Legislador; e poz por fundamento de todas as leys a Religiaõ, e culto Divino. Com estes orvalhos do Ceo florecem os Estados, como diz Polybio, dando por causa da grandeza Romana a pontual observancia da sua Religiaõ. Nas primeiras palavras da ley mandava Romulo adorar os Deoses da Patria; e as dos Gregos obrigavaõ ao culto Divino. Os antigos Legisladores, com estupendas ficçoens, mostravaõ que recebiaõ as leys das divindades, para lhe facilitarem a observancia. O Principe que immediatamente as recebeo de Deos, foy Moyses nas duas Taboas sobre o monte Sinay.

246 Legisladores celebres tem tido o mundo. Phoroneo, deu leys aos Gregos; Solon, aos Athenienses; Licurgo, aos Lacedemonios; os Magos, aos Persas; Zalmoxis, aos Scythas; Trimigisto, e Borchoro aos Thebanos; os Cymonosophistas, aos Indios; Minos, aos de Creta; Phido, aos de Corintho; Hippodamo Milesio Charonda, aos de Carthago; Druis

Druide aos Francezes; Ezotuaftes, aos Arianos, e Numa Pompilio aos de Roma. Deftas leys antigas compuzeraõ os Emperadores Juftiniano, e Theodofio os feus Codigos.

247 Todos eftes Principes davaõ a entender aos povos, que recebiaõ as fuas leys das mãos dos Deos. Até o impio Mafoma affectava, que o Archanjo Saõ Gabriel lhe dictava as leys do feu infame Alcoraõ. Felice o Reino, aonde as leys fe observaõ; porque o fubdito com os mefmos principios com que honra a Deos, reverencea ao Principe. Ditofa o Imperio, em que todos obedecem ao Rey, e o Rey ás leys, como antigamente fizeraõ Licurgo, Zeleuco, Agefiláo, Theopompo, Augusto, e Themiftocles, que nos feus exemplos inculcavaõ a observancia, e veneraçãõ que fe devia ás leys. Todas faõ freyos para deter os coflumes, e levalllos ao palfo da razaõ. Com a fua inobservancia fe deshonna a Deos, e ao Principe. Quem fe affufta dos rayos do Ceo, tambem teme o Sceptro da terra; e quem despreza os rayos da terra, naõ lhe mete muito horror o Sceptro do Ceo.

248 Naõ confifte a bondade util das leys na fua formaçãõ, fe lhes falta a observancia. O feu mayor difcredito he o desprezo, fem que lhes aproveite a bondade. O instrumento quebrado naõ foa: a ley quebrantada naõ faz harmonia. As determinaçoens naõ observadas, faõ livrarias fem eftudiosos, e vendas cheyas de droga, fem ufo. Em faltando o cumprimento das leys, naõ fe distinguem os homens dos brutos: todos feguem os impetos do appetite. (1)

249 As leys fundamentaes dos Reinos devem eternizar-fe; ainda que nelles haja coufas que contentem,

(1) Camera. 1. to. Subc. cap. 2.

sentem, e pedem mudança. Para isto ha o exemplo do mesmo Deos, que dando ao mundo huma só Religiaó; quiz que fosse diversamente observada dos Patriarchas na Ley da Natureza, dos Judeos na Ley Escrita, e dos Christãos na Evangelica. Nesta ultima só os mysterios de Fé são immutaveis, e eternos os preceitos de Direito Divino: porém nas ceremonias, constituições, e observancias, que não são essenciaes da Igreja, podem huns Prelados revogar as determinações dos outros. Com as idades se mudão nas leys as circumstancias: o ponto está na pontualidade da sua observancia. Não basta em quem governa a força directiva, se lhe falta a coactiva. No Throno de Salamaó tinhaõ os leões huns rotulos, em que estavaõ gravadas as Leys. Os Juizes vigilantes, e animosos, são os que as fazem observar com exacção. Entregues á astucia das raposas, expõem-se a re-ctidão aos insultos, e arrisca-se a que a conveniencia seja o unico interprete.

—250 He conselho prudentissimo, que o Principe não publique as Leys sem as conferir. Examine-as pelo parecer dos sabios, a ver se estão conformes com a razão. Tanto que se julgarem por uteis, efforce-se o empenho da soberania para lhes sustentar a integridade. Nos tempos de Trajano, e Adriano nunca se impoz ao povo de Roma ley alguma, sem ser approvada pelo Senado. Bom he que experimentem os braços o pezo, que haõ de supportar os hombros. (2) Valentiniano, Theodosio, Alexandre, e Octaviano para se distingui em prudentes dos Tyranos Eliogabalo, Caligula, e Nero, quando compunhaõ as leys, mandavaõ revellas pelos Dictadores. (3)

251 De

(2) *Spart. in Adrian.* (3) *Lamprid in Alex. liv. humanum. 8. & legibus. liv. 1. cap. tit. 14. Dion. Cassius.*



251 Depois de conhecida a Ley por util, que importa a escrevesse a penna com acerto, se a não faz observar a espada com rigor? Cuide a Prudencia no que deve ordenar, e assentada a resolução, faya a campo a justiça para a fazer cumprir. (4) De que servem ao bem commum da Republica as leys escritas no papel? Costumava dizer Fabio Maximo. (5) A seu mesmo pay negou Agefiláo certa cousa, que lhe pedira contra a ley dos Lacedemonios; accrescentando: *Tu mesmo me ensinaste desde a miuba meninice a não faltar ás leys: pela mesma razão te advirto agora, que sou Rey, não obres nada contra ellas.* (6) Esta vigilancia dissipa os vicios, que destroem as felicidades da Republica. As leys executadas, evitaõ muitas execuçoens. O formidavel Totila Rey dos Godos, entrando á força de armas a Cidade de Roma, mandou deitar hum bando com espantosas ameaças, contra os que violassem as mulheres de qualquer estado. Assolarão os Soldados a Cidade, e não tocaraõ em hum fio das Romanas. (7) Esta ordem que intimou o rigor, e observou o respeito, impedio muitas mortes, a que Totila feria inexoravel.

252 O esteyo firme da Republica saõ as leys. O Imperador Leaõ lhe chamou, Os olhos dos Reinos; porque communicãõ luz a este corpo civil. (8) Não basta sò que elle tenha olhos para se livrar dos tropeços: haõ de ser olhos que vejaõ, e olhos bem vistos. As leys, que o povo vê com agrado, e as cuidadas vigilancias de as fazer observar, impedem todas as quedas da Republica. Nem sò as Praças fortes

Tom. I.

Y

tes

(4) *Joseph. liv. 2. Cont. Anionem. Gram.* (5) *Tit. Liv. liv. 10. Dec. 1.* (6) *Plut. in Mor. de vitiosa verecundia.* (7) *Div. Anton. de Flor. Hist. 2. p. iii. 12. cap. 2.* (8) *Novel. liv. 19.*

tes defendem os Reinos. Mais incontrastaveis são os antemuraes das leys, que todos os muros das Fortalezas. Depois de desquartinado o muro, ainda a Praça tem defenfa: depois de arrazadas as leys, não tem mais reparos o Reino.

— 253 Se nos homens se não houvera escurecido aquella luz da razaõ, que rayou nelles com a primeira aurora da vida; escuzado era constangellos á virtude, e fazer-lhe com violencia repugnante o vicio. (9) Porém como o appetite cegou o entendimento, he forçoso que as leys os levem, ainda que arrastando, para o bem, e os desviem do mal. Saiba o Principe que este bem não o obra o arbitrio do valido, ou de outro qualquer executor: he bem das leys, e não das pessoas. Ordene o bom Principe, como prudente, que a ley governe em todos os homens, e que não mande hum so homem em todas as leys. (10) Estas querem o que Deos manda; e aquelle manda o que elle quer.

254 Nervos das Monarquias chamou hum Politico ás leys. (11) Assim como estes ligaõ o corpo humano para se não desfatar a estupenda fabrica da sua organizaçãõ; da mesma sorte as leys, ajustaõ a symetria da Republica, para que seja perduravel, e indefatavel a harmonia entre os seus membros. Da fabrica do homem foy Deos o Author, e tambem o primeiro, e eterno Rey, que delegou nos seus subalternos o poder de Legislador, (12) para com ellas guiarem os homens pelos caminhos da virtude, em que consiste toda a felicidade da Republica do homem.

155 Antigãmente se pregavaõ nas paredes as taboas

(9) *Ovid. liv. 3. Metamorph.* (10) *Arist. 1. Pol. cap. 12.* (11) *Mendo Docum. 55.* (12) *Div. Christ. orat. de lege.*

boas das leys, para que todos as vissem, ninguem as ignorasse, e as observassem todos. Perguntado Pit-taco Mityleno por ElRey Cresso, qual poderia ser o mayor, e mais florecente Imperio? Respondeo: *O que tiver expostas mais taboas.* (13) A Republica defende-se melhor com estes petrechos, que com os muitos canhoens, e morteiros. Estes servem para os inimigos estranhos, que não são tanto para temer; e aquellas para os de casa, em que ha mais que recear. De pouca gloria servem os triumphos dos contrarios, se se haõ de chorar desgraças entre os domesticos. Não he victoria grande a de sujeitar naçoens indomitas: domar a propria nação, he o mayor dos triumphos. Era costume muy celebre dos antigos Persas, quando morria algum Rey, deixarem o povo huns tantos dias sem ley. Soltas as liberdades, se confundiaõ em destemperadas defordens; e vinhaõ a reconhecer na justiça da soberania, o unico remedio da sua conservação. Homem, e bruto se distinguem na razaõ, e vontade que os governa. Em faltando as leys todos somos o mesmo.

256 He tambem sem questaõ certo, que quantas mais forem as leys, mais seraõ os peccados. A muita carga peza, e as mayores forças se rendem. Queixava se Tacito de que no seu tempo eraõ tantas as leys, que escureciaõ o esplendor da justiça. (14) Ainda a sua noção he Babilonia, porque toda a idéa se confunde. Para os Romanos conhecerem as suas muitas leys, era-lhes necessaria huma arte Mnemonica. Se naquella grande Republica havia alguma confuzaõ, parece que ellas lha causavaõ. Além das muitas leys fundamentaes da Patria, tinhaõ a

Y 2

ley

(13) *Laert. in Pitt. liv. 1. cap. 5.* (14) *Liv. 3. Ann. cap. 25.*

ley Cesarea, que mandava aos Principes comessem com as portas abertas, (15) a ley Cornelia, sobre a divisaõ dos campos; a ley Pompeyana, que dispunha da tutoria dos orfãos; a ley Augusta, pertencente á imposiçaõ dos tributos; a ley Falcidia, em que se prohibia comprar dote de mulher casada; a ley Aquilia, que impedia justicarem-se os delinquentes dentro dos muros de Roma; a ley Semproniana, que mandava não fosse desherdado nenhum filho. Tiverão mais as leys Licinias, Lepidias, Orchias, Agrarias, Annarias, Nummerarias, Sumptuarias, Tabellarias, Testamentarias, e outras muitas.

257 Mais importaõ poucas leys bem observadas, que muitas confundidas. Quantas mais se tecem, mais se enreda a Republica. (16) As leys moderadas faõ luzes da justiça, porque deixaõ ver os reflexos da Equidade. As demasiadas, escurecem o mesmo que deviaõ ornar. (17) Deos só por castigo multiplica leys. (18) Quando as deu ao mundo com amor, reduzio-as a huma, e ella em poucas palavras. (19) Felice Portugal com os seus Reys naturaes. Devemos-lhes na sujeiçaõ de vassallos amor de filhos, porque nos não opprimem como subditos.

258 A multiplicação das leys, não pode deixar de enredar infinitos pleitos, que o Principe deve evitar para socego da Republica. As demandas geraõ inimidades, e estas ateão incendios difficultosos de apagar. Zeleuco, que as quiz impedir, deu poucas leys aos Thurios, e dizia, que antes queria os seus vassallos observantes, que interpretes. (20) Para  
evitar

(15) *Vide Histor. Romana.* (16) *Plat. in vita Pii II.* (17) *Tacit. liv. 3. Ann.* (18) *Oseas cap. 8. v. 11.* (19) *Diliges Deum, & proximum. In his duobus mandatis univ. lex pendet. Mat. cap. 22.* (20) *Strab. liv. 6.*

evitar os pleitos se inventaraõ as leys: logo como pode ser razao fomentar as discordias com os mesmos meyo da paz?

259 He lastimosa a vida dos pleiteantes, e digna de compaixao a sua miseria. A causa pendente sujeita o Politico a muitas dependencias. Ha de obedecer a quantidade de indignos, que se envergonhara de mandar. He obrigado a cortejar, os que naõ merecem nenhuma attencao. Tantos saõ os Ministros mais superiores, quantos os idolos, a quem ha de dobrar o joelho; offerecendo o incenso das oblaçoens, a victima do ouro, que quanto com myrrha naõ se compraõ sentenças. Infeliz he a Republica, aonde as demandas se naõ atalhaõ. E vòs outros Buitres togados, que nas entranhas dos miseraveis cevais a vossa cubica; em que estado pondes os Reinos, as Provincias, e as Cidades? Oh quem dera huma volta á roda, que vos sustenta; e vos vira, como os perseguidos, andar de rastos! Entaõ fabriceis com experiencia o quanto custais a soffrer. Na Ethiopia se concluiaõ as demandas brevissimamente: ouvidas as partes, naõ havia mais ley, que a equidade. (21) Peyores que barbaros saõ aquelles Ministros, que reservaõ o despacho das partes para o fim da eternidade. Talvez que com as leys se proteste a demora, porque com a causa parada, corre a conveniencia. Naõ faltaraõ povos, que desejem trasladar-se para a Trapobana a viver entre os Anticronos, aonde naõ ha pleitos, e latrocinios, para fugirem dos roubos, que trazem consigo as demandas. (22)

260 Que differamos dos Procuradores, e Letrados se tudo se pudera dizer! Estes saõ aquelles espiritos

ritos infernaes, que a cauda do Dragaõ deitou ao mundo para tornarem as Republicas em infernos. Com a falsa, frivola, e affectada interpretação de huma ley, faraõ eterno hum pleito de naõ nada. Em quanto lhes derem de comer, se ha de a causa nutrir; porque o seu fim he enganar. Animaes immundos, que mudando os Escritorios, naõ sey em que lugar inquietao os Reinos, e Cidades com os impertinentes grunhidos da sua fome. Notavel Reino foy o nosso Portugal, em quanto o naõ inficionou esta peste. Os discretos Lacedemonios os naõ consentiaõ na sua Republica; e muitos Reys, e Emperadores os diminuirao. (23) A sua eloquencia Forense, era mais util fora da Republica; e se o abuso, ou a necessidade os toléra, naõ abufem da necessidade da tolerancia.

## C A P I T U L O IX.

*De que meyo deve usar o Principe conformes com a Prudencia para manter as leys em rigorosa observancia.*

261 **O** Legislador ha de conservar a Magestade, para que se naõ corrompaõ as leys. Deve propollas a Prudencia, e executallas a soberania. Reguladas pela clemencia, faça observallas a justiça. O Emperador Carlos Magno trazia o sinete das suas armas no pomo da espada. Queria dar a entender, que se naõ bastasse á pontual observancia das suas determinaçoens, e decretos a authoridade das armas do sinete; obrigaría a cumprillos com as  
armas

(23) Anton. Monar. ejus ad cod. pag. 3.

armas da justiça, e com a justiça das armas. O Principe promulga as leys, como Legislador, e propugna-as como Rey. A sua Magestade, ainda que humana, he hum reflexo da Divina. A admiravel opiniaõ dos subditos os faz dignos de reverencia; e não menos ás leys, suas imagens.

262 Ao Principe se deve o amor de pay, e o temor de Rey: porém não podendo faltar nunca o amor da pessoa, nem sempre ha que temer na Magestade. O temor nasce da culpa (fallo do servil) e quem não deve ás leys, não teme os Reys. A sua espada corta pelo mal: se não houver maldade, porque se corte, não haverá espada que se desembainhe. (1) Tema quem não obra o bem, porque o remorso sempre se affusta da pena. (2) Quando o Principe vir, que a lealdade não sustenta, reprima com o medo, dizia Theodorico. (3) A rigidissima espada de Bassano, Rey dos Sycambos, não perdou ao proprio filho; porque lhe violou as suas leys. (4) Com este exemplo, tanto de casa, mostrou o inflexivel da Magestade, que quando se offendem as leys, que fundou a razaõ, nem ha razoens do sangue.

263 Os meyoys para conservar a Magestade são: a Grandeza das acçoens, a Gravidade das palavras, e a Inteireza dos costumes. As acçoens haõ de parecer de Heroes, como correspondentes a taõ alto caracter. A qualidade de Rey pode ser hereditaria; porém a Magestade que a acompanha, he adquirida. O Rey injusto fará hum Rey tyranno, mas não magestoso; porque a Magestade, e tyrannia são ex-

(1) *Ad Rom. cap. 13. v. 3.* (2) *Ibidem. v. 4.* (3) *Cassiod. liv. 2. Epist. 5.* (4) *Parte 1. in Hierographia Regum Burgundia Symb. 2. fol. 138.*

extremos, que se não unem. As gloriosas acçoens dão merecimentos á qualidade da natureza. Então he Rey com Magestade, o que tem acçoens de Rey. Os Principes da terra são copias do supremo Potentado dos Ceos. e Deos não se faz admirar tanto pelo que he, como pelo que obra. Em faltando á Coroa dos Principes o primoroso lavor das acçoens grandes, não nos enganemos com as apparencias; porque não val mais do que peza. A Magestade da-se a conhecer pelas virtudes. Os homens todos são o mesmo: as acçoens os desemparelhaõ. O Principe sem heroidade, parece hum homem como os outros. Pelas grandes obras o conheceremos Divino, sem necessidade de mais fé, que a vista.

— 264 A grandeza do coração Real, ha de sahir ao rosto. A presença veneravel, he inteiro complemento da Magestade. A habituação corporea qualifica a alma por digna do Imperio. Se a affabilidade he innata com demasia, deve supprir a arte o defeito da natureza. Não parece que he Rey, o que não sendo nunca visto, não he logo conhecido na primeira vez, que se vê. A sua imagem ha de ser Templo sagrado, que basta a perspectiva para lhe dar veneração. Não deve parecer noite escura, que espante; porém como a veneravel gruta, que desafia o respeito. A imperiosa vista de Dario cahio a espada das mãos ao traidor, que entrou na sua tenda para immolar aquella Real victima a tão impio atrevimento. Bastou hum ecco de Julio Cesar para pôr em ordem todo o seu exercito. O rosto do Principe ha de mostrar que só teme a vergonha; e para que nunca lhe venha á face, não largue das palmas a estimação do bem.

— 265 Se á gravidade magestosa faltaõ as virtudes, per-



perde a propriedade na mesma conservação do titulo. Nas leys se delinea o Principe ; e deve mostrar nellas tanta Magestade , que seja necessario dar a conhecer as promulga hum homem. A grandeza da sua reputação he a guarnição mais propria destes Reaes retratos. Tanto que Moysés se vio constituido soberano Legislador do seu povo , revestio o aspecto de taõ veneravel respeito , que se não tirara a mascara da soberania, não poriaõ os vassallos nelle os olhos. (5) Era Principe , que vinha promulgar novas leys , e foy preciso tirar equivocaçoes mostrando-se humano. Este exemplo devem imitar os Reys: debaixo do docel de Divinos sacramentados não occultem as especies da humanidade.

266 A Magestade do semblante se segue a circunspecção , ou prudente attenção das acçoens , e palavras , para que não falte a authoridade á soberania. He necessaria a circunspecção na beneficencia , e justiça , que ambas estas virtudes são eixos , em que gyra a esfera da Magestade. A justiça gera odio , e a beneficencia pare inveja. Conceba a circunspecção o parto , que ha de dar á luz a Prudencia.

267 Quem mede o empenho , não quer exceder a possibilidade. (6) Em todas as acçoens se mostre o Principe igual , para parecer sempre o mesmo. Não perde o Sol as veneraçoes , porque se lhe não descobrem nos luzimentos variedades. Não ha que temer no accessorio , quando o essencial está bem fundado. A mayor prudencia do juizo não está em fazer hum homem tudo o que entende ; mas em mostrar ás vezes , que sabe pouco. Se com a arte não vencemos a arte , poucas obrigaçoens deviamos á Prudencia

dencia. A mayor sciencia do entendido está em disfarçar o que sabe. David feito louco na Corte de Achis, e imperando no Throno de Israel, era o mesmo David: porém como circunspecto medio os tempos, e os intentos. Se não houvera Claudios fingidos, não se alcançaraõ Imperios: mas os fingimentos prudentes não são reбуços da simulação astuta. Ha tempos em que he Prudencia não parecer prudente; porque quando a astucia se vir vencida, para mayor infamia da sua vaidade, possamos dar o triumpho á ignorancia.

— 268 Com a grave compostura das palavras, se conserva a Magestade. As vozes do Principe haõ de ser repostas de Oraculos. O estylo laconico naturalmente he seu. Com a relaxação da lingua se facilita a Magestade. Quando esta der louvores, attenda ás qualidades, ou aos merecimentos, e nunca ás pessoas. Appliquem-se á eloquencia os Soberanos, não para fallarem muito, mas para authorisarem as vozes. As razoens obraõ mais com o pezo, que com o muito; e com ellas se attrahem as vontades. A lingua de Mercurio, que não tinha pés, nem mãos, conseguiu quanto intentou. (7)

— 269 Não ha força mais poderosa que a de hum discurso breve, com bem alinhada rhetorica. Mayores triumphos alcançou Hercules com os fios de ouro, que lhe vibrava a lingua, que com os cortes da espada, que esgrimiaõ os braços. (8) Se o Principe tiver a doçura de Orptheo, ha de attrahir os homens, ainda que sejaõ de pedra. Huma lingua discreta he aguda flecha para os entendimentos, e magnetico poderoso das vontades. (9) Não teme Hieron os levantamentos

(7) *Natal. Comes in Mitol. liv. 5. cap. 5.* (8) *Alciat. Embl. 180.*  
 (9) *Vicin. de Elog.*

tamentos do seu Reino de Sicilia ; porque com a eloquencia sabe disfarçar a tyrannia. (10) A rhetorica acompanhada do respeito he entaõ mais poderosa. O pezo da authoridade dá grande valor ás palavras. As vozes do Ceo todas são trovões ; e mais se respeitão estas sem rayos, que os rayos sem vozes. A eloquencia de Cineas conquistou mayor numero de Cidades, que a espada de Pirrho. (11)

270 Os Principes eloquentes sempre foraõ celebrados. Decantada foy a elegancia de Agamenon, (12) a artificiosa brevidade de Menelao, a grande suavidade de Nestor, a copiosa affluencia de Ulysses, a engenhosa facundia de Páris, a oratoria de Alexandre, a discriçaõ de Achilles, a promptidaõ de Augusto, a gravidade de Cesar, a efficacia de Cayo, e as advertencias de Claudio, e Tiberio. (13) Naõ foy Adriano menos erudito ; (14) e Nemeriano teve estatua por eloquente. (15) Outros muitos Principes, mais visinhos ao nosso seculo germanaraõ o valor das armas com o veneravel concerto das palavras. Aos que haõ de governar Imperios manda Deos, que estudem a eloquencia, ainda que lhes custe trazer brazas na boca. (16) Notavel Oraculo Portuguez foy El Rey Dom Joaõ II. A mesma veneraçãõ tributa Hespanha ao seu Segundo Philippe, e França a Francisco I. No conciso dos seus Apopthegmas parecia ; que animavaõ a Magestade.

271 Porém de que circunspecçaõ naõ necessita o Principe nas palavras ! Corridos os bastidores do animo, ficaõ patentes as figuras da idéa. Pela lingua se

Z 2

co-

(10) *Volaterran. liv. 10.* (11) *Plut. in Pyrr.* (12) *Cassin. de eloq. liv. 1.* (13) *Hom. Iliad. 1.* (14) *Tacit. liv. 12. Ann.* (15) *Dion in eo.* (16) *Ijai. cap. 1.*

conhece o sentir dos homens; e muitas vezes passaõ os sentimentos a sentidos. (17) As palavras do Principe, ainda cahidas por entre os dedos, nunca cahem no chiaõ. Ninguem suppoem superfluidades em hum homem taõ preciso. As indifferenças se investigaõ como mysterios; e as casualidades naõ reflectidas saõ respeitadas, como meditaçoens do entendimento. Se a materia, que se trata he ponderavel, supponha se o Principe Jo; porque lhe naõ haõ de faltar Argos. Nestes casos deve haver muito cuidado; porque as palavras, como settas, vaõ, e naõ tornaõ. Se Icaro derretido em familiaridades chegar a cahir nas aguas, quando muito terá hum Dedalo compassivo. Arrependimentos da inconsideraçãõ rara vez foraõ frutuosos. Linguas, que tem nas mãos a morte, e a vida, haõ de fallar com vida morta. (18) Nem só os brutos necessitaõ de freyos: se Deos nos naõ pozer hum bocado de circumstancias, (19) quem ha de firmar o desbocado bruto do dizer? Ha tempos, em que a mysteriosa mudez he a melhor eloquencia dos Principes.

272 Tambem ás lagrimas se deraõ vozes, (20) e com estas em nenhum caso deve fallar o Principe. Hum humanõ taõ semelhante á Divindade naõ deve ter nos pezares os communs effeitos de qualquer homem. No publico derrame lagrimas o coração, e ria o semblante: quando estiver só com Deos, ria o coração, e chorem os olhos. David, depois que foy Rey, vertia as suas lagrimas no leito. (21) Hum lugar taõ retirado como o do descanso, he aonde podem os Principes desafogar em prantos. Acautelle tambem as promessas, e ameaças para evitar a impossibilidade das fatis.

(17) *Eccel. cap. 4. v. 29.* (18) *Prov. cap. 18. v. 21.* (19) *Psal. 140. v. 3.* (20) *Interdum lacryma pondera vocis habent.* (21) *Psal. 6.*

fatisfaçoens, e a precisaõ das suppostas vinganças.

273 Os costumes dos Principes haõ de ser idéas sem paixoens. Hum homem, que só o he no nome, naõ póde ter inclinaçoens humanas. Os seus costumes saõ os espelhos dos vassallos. Elle he o espirito, que guia a carroça da Republica, e pelos seus impetos se haõ de governar os que a tiraõ. (22) Naõ he possível, que se occultem aos olhos, os que a fortuna collocou nas eminencias. Por mais que o Sol quizesse esconder as manchas, impossivel era o seu empenho; porque tem o seu thrõno muito alto. Todos os Planetas lhe bebem as influencias, e seguem os passos; porque os seus movimentos saõ de Rey. (23) Os costumes do Principe saõ varas de Jacob: se nelles houver nodoas, haõ de os vassallos conceber manchas. Ao Imperio do exemplo ainda naõ houve quem se rebelasse. Os homens tem pelo mayor obsequio imitar aos superiores nos costumes.

274 A Politica deste dictame se funda, naõ menos, que no Evangelho. Manda elle aos homens, que sejaõ Santos, assim como Deos o he. Os Principes tortos, e coxos, como Filippe, haõ de ter muitos Clifosos, que escondaõ os olhos, e affectadamente coxeem. (24) Sendo elle a idéa do seu Reino, em cada acçaõ dá huma tinta para muitas copias. Quando Portugal teve por Soberano a Dom Manoel o Felice, Heroico, e Magnanimo, entaõ floreceraõ os magnanimos, os heroes, e os felices. Naõ houve velho taõ cepo, que com espiritos de Marte se naõ offerecesse a ElRey Dom Sebastiaõ; porque este desejado Rey se suppunha o Deos da guerra. No Reinado de Dom

Fernan-

(22) *Exeg. cap. 1.* (23) *Sciencia de Corte. tom. 1. pag. 17.* (24) *Sto-phan. in Apol. pro Hero. lot.*

Fernando o Pacifico, parece, que se affeminaraõ os Portuguezes. No felicissimo seculo, em que impéra o Augustissimo Monarca Dom J O A M o V., que Deos nos guardê, frutificaõ as sciencias no seu Reino; porque a inclinaçãõ do Soberano despertou com o exemplo o natural descuido da naçaõ. O Emperador Theodosio, quando quiz reformar as relaxaçoes do Imperio, naõ promulgou mais leys, que fazer publicas as suas virtudes. (25) Com a ley do bom exemplo conserva o Principe a Magestade; e o seu respeito faz com que se observem as leys. O Rey absoluto he isento, naõ só das suas, mas ainda das Politicas dos seus antepassados: porém he obrigado ás Divinas, e naturaes, que deve cumprir exactamente, para que os vassallos lhe observem as suas com promptidaõ.

## C A P I T U L O X.

### *Da Prudencia Economica.*

275 **N** Este discurso seguiremos diverso estylo; porque faremos hum compendio de varios documentos, e aphorismos praticos para o bom governo economico. Cada casa he hum Reino pequeno, e cada Reino huma casa grande. A Politica, e Economia saõ duas especies da Prudencia. Aonde naõ houver capacidade para governar huma familia, claro está, que ha de faltar para reger hum Reino.

276 Distinguindo porém a potencia natural do entendimento, da intelligenza adquirida com a sciencia theorica, ou practica, e fallando do habito; facilmente

(25) *Pacatus in Paneg. ad Theod.*

cilmente acharemos Principe aptissimo para o governo da Republica, e pouco desseo no da sua familia; porque embaraçado com negocios de mayor ponderação, sem que lhe falte a theorica, não se occupa nos menores. Habituada a Prudencia nas expediçoens do commum, succede muitas vezes perder-se o cuidado das particulares. Da sua mesma saude se esquecia Philippe II. por se lembrar, que era homem para os outros, e não de si. Em qualquer sciencia se podem dar habitos especulativos, e notavelmente sabios, faltando a practica por não haver uso.

277. Além das regras geraes, que dicta a Prudencia, toma a Economia outras particulares, proporcionando o grande com o pequeno; assim como o Reino com a familia. Quem melhor souber proporcionar as regras da Prudencia Politica com a Economica, este será perfeito pay de familias; e quanto mayor for a sua sabedoria, tanto mais crecida será na casa a felicidade. (1) Da familia do Reino podemos proporcionar analogicamente hum Reino em cada familia. (2) O Senhor da casa he o Principe: sua mulher o Magistrado: Os filhos a nobreza: os criados o povo: a casa o Palacio: as rendas os tributos: os parentes as alianças, os mandatos as leys: a authoridade a Magestade: a sustentação a beneficencia distributiva: as correccoens a justiça punitiva; e se o fim de toda a Politica se dirige á felicidade da Republica, o termo da Economia he a felicidade da casa.

Documentos praticos para o bom Econo-  
 nomo proporcionados com as regras  
 da Prudencia.

DOCUMENTO I.

278 — **O** Pay de familias, que tiver por fim das suas acçoens a felicidade da casa, este será o prudente Economo. O vicio não pode unir-se com a felicidade, como já deixamos mostrado. A felicidade he o premio da sabedoria, e o temor de Deos o principio de toda a sciencia. (3) O edificio, que tiver por pavimento este santo temor, brevemente subirá ás Estrellas. (4) Elle fará com que o pay de familias attenda ao bem commum da casa, para ser hum pequeno Rey; e não ao seu particular, com que se faria hum grande tyranno. O Economo, que cuida nos bens da vida, não lhe pode gozar os mananciaes fóra das fontes do temor de Deos (5) Sobre a fundamental pedra da Religiaõ levante o artefacto do bom governo, para que lhe não caya a casa da felicidade.

279 Era costume dos Romanos em todas as suas juntas, antes de tratarem os negocios da Republica, assim de paz, como de guerra, proporem primeiro os meynos para a perfeita observancia da Religiaõ. (6) Julgavaõ estes por impossivel a felicidade da Republica, se faltasse á veneraçã dos Deoses. (7) Quando Romulo

(3) *Initium sapientia timor Domini.* (4) *In quo omnis edificatio constructa crescit in Templum sanctum in Domino.* Ad Ephes. cap. 2.  
 (5) *Timor Domini fons vita.* Prov. cap. 14. (6) *Alex. ab Alex. liv. 4. cap. 11.* (7) *Plut. in vita Marcelli, & Arist. liv. 5. Pol. cap. 11.*



mulo lançou a primeira pedra á estupenda fabrica da sua Roma; Cabeça de todo o mundo, levou nella sentados os Dogmas da Religiaõ; (8) porque não podia ser Principado estavel, aquelle a que faltasse o culto, e honra dos Deoses. (9) Esta fiel observancia da cega gentilidade he doutrina do mayor Theologo das Gentes. Todas as cousas concorrem para a felicidade do governo, se o Senhor não falta ao culto de Deus, e respeito da Religiaõ. (10) Entre os sabios documentos, que Cambisses, Rey da Persia, dava a seu filho Cyro, foy o primeiro, que não fizelle acção, nem dispozelle coufa, sem ser com os olhos no favor de Deus; porque só assim seria felice o seu governo. (11) Na observancia da Religiaõ se estribaõ as fortunas da Economia; (12) porque quem honra a Deus, he honrado de Deus. (13)

280 Se o vinculo do amor não liga as familias, he impossivel a felicidade Economica. A Religiaõ bem observada une os genios mais oppostos; porque os prende com as cadeas da caridade. Numa Pompilio, segundo Rey de Roma, para evitar as desordens de hum povo barbaro, que principiava a ter governo, se valeo da Religiaõ; e com o temor dos Deoses conseguiu a uniaõ de taõ diversos coraçoes. (14) Os Lacedemonios, que até ao tempo de Licurgo eraõ gentes sem ley, bastou, que este lhes desse a entender, que os Decretos, que promulgava, eraõ recebidos de Deus por mão da Sa-

Tom. I.

Aa

cerdo-

(8) *Dionys. Halicarn. liv.2. (9) Joan. Rosin. de Antiq. Roma liv.7. cap.3. (10) Scimus quoniam diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum. ad Rom. cap.8. (11) Xenoph. liv.8. de Ped. Cyri. (12) Pax multa diligentibus legem tuam. Psal.118 (13) Ego diligentes me diligo, & qui vigilant ad me invenient me. Prov. cap.8. (14) Liv. liv.1.*

cerdotiza de Delfos, que lhos communicava; para de hum povo rustico fazer huma Republica consumadamente Politica. (15) Scipião consultava a Jupiter no Campidolio: Publio Scylla mostrava hum sello de Apollo, dizendo, que lhe approvava as batalhas: Sertorio remetia as suas duvidas ao conselho de Diana, que fingia fallar lhe por huma Cerva; e Minos affectava audiencia dos Deoses. Com tantas simulaçoens fizeraõ estes Principes felices os seus governos; unindo os povos com os vinculos do amor, e temor, proposto pelas suas fingidas Religioens, e falsas Divindades; confessando o mundo, que assim como não ha Religiaõ sem Deidade, não pôde haver casa, Cidade, e Reino sem Religiaõ, que una, estreite, e vincule os animos oppostos ao fim dos mesmos interesses.

## D O C U M E N T O II.

281

**O** Pay de familias na Republica da sua casa he Legislador supremo, e nella promulga leys com palavras, e acçoens. Aquellas são leys volantes, e estas fixas, cuja observancia consiste na imitação. Acabamos de dizer, que o Principe com as palavras, e costumes conserva a Magestade: he preciso, que com diversa forma tratemos a mesma materia.

282 Em nenhuma das suas operaçoens se dão os homens tanto a conhecer, como no fallar. Com applicar o ouvido saberemos, se os fundos do coração estão ocos, ou maciços. A moderada eloquencia he a melhor prova da sabedoria. (16) O prudente não

(15) *Polien. liv. 1. Stratag.* (16) *Qui moderatur Sermones suos doctus, & prudens est. Prov. cap. 17.*

naõ se gradua com fallar muito, mas bem. (17) As palavras, que haõ de fervir de exemplo, devem ajustar-se com a exemplar Palavra. Os Reinos fallaõ a lingua do Rey, e os que saõ nella diversos, ainda que sejaõ nossos Reys, naõ saõ Reys nossos. Na casa em que Christo falla, todos tem o idioma do Reino de Deos: no palacio de Sardanapalo todas as linguas saõ vivos Dictionarios do Imperio de Venus. O pay, que quer educar Heroes, falle heroicamente. Emule os espiritos, para que se alentem as resoluçoens. Nas Aulas das sciencias se lê a cada sujeito a sua facultadé: o que ouve dictar Theologia, naõ pôde saber Direito.

283 O pay de familias ha de fallar sempre palavras com graça, e rara, ou nenhuma vez graciosas. Tome as redeas ao furor, porque se naõ precipite a brandura. Ainda que os seus domesticos se desmandem, reprehenda, e naõ se encolerize. Palavras suas abrandaaõ penhas. (18) Com os irados Davids, mostre-se Abigail prudente. Seja Socrates inalteravel com as destemperadas Xantipes. Cuide sempre no que falla, e nunca falle sem cuidar. Faça penna da sua lingua, e profira as palavras com a reflexaõ de quem escreve. (19) O que falla mandando, para que alguma cousa se obre, bom he que huma eternidade o cuide. (20) Naõ arrisque a Prudencia nos repentés, evitará arrependimentos sem fruto. Modere a paixaaõ do riso, que he sobrescrito da carta da fatuidade. (21) O varaõ sabio, pondo os agrados em publico, fe-

Aa 2

chia

(17) *Dem. fl. apud Maximum Tyrium Serm. 47.* (18) *Neuma-chius* (19) *Lingua mea clamus Scriba. Psal. 44.* (20) *Dicit, & facta sunt. Statuit ea in aeternum. Psal. 148.* (21) *Fatius in risu exaltat vocem suam. Eccl. cap. 21.*

cha o riso na arca dos segredos. (22)

284 Já dissemos, que os costumes dos Principes eraõ espelhos dos vassallos: os do pay de familias ninguem pode duvidar, que saõ a compostura dos domesticos. O exemplo he mais poderoso, que a doutrina. Tanto necessita o mundo de preceitos, como de exemplos. O superior máo não pode educar bons. Se o senhor da casa he immodesto, os filhos, e criados como haõ de ser castos? Se he jogador, como deixaraõ de ser tafuis? Se nas suas cousas não medra, como não seraõ estragados? Se he máo Christaõ, quem lhês ha de reformar os costumes? Quando Diogenes vio hum moço tomado do vinho, tirou por consequencia: *Logo teu pay era borracho.* Os Discipulos de Christo conheciaõ se pela semelhança das obras. Até os caens de hum Aparento, lambendo os Lazaros, ládraõ quem he seu dono. (23)

285 As aççoens dos superiores saõ vivas leys do mal, ou bem. Não tome este sobre si peccados alheyos com o máo exemplo dos proprios. Os que governaõ tem muitas obrigaçoens, e nos peccados occultos muito mais de que se temerem. O que não quer ser casto, faça por querer ser cauto. Não importa, que Aaraõ torne as aguas em sangue; (24) porque a Moyses se lhe ha de imputar a culpa de o não impedir. O modo mais suave de reformar he reformarse. Christo, e o Bautista fizeraõ mais fruto com as vidas, que com as vozes. Quem quer, que todos trabalhem, não se poupe. Se o Capitaõ fica na tenda, não mande o soldado atacar a brecha. O pay de familias, quando quer levar a todos pelo caminho direito, pe-  
ga

(22) *Vir autem sapiens vix tacite ridebit.* Ibidem. (23) *Luc. cap. 16.*  
(24) *Exod. cap. 7. & cap. 17.*

ga, como Cataõ, na lança dos bons costumes, e vadyante abrindo o passo com o exemplo. (25) O inferior não tem mais obrigação, que de seguir os passos do exemplar. (26)

## DOCUMENTO III.

286 **H**E a gravidade no pay de familias o mesmo, que a Magestade no Rey. A's boas obras, e palavras se segue huma virtude séria, ou seriedade modesta máy do reverente temor. Este devem os vassallos ao Principe, e os domesticos ao Senhor. Differe muito do temor servil; porque este se affusta de ter offendido, e o reverencial teme offender. A Magestade no Principe faz respectiva a pessoa, attrahe a veneração, espiritaliza as leys, e dá alma aos decretos. A gravidade no pay de familias modera a foltura dos filhos, o atrevimento dos criados; he arrimo do respeito, diligencia dos mandatos, e hombridade do sujeito. Esta gravidade ha de ser affavel, e benigna. Ao Ceo sereno todos olhão com agrado; ao carrancudo com espanto. Faça-se temido, sem se dar a temer. Ganhe ao mesmo tempo com a affabilidade o amor, e com o respeito a reverencia.

## DOCUMENTO IV.

287 **O** Reino hereditario ha de ter Rey, e Rainha, que perpetue a descendencia; e á familia illustre he necessario marido, e mulher para a fecundidade dos successores. Esta se deve

ve a mar, e respeitar, como companheira; e de nenhum modo, como escrava, ou demasiadamente Senhora. Ella he a coroa de seu marido, e não he razaõ, que este lhe ponha na testa outro diadema. Já tem a posse do nome de Deidades, querem adoraçoens, e de justiça se lhes devem rigorosos respeitos. Na entrega nupcial se unem as vontades; e neste vinculo de sociedade he hum de outro sujeito, gozando em commum a successão, as fortunas, e as pessoas.

— 288 Representaraõ os Iconologos ao matrimonio em figura de mulher ricamente trajada, com hum jugo ao pescoço, grilhoens nos pés, e debaixo delles huma vibora. No jugo, e grilhoens se mostra a perda da liberdade, e denota o pezo do estado conjugal. A vibora debaixo dos pés quer dizer, que os confortes haõ de pizar, e atropellar tudo, o que offender a fidelidade, que reciprocamente se devem os esposos. Porém neste commum de pessoas, e bens, deve haver differença nos officios. A mulher não ha de ter a mesma authoridade, que o marido; porque não tem igual capacidade. O homem, como ardente, e zeloso, trabalha em adquirir; e a mulher, como tímida, e tenaz, cuida em guardar, se não he das que estudaõ em destruir.

— 289 Deixe o marido prudente, que sua mulher governe na casa, e não consinta, que se mande a si. He bruto muy desbocado para se lhe largar toda a redea. A razaõ do máo estado tem hoje destruido esta concertada harmonia, especialmente nas pessoas de alta esfera. As Senhoras, como se não foraõ mulheres, tem adquirido liberdade de consciencia. Governãõ em si, como se não tiverãõ dono. Sahem de casa,

caſa, quando querem, e recolhem ſe quando os maridos, ainda que callem, não goſtaõ. Ordinariamente, quando ſahem fóra, deixaõ a caſa em Sol poſto, e vaõ girar os ſignos de outros Planetas, com tanta ſegurança, como ſe Tauro, e Aries não foſſem tambem ſignos. Lá na madrugada vem rayando eſtas auroras muy ſerenas, quando poderaõ vir chorofas; a tempo que os pacientes maridos, já ſem ſoffrimento, eſtaõ no quarto da modorra, por não poderem aturar tantas horas de ſentinella. Eſtas Deidades propriamente ſaõ Lares; não porque eſtejaõ aos cantos, mas porque, como guardas das caſas, não podem ſahir dellas ſem licença. Vaõ com Deos ao ſeu divertimento, que por iſſo naceraõ Senhoras: porém o marido, que não he eſcravo, ha de ſaber aonde vaõ, e quando haõ de vir; fazendo, que venhaõ a horas boas, porque não ſucceda entrarem-lhes as más horas por caſa com tantas ſahidas della.

290 Hum Reino não ſe governa com dous Reys, nem huma caſa com duas cabeças. S. Paulo aconselha ás mulheres, que tragaõ as ſuas tapadas. A vontade dos maridos ha de ſer o véo das finezas dos ſeus diſcurſos. Da uniaõ nasce a concordia; porque dous coraçõens tem huma só vontade. O deſejo de ſe igualarem na authoridade, he a origem das diſcordias; porque animaõ, ou deſanimaõ duas vontades hum coraçãõ. Ha homens taes, que ſe não diſtinguem das mulheres; porque como varoens affeminados, deixaõ usurpar a authoridade. (27) Se as mulheres a tem demaſiada, não faltaraõ diſcordias; e aceza a colera entre os pays de familias, todos os domeſticos respiraõ fumo. Aqui principiaõ as parcialidades, e paſſa a deſ-

a desordem infernal, a que devia ser uniaõ celeste.

DOCUMENTO V.

291 **O** Amor he feito de interesses: dá-se a quem lho dá; e ama a quem lhe quer bem. Quando Nero aborrece o povo, não pode o povo amar a Nero. O marido, que deseja o amor de sua mulher, desvele-se em quererlhe, e se gosta de a ver obediente, obre com discriçaõ. Não estranhe faltarelhe os agrados, quando reveste as ternuras de soberanias. Se lhe parece bem, que ella observe os melindrosos apices da modestia, seja tambem casto. A fê do thoro he igual. Se a natureza lhe deu o genio altivo, mostre-lhe desprezo de varaõ prudente. O coração do homem sabio he inalteravel promontorio aos fluxos, e refluxos do mar tempestuoso. Estes oceanos enfurecidos, nas mesmas vagas, que levanta a furia, surdem serenas as paixoens. Não se ouçaõ vozes fóra do canto da casa; porque os eccos domesticos não sejaõ mófas do povo. O mesmo mar em calma, fustiga a não sem algum estrondo. Suspende o bramido das ondas, levanta pacato as sobranças, e sem alteraçãõ descarrega o golpe no enchão. Como atemoriza sem perturbarse, faz amainar o pano com socego. Na furia das tempestades toda a manobra he confusaõ.

292 Mais que os maridos, devem usar as mulheres desta advertencia. Se lhe descobre acrimonia na condiçaõ, mostre ella brandura no genio. Proloquio celebre, e anexim vulgar he entre as do seu sexo, aquellê: *Duro com duro não faz muro*: Hum dos dous ha de ceder; e manda a razaõ, que sejaõ ellas.

Se



Se o marido he Henrique VIII. mostre-se a mulher Catharina : se he Utharó, seja Theodolinda : se Decio, seja Triphonia : se Maximiniano, seja Faustina : se Nero, Liberia : se Theophilo, Theodora : se Constantino Capronimo, Irene : se Juliano Apostata da sua Fé, seja Helena : se Licinio, seja Constancia : se Diocleciano, Serena : e finalmente se he Affuero, seja ella como Esther. A affabilidade do seu genio rende muito, e a sua aspereza exaspera.

## DOCUMENTO VI.

293 **P** Ara este Documento desejava o estylo de Horacio Flaco, e poder acabar nelle este volume. Meu prudente Economo, abriu os olhos, e vede se lá por casa tendes mulher, que deseje ser vista na rua. Não vos affusteis, que não vos digo, porque vossa mulher tenha arrobos de immodestia : basta-lhe huma meya onça de vaidade. Oh pobres de vós, que brevemente andareis por portas, para que ella faya hum dia a praça ! Vós pela experiencia já haveis saber quanto custa ataviar huma destas Libentinas Deidades ; e a infinita monstruosidade de petrechos, que são necessarios para soltar o pano á vaidade, com maré de rofas, hum destes baixeis tremolando flamulas, e galhardetes, empavado, e guerreiro. Porém como talvez que gasteis sem discorrer, discorrey no que gastais. Eu não vo lo sey dizer : ouvi a quem o disse melhor, que eu. (28)

294 O mundo todo concorre para os enfeites de huma mulher. Os Reinos do Decaó, Bifnagar, e Tom. I. Bb. Golo-

Golocondá contribuem para os diamantes : a Bactria , Scythia , e Egypto para as esmeraldas : o Pegú , Calcut , e Ceilaõ com as safiras : o Seyo Perfico entre Ormuz , e o Bassorá , Samatra , Borneo , e na Europa a Escocia , Silesia , Bohemia com as perolas : o Porto de Julfar na Persia com o aljofar : Syene no Egypto , e o mar Thirreno com os coraes : a Suevia , e Lubeca com os alambres : os campos de Pisa , e os montes Alpes com os crystaes : o Monomotapa , e Zofala com o ouro : o Potosí com a prata : a Alemanha com os camafões : a Moscovia com as martas , e zebellinas : a Helvecia com os arminhos : o Brasil com os fáguns para os manguitos : Tyro em Fenicia com a purpura : a ferra da Arrabida ( e tambem neste Algarve a de Tavira ) com a grã : Portugal , e Castella com a cor : Veneza , e Hollanda com os espeelhos : Provença , e Roma com as pomadas : Cordova , e Hungria com as receitas para as aguas : as Indias de Castella com a almeia , e oleo para as mãos : o Maranhão , e Siará com o ambar : Angola , Guiné , e Cabo verde com a algalia : as nossas Indias com o calabuco , e aguila , e com os canequins , paninhos de coco , e os turibios : Africa com as penas dos avestruzes para lhes aliviarem as cabeças : a China com os lós , leques , e chitas : Granada com os tafetás : Flandes com as rendas : Cambray com as finifimas teas do seu nome : Guimaraens com as linhas : Leaõ de França com as primaveras : Italia , e Modama na Persia com as télas : a mesma Italia com os Damascos : Florença , Genova , e Napoles com os chamalotes : França com as luvas , finaes , e leques : Inglaterra com as meyas , reluginhos , e fitas : a Arabia com a goma : a Batalha com os azeviches ( ou figas )

para o quebranto ; e o miseravel do marido com o que não tem , nem pode , para que ella possa ter tudo o que quer.

295 Esperay mais hum pouco ; porque como ainda ha mais mundo , não se acabaraõ os tributos. Paga-os o mar não só nas ostras , de que se esbulhaõ as perolas , mas tambem nas tartarugas , que desarmando as côstas , lhes armaõ as cabeças : as baleas empenhaõ as barbas para sahir hum justillo , ou compor hum defarrugado. Outras mais partes contribuem com materias para buquetas , escritorinhos , baús , guardaroupas para recolher nos camarins , e escaparates este mundo abbreviado. Saõ necessarios vidrinhos , garrafinhas , buquetas curiosamente forradas , para toda a pharmacopelia de ingredientes liquidos , e secos , simples , e confecionados , que servem de estender o dia da formosura , quando já vem cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade , e de dizer na cara ao defengano , que mente. ( Tambem o fogo , e o ferro concorrem para os cauterios dos cabellos ; porque no empolado deste mar sempre andaõ crespas as ondas. ) As nuvens do Ceo lá tem hum Mayo com boas aguas , que he opiniaõ seguida terem occulta virtude para fazer o caraõ lustroso. Não saõ isentos os mortos , porque trazidos pelos cabellos , contribuem para as cabelleiras ; se he que não as defentranhaõ dos bichos , pondo-as de seda. Até os demonios entraõ nesta finta geral ; porque assim como a mãõ de Deos ajudou a formosura de Judith , tambem o demonio não pode deixar de dispor , e applicar tanta vaidade ao appetite humano.

296 Podeis duvidar do que acabais de ler , aquelles desgraçados , a quem cahio em sorte , trazervos a

mulher sempre em branco? Ha muitos que o choraõ experimentados, e pouco prudentes, porque o naõ evitaõ. Cortailhe as demasias, as superfluidades, e a immodestia do traje, que para isso tendes authoridade de superior. Se consentires que a torre se branquee, além do que gastaís, haõ de acudir os pombos com infamia vossa. A gala da matrona he a decencia, e honra de feu marido. Naõ lhe falte o ornato correspondente á pessoa; porém va-se á maõ á demasia, que se ajusta só com o peccado, e traz consigo a ruina total da casa, filhos, e descendentes.

## DOCUMENTO VII.

297 **O**S filhos saõ o fim do amor conjugal, e o principio das felicidades do matrimonio. A natureza os appetite, porque nelles se conserva a especie. Os pays os educaõ na puericia, e elles os sustentaõ na velhice. He insopportavel soledade a Economica, se nella falta a sociedade dos filhos. A sabedoria dos pays se chora sem companhia, quando naõ a ajuda a robustez dos filhos, que saõ os dous pólos em que se move a esféra Economica. O pay tem rigorosissima obrigação de os educar, e enriquecer, mais de virtudes, que de cabedaes. Para melhor practica de taõ importante Documento fazemos aos pays os seguintes avisos.

*Avisos practicos para os pays educarem bem seus filhos.*

I. — **P**Rimeiramente, logo dos annos pueris os criem no santo amor, e temor de Deos, mysterios, e doutrinas da Religiaõ.

II. Di-

II. Dirijaõ-lhes os entendimentos , e vontades com prudentes conselhos, para que se fação uteis á sociedade humana , amantes da honra , e inteiros nos costumes.

III. Dem-lhes bons exemplos, e obriguemnos a portarem-se como pede a razão , castigando-os quando faltarem a ella.

IV. Ensinem-lhes a respeitar as suas pessoas interior, e exteriormente ; porque são grandes as obrigaçoens , que os filhos devem a seus pays.

V. Mostrem-lhes as razoens , porque lhes são devidores de respeito , amor , obediencia , e assistencia.

VI. Cuidem muito em lhes conhecer os genios , e distribuaõ os exercicios conforme as inclinaçoens.

VII. Se os não poderem educar pessoalmente , busquem sujeito circumstanciado para negocio tão importante.

VIII. Mandem ensinarlhes aquellas sciencias proprias da nobreza ; e se entre os Politicos pode ter alguma authoridade o meu parecer , entendo , que as seguintes são as mais proprias de hum illustre.

A Grammatica , e Filosofia luzes de todas as sciencias. A intelligencia de alguns idiomas , especialmente os que o uso tem feito universaes , como Francez , Italiano , e Hespanhol , que são muy necessarios aos Fidalgos ; porque poderão os Principes occupallos em negocios , e Enviaturas a Reinos estranhos. Todas as materias , que haõ de conter estes volumes , são precisas ao Politico , e para a sua instrucção lhas offerecemos.

IX. Os nossos Portuguezes ordinariamente destinão seus filhos para varios empregos. O primeiro segue

gue as armas, huns as letras, e outros a Igreja. Conheçaõ lhes os pays as inclinaçoens pelos temperamentos, fyfionomia, discursos, e acçoens; e logo dos primeiros annos dem a cada hum o que ha de ser seu. Qualquer arte he longa, e a vida breve. O que houver de seguir as armas, não envelheça nas escolas: o que se escolhe para as letras, não o entretenha na Corte; e o que ha de casar com a Igreja não o deixe affeminar nos estrados das Damas. A planta logo de pequena toma a inclinação, com que ha de acabar arvore. O soldado dê os primeiros passos ao som dos tambores: o estudante em largando a Aya, pegue nos livros, e o Ecclesiastico em deixando a Ama, vá brincar ao Templo.

- X. Com as filhas deve haver mayor cuidado, educando-as em summa honestidade, e modestia. Estas, como se fossẽ pestes das casas, deitem-se fóra dellas com a mayor brevidade, que for possivel. — Vaõ ser educandas nos Conventos, ou representar o papel de filhas nas casas aonde haõ de ser mãys. Para cada huma destas Ios, saõ necessarios cem Argos; e he melhor com o trabalho evitar o risco.

*Regras para que os filhos dos nobres se eduquem a si mesmos.*

I. **H**onray, e temey a Deos, porque sem o fundamento da Religiaõ não se levanta edificio solido.

II. Reconhecey o vosso estado, ser, e qualidade, para vos estimares como deveis; não dando occasiaõ a que vos descubraõ os defeitos, que não tendes.

III. Abominay a soberba, como aborrecivel a Deos,

Deos, e ao mundo. Se quereis idolatrias, mostray humanidades. Se aspirais a folios levantados, não vos colloqueis nas Estrellas. Esperay que vos mandem subir, e não vos arrisqueis a que vos fação descer.

IV. Tratay com doutos para feres sabios, e perguntay o que não souberes, porque a presumpção jactanciosa não he sciencia. Fugi do contagio dos nescios, que nas respiraçoens se pega. Não sigais os muitos, senti com os melhores.

V. Tende medo á temeridade, e fugi da covardia. Sede briosos, mas não vãos.

VI. Não offendais os pequenos, nem temais os muito grandes. Respeitay huns, e protegey outros.

VII. Se vos achareis com animo para beber o calix das boas obras, tendes pensamentos tão levantados, como os filhos do Zebedeu. Porém vede, que sem ellas vos servirão as alturas de precipicios de Lucifer...

VIII. Se a virtude vos dá gritos na consciencia, não tendes as infelicidades por inferno, nem as fortunas por bemaventurança.

IX. Não vos rendais ás desgraças, que perdeis as occassoens de ser Heroes. Sinta o coração, afflija se a alma, e não venha o mal ao rosto.

X. Guarday fé, e segredo ao amigo, ainda que vos seja infiel, e em os escolheres tende summa cautela.

XI. Sede liberal com todos sem excessso. Day de graça a affabilidade, que ainda sem querer, lucrais com ufuras o amor.

XII. Estimay mais a fidalguia das vossas acçoens, que todas as honras juntas da vossa ascendencia.

XIII. Adverti, e vede que sem modestia não ha obra

obra boa. Palavras torpes não se achão em huma lingua honrada. O trato com o outro sexo tem imponderaveis riscos. Quando for inevitavel, seja fummamente acautelado. Se chegares a cahir, nem se veja que tropeçastes.

XIV. Não vos metais à conselheiros aonde vos não pedem o voto. Evitay a nota de ignorantes, ou quando pouco, de jactanciosos. Deixay tambem que os outros fallem, que vós não sois Prégadores.

XV. Não sejais expositores da vossa genealogia, que vos podem fazer os textos mentirofos. O sacramento da Fidalguia he mysterio de fé.

XVI. Nunca falteis á verdade, nem a desacrediteis com juramentos. No tribunal do máo costume provaister pouco juizo.

XVII. Não porfieis nas disputas, porque não pretendeis fazer opinioens. No excessivo das proposiçoens ha de haver muitas condemnadas.

XVIII. Communicay com os vossos iguaes, não vos fieis dos grandes, nem familiarizeis com os pequenos. A demasiada communicação he a boça da rua para a praça do desprezo.

XIX. Daquelles, que huma vez vos faltaraõ ao respeito, fereis imprudentissimos, se fiareis mais delles os vossos particulares. A ley de Deos manda, que se ame, e não que se trate.

XX. Não vos embarace o medo para o cumprimento exacto das vossas obrigaçoens. Olhay, que então tendes mais, de que vos temer.

XXI. Não obreis nada contra a razaõ, que de repente sois santos. Pelos respeitos da dependencia, não tragais de rastos a authoridade pelas ruas da adulação.

XXII. Tra-



XXII. Trabalhay porque vos invejem as virtudes, e sciencias, e vós invejay a fantidade.

XXIII. Consideray no que prometteis, porque empenhada a palavra, não ha mais remedio, que a prompta satisfacão.

XXIV. Em vos vendo postos nas Estrellas, não olheis os amigos muito baixos, diminuindo as estaturas, que foraõ vossas iguaes. Lembray-vos, que no theatro da fortuna mudaõ-se as scenas.

XXV. Tende muita cautela quando fallares nos vossos amigos, e inimigos. Não ponhais a verdade em contingencia com a suspeita da paixão.

XXVI. Respeitay nas Damas o caracter de Senhoras, e nos velhos a authoridade dos annos.

XXVII. Fugi da ociosidade fecunda progenitora de todos os vicios, e applicay-vos á boa Politica, aonde achareis materias diversas, uteis, e gostosas para gastar os annos de Nestor.

## DOCUMENTO VIII.

298

**A** Os Reinos são necessarias as alianças, e ás familias as amizades. As que o Ecnomo deve cultivar com mayor cuidado são as dos genros, e parentes. As que se adquirem com os casamentos, haõ de corresponder á qualidade das pessoas. Hum casamento máo eclipsa as luzes de huma familia illustre, e antiga. Ellas são as arvores dos Reinos; e assim como a vegetação naturalmente degenera, do mesmo modo as familias perdem a virtude da nobreza, se em cada casamento não renovaõ hum ramo.

## DOCUMENTO IX.

299

**N**Aõ pode governar o Príncipe sem Ministros, nem o Econõmo sem criados. Naõ expomos aqui os muitos officios, que varios individuos occupaõ nas casas dos Senhores, porque os entendemos debaixo deste nome. Os homens nasce- raõ iguaes: porẽm com a propagaçaõ do genero hu- mano, foy necessario descarrẽgar sobre outros o cui- dado, dos que naõ podiaõ viver por si melmos. De- ve-se justiça aos criados, pagando-lhes os ordena- dos, que se convencionaraõ com elles; e tambem a equidade, e caridade, tratando-os affavel, e sua- vemente, naõ lhes faltando com o alimento necessa- rio, assim do corpo, como da alma.

— 300 O mundo tem alguns amos de taõ má quali- dade, que melhor trataõ os brutos, que os criados. A'quelles naõ lhes falta, que comer; e a estes sobra- lhes, que tragar; porque os espancaõ, praguejaõ, e descompõem. Eu bem sey, e por experiencia, que ha alguns taes, que de tudo se fazem merecedores. Entre os trabalhos Economicõs tem na minha opi- niaõ o primeiro lugar soffrer semelhante gente. Ordi- nariamente sãõ descuidados, inobedientes, mal pro- cedidos, arrogantes, e alguns muito máos zeladores da fazenda de seus amos. Porẽm naõ obstante mu- tas circumstancias, que os fazem insopportaveis; antes se devem soffrer estes, que escravos. A precisa servidaõ lhes faz odiosos os Senhores; e como a escravidãõ he naturalmente aborrecivel, dá pouco lugar, para que aquelles sejaõ amados. Os criados porẽm, como ser- vem por necessidade, reconhecem os amos por bem- feitos, e ha muitos zelosos das utilidades das casas, e pessoas dos Senhores.

301 A possibilidade das rendas, he quem ha de determinar o numero dos criados. A Prudencia manda, que se tenhaõ os precisos: para a vaidade todos saõ poucos. Naõ se protejaõ os facinorosos, porque se mostra inclinação aos maõs costumes. Naõ lhes deixem as culpas graves sem castigo, porque com o broquel do amparo esgrimirão a espada de mayores insolencias: porém se o delicto for leve, naõ o exceda a pena. Se se reportarem nos excessos, basta a emenda por vingança. O melhor castigo para os criados, he despedilos de casa. Se tomarem a correcção por injuria, saõ inimigos domesticos, e muito para temer, porque com muitas occasioens de se vingar. Porém quaesquer, que elles sejaõ, sempre os devemos olhar como inimigos naõ escusados.

302 Miserável he o Senhor, que entrega ao criado a sua vontade. Estes privados dos particulares, no seu tanto, saõ peyores, que os válidos dos Principes. Se he antigo na casa, estime-o seu amo, mas sempre como criado. Se lhe deve a educação, faça que todos o respeitem, respeitando o. Aceitelhe os conselhos; porém naõ lhe entregue as chaves dos cofres da vontade. Naõ confinta, que os criados lhe descubraõ faltas huns dos outros; porque lhes farão o mesmo ás suas. Se conhece algum zeloso dos interesses da casa, que lhe adverte os descaminhos della; ouça, como quem despreza, examine com prudencia, e remedeye sem estrondo.

303 As criadas saõ precisas para o serviço da mulher, e filhas. E que terrível pezo saõ para huma cabeça prudente, estas cabeças leves! As velhas naõ ha quem as ature nas suas impertinencias; e mais necessitaõ de quem as sirva, que de servir. Se saõ mo-

ças, e bem parecidas, nome de Deos! E que arrisca-da he a sua guarda! Praças taõ expostas tem quasi impossivel a defenfa. Como pode ganhar a cautela o que a sagaz industria quer perder? Olhaõ nos criados a sorte igual, e sollicitaõ nelles a sua boa sorte. Se com estas Parainfas da sensualidade naõ houver hum grande cuidado, serãõ embaixadoras mandadas ás mãys, e filhas com plenos poderes do supremo Rey do Amor. Para cada huma destas Evas fallazes he necessario hum Anjo da guarda, e Anjo na vida, que com espadas de fogoso zelo defendãõ as entradas daquelles Paraizos.

## DOCUMENTO X.

304 — **A**S familias sustentaõ-se dos rendimentos das propriedades, como o Reino com os tributos. Deve o Senhor trabalhar pelas adquirir, cuidar de as conservar, e applicar-se a augmentallas. Este Documento o haõ de ter muitos Politicos por villaõ, negando-lhe lugar nas suas casas. Depois que o luxo tomou posse das Cortes, estragaõ-se os patrimonios, e por se naõ faltar ás etiquetas dos tempos, se perdem as antiguidades dos seculos. Muitas vezes naõ terá a familia, que comer, nem se pagarãõ as pensoens dos morgados por cumprir com as obrigaçoens da moda, e preceitos da vaidade. Hum excessõ todo superfluidade só o poderá desculpar a excessiva riqueza. Porém se a do nosso Reino naõ he a mais copiosa; porque se naõ ha de proporcionar o pezo dos gastos com as forças do cabedal? A magnificencia he virtude só para Principes: os Fidalgos, ainda que muito grandes, basta-lhes a decencia correspondente

ás suas pessoas, e rendas. Apedrejem o Ceo porque lhes não deu a opulencia de Cresso.

305 Quando as riquezas são naturaes, e fundadas no proprio Reino, como deraõ os Appellidos ás familias, devem eternizar-se com ellas. Arrancado o que tem de bens de raiz, conservará a arvore o ser de tronco, mas seco. As nobres heranças dos antepassados devem illustrar-se no augmento; porque com ellas nos crescem os lustres. A nobreza he sacrilega iconoclaste dos que representaõ em nós as suas imagens.

306 A riqueza artificial, como mecanica, e a dos contratos, como incompativel á nobreza, não se lhe expoem as circumstancias. A cultura dos campos deve ser o cuidado do pay de familias nobre. As industrias por meyo de outrem ninguem as reprova. Fujaõ-se os meyoõs vís, e illicitos, e applichem-se todos os outros meyoõs. Os mais seguros, e infaliveis, são evitar as superfluidades, e cuidar na prudente parcimonia. Os danos das riquezas mal adquiridas a mesma experiencia os mostra, a consciencia os accusa, e no inferno se padecem. Acautele o pay de familias os descaminhos da sua casa, e ande pelas estradas dos Divinos preceitos, que a Providencia os ajudará para o gozo de todas as felicidades.

## C A P I T U L O XI.

### *Da Prudencia Monastica.*

307 - **D**E pouco importa ao homem ser prudente Politico, e bom Economo, se o não he Monastico. Tem esta por fim a felicidade da  
pessoa,

peſſoa, aſſim como as outras a da Republica, e familia. E pelas leys da caridade primeiro eſtá a peſſoa propria, que as alheyas; porque he mais eſtimavel o ſingular, que a univerſalidade. Como a Prudencia particular enſina a ſeguir as couſas juſtas, uteis, e honeſtas, fugindo o homem dellas, ſe topa com as contrarias, que ſão o diametro da felicidade. Então falta ao entendimento a deliberação circunſpecta; e dirigem os accaſos ás acçoens, com deſtruição total dos acertos. Poderão haver ſucceſſos, que ſe julgem prudentes: porém as apparencias não ſão ſubſtancia da peſſoa. Não merecera Catao o moço os creditos de prudente, ſe fundalle o acerto das ſuas reſoluçoens na impetuoſidade do obrar. (1)

308 O prudente Heroe eſtriba a ſua gloria em executar de forte as acçoens, que nellas ſe veja a paixão domada pela vontade, e eſta obediente ao entendimento. (2) Fundar a felicidade nos fracos alicerces das exteriores apparencias, tem pouco ſegura e eſtabilidade do credito. Archeláo, fingindo ſe filho de Mitridates Rey do Ponto, casou com a filha de Ptolomeo Rey do Egypto. (3) Pouca gloria lhe deu eſta honra; porque com o conhecimento da peſſoa comprou a infamia da ſimulação. Que ha de ter de famoſo o triunfo de Prompáo Rey da Syria, ſe para vencer a Demetrio he neceſſario furtar o nome ao grande Alexandre! (4) Eſtimaçoens, a que falta o eſſencial da Prudencia ſão verdades maſcaradas, que tirado o diſfarce, deixaõ ver o que eraõ. Hum dos maiores motivos, porque a Prudencia ſempre obra bem, he por não deſluzir a ley do proprio entendimento (5)

A que

(1) *Patercul. liv. 2. hiſt.* (2) *Cicero.* (3) *Baptiſta Camp. fulg. liv. 9.*  
 (4) *Idem. ibi.* (5) *Seneca.*

A que promulga a razão, deve observar-se com mayor pontualidade, que todas as leys.

309 A verdade do racional, não a contrastaão as mentiras da ignorancia, ou malicia. O entendimento prudente está fortalecido de tanta sciencia, que nenhuma bataria lhe rompe o solido muro da intenção recta. O seu coração anda nas mãos; porque não rebuça nada do que obra. Na Equidade natural, e Direito Civil, tudo quanto mostra he justiça. Em acautelar os riscos, de que ha de tirar por fruto da temeridade a vergonha, e em não fugir dos perigos, aonde se compra o ser da honra, manifesta, que tem da sua mão a Fortaleza. Em não se entregar aos braços da ociosidade, para adormecer no letargo das delicias, deixa ver, que traz nas palmas a estimavel Temperança.

310 No que os prudentes obraão, como homens consummadamente sabios, se mostraão meninos Romanos. Traziaão estes ao peito hum coração de ouro, para que se visse, que os homens doutos andavaão com a verdade á vista, como joya da sua mayor estimação. Não duvida Putifar entregar a sua casa nas mãos de Joseph; porque vê, que Joseph não he homem de esconder a mão. Quando á candidez do animo correspondem os fundos da Prudencia, não he necessario penetrar os designios, para suppor a infallibilidade dos acertos. Quem prega a vista no exercicio das cousas uteis, e honestas, não somente ama o honesto, e justo, mas impede, que os meyo injustos, e inhonestos não sirvaão para o logro dos bons fins: regra perfeitissima, e a mais notavel da Prudencia.

311 Que importa conseguir a utilidade do fim, pervertida a ordem dos meyo, se o bem, e o mal  
mais

mais consiste nas circumstancias, que na substancia das cousas? Hum só Anteaõ teve a felicidade de chegar ao cume, depois de tropeçar nos primeiros passos. He Theologia orthodoxa, que ainda pelo mayor bem não devemos obrar o menor mal. (6) Que fim mais util, e honesto, que a conversão de todo o mundo? Se com huma leve mentira se houvesse de fazer esta notavel redução, nunca era licito mentir. Aonde se force a rectidão, não pode haver bondade. (7) Huma das cousas mais amadas do homem he a sua vida, e com rigorosa obrigação de a conservar: porém a muitos sabios, e virtuosos, para remedio das enfermidades mortaes, aconselharão os Medicos a mancha da pureza; e quizeraõ antes perder as vidas, que offender a castidade. Tarde ha de chegar á honestidade dos fins, quem caminha pelas torcidas veredas dos meyoS irrationaes.

312 E como poderá o virtuoso Politico faltar á rectidão do entendimento, se ainda nas exterioridades todo he Prudencia? O gesto grave, como sobrecrito do seu animo, lhe empaceta a compostura. Os movimentos da voz, e os meneos do corpo o mostrão despido de todas as paixoes. As suas obras não são mudaveis; porque antes de executadas se graduão nas Aulas da Prudencia. A ponderação séria tem resoluções de elefante: executa com pressa o que delibera devagar. Objecta as difficuldades para não lamentar o máo successo dos empenhos. Esforça a constancia; porque não sabe temer o difficil. Muda o parecer proprio para se accommodar ao alheyo, se he mais seguro. Olha nos accidentes as mudanças,  
por

(6) *Non sunt faciendã mala, ut veniant bona. ad Rom. cap. 3.*

(7) *Caus. de Angelo Pacis.*



por fugir das variedades, ainda accidentaes. Não chora nos casos com arrependimento; porque como obrou com rectidão, não teve culpa. No bom acontecimento dá as graças á Prudencia: na infelicidade, ou se queixa da fortuna, ou a recebe resignado, com o favor da Providencia. Observa os presentes, recorda os passados, e acautela os futuros para ser hum em todos os tempos. E sendo a virtude o norte das suas acçoens, em nenhuma tempestade perde o rumo; porque sempre navega com estrella.

## C A P I T U L O XII.

*Da Imprudencia hum dos extremos desta grande virtude.*

313 **Q**UE bello retrato do Politico imprudente temos no original de Perilo. Quiz este inventar hum divertimento, que fosse natural ao genio do seu Principe Phálaris. Dispoz hum touro de bronze, em cuja concavidade se haviaõ meter os pa-  
decentes, e servindo-lhe de fóra o fogo lentamente, fossem elles bebendo a morte a tragos, e os seus gemidos lisongeando os impios ouvidos daquelle tyranno. Este abominavel invento da crueldade formou Perilo para adular, e não para o sentir. Julgou-se innocente em tão grande culpa; porque não considerou o instrumento, que fabricava. Imprudente idéa, mal intencionado arbitrio, mas que acertado fim! O que se fez verdugo voluntario, foy o primeiro pa-  
decente. A impiedade do seu coração de bronze experimentou no bronze da sua fabrica muito boa estrema.

314 Nas entranhas daquella inanimada fêra, pagou Perilo a sua animada fereza. O mesmo artificio castigou a inhumanidade do inventor. Não se mostrou Perilo grande Astrologo. Calculou muito mal os influxos deste signo. Quando na sua idéa sahio á luz com o touro, para cahirem as figuras, devera levantarle os horoscopos a si mesmo. Porém não errou Perilo no fim do seu intento. Gostou muito Phálaris de ouvir nas entranhas da fêra os ferozes bramidos de Perilo. Não ficou sem premio o inventor, antes foy bem proporcionada a satisfação. Conheceo Perilo o erro, quando já não podia prevenillo. Como imprudente morreo ás mãos de si mesmo; porque infundjo no bronze braveza de touro, quando a natureza, ainda que duro, o não fez cruel. Nas cinzas de Perilo respiraõ muitos imprudentes defenganos sem vida; porque quando abrem os olhos para ver a maldade do invento, se lhes fechaõ á possibilidade do remedio.

315 A boa disposição da vontade não he faude, se está enfermo o entendimento. Que importa desejar aquella o bem, se este não proporciona os meynos, porque lhe falta a provisão dos fins? O imprudente olha a vara da razão dentro na agua do appetite, e quanto tinha de direita, alli lhe descobre de torcida. Inficionados os olhos do entendimento, viciaõ todas as especies, que recebem. Nos seus mesmos tropeços se levanta, para dar mayor queda na ignorancia. Não postila nas Aulas de Abigail; porque se graduou na inconsideração de Thamar. Todos os Tabores lhe parecem glorias, se nelles se praticaõ excessos. Mete-se sem temor á estrada, faltando-lhe a certeza de chegar á terra da promissaõ. He Mercurio de allento, que quer a fortuna pregada. Icaro, que por não voar  
muito

muito alto, antes o forvem as aguas, que o derreta o Sol. Idiota sem capricho, que no menos do saber quer fazer prova de douto. Parcialista do silencio torpe, ou do excessivo stultiloquio. Sequaz da elevação, collocado no diametro da honra. A razaõ concludente o não convence; porque se não atreve a confessar reduzido. Impenitente á racionalidade se deixa morrer como bruto; mais facil em publicar o vicio na vontade vã, que no entendimento enterrado.

316 Quando as paixoes andaõ mal regradas, a mesma simplicidade as descobre; porque não sabe o imprudente ministrar cores á malicia. Intenta estabelecer opinioens, quando as dá a conhecer por testemunhos. Vergonhoso vicio, ainda que pouco prejudicial aos outros! Não saber o que as cousas são em si, he a mayor fatalidade de huma presunida jaçtancia. Se hum destes entra com o discurso na Arca de Noé, encontra mayor confusão, que no diluvio: se passeia as ruas de Roma, tanto corteja a Germanico, como a Nero: se entra na praça de Athenas, lança os braços á primeira estatua, como á mais formosa Dama: se poem os olhos no Ceo, he como noitebõ do Sol, e aguia das escuridades. Levanta figuras nas exhalaçoes; porque entende, que com os Astros compoem o mixtilíneo Adora nos Evangelistas o que lhes vê a si mais semelhante: pasma na Aguia, Leão, e Boy; porque não tem nada de homem.

317 Como critico blasfemo, quem duvida chegue a censurar a supremas obras do Creador? (1) Se se mete a interprete dos Mytologicos, de Apollo fará Cupido, Venus de Minerva, e Nemesis de Mo-

(1) *Drexel. in Phaet.*

mo: se a Astronomico, mudará as esféras: se a Geografico, não faltarão mundos de Anaxagoras: se a Chronologico, dará volta aos tempos: se a Botanico, meterá veneno no almeirão: se a Aulico, porá a Corte na Aldea, sem o juizo de Francisco Rodrigues Lobo: se a Comico, todo será circunspecção: se a Dendrologico, fará do cedro pinheiro: se a Jerologico, adorará os prostibulos como Altares; e finalmente, se a Lithologico, não distinguirá o diamante do crystal, ou talvez que de hum seixó; porque, desconcertado o entendimento, não só não precavê o imprudente o fim das cousas futuras, mas nem conhece nas presentes o mesmo, que em si tem.

318. Na sua inexperiencia mostra o imprudente aos olhos do mundo a sua summa ignorancia. Não duvido, que os nescios, como o não conhecem, lhe dem diverso nome. Por esta razão não prejudica a imprudencia aos outros, quando he damnosa a si mesma. Ainda dos proprios erros não tira o imprudente experiencias. As desgraças alheyas reputa-as por casualidades, e ás proprias dá o nome de *tinha de ser*. Miseravel Fortuna, a quem os ignorantes desprevidos imputão tantas culpas! O homem prudente, antes que lhe descarreguem o golpe, interpoem o reparo: o ignorante, depois que lhe quebraõ a cabeça, então se cobre com o broquel. Se estes homens fossem capazes de admittir avisos, deramos lhes receitas para se curarem de tão mortal enfermidade. A certo Medico as pedio hum lascivo, para remediar este horrivel symptoma; e elle lhe applicou hum retrato da fealdade, com as terriveis, e funestas consequencias dos seus males. (2)

319 Olha

319 Olha imprudente, para os outros imprudentes, e escarmenta nos seus estragos as tuas ruínas. Se o Duque de Alanfon se perdeu na empreza de Antuerpia; como servindo-te dos mesmos meyo, qual outro Leycestre, esperas melhores fins? (3) Se na furia das tormentas vês submergir as náos de alto bordo; para que levas ferro, deixando o seguro abrigo do porto? Se viste despenhar a tantos Icaros, como te atreves a voar com azas de cera? Se sabes, que pela lingua se perderaõ muitos, para que fallas tanto? Se a falta de consideração he a origem dos estragos, como discorres taõ pouco? Se a alma dos negocios he o segredo, para que dizes a todos o teu sentir? Sabes porque? Porque es ignorante sincero, e imprudente presumido.

320 De que te importa trazer tanto diante dos olhos o bem particular, talvez mais apparente, que verdadeiro, se te falta o entendimento para dispor os meyo de o conseguir? Como não tens discurso para consultar, lanças mão do primeiro meyo para te perder. Servindo-te dos peyores para os acertos, ainda os fins são mais funestos; e muitas vezes para os máos, usarás de meyo bons, sem que se distingão as consequencias. Se algum te acontece menos desgraçado, deves essa fortuna ao accaço, que ha occasioens, em que se mostra favoravel aos necios. Huma só consolação te fica, se de todo te perdes, que he, não fallar quem se compadeça; po que se conhece a causa da tua fatalidade.

## CAPITULO XIII.

*Da Astucia, segundo extremo da Prudencia.*

321 **O** Segundo extremo, se não fora vicio; pudera ser honrado. Tem o astuto o seu entendimento muito saõ para discorrer, ainda que relaxada a vontade para obrar. As suas paixoes estaõ igualmente mal regradas, que as do imprudente: põem o astuto evita lhe a infamia com a simulação. Sabe affectarse valente, e mostrar covardes desejos, se de qualquer destes modos pode acabar com os males, ou adquirir os bens. Fecha os olhos á infelicidade, quando antevê, que será continua a agonia. Finge buscar o derradeiro alivio na ultima ruina. Com a sua filosofia não só triunfa dos males, que passaraõ, mas acautela as contingencias dos futuros. Insinua-se com a fortuna, e sem receyo do despenho, gyra com ella no centro da mesma roda. Dá discricião á fleuma, e se he necessario, mostra desalento no medo. Deixa governar o tempo; porque não perde instante no trato successivo das horas. Esforça a esperança com o temor, e enfraquece o temor com a resolução. Reflecte no prejuizo, que causa, não para o evitar, mas para saber as utilidades, que lucra; porque nem se sobrealta o astuto, de que lhe roubem o cabedal.

322 Em balanças com o imprudente, se costuma pôr o astuto; e se olhar para o fiel, vê, que o vence no pezo, e que ha de ter a estimação do mais consumado prudente. Se lhe he util sahir da escravidão da Corte, fingirse-ha louco, como David em Achis. Se aspira a collocarse no lado do throno, saberá mudar de costumes, como Petronio. Lá mede os tempos,

pos, em que ha de soltar o pano, para navegar com elle cheyo. Antes de vir a tempestade, ja corre arvore seca; porque calculou os aspectos dos horifontes. Deita-se na estrada, como zorra velha, e leva as prezas, como quem vay de caminho. Finalemente, se á pintura dá huns dous dedos de hypocrisia, brevemente o poem nos Altares; porque ha de saber fazer milagres.

323 He o astuto a mesma experiencia. Trata com muitos do seu pano, a todos toma as cores, e quasi sempre veste em peça. He notavel interprete de artificios, e famoso inventor de preciosas maximas. Adultéra todos os sentidos; porque quer antes ser enganado pela peyor supposiçãõ, que pelos acertos da verdade. A astucia anda no mesmo ventre com a Prudencia: porém se esta lança o braço, contentar-se ha com o listão; porque aquella ha de dar traças, com que leve o morgado. As Ruths prudentes satisfazõ-se com as espigas do rabisco; porque os astutos segadores se adiantão a empavear a seara. Como se antecipaõ a medir as conjunçõens, em nenhuma viagem perdem maré. Jubilarão na nautica da Corte, não largão da mão a fonda. Formão fundo a todos os negocios, e navegaõ ás vezes mais seguros pelos baixos conhecidos, que tomando o Sol na altura do golfo. Atrevidos Palinuros, que ainda sepultados nos abyssos, não largão da mão a canna, para surdirem serenos, e nadarem menos arriscados. Pouco deveriaõ á sua arte, se a experiencia lhes não désse regras para todos os casos.

324 Tambem a particular utilidade he todo o fim do Politico astuto, e aonde se encaminhaõ todos os seus cuidados. Porém opposto ao imprudente, segue a iniquidade, que conhece, com tanto que lhe seja proveitosa. Nella occupa todas as potencias, e sentidos,

tidos, como arbitrista fatal das mais seguras maquinas. Falla pouco; porque mede muito: cuida com vagar; porque chora de repente: de ninguem se fia; porque para tratar os negocios de meyas, todos julga da sua laya: sabe mostrar, que não quer o mesmo, que deseja; e finge desejar o mesmo, que não quer. O véo da sua vontade só lho desquartina o effeito. Encapota as causas no silencio, para que tirado o reboço nos encontrados effeitos, lhe fique lugar de as suppor intensas. Rara vez apparece nas estradas; porque pelos atalhos occultos, e torcidos vay mais depressa ao fim da jornada. Tudo chega a conseguir; porque vistos os fins, não escrupuliza na iniquidade dos meyos. Quem he tão pratico nos negocios, tudo prevê, não se encontrando nas ruas da conveniencia com beco sem sahida. Se as difficuldades, que lhe suppoem, foraõ batidas na forja das maldades, a poder de estrondosas marteladas ha de destrui-la com outra mayor; porque como não he ignorante, para todos os inventos he sagaz a sua malicia.

325 O astuto finalmente não reconhece mysterios no accaço. Com as sobras do engenho suppre as faltas da virtude. Olhou os fins, applicou os meyos, previo as contingencias, meteo maõ á obra, e sahio com a sua. Mas de que importaõ os logros destas felicidades, se a astucia não pode estar occulta muito tempo? Nas suas acçoens se conhece, e faz odiosa, chorando nas funestas consequencias as horriveis propostas da malicia. Os arbitrios vem a parar em lastimosos enganõs, e os artificios em lamentaveis ruinas, recebendo na alegria commua mais sensivel o golpe da desgraça, saltando-lhe na miseria do abatimento o unico aliyio da compaixaõ.



POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA.

LIVRO IV.

DA FORTALEZA, E SEUS EXTREMOS.

CAPITULO I.

*Da Fortaleza em geral.*

326 **T**EMOS posta em campo a progenitora dos varoens esforçados, e famosos Heroes, que no pregação da Fama tem dado brado no mundo:

a máy das illustres façanhas, (1) que com immortal ecco atroaõ os horilontes da eternidade: o nobilissimo tronco da constancia, que no soffrimento dos trabalhos coroou de invenciveis tantos alentados coraçõens; e a que entre a covardia, e a temeridade asfentou o seu throno, reprimindo o irascivel entre o medo, e a confiança dos perigos. (2) Esta he a que se fia, quando convem; e receya quando he justo: a que reflecte no que merece reparo, por naõ arriscar a honra no empenho: (3) a que aos Reinos illustra as Fidalguias, e com as Fidalguias defende os Reinos: a que mete os hombros aos Imperios, sustentando em pezo a conservação dos Estados: a que rega com o sangue as arvores das familias, para que produzaõ fru-

Tom. I.

Ee

tos

(1) Div. Isid. liv. etymolog. (2) Div. Thom. in Epist. ad Hebr.  
(3) Div. Bernard. liv. 1. de Conf.

tos de heroicas acçoens, renovadas na imitação. Ella he a que exposta ás bocas dos bronzes, lavrou tantos clarins na fama: a que subindo as muralhas, collocou o seu nome nas Estrellas: a que esgrimindo a espada na campanha, cortou louros para os triunfos, e lavrou estatuas para o Templo da Honra; e a que subjugando a indomita furia dos mares, arrancou das mãos do mayor poder o Tridente por despojo.

327 Esta he, a que levantando a voz em Alexandre, deixou suspenso o mundo ao seu ecco: a que alentou a Nino para fundar hum dos mayores Imperios: a que espantou em Cyro a terra toda, contando-lhe, mais que os dias, as victorias: a que animou a Romulo para dar principio á mais formidavel, e portentosa Republica, que viraõ os seculos, e de cujas ruinas se compoem o mundo; e a que fazendo particular affento nos valentes coraçoes dos Portuguezes, os escolheo para terror do Mahometismo, escandalos de todos os mares, e golfos, asfombros da Europa, flagellos da Africa, espanto da Asia, terror da America; guardados ainda para maravilhas do valor em todo o mundo; sem que até agora se visse nelle nação alguma, que arrebatada do furor mais forte disputasse tantos seculos a Marte o titulo de Deos da guerra.

328 Nas occasioens se sabe mostrar a Fortaleza timida, e alentada: timida para com Deos, e alentada entre os homens. Mostra medo ás pestes, e aos rayos; e valor ás balas, e espadas. Ama na morte o triumpho, e aborrece nella não ter gloria. Não espera premios posthumos; porque na recta razão se antecipa os applausos. Despreza o proprio ser, para obrar o bom. No theatro da Fama não representa tanto

to o proprio louvor, como o beneficio alheyo; porque pela Patria, pelo pay, e pelo Rey offerece a vida, ainda que lhe falte a gloria. Naõ se tem por ditosa em sobreviver á Patria: sabe, que para ella nasceo, e entaõ se julga feliz, quando por ella morre. Se entende, que na conservaçãõ do exercito a pode salvar, alenta os briosos coraçõens dos Decios a que lhe sacrificuem, como victimas da fidelidade, as proprias vidas. Ella he aquelle bem honesto, unico, e permanente de todo o homem honrado, que na mesma essencia da virtude levanta a estatua á fama do seu nome no Atrio da immortalidade; oppondo-se á injuria do tempo, que faz esquecer o nome, desvanecer a fama, e derrubar a estatua.

329 Desta virtude se queixaõ as duas antecedentes, querendo antepor a authoridade das leys á Fortaleza das armas. Largamente disputada tem sido a questãõ, de qual dellas he mais util aos Reinos. Cada parcialista segue a sua opiniaõ, ou capricho; respeitando huns a Fortaleza por valerosa, ainda que de nascimento pouco illustre, como filha da alma sensitiva; e outros as letras por fidalgas de superior jerarquia. Porém he sem questãõ certo, que sempre os Imperios estimaraõ mais hum General esforçado, que muitos Ministros doutos. Tambem naõ tem duvida, que a ambas se deve muita estimaçãõ; porque para adquirir, e conservar, saõ necessarios braços, e cabeças. Sem a sua uniaõ naõ ha Monarquia estavel, nem Imperio permanente. De pouco serviaõ em Athenas as armas, sem os discursos de Faleo. Mais fez elle aconselhando no Senado, que os Generaes brigando na campanha. Unio os discursos, como escudos, aos braços dos fortes Capitaens, e

conservou a honra da Republica. Mais deveo Pyrrho á fabedoria de Cineas, que ao valor da sua espada. Além de que a Fortaleza não he filha da valentia; gera-se no ventre da Prudencia, e sahe á luz nos braços do conselho. Como he virtude, governa-se pela razão; e esta não he outra cousa, senão huma perfeita fabedoria.

330 A Fortaleza se assemelha o Rey das pedras; porque não fora diamante, se não resistisse aos martellos. He leão na presistencia; porque sabe esperar, e soffrer, segurando os triunfos nas occasioens. He elefante tão valeroso, como prudente: sabe dar lugar á ira, para que obrem os braços com a cabeça. A robustez do camello he o mais proprio jeroglifico da sua constancia: não teme o pezo, nem se affusta com o dilatado do caminho. A todas as cargas mete o hombro; porque com tudo pode. Na Justiça estriba a Fortaleza a sua força, (4) e funda na razão a sua colera. (5) Não sabe ser traidora, e todos os inimigos busca pela vanguarda. (6) Mostra-se ao mundo pacifica; porque quer infundir respeito, e não espantos. (7) Não toma as satisfaçoens de arremesso; porque tem o desprezo pelo melhor desagravo. (8) Concebe pensamentos heroicos; e não pode dar á luz senão magnanimidades estupendas.

331 Não accommette a Fortaleza com ventagem; porque perde a gloria do triumpho. Retira-se dos muitos inimigos; porque nem Hercules contra dous. (9) Não se arroja ás forças mayores, que he temeridade: não investe as menores, por não ser valentia: busca as iguaes; porque he valor. Teme a ignominia nos males

(4) *Plut. in Apoth.* (5) *Idem de cohib. ira.* (6) *Eurip. in Res.*  
 (7) *Diog. liv. 1.* (8) *Cicer. 1. offic.* (9) *Plat. de ami.*

males , por não perder o seu nome ; e nas occasioens de honra busca a morte com gosto entre as armas. Proporcionada a igualdade da disputa , tanto triunfa vencendo , como morrendo. Pertendeo Afifa-ac, Rey dos Numidas , a gloria de alentado. Era igual em forças aos Carthagineses seus inimigos ; porém excedia-os em Generaes expertos. Em quanto estes não entregárao o governo das armas aos valerosos Capitaens Romanos, não sahio Afifa-ac contra elles a campo. (10) O triumpho com gloria verdadeira só se alcança das forças iguaes.

## CAPITULO II.

*A Fortaleza obra nas occasioens.*

332 **G**Rande virtude he esta para os Principes, e nobres Politicos. A Prudencia dos conselhos , e a justiça das causas , se segue a execucao , que corre por conta da Fortaleza. Jugurtha trouxe muitos annos inquieto a Republica Romana ; porque com o bom conselho , e muito valor vencia tudo. (1) O varaõ forte , e prudente não provoca os perigos ; porem aproveita as occasioens. Não ha homem taõ desgraçado , a quem o valor não possa fazer feliz. Alguma occasiao concede a fortuna : o ponto está em saber detella , possuilla , e sustentalla. Se o valeroso não deixa passar a occasiao da guerra ; não importa que laya á campanha com o escudo em branco : a Fortaleza lhe dará braçoens , a que os seus triumphos haõ de pôr coroas.

333 Com a chave da occasiao abre o valor a  
por-

(10) Xenoph. liv. 1. de disc. & fact. Socrat. (1) Sallust. in bello Jugurt.

porta dos Templos, aonde se entra pelos caminhos da guerra. (2) Se a occasião em muitos encontros fez valentes aos covardes, como não tornará Heroes aos destemidos? O valeroso Sertorio para dar passagem ás suas tropas por entre os barbaros, valia-se da occasião: tanto que entrava na campanha, tirava pela espada, e em cada golpe cortava hum palma. (3) O *naõ cuidley* de hum Capitaõ, he deshonra do seu valor. Perde o nome de alentado, quem ignora as occasioens de se fazer glorioso.

334 Nos braços da occasião tem o valor as suas forças. Tudo pode com ella; porque a opportunidade lhe augmenta a valentia. Não ha cousa mais arriscada, que a applicação de hum remedio fóra de tempo. (4) A grandes perigos se expoem o que não observa nas resoluçoens a conjunctura. Assaltar a brecha, quando se dá fogo á mina, he temeraria prodigalidade, e indilcreta perda da vida. A occasião furtou os rayos ao Sol: nada se vê sem luz, e sem occasião todos são cegos. O fruto, que nasce fora de tempo, nunca se fazona: guarda-se como estimavel, o que amadureceo na sua estação. Em hum extremo apertado, ou no defaggravo da patria atrozmente injuriada, poderá haver circumstancias, que obriguem a Fortaleza a não medir os tempos. Entaõ morre com gloria, quando assim acaba. Vencida, ou vencedora sempre he triunfante. Mayor foy a gloria de Decio em ganhar a Patria na perda da vida, que se a defendera valente com o destroço de Roma.

335 David não pode soffrer o desprezo com que o Filisteo tratava o seu povo. Não interpoz dilacões na batalha, e cantou em hum só triunfo muitas victorias.

(2) *Polyb. liv. 9.* (3) *Plut. in eo.* (4) *Senec. de Consolat. ad Albin*

rias. Livrou a Patria da oppressão, fatisfella da injuria, fortaleceo o Reino, e debellou os contrarios. Em huma só morte tirou David muitas mil vidas. Nestes casos he a diligencia a mayor Fortaleza. Em vendo a occasião opportuna, não perde tempo o valor. Quando Flaminio estava para entrar á batalha, recebeu ordens do Senado, em que lhe impedia a peleja. O valeroso General, que tinha a occasião segura, não gastou nem instantes em demoras. Depois de vencedor abriu as cartas, e duplicou o gosto do triumpho. (5)

336 As antigas gentes reconheceraõ divindade na occasião, e a respeitaraõ como Deosa. Os Latinos na imagem de huma Ninfa adoravaõ a opportuni-  
dade do tempo. Estes, com os Gregos, na figura de hum menino a pintavaõ nua, com azas nos pés, hum delles no ar, e outro sobre huma roda. Pozeraõ lhe hum véo em huma mão, e na outra huma navalha, que de huma parte era muito afinada, e da outra sem corte. O cabello da parte anterior da cabeça era largo; com o qual cobrindo-se parte do corpo, mostrava a quem a conhecesse, que deixava por onde lhe pegar, e pela parte posterior tambem mostrava, que quem a deixasse fugir, não a poderia mais tomar. Nas azas dos pés he a occasião toda ligeireza. Os mesmos pés, hum suspenso, e outro sobre a roda, eraõ sym-  
bolo da volubidade; e a navalha mostrava, que só tinha corte para os que soubessem usar della. Tudo se deita a perder, se a occasião se deixa passar.

337 Não se ganha a occasião depois de perdida. Se chegou a fugir, ninguem a apanha. Tem a natureza dos instantes, que em passando, não tornãõ. Saõ  
como

(5) *Plut. in Marcello.*

como as ondas do mar, successivas, e volantes. Quem lançou mão dellas, ferrou a fortuna. Se Philippe de Macedonia se não aproveitara das discordias dos Gregos, não extenderia tanto o seu Imperio. Quando os Principes Christãos tinhaõ entre si as mayores differenças, estabeleceo Amurath, primeiro Emperador dos Turcos, os Dominios na Europa. A Monarquia Franceza, que tantas vezes tem posto em balanças o equilibrio da mesma Europa, alargou as suas enfiachas nos apertos da Alemanha. Quando os Turcos invadiaõ no Oriente a Christandade, entãõ lhes nascia o Sol á sua ambiçaõ. Como destros Politicos, não deixavaõ voar as aves da occasiaõ, sem lhes armar os laços da astucia. Porém a occasiaõ da Fortaleza mede-se primeiro com a Justiça.

—338 Traga o forte os olhos abertos para ver a oportunidade, evitará as lagrimas na sua perda. Não deixe a certeza da menor, pela contingencia da que julga mais avultada, que se arrisca a perder ambas. Os Athenienses sempre pediaõ a paz vestidos de luto. (6) Não se devem esperar os ultimos destroços, para remediar as fatalidades. Para Profeta do passado basta qualquer ignorante. Se o inconsiderado avestruz deixa os ovos na praya, para que chora quando os vê pizados? Nenhum homem he taõ valente, que vença tudo. Deixar passar a monçaõ para navegar com os ventos furiosos, e as ondas crespas, não só he temeridade, mas loucura. Em quanto ElRey Ariovisto observa as superstiçãoens da sua Religiaõ, impedindo a batalha nos minguentes da Lua, se aproveita Cesar dos seus influxos, levando a victoria segura, antes de entrar no conflicto. (7) A aguia não desprega

O VOO,

(6) *Plut. in Apoph. Græc.* (7) *Frontin. liv. I. cap. I.*



o voo, em quanto no Oriente não nasce o Sol. Ainda em huma Região sem tropeços he arriscado voar ás cegas. Sem a luz das occasioens todas as resoluçoens são noite fechada. Pouco frutificaõ as lagrimas no dia do arrependimento. Se Anibal não dormira nas delicias de Capua os dias da occasião, triunfara Cartago em Roma, como triunfou depois Roma em Cartago.

### C A P Í T U L O III.

*He igual o animo da Fortaleza em ambas as fortunas.*

339 **N**O principio deste volume mostrámos, que a virtude se não humilha á forte má, nem a ensoberbece a grande sorte. Esta prerogativa he a mais especial da Fortaleza. O varaõ forte foy constituido pela natureza, ao mesmo tempo, que inalteravel promontorio a todas as ondas, e combates da fortuna enfurecida; humilde valle, a quem a coroa dos montes não faz levantar cabeça com a soberba. Que mancha não fora na purpura de hum Principe, mostralla mais roçagante com as superficies: cores, que lhe dá a boa fortuna? E que infamia não seria do seu Real animo, se a desgraça lhe perturbasse as placidas serenidades do coração? Nesta se conforta a alma em si mesma, (1) E com aquella se não eleva a Fortaleza. (2) Como virtude da alma a todos os casos se accomoda; e não ha furacao, que lhe impida exhalar como flor a sua fragancia. (3)

340 Não espanta o infortunio, a quem se não perturba

Tom. I.

Ff

turba

(1) Arist. Ethic. 2. cap. 3. (2) Cassiod. (3) Cicer. 2. de invent.

turba com a felicidade. A Fortaleza não se lamenta na desgraça ; porque he mayor que todos o seu soffrimento. Não mostra jaçtancia na fortuna ; porque não tem por infallivel a permanencia. Na bonança , e tempestade sempre larga o mesmo pano. Em nenhuma tormenta perde o norte ; e como não deixa o rumo , sempre ferra o porto. Navega com todos os ventos ; porque nenhum a contrasta. Olha as contrariedades , como indifferentes , e respeita os louvores , como honra superficial. Furta ao Sol a igualdade , que seintilando rayos , ou coberto de nuvens , he sempre o mesmo Sol.

341 A magnanimidade de hum peito Real , e forte nenhuma grandeza o embarça , nenhum abatimento o confunde. Neste se mostrou inalteravel o heroico coração de Cresso , Rey da Lydia , sendo prisioneiro de Cyro. Naquelle se vio a Vespasiano insensivel , quando o aclamaraõ Emperador (4) Ambas as fortunas governa o tempo , e com o mesmo repente , com que as estabelece , as muda. (5) Em quanto navegamos o golfo da vida humana , nem sempre teremos os ventos galernos , e o mar bonança. Ha de haver occasioens , em que soprem furiosos os Boreas , e se encapellem as ondas. Na furia do temporal he a Fortaleza Piloto destro , que para navegar com maré de rosas , qualquer marinheiro he Palinuro. Dizia Dion ao Emperador Trajano , que o Principe era o primeiro Argonauta da não da Republica. (6) Este , como experimentado , ha de temer na bonança a tempestade , e esperar a serenidade na tormenta.

342 O

(4) Tacit. liv. 2. hist. (5) Herod. liv. 1. (6) Dion. de inst. liv. 11. Orat. 4.

342 O Constante Pison sendo adoptado por Galba, ficou tão immovel, como se o Sol Imperial não rayasse no seu hemisferio com tanto augmento de luzes. (7) Hum dos Reys, a quem Sefooftris Senhor do Egypto, e famoso vencedor de grande parte da Asia, de Jerusalem, da Scytia, e Thracia, levava no seu triumpho, como gloriosa coroa da sua victoria, despojado da carroça, em que até alli rodara com pompa a Magestade; mostrava no riso da boca, e alegria do semblante, o quanto era digna de agradável riso a carranca da fortuna, que então o tirava das suas rodas, até que desse novo gyro. (8) Em continuo movimento andaão as cousas humanas, e a mesma extremidade da roda da fortuna, que se enterra até aos abyssos, a poucos instantes sobe ás Estrellas.

343 Nas adversidades de improviso costuma perigar o valor. Prevenidas no tempo da fortuna, não se balancea a Fortaleza. O diamante, que fóra da mina ha de experimentar os rigores do ferro, apenas nasce, logo he duro. Não se fia no asylo, que a natureza lhe deu no centro da terra, para que deixe de armarse contra os impulsos do atrevimento. Como este Rey das pedras, haõ de ser os Reys dos homens. Em nenhum assalto se mostre o Principe desprevenido. Serene, e modifique as lagrimas, e risos do povo, não lhe augmentando aquellas com demonstraçoens de afflicto, nem fomentando estes com excessos de alegria. Nenhum coração Real ha de desconfiar da sua infelicidade, nem fiarse da sua fortuna; porque os casos são tão varios, como os tempos; e a sua Fortaleza não admite variedades em nenhum tempo, nem caso.

344 A Gilimer, Rey dos Wandalos, prezo por Belifario, famoso Capitão de Justiniano, deu este Imperador liberdade, e terras em Galliza; porque o vio rir com desprezo de certos espectáculos públicos, que se lhe mostraraõ para a sua ignominia, dizendo: *Deixa-me rir das voltas da fortuna; pois ha pouco me vi Rey, e agora afrontado.* (9) Com imperturbavel semblante, e inalteravel animo, perdeu Ottaõ o Imperio. (10) O valor, ainda rendido, he respeitado dos mesmos vencedores. Não lhe tira a sorte a effimação effencial, ainda que lhe mude os accidentes. Já houve Reys prezos, abatidos, ferrolhados, lançados ás galés, e servindo de estribeira aos seus triunfantes inimigos, e formando escadas da sua mesma Fortaleza, subiraõ depois, não só ás antigas, mas a mayores, e mais levantadas eminencias.

345 O Principe, quando opprimido, entaõ pode mostrar, que he leaõ. Atacado este de superiores forças, não perde o animo; porque he Rey. Quando vê os caçadores, pára: se o acommetem com deligual partido, retira-se: mas sempre taõ airoso, que a cada passo volta o rosto, como quem aguarda. (11) O peito heroico não desespera da fortuna; porque se fia em si. Carlos V. fará o que quizer do Duque de Saxonia seu prisioneiro; porém para lhe meter temor no coração, não he bastante todo o seu poder. (12) A muitos soberanos fez escravos o famoso Syfaxes, Rey da Africa, estendendo os seus Dominios por dilatados confins, e usurpando as adoraçoens a Deos, como gloria dos seus immen-

(9) *Camerarius tom. 3. subc. lb. cap. 12.* (10) *Tacit. lib. 2. hist.*  
 (11) *Arist. 9 de hist. anim 1. cap. 44.* (12) *Dzta esse Principe ej-*  
*tando prezo.*

imensos triunfos. Este mesmo affombro do valor, foy metido em ferros pelo alentado Lelio, e mandado a Scipião como escravo.

346 Nesta desigualdade da fortuna aprende o Principe a não temer; porque ou precavê, ou dissimula, até que a roda defande. Aconselhava Agapeto ao Emperador Justiniano, que com igual rosto, e immutavel constancia esperasse o cauterio da adversidade, e o ar fresco da ventura. (13) Esta prevenção da Fortaleza proporciona de tal sorte o animo com os acontecimentos, que quando vem a dita, fecha-se a porta do desvanecimento; e quando bate a desgraça, acha a perturbação acautelada. Com semelhante reflexão suffocou o Consul Emilio o gosto da sua victoria. Triunfou de Perseo, Rey de Macedonia, e pondo em paralelo o seu vencimento com a fatalidade daquelle Principe, se advertio, que lhe não devia este causar soberba; porque antes de se acabar o dia, era facil no mesmo theatro mudar-se a scena. (14)

347 Quando o coração está revestido da Fortaleza, não teme a multidão. (15) Estima o conselho, e a industria; soffre sem se queixar, e como não desconfia dos successos, não se affusta dos inimigos. Não descobre os pezares aos subditos, por não arrisicar a constancia na participação. Se pede socorro aos amigos, não he com ancia, que mostre fraqueza, e temor dos contrários, que o apertaão. Esforça-se para todos os acontecimentos, não se poupando ás diligencias, e trabalho, que vencem tudo. A praça armada de rayos, cercada de incontrastaveis muros, baluartes, e folhos, he despojo da Fortaleza; porque  
naõ

(13) Agapet. de offic. Reg. (14) Liv. liv. 45. (15) Curt. liv. 7.

naõ ha força, que aos ataques da constancia se naõ renda.

348 De si mesma triunfa a Fortaleza, naõ consentindo que o ocio lhe arranque as coroas. Funda o seu augusto ser em hum perpetuo movimento; e na agitação continua, remoga a eternidade. Naõ he o ponto essencial da sua esfêra fingir divindades no ser Real: no seu successivo gyro se assemelha mais ao Divino. Metello Pio para se mostrar taõ poderoso, como hum Jove, imitava na voz o estampido do trovão. (16) O Principe, que for hum rayo, esse será o Deos da guerra. Xerxes pretendeo despojar a Neptuno da immensidade no Tridente. (17) Faça o Principe gemer o Oceano, senhoreando o Imperio das ondas, que ha de ser o Deos das aguas. Augusto Cesar fingindo-se superior a todos os Deoses, tomou o nome, e trajes do omnipotente Apollo. (18) Desempenhe o Principe o seu nome, como forte humano, vestindo no exterior a valentia da alma, será Rey de todos os homens, e semelhante ao verdadeiro Omnipotente: e assim como com elle naõ ha emulaçoens, na Fortaleza do Principe naõ se haõ de dar temores.

349 O heroico da Fortaleza tem o seu descanso em obrar. Em todos os casos executa; porque sempre he Fortaleza. Sabe, que com o trabalho, que passa, lucra huma fama eterna, e naõ se poupa. No infortunio levanta os olhos ás Estrellas; e na felicidade os crava nos abyssos. Cada accidente he hum brio para o seu peito; porque hum novo brado, que lhe ajuda o pregaõ da fama. Conhece, que entre a virtude, e a gloria puzeraõ os Deoses o suor. Recebe

(16) *Petr. Crin. hon. discip. liv. I. cap. 10.* (17) *Herod. liv. 6.*  
 (18) *Suet. in eo.*

cebe cada contraste da fortuna, como hum golpe, que se dá na sua estatua. Gyra nos lugares altos, como as esferas celestes, que tem o movimento por defcanço. Vê, que foy criada, como o mar, para andar em continuos fluxos, e refluxos; e não tem por trabalho a agitação. Combatendo com penhascos, defafogando nas prayas, rico de thesouros, respirando zefiros, opprimido dos Eolos, he sempre o mesmo mar: immenso nos espaços, invencivel nos combates, glorioso nos triunfos, e não só presistente nos seculos, mas dispotico Dominante do mundo em toda huma eternidade. (19)

#### C A P I T U L O IV.

*Modos, e fins, com que obra o varaõ forte.*

350 **P**Ouco se devera a si a Fortaleza, se a satisfizelle o soffrimento dos trabalhos. Levanta altos os pensamentos; e para obrar acçoens heroicas, a si mesma se anima. Para se conservar intacta, declara huma sanguinolenta guerra á sua mesma natureza. Appetece esta os regalos, e a Fortaleza lhe foge com o corpo, para não enfraquecer a alma. Lembra-se, que pedir tabernaculos no Tabor do mundo, he ignorancia. Adverte, que nas delicias se atrevem as mãos aos Balthafares. Revolve as Historias, e encontra se com infinitos Reinos destruidos; porque perderaõ o valor na ociosidade. Estende os olhos a Capua, e vê o espanto de Roma calcinando nos seus divertimentos o veneno, que com infamia lhe ha de acabar o coração. Entra nas  
pra-

praças de Roma, e ouve dizer, que as delicias de Marco Antonio abriraõ o passo a Augusto, para subir ao Throno.

351 Oh alentado discreto, só assim he valeroso, o que assim discorre! Lá atroa na fama o espantoso brado do primeiro descobridor do Oriente; porque por mares nunca de antes navegados se alimentou tanto tempo com trabalhos. Respeitaõ os seculos aquelles famosos Heroes Antonio da Silveira, e Dom João Mascarenhas, não porque nascerãõ illustres, mas porque os trabalhos de Dinhos deraõ novo nome no mundo. Loppo Barriga não foy terror dos Mouros no campo dos banquetes: comia paõ seco nos sertoes da Africa; porque ao estomago da sua fama, e não á barriga da sua fome, só fazia bom proveito a munição do trabalho. Os valerosos Dom Duarte de Menezes, e Affonso de Albuquerque, cujos nomes ouvimos com veneração, e espanto, tinhaõ por gala o arnez, a lança por bastaõ, as fadigas por alimento, e a fama por pregoeira. Estes alentados coraçoes, como faziaõ vida dos trabalhos, estudaraõ nas suas escolas as regras da Fortaleza. Eraõ considerados quando mandavaõ; resolutos, e promptos, se obedeciaõ, desejando como Capitaens salvar a Patria, e como Soldados morrer por ella. Alentavaõ a confiança, meditando nos perigos; e no repente dos successos, esforçavaõ a Fortaleza. Não largavaõ o lado dos que elegiaõ por companheiros. Se estes lhes faltavaõ, faziaõ-se camaradas de si mesmos; mais promptos em perder ás vidas, que a arrisear a opiniaõ.

352 Não desprezaõ os Heroes aos seus contrarios; porque he injuria de si propios. A gloria do triunfo



triumfo confifte em vencer inimigos fortes. Se os Gerioens não fossem valerosos, perderia o triumpho de Hercules as circumstancias de estupendo. A nação Hespanhola tem affombrado o mundo com as heroicas proezas do seu valor: porém sendo sempre vencida dos nossos Portuguezes, fez respeitar o seu esforço por unico entre todos.

353 O forte não desmayava por se ver ferido, nem deseja como Hercules perder a vida, por não soffrer as dores. Tolerava valente aquella terrivel companhia, para mostrar no ultimo arranco, que acaba, porque mais não pode. Em todos os perigos do mar, e terra vê a morte como indifferente. Com animo sereno alenta os companheiros, e não pode occupallo a covardia; porque logo sahe a campo a magnanimidade. Suaviza os trabalhos com o costume de soffrer; e espera a morte tão sem susto, como se nella não houvera mais que o sono. Ainda que a natureza lhe dê a delicada compleição de Julio Cesar, com os repetidos actos de valor, lhe formão os trabalhos outra natureza. (1) O veneno applicado como sustento, perde as actividades de verdugo. Na forja dos perigos, fabrica a Fortaleza corpos de ferro. Os Adonis, que se alistão nas suas bandeiras, trocãõ com Marte os exercicios. Opprimidos os hombros com a couraça, cresce no peito o coração. Estima o valor das armas, para que lhe dê armas o seu valor. Sahe a campo com a fortuna, sem lhe temer a viseira baixa; porque despreza as ameaças como ridiculas. Na igualdade da valentia, a corteja por traidora, sem que a tema como valerosa. Desconfia de Marte por inconstante, e fia-se nos seus braços como invenciveis na robustez:

354 A Fortaleza move os animos Reaes, e generosos a emprender acçoens grandes, e heroicas. Não satisfazem medianias de honra ao coração magnanimo, e gloriosamente ambicioso. Dilatou-lhe a natureza os ambitos, para caber nelle o infinito. As obras que desdizem da grandeza, são covardia da Magestade. Se as acçoens dos Principes não correspondem á soberania do seu caracter, faltaõ com o alento aos coraçõens altos, com a imitação aos pequenos, e com o allumpto ás pennas dos Escriitores, que em laminas inapagaveis eternizem nas memorias os seus nomes. Hum coração brioso não pode agradarse do que não vê com bom rosto. (2) Offereceo Themistocles a Aristides modo para cautamente queimar a Armada dos Espartanos. Propoz este ao Senado o invento; advertindo porém, que tinha tanto de util, como de pouco honrado. Desprezou-o o Senado, dizendo: *Que não podia ser meyo util o a que faltava a honestidade do honra.* (3)

355 Tanto tem as obras de magnanimas, quanto de proveitosas. Se o Principe fizer huma acção covarde, ainda que seja muito util, ha de ter funestas consequencias. Os espiritos alentados, movidos do seu exemplo, buscarão sempre a desprevenção, até que encontrem com a ruina nos mesmos caminhos do triumpho. Mais se admirava o mundo dos heroicos pensamentos de Alexandre, que do feliz successo das suas empresas. (4) Sahia este galhardo Heroe á campanha com mayores animos, que forças. Na testa de quarenta mil homens poz o jugo ao peicoço de todo o mundo. Levava no coração o arnez da valentia, na cabeça

(2) *Justinus in symb. apud Busier.* (3) *Plut. & Tullius.* (4) *Plut. in eo.*

ça o murriaõ das altas idéas, e em cada bote de lança arrancava huma coroa.

356 Oh altos pensamentos de hum animo generoso! Ainda na humildade da sorte, merece applausos o valor. Presentou-se David a Saul, para sahir a contender, e antes de brigar triunfou. Horrorizavaõ-lhe o animo, mostrando lhe com o dedo a monstruosa corpulencia, e desmarcadas forças do Gigante. Mas que valentes os brios de David! Quem desqueixou leoens, e devorou urfos, não teme homens. Representou-se na idéa invencivel, e mostrou-o o effeito na victoria. Hum valor que sobe taõ alto com os pensamentos, merece que se lhe torne o cajado em Sceptro, e que o Throno seja o carro triumphal da sua gloria. Assim se acreditou David-Pastor, e assim devem dar-se a venerar os Davids Reys.

357 Qualquer emprego inutil he indigno da Magestade. O tempo que deixaõ livre os cuidados do governo, não se ha de gastar em dourar azas de mariposas, como introduzio hum satyrico a Jupiter por zombaria. (5) O Principe, que sempre he Rey, em toda a occasiã ha de mostrar o que he. Não se lhes estranhará sahirem aos theatros tocando cytaras, se forem Neros. (6) Gastar o tempo em matar moscas, he divertimento dos Domicianos, e Commodos. (7) Em ajuntar as aranhas de Roma, só se occupaõ os venenosos Eliogabalos. (8) Na vileza destes exercicios perde o ser a Magestade. A natureza chama Principe ao que se coroa de palmas, valente ao que cinge as armas, e Heroe ao que corta os louros. Os animos fortes quando se não empregãõ na guerra, divertem-se

Gg 2

se

(5) *Momus Alberti Florent. liv. 6.* (6) *Suet. in eo.* (7) *Idem in Domician.* (8) *Lampid. in eo.*

se nas suas representações; porque os não affemine o ocio

358 He exercicio digno de Principes, instruirem os animos com a applicação das Artes: porém, como occupaçoens ligeiras, só devem servir de meyo para as arduas. O mesmo David que derrubava Filisteus tocava arpa. Ao seu harmonioso som, parece que inflamava o espirito, para accommeter acçoens heroicas, e gloriosas emprezas. Na consonancia do seu estrondo representaria os eccos do bellico clarim, pondo o semblante entre alegre, e fero, como se estivesse prompto a atacar a batalha. A perda do tempo he irreparavel; e os presentes bem gastados, são os Mestres dos futuros.

359 Aprenda o forte a entrar com o touro no corro, e a deixar o temor de fóra: envista com o javali, como se não fosse féra. Busque quem o veja obrar, não para vaidosos applausos, mas para ter oculares testimunhas da verdade. Se faltar quem o attenda, seja elle o espectáculo de si mesmo. Saiba accommeter com ardor, sem perturbar o entendimento. Respire chammas no coração, e não evapore fumaças pela boca. Se a fortuna o faz feliz, saiba dar felicidades á fortuna. Com a espada, e escudo, aprenda a offender, e defenderse. Não perca ventagem, nem perdoe golpe; e nestes continuos exercicios fabricará elle mesmo a sua fortuna. Mudar os odios alheyos em glorias proprias essa he a felicidade dos Alcides. (9) Os que alentaõ o coração, daõ brios á fraqueza, e a fortuna teme os fortes. (10) Acabem estes com mayor esforço, para terem mortes de luzes. Espire o seu valor como leaõ

(9) *Tragit. in Fure.* (10) *Tragic. in Medea.*

leão, que para as ultimas respiraçoens, guarda no peito os seus mayores alentos.

360 Os inimigos vencidos na campanha não dão a mayor coroa á Fortaleza. O triunfo mais glorioso do varaõ forte, he vencer-se a si. Domar as proprias paixoens, he fidalguia illustre de hum peito heroico. O que sabe reprimir imperiosamente os impetos do coração, este he o forte, e valeroso. (11) Numa Pompilio, que foy o Legislador de Roma, com a Fortaleza do animo refreava os appetites, para que obrasse livre a razaõ. (12) Taõ sujeita tinha a vontade ao entendimento, que o varaõ mais justificado não era taõ senhor de si mesmo. De summa attençaõ necessita nelles o Principe; porque ou ha de vencer-se a si, ou derrotar a muitos. Quem duvida da Fortaleza de Agamemnon? Porém o furto da filha de Chrysa, Sacerdote de Apollo, foy causa da grande peste do seu exercito (13) O rapto de Helena reduzio a cinzas a famosa Troya. (14) O roubo de Cava, cubrio de eclipses a Hespanha nos sanguinolentos aspectos das Luas Mahometanas. (15) A fêa leviandade de Histic, Principe de Milefia, causou o total destroço da sua Armada. (16) O sacrilegio de Filomeno em Delfos foy origem da ruina dos seus vassallos. (17)

361 Todos estes Principes foraõ animosos, e valentes; porém como não venceraõ as paixoens, triunfaraõ ellas do seu valor. Lastima ainda hoje ao mundo a fatalidade de David; porque rendendo feras, e destroçando gigantes, foy miseravel despojo de huma

(11) *Isocr. de regn. ora. 1.* (12) *Plut. in eo.* (13) *Homer. in Iliad.*  
 (14) *Eu. ip. in Phen.* (15) *Hist. da destruc. de Hespanha.* (16) *Pavian. in Phoc.* (17) *Horat. liv. 1. Epist. 2.*

huma cordeira. Dioxippo, duas vezes vencedor nos jogos Olimpicos, era levado em publico triumpho, mas ao mesmo tempo se mostrava vencido de certo objecto do seu gosto, de quem não apartava os olhos. (18) He miseria fatal de hum coração valente, sujeitar a sua Fortaleza á indigna escravidão dos vís affectos.

## C A P I T U L O V.

### *Da Temeridade, hum dos extremos da Fortaleza.*

362 — **C**omo engana a temeridade aos atrevidos! (1) Obrar com audacia sem juizo, e com excessivo atrevimento, não pode merecer louvor. A valentia, que se não casa com a sciencia, he impedimento da estimação. (2) Hum impeto sem razão nada tem de Fortaleza. (3) A temeridade como não gyra nos eixos da razão, e conselho, depressa se abysma, porque está fora da esfera da virtude. Ainda que no rosto do temerario se descubra huma apparencia de valor, não he o que representa. Sahe a medir a espada, sem o ter feito ás forças; e quando vê o defengano, he sem remedio. Ouvindo Catao celebrar muito a certo sujeito de afoutado, e facil em expor a vida aos perigos da guerra, disse: que havia grande differença entre estimar muito a virtude, e fazer pouco caso da vida. Desejar viver para exercitar acçoens honestas, he digno de louvor. Valerse com juizo da morte, e da vida em seu lugar, e tempo, he huma grande sciencia; porque não fica sendo acção ignominiosa fugir da morte, sem covardia, e vileza do animo. 363 Os

(18) *Aelian. de var. hist. liv. 12.* (1) *Phaler.* (2) *Cicer. pro Muren.* (3) *Apud Stob.*

363 Os extremos destes homens, tem a condicão dos dous Filozofos Democrito, e Heraclito. Taõ distantes eraõ nos seus sentimentos, que hum chorava de tudo, e outro de tudo ria. Terrivel vicio para os Capitaens, e Generaes, e muito peyor para os Principes. Dos seus inconsiderados excessos, quasi sempre choraõ os Reinos, e os exercitos. Os Censores Romanos mandavaõ abrir a veyra aos Soldados demasiadamente atrevidos, mais por medicina, que por castigo; porque como de sangue nasce a temeridade, queraõ darlhe porta para sahir do peito, sem damno dos coraçõens. Este remedio era saudavel, ainda que ignominioso. Os Generaes, que mandaõ na guerra, arriscando-se sem proposito, naõ samente desprezaõ as suas vidas, mas as de todos os que delles dependem: e pelo contrario, assegurando-se a si, poem em salvo os que estaõ debaixo do seu mando.

364 Com o mesmo impeto com que se move o forte, se arroja o temerario a accommeter os mayores perigos. Ha casos em que a fortuna lhe favorece os precipicios; porque os inimigos naõ distinguindo o falso do apparente, deixaõ o campo ao temerario. Gozarã este os applausos do povo, que naõ sabe discernir a temeridade afortunada, da Fortaleza verdadeira. O Lacedemonio Ifadas vendo a Epaminondas travado com os Espartanos, despindo atẽ a camisa, sahio com a espada na maõ, impellido do furor, e investio o inimigo com taõ bom successo, que matou a muitos, e teve da Republica huma coroa por premio: porẽm com o desconto de ser multado, por expor a vida temerariamente aos perigos.

365 Naõ mereceo Ifadas taõ completo applauso, como aquelles valerosos Portuguezes, que em hum

rio de Africa estavaõ mitigando os calores do Estio. De repente os accommeteraõ os Mouros, e lançando-se nus aos cavallos, e com as lanças aos inimigos, fizeram nelles tal estrago, que por outro rio de sangue vieraõ nadando seguros á sua Praça. Aqui foy a temeridade Fortaleza; porque a precizaõ lhe mudou as cores. Como tal a celebra a fama, e foy entaõ estimado taõ inaudito triunfo. Passado o primeiro impeto, perde a temeridade o seu vigor; e esmorece o temerario. (4) Quando Antigono lhe deraõ noticia da morte de seu filho, que indiscreto se arrojara a hum pendencia, respondeo: *Assim acabaõ ordinariamente os que seguem os impulsos da temeridade, e fantasia.* (5) O temerario Encelado, filho da terra, moveo guerra ao Graõ Tonante, e foy improvisamente fulminado.

366 Ao prejuizo publico se segue a infamia do author da temeridade. Depois de cahir no erro cuida nelle, sem ter mais desculpa, que o *naõ cuidey*; vergonhosa ao Capitaõ, que com os perigos da vida aspira á gloria do bom nome. Ao Belisario do valor aranca a temeridade os olhos, expondo-lhe as façanhas nas estradas, para levantar interjeiçoens compassivas. Os cegos de Sodoma naõ vem os perigos; tudo se lhes faz facil, e só naõ seguir a loucura dos seus intentos, se lhes objecta como difficultoso. A honestidade, que he o fim unico, e immutavel da Fortaleza, naõ he quem os move ás empresas arduas. Arrebata-os a brutal consideração da vangloria, com que perdem a verdadeira, que püderaõ conseguir com mediano esforço. Adquirem a infamia de varios, mudando o animo, quando sentem mudança nos fins.

Arro.

(4) *Quint. Curt. liv. 1.* (5) *Erasm. in Declamat. de morat.*



Arrojaõ-se inconsiderados, como ElRey Codro, a hum exercito armado, sem mais defenfa, que a preſumpção, e ſoberba, origem da temeridade. (6) O varaõ ſabio eſtima a Fortaleza; porque a conhece por irmã da diſcreta Prudencia; e abomina a temeridade, como frenſi do animo, indigno de toda a eſtimação. (7)

367 Eſte vicio nos Principes, e Grandes he muy perigoſo; porque tem mais que perder. Os outros homens arruinaõ-se a ſi, e eſtes deſtroem muitos. Os empenhos da vingança fomentaõ a ouſadia, e a ella ſe ſeguem as fatalidades. Entrou Faraó com o ſeu exercito em huma campanha de ondas, ſem advertir aonde punha os pés. Perſeguiu temerario a hum inimigo, favorecido com eſtupendos, e viſiveis milagres: e quando naquelle vingativo peito ardiaõ as chammas, o tragaraõ as aguas. Com Faraó ſe perderaõ muitos; porque a temeridade dos Principes arruina os povos.

368 Se a Prudencia não governar o valor dos Generaes, e expozerem temerariamente os exercitos, deixarãõ contingente a conſervação dos Reinos. Huma das prendas eſtimavel em qualquer Politico, he a de ter eſpiritos brioſos: porẽm guardados no coração para as occaſiões da honra. O atrevido Marco Minucio com glorioſa, mas indiſcreta, ambição de a adquirir, accommeteo incauto o campo de Anibal, ſem ſe lembrar, que daquella batalha estava pendente a reputação, e potencia Romana, que experimentaria a ultima fatalidade, ſe o maduro valor de Fabio Maximo não remediara a temeridade de Minucio.

369 Quando os Portuguezes defendiaõ com taõ

Tom. I.

Hh

va.

(6) Div. Thom. 2. q. 31. art. 3. (7) Cicer. liv. 1. offic.

valerosa, como obstinada porfia o cerco de Dio, atacado o baluarte S. Joaõ, mandou Dom Joaõ Mascarenhas aos defensores, que o desamparassem; porque os inimigos davaõ fogo a huma mina. Diogo de Reinoso, hum dos valerosos Fidalgos da sua guarnição, tratou de covardes os que abandonavaõ os postos, obedientes ás vozes do Capitaõ. A's do valente Reinoso voltaraõ todos; naõ querendo seguir a razaõ, fenaõ o exemplo. Rebentou a mina, e voaraõ aquellas almas a buscar em huma esfèra sem termo ambitos mais espaçosos para respirarem á vontade os seus imensos coraçõens.

370 Hum só temerario foy aqui causa de tantas mortes, e da perda de taõ gloriosas vidas instrumento fatal, ainda que o julguem generoso. (8) Ficou indefensavel a Fortaleza, a naõ haver alli cinco Portuguezes, que com incrivei, e inaudito esforço se opozeraõ ao pezo de todo hum campo. Aqui acabou Dom Fernando de Castro, levantado de huma doença, que fez mortal a desgraça, quando o eternizou o valor; colhendo os frutos da immortalidade na primavera da vida.

371 Suspenda o valeroso a colera, se naõ quer tropeçar na temeridade. Se tanto que a paixãõ propoem o desagravo se pega da espada, sahe ao campo, e entra a brigar; ha de ter este inconsiderado arrojõ os effeitos da mina, que rebenta. O mar combatido dos ventos, por todas as partes promette naufragios. A colera levanta soberbas ondas, sacode furiosas espumas, confunde o ar, e inquieta as esfèras. Nos bramidos da viagemã tudo saõ horrores; e os miseraveis destroçados pedem com sentidos lamentos compaixãõ.

372 Boa

(8) Jacint. Freir.

372 Boa será a execução acelerada, se não he cega. Com os olhos fechados, ainda os passos vagarosos tem perigo. Os Romanos, que tanto amavaõ os homens valentes, aborreciaõ os atrevidos. As armas querem animos briosos, e reportados, e não forças temerarias, e desesperadas. (9) Quem plivou Alexandre da perfeita gloria de Magno, senaõ a vil vassallagem, que o seu heroico animo tributava á ira? (10) Se a Prudencia não dispoz as acçoens, haõ de ter por premio a ignominia.

## CAPITULO VI.

*Da Covardia, outro extremo da Fortaleza.*

373 **T**Orpe, abominavel, e indigno da pessoa de qualquer homem honrado, he este infame vicio. Guardar-se dos perigos o homem bem nascido mais daquillo, que he razaõ, he a sua mayor affronta. Falso mestre da honra he o medo. (1) Assemelha-se a violencia desta paixãõ á furia do vento, que quando sopra rijo, tudo arraza. (1) Preocupado o coraçãõ do temor covarde, perde o animo, a ousadia, o valor, e sobre tudo o entendimento para o conselho. Terrivel monstruosidade em hum descendente de preclarissimos avós! (2) O Politico illustre deve considerar nas occasioens as circunstancias de honra, pondo de parte o que tem de trabalhosas, e sensiveis, para não temer os perigos, amando com affronta a segurança. A mil infames mortes se offerece o que foge

Hh 2

a hu-

(9) *Alex. ab Alex. liv. 2. cap. 13.* (10) *V. ler. Max. liv. 8. cap. 1.*  
 (1) *Plin. Jan. Paneg. ad Traj. Imperat.* (2) *Ecc. cap. 22.* (3) *Hist. rat. liv. 1. Epist. 14.*

a huma morte honrada. Natural he o medo em toda a gente: saber disfarçallo com valor he o meyo de ser Heroe: mostrallo na cara, sem pejo, he o ultimo acto com que o homem se gradua de vil.

374 He o medo taõ dispotico, que difficul-  
tamente se lança fora do coração, aonde huma vez  
lhe deraõ entrada. (4) Os seus domesticos sem dese-  
jaõ honras; porém sem custo. Não se atrevem a se-  
mear nos campos de Marte, porque ponderaõ mui-  
tos riscos na colheita. Querem antes conservar a vida  
morta na miseria, que gozar as abundancias dos fru-  
tos da immortalidade. A covardia nunca teve lugar  
no Templo da Honra. A temeridade afortunada se  
levantaraõ muitas estatuas. A formosura da estimaçaõ  
quiz a fortuna que custasse muito. Bem mereceo o  
riso de Luciano aquelle ridiculo ignorante, que  
deu trezentos dinheiros pelo candieiro de Epicte-  
to. Entendeo este insensato, que em lendo huma  
noite á sua luz amanhecia sabio. (5) Assim presu-  
me o fraco: basta-lhe sonhar-se filho do Sol, para se  
suppor dignissimo das mayores honras. Porém olha  
covarde, que te enganas; porque se não tens de  
casa minas de metaes sonoros, não te occupes em fa-  
zer clarins para a fama do teu nome, porque soaráõ  
com som estranho.

375 Quanto mais vil he a fraqueza nos homens  
militares! O Ecclesiastico, e Letrado, terá mais  
desculpa; porque conhece que lhe importa morrer  
bem: mas o Soldado não sabe que a morte tenha mais  
nome, que *Desprezada*. O Seu Principe lhe paga,  
porque o quer valente. Entaõ he indigno da vida,  
quan-

(4) *Res est imperiosa timor. Mart. liv. 11. in Telesph.* (5) *Lu-  
cian. adve. sus inloctum.*

quando teme a morte. Rendeo ElRey de Granada esta Cidade aos Hespanhoes ; e sahindo della se poz no alto de hum monte a chorar a sua perda ; mandando-lhe na ternura das lagrimas as ultimas despedidas do coração mais amante , que valeroso. Aqui lhe disse a Rainha sua may : *He muito justo , que a chore como menino , quem a não pôde defender como homem.* Os antigos Macedonios castigavaõ a covardia com as mesmas penas do homicidio. Se o injuriado em publico deixava vivo ao inimigo , o comprehendiaõ nas leys do assassino.

376 Com ignominioso milagre da natureza vive o fraco. Falta-lhe o coração , e respira alentos de quem tem vida. Bastou ver-se em Esparta hum Poema , que dizia : *Melhor he perder o escudo , que a vida :* para ser desterrado o seu Author ; e se lhe não valera a loucura da arte , seria capital o seu castigo. Olhemos para hum destes tão presumido , como covarde , e veremos nas conversações das gentes o notavel desembaraço , com que celebra a valentia dos Heroes. Cala-te homem , que te estás fazendo ridiculo hypocrita do valor ! Lá haverá alguma occasião publica , em que este tal alente aos companheiros. Tem-te mãõ fraco ignorante : intentas meter animo , e com affrontosa ignominia dar o que não tens ? Sim mostrará cubiça de gloria ; porém ha de ganhar sem risco os creditos de esforçado. Fundaõ ser da sua opiniaõ em que os creditos do vulgo o tenham por author de acçoens , em que só a inveja lhe deu parte. Forte miseria ! Os mesmos , que tem por officio cortar as palmas dos triunfos , se tecem coroas de infamia.

377 Ainda que o fraco merecesse os creditos , e  
esti-

estimações populares, pouco tempo teria em pé o edificio; porque a verdade não se erige sobre a opinião. Como a sua reputação he accidente sem substancia, depressa se destroem as apparencias. Affectado valeroso foy Theodorico. Trouxeraõ-lhe huma noite á meza, entre outros pratos, a cabeça de hum grande peixe. Representou-se ao covarde Principe, que era de hum homem Symaco, a quem elle matara; e preocupado do mais extraordinario susto, perdeu a vida no mesmo lugar em que a alimentava. (6) Os sentidos exteriores costumão a enganar no exame das acções. Não he o mesmo vibrar a lingua com despejo, que esgrimir a espada com valor. O peito magnanimo não respeita os vãos applausos: o fraco funda a sua gloria em falsos rumores.

378 Monstro da fortuna foy Thimoteo Athenienfe. Em todas as empresas mereceo estimação, sem applicar da sua parte a diligencia. (7) As historias o contaõ por milagre, tributando-lhes á memoria ao mesmo tempo, que louvores, ignominias. A gloria verdadeira despreza a apparente: huma consiste no essencial das obras, e outra no mentiroso accidente da opinião. Nenhum Soldado chegou ao gozo do triumpho, mostrando na paz o valor na boca: peleje se quer ter victorias, que das linguas da emulação esperamos ouvir os eccos do seu louvor. Não he o mesmo invocar os Ceos na arrogancia, que ter propicias as Divindades nas empresas. Cobre-se a covardia com a capa de razoens fortes, sem nunca tirar da espada com valor; porque com esta arrisca a vida, e com aquellas defende o credito.

379 Em nenhum caso se ha de mostrar o Principe  
com

(6) *Fulgos. liv. 9. cap. 2.* (7) *Plutarc.*

com temor, porque tanto perde de alento, quanto ganha de animo o contrario. Em muitos acontecimentos bastou hum só atrevido, para dar animo ao exercito. Refere-se na Historia de Catalunha, que estando a Cidade de Barcelona quasi rendida em hum assalto, abandonando os seus defensores as muralhas, hum temerario Soldado se lançou dellas abaixo, investindo os inimigos com incrível esforço, e clamando: *Victoria, que os inimigos fogem.* Quanto pode hum honrado exemplo! Estimulados muitos animos, seguirão os passos, ou o pullo do primeiro valeroso; e espantados os inimigos de tal resolução, não imaginada, lhe deraõ as costas com temor, e deixaraõ nas armas o triunfo.

380 Os mesmos effeitos produzem os contrarios affectos. Basta huma ovelha enferma, para inficionar todo o rebanho. Não ha contagio mais devorador, que a fraqueza. Huma tão respiração corrupta pode empestar todos os halitos. A fugida fóra de tempo persuade-a aos mais. Na supposição de algum incidente todos se querem salvar de não premeditados acontecimentos. O mesmo Deos mandava, que se não levassem á guerra os medrosos; (8) porque além de não prestarem em si, deitaõ a perder os mais.

381 Se esta fraqueza se vê nas pessoas do Principe, ou General, como são coraçoes dos exercitos, tiraõ os espiritos aos corpos. A natureza ensinou ás feras a eleger por seu Principe, e Capitão ao generoso, e destemido leão. Este, ainda rendido, se mostra valeroso. Nos infortunios não perde o animo, porque não dê máos exemplos. Disse Chabrias Atheniense, que era mais para temer hum exercito de cordeiros

com

(8) Deut. cap. 20.

com hum leão por cabeça, que todo hum campo de leoens com hum cordeiro por Capitaõ. (9) Huma alma valente dá forças grandes ao pequeno corpo: se ella he fraca, debilita os espiritos aos corpos grandes.

382 Não ha Soldado tão medroso, que vendo tímidos os seus inimigos os não invista como leão. Nenhum povo esteve mais consternado, que a Cidade de Bethulia no cerco de Holofernes: porém tanto que os seus moradores viraõ a confusão, que causou no exercito a morte daquelle General, trocaraõ as muralhas pela campanha, e accommetendo o campo, tiveraõ por despojos do seu triumpho as immensas riquezas do arrayal. Com o temor alheyo cresce a propria confiança. (10) Occupada do temor de Persena, abria Roma as suas portas ao vencedor, mais soberbo com a fraqueza dos contrarios, que com a valentia dos amigos. Aqui se vio quasi cativa a senhora de todo o mundo, se o valeroso Horacio Cocles, endireitando aos inimigos com a espada na mão, não impedira, sobre a ponte do Tibre, a furiosa corrente do exercito vencedor. (11) Mais triumphos deraõ a Alexandre os inimigos covardes, que as armas valentes.

383 Basta huma demonstração de fraqueza, ainda casual, em hum General, para esmorecer todo o exercito. Saltou Cesar nas prayas de Africa, quando foy á sua conquista. Postos os pés em terra, cahio aquelle Athlante do valor, e com elle o animo dos seus Soldados. Advertio-o este incomparavel Heroe, e como não reconhecia o Imperio dos Fados por seu soberano; mudou a fatalidade do agouro no mais plausivel prognostico. Abraçou-se com a terra,

(9) *Rhod. liv. 9. cap. 1.* (10) *Tit. Liv. dec. 1. liv. 3.* (11) *Histor. Rom.*



ra, como quem della tomavaposse, dizendo-lhe : *Es minba ob Africa!* (12) Este novo exemplo de valor chamou os espiritos dos seus companheiros, escondidos com o medo. Qualquer lebre persegue ao leão que foge. A hum ecco valeroso estremece a covardia dos contrarios. Bastava ouvir-se o nome de D. Nuno Alvares Pereira, para largarem os Castelhanos a campanha.

384 A pouco caminho andado se encontra o covarde com a desesperação. Como não tem soffrimento nos trabalhos, deseja com affectado valor acabar com elles. Appetece a sensibilidade da morte; porque não pode tolerar o sensível da desgraça. A's vezes se arrojará aos perigos, não a buscar a gloria, mas o destroço. Quer ferir muitas desventuras com o preço de huma só, com tanto que seja ultima. Cuida em prevenir a fatalidade; porque lhe falta o valor para esperalla. Aborrece o tempo, como verdugo mais cruel, que a desdita. Não duvida encontrar os males, se se ha de eximir dos sustos. Mais o fere o receyo, que o golpe. Por não saber disfarçar o medo, padece adiantado o estrago de hum repente. Acha mais accomodado retirar-se ás ameaças, que lisongear as desventuras. Chama o rigor com bizarría, para affugentar a infelicidade. Corre a precipitar-se da eminencia, por não experimentar hum tropeço na campanha. Nas barbaras loucuras do medo equivoca o temor com a valentia. Lança-se ao mar com os sopros dos zefiros, por não ter animo para soffrer os sustos de huma momentanea tempestade. Mata-se por não morrer, e fugindo dos perigos, vay dar nas mãos da desgraça. Reserva a vida para perecer com

Tom. I.

II

infa-

(12) *Teneo te Africam. Suet. in eo.*

infamia; porque teme triunfar nas occasioens de valor. Busca o sagrado nas concavidades do horror, para escapar á honra, que o busca, como se fora verdugo, que o persegue. Emperrada a furia dos sobrefaltos, vay combater com as penhas; porque nã praya se lhe enterraõ os pés.

— 385 Oh Politicos medrosos! Lembray-vos das arvores, de que sois frutos, e correspondey á sua bondade. Adverti que sem honra, nã ha que estimar na vida. Nã apagueis com a conservaçaõ do vosso sangue os braçoens, que os ascendentes vos honraraõ, derramando o seu. Revesti o vosso illustre coraçãõ de Fortaleza, que he a gala mais preciosa do vosso ornato. Se á Patria deveis o ser, perdey o ser pela Patria. Com o preço do sangue comprais a fama, pagais a divida, acreditais a pessoa, e honrais o Rey. Passay pelos olhos da consideraçaõ os seculos todos, e achareis emulaçaõ gloriosa para as vossas acçoens. Nã necessitais de peregrinar terreno alheyo, para encontrares Heroes taõ famosos como os antigos Cesares. Abri as Historias de Portugal, e ponde os pés da imitaçaõ nos vestigios, que deixaraõ vossos mayores.

POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA.

LIVRO V.

DA TEMPERANÇA, E SEUS EXTREMOS.

CAPITULO I.

*Da Temperança em geral, e da necessidade desta virtude.*

386 **E**sta ultima das quatro Virtudes principaes, e com muitas primazias entre ellas, ainda que menos nobre, he filha da concupiscivel, que com o freyo da razão governa o excessõ dos desejos. (1) Modera a estupidade, e demasiada intemperança dos deleites do corpo. Enfina a regular as acçoens, e ajustar as palavras. (2) No arrayal da vida humana, assaltada sempre de muitos, e valerosos inimigos, he a continua, e vigilante sentinella. (3) A' magnanimidade do coração, accrescenta os alentos, e forças. (4) He a Mestra dos conselhos sabios, e a que traz pela mão á Prudencia, para que não tropece. (5) Com estupendo metamorfose muda em Divinos todos os actos humanos. (6) Ella he a que traz á memoria a brevidade das cousas caducas, que o appetite deseja, para que por ellas se não precipite.

li 2

capite.

(1) Div. Thom. 2. 2. q. 141. art. 7 (2) Div. Bernard. de ord. vit. (3) Plat. in Charm. (4) Idem ibi. (5) Soph. in volat. (6) Democrit.

cipite. (7) He a que em todos os acontecimentos nos ajusta com a razão, pacificando o animo, e ligando com suave prizaõ as paixoens á racionalidade. (8) He declarada inimiga da torpeza, (9) e illustre progenitora da mais perfeita modestia. (10)

— 387 Absorve a Temperança as suas tres irmãs. (11) Dirije a Justiça, encaminha a Prudencia, e dá alentos á Fortaleza. He mãy de todas as virtudes, porque desvia o homem de todos os extremos. (12) Faz, que os racionais reconheçaõ o que tem em si: mostra-lhes que não são insensatos, nem todos sentido; que não são troncos, nem brutos, mas homens; mandando ao corpo, que se conserve para servir ao espirito. Não quer que este falte aos actos de racional, nem aquelle aos moderados officios da sensação, para se manter robusto. Combate com os inimigos mais poderosos, e por isso tem mayor gloria nos triunfos.

388 Tanto que prevaricou a natureza humana, se rebellaraõ os appetites á razão, ficando o homem condemnado a viver no mundo em huma perpetua guerra. (13) Conhecerãõ esta verdade os Thrausos, que são certos povos da Thracia, e lamentavaõ os nascimentos dos filhos com excessivas lagrimas, celebrando as exequias dos mortos com extraordinarios jubilos. (14) Taõ trabalhosa he a vida humana para o varão sabio, que se a não suavizara a esperança futura, se fizera infoffrivel: porém a Providencia nos deixou huma valerosa defensora, que ella só resiste a todos os contrarios.

389 Ape-

(7) *Senec. Epist. 115.* (8) *Cicer. de finib.* (9) *Idem 3. offic.* (10) *Plin. Jun. liv. 4.* (11) *Cicer. 5. Tuscul.* (12) *D. Aug. de vita beata.* (13) *Militia est vita hominis. Job cap. 7.* (14) *Rhodig. liv. 18, cap. 23.*

389 Apenas a soberba affesta as batarias, lhe destroe a Temperança os ataques. Posta em campo a avariza, faz voltar as costas á cubiça. Aos repentinos afaltos da sensualidade oppoem a parcimonia dos deleites; e contra todos os vicios peleja, vencendo sempre, sem mudar as armas. Tanto que a razão lhe dá as ordens, não permeya tempo na execuçaõ. Cuidadosa do nosso bem nos propoem as cousas muitas vezes, como necessarias, para nos obrigar a ellas; e offerece outras como gostosas, para que a mesma suavidade nos convide. Por jeroglifico da Temperança traz Pierio a hum cavallo obediente ao freyo; porque ella he a que sujeita á razão o desbocado bruto das paixoens, e appetites. (15) Em todos os tempos acompanha com os homens, como segura guia, para que em nenhum passo se percaõ.

390 No mundo só vive seguro o que vive moderado. Disse o Oraculo de Apollo, que todo o excessõ era perigoso. (16) A' summa abundancia de Egypto, se lhe segue huma extrema fome. O mesmo he chegar o Sol ao Zenith, que declinar para o Occaso. Todos os appetites são torres de Babilonia, que no seu muito se confundem. Em todos os voos dá a Temperança conselhos de Dedalo; porque, depois de afogados nos deleites, não quer meter os homens nas sepulturas. Quando o mundo gozava as ditas com mediania eraõ os seus seculos dourados. Nem o zefiro ha de ser taõ brando, que não respire, nem o Boreas taõ furioso, que arrebate. Quem busca a segurança da fortuna no mais alto da sua roda, arrisca a firmeza em hum ponto: procura  
rada

(15) *Pier. liv. 4. cap. de Equo.* (16) *Pitag. in Symb.*

rada no infimo , he enterralla. O que sobra não serve, o que falta necessita-se, e só o preciso aproveita. O Colosso mais levantado he mayor monte de ruinas. O valle mais abatido he campo de batalha no inverno. O outeiro mediano , nem o sorvem as aguas , nem o escalaõ as tormentas. O meyo entre a esfêra , e este globo terraqueo he o mais seguro ; porque o fogo , e os ventos lhe ficaõ em igual distancia. Ainda o brado da fama se não ouve bem , se he muito alto. (17) Mais estimava Diogenes a rustica iguaria de paõ com sal , que os esplendidos banquetes de Cratero. (18) Não quer tanto a Temperança : estima a mediania , e aborrece a fordidez.

391 He bem afortunado o que se satisfaz com pouco. Entre as delicias do homem he esta a mais proveitosa. A rarissimos deixou a natureza sem meyos para obter a felicidade ; porque com todos repartio alguma cousa. Muitos ha de haver , que se chor em sem nada : porém ficaraõ-lhes as mãos para trabalhar , e as linguas , ou acenos para pedir. Não ha no mundo abundancia , que não seja trabalhosa. Até as Coroas se fechaõ em Cruz. O coração , que não deseja , não se inquieta. Senta-se na praya a fazer irrisaõ dos que deixando-se levar das correntes da cubiça , entregaõ á fragilidade de hum taboa o inestimavel preço das vidas. Respeita por gloriosos os perigos da honra ; porque são meyos de gozar a fama. Não sente ter o menos da ventura ; porque discorre , que nas suas mudanças menos tem de que sentir-se. Quem fecha os desejos na arca do necessario pode competir desditas com o mesmo Jove. Ama nas cousas a honestidade dos fins , e a todos os meyos se ajusta com facilidade.

392 Po-

(17) *Tacit. in Agric.* (18) *Laert. in eo.*

392 Porém a Temperança não se exercita em todos os objectos delectaveis. No homem ha razão, opinião, e sentido externo. O entendimento, como racional, he infaciavel no desejo de saber: a opinião não se satisfaz com honras, e riquezas; e o sentido externo nunca disse aos deleites corporaes, que bastavao. O gosto da razão não he vassallo da Temperança, por ser commum com os Anjos; e o seu excessso se chama *curiosidade moderada da prudencia*. Tambem a Temperança não tem jurisdicção sobre os deleites da opinião; porque quem os modera he a liberalidade, e modestia. Os gostos do sentido externo são objectos proprios da Temperança, como infimos das faculdades humanas. A esta satisfação declara a virtude de que tratamos huma formidavel, e continua guerra, impedindo-lhe a conquista do Reino da Razão. Ao gosto, e tacto, inimigos tanto para temidos, quanto tem de domesticos, impede a Temperança as suas vis, e brutaes operaçoens.

393 Daqui se colhe a summa necessidade desta virtude. Se ella não governar os homens, como se haõ de distinguir dos brutos? Aquelles vilissimos sentidos, gosto, e tacto, são communs a brutos, e homens: este para que o individuo conserve a sua especie com a geração; e aquelle para dilatar a vida do individuo. Os animaes sem governo nos appetites, como não tem mais fim, que a vida, e geração, buscaõ sempre os meynos delectaveis destes dous fins. Segue-se logo, que o homem, que não for temperado, ha de pôr os pés nos mesmos vestigios; porque igualmente se lhe faz o deleite appetecivel. Nos seguintes Capitulos o veremos melhor.

## CAPITULO II.

*A Temperança nos regalos he necessaria para a saude do corpo.*

394 **A** Satisfação dos appetites nunca fez o homem ditoso. Os deleites immoderados estragaão a saude; e sem ella não ha gostos na vida. O valente Pyrrho, Rey dos Albanезes, e fatal emulo da grandeza Romana, não pedia aos seus Deoses glorias, e riquezas, Reinos, ou Senhorios dilatados, mas a conservação da saude, sem a qual tudo no mundo he insoffrivel. (1) Diodoro Peripatetico ensinava, que o summo bem do homem era o gozo da perfeita saude. (2) O mesmo Oraculo Divino canonizou por melhor ao pobre saõ, que ao rico enfermo. (3)

395 Destroe a molestia todo o bem do homem, e só fica em pé a paciencia, enriquecendo os seus thesouros com as ruinas das outras operaçoens. O valente com a saude perde as forças, o gentil-homem a formosura, o entendido as subtilezas, o discreto a elegancia; falta o gosto nas riquezas, o alivio nos pallatempos, e ainda ao reinar se diminue o poder. Em hum instante se mudaõ as alegrias em lagrimas, e os divertimentos em ays, como dizia Tullio. (4) Nada falta ao pobre, quando tem saude, porque no trabalho canta: de tudo necessita o rico enfermo, porque na molestia geme. Se no mundo houvera bem-aventurança, constituía-lhe a saude o seu essencial (5)

Taõ

(1) *Lucian. & Rhod. liv. 7. cap. 24.* (2) *Ap. Tull. liv. 2. Aca-*  
*dem. q. 9.* (3) *Eccl. cap. 30.* (4) *Cicer. in orat. pro Sylla.* (5) *Licinn.*  
*apud. Emphy. itum.*



Taõ casada está a razaõ ao ser humano, que as operaçoens a ella contrarias naõ só prejudicaõ á alma, que he o seu throno, mas tambem ao corpo seu subpedaneo.

396 Entre as muitas brutalidades, que no corpo humano fazem guerra á proporcionada regularidade dos humores, he a mais opposta a demasia dos regalos. Toda huma noite naõ socegou Assuero; porque se alargou nas delicias de hum banquete. (6) Na flor da sua idade veremos ao gentil mancebo competindo emulaçoens com os Adonis; taõ robusto como Hercules, formoso como Absalaõ, vivo nas cores, alegre no aspecto, desembaraçado nas aççoens, airoso nos movimentos, e hum todo de perfeiçoens. Esperay que se entregue aos excessos do regalo, vereis que perde a figura, e que aquelle gracioso vigor, que era magnete das vontades, se transforma em lastimoso espectáculo dos olhos. O sono descansado naõ se recoستا sobre o muito comer, mas na dura cama do muito trabalhar. (7)

397 As molestias da vida saõ insupportaveis companheiras. As muitas enfermidades de Cesar lhe fizeram taõ aborrecivel a sua vida, que avisado se acautelasse dos inimigos, o naõ quiz fazer. (8) Taõ melindrosa he a faude, que a si mesma se destroe. Muitas vezes naõ espera a velhice para que o tempo lhe aruine a morada. A qualquer leve incidente se murcha como flor, e como ar se perturba. Se a torpeza dos deleites se lhe oppoem, entaõ se consome mais depressa. Pomponio Attico, que em toda a vida foy sumamente regrado, e igualmente saõ, vendo-se en-

Tom. I.

Kk

fermo

(6) *Esth. cap. 6.* (7) *Dulcis est somnus operantis. Eccl. cap. 5.*(8) *Sart. in ejus vita cap. 86.*

fermo se deixou morrer de fome; porque com outra molestia não manchalle a natureza o gosto da saúde, que até alli gozara. (9) Não se pôde approvar esta brutalidade, porque he impossivel o temperamento igual dos humores. Basta que se impidaõ os meyoos irracionaes, como indignos do ser humano.

318 Igual ao gosto da vida he o de conservalla com saúde. (10) As que são de mais preço, como vidas estimaveis, fazem muy sensivel a sua perda. A morte de Raquel na flor dos annos a todo o mundo merece compaixão. Nos nossos vulgares cumprimentos felicitamos a boa saúde, como hum dos mayores bens, ou como o mayor bem da vida. Esta desejaõ os Reinos aos Principes, e as familias aos Senhores; porque são irreparaveis as suas perdas. Evitem estes morrer do que vivem, e viver do que morrem; porque as mortes, e vidas não são suas. Não fação com que estas lhes durem, em quanto fabricaõ aquellas.

399 Que qualquer homem particular perca a saúde, e a vida, pouco importa ao commum; porém o Principe, o pay de familias, e o successor de huma casa, vale, e importa de muito a sua conservação. Todo o exercito lamentava o perigo de Alexandre. Nas aguas do rio Cidno estiveraõ afogadas as suas glorias. Nellas quiz este heroico Capitaõ atemperar os ardores do seu peito, e penetrados os membros do regaço, accommeteraõ os symptomas o coração. (11) Se tanto prejudicaõ os banhos delectaveis, ainda que licitos, como não perecerãõ as vidas de muitos, que nos illicitos, e torpes se chegaõ a mirrharem os ossos, e a tyficarem os tutanos?

400 Os

(9) *Corn. Nep. in ejus vita.* (10) *Cicer. orat. 3. in Catil.*  
 (11) *Quint. Curt. liv. 3.*

400 Os regalos são muito valentes; porque enfraquecem a razaõ, e debilitaõ a vida. A carne como feno, (12) na mesma frescura se seca, sem que o arranquem. Ainda que os homens se supponhaõ taõ robustos como os Gladiadores, e Athletas, sempre são feno, que com brandas respiraçoens acabaõ. (13) A arvore da vida humana não frutifica com demasiados beneficios. Quer golpes de machado, que lhe cortem os vicios; porque o muito rego corrompe as raizes. O pomo do deleite vedado sempre tirou vidas. Se no diluvio dos appetites lançamos fora da arca da razaõ o corvo dos desejos, ha de ficar-se cevando nos corpos mortos. A pomba da Temperança he quem coroa com a oliveira os triunfos da faude do mundo. A serpente do regalo encheo a terra de molestias: porém a Temperança, como experimentada mesinheira, compoz logo a triaga, dando por primeira receita a parcimonia. Viver no mundo cercado de delicias, e não usar dellas como bruto, communica ao homem hum ser Divino. Nem a terra, que consome todos os corpos, se atreve a offender os que no mundo se não corromperaõ com regalos. O homem tem por grande felicidade ser senhor de muito; porem a mayor das suas felicidades he usar de pouco.

401 A vida da ociosidade não he vida; porque só a possui quem trabalha. Dizia Temistocles, que a regalada ociosidade era sepulchro do homem morto á razaõ, e vivo á brutalidade. (14) Não se distingue o homem do animal só na figura. Aquelles

Kk 2

conf-

(12) *Omnis caro fœnum. Isai. cap. 40.* (13) *Psal. 102.* (14) *Plur. t. etc.*

constituem a sua effencia na voluptuosa ociosidade, e estes no gofio dos deleites intellectuaes, e exercicio das obras. Os appetites fão padraos do homem bem nascido. Mandavaõ as leys de Licurgo, que os meninos nobres foffem educados em todo o genero de trabalho, para que os naõ affeminassem os regalos, e corrompesse a luxuria. (15) O vicio he declarado inimigo da razaõ. Rouba o tempo ás acçoens honestas, para introduzir os contrarios, que se lhe oppoem.

402 Com a ociosidade se corromperaõ os Sodomitas; e levantaraõ tal incendio de vicios, que houve mister hum diluvio de fogo para o apagar. (16) O Emperador Adriano, que no seu tempo foy o exemplo do valor, abominava a ociosidade, occupando-se nos mais asperos, e violentos exercicios. No mayor rigor do frio, e furia das tempestades, nunca cobria a cabeça, mostrando-se invencivel aos mesmos elementos. (17) Tanto que o valeroso Sansam se recoitou no regaço da ociosidade, perdeu o esforço, a liberdade, os olhos, e a vida. Os affeminados divertimentos tornaraõ em vergonhoso hudibrio o que fora terror dos Filisteos. (18) O grande Cyro nunca se sentou a comer, sem que trabalhasse até suar. (19) Em quanto David andou na campanha era Heroe invencivel; tanto que passeou no descanso, tropeçou na lascivia. (20) Entregou-se Anibal aos deleites de Capua, e perdeu as glorias de Cartago.

403 Que de Capitaens insignes deitou a perder a ociosidade! Marco Antonio deu corte á sua grande fortuna, entregando-se aos torpes affectos de Cleopatra.

(15) Xenoph. liv. de Resp. Laced. (16) Div. Fulgen. Epist. 3. ad Proban. (17) Aelius in ejus vita. (18) Judic. cap. 16. (19) Xenoph. liv. 8. (20) 2. Reg. cap. 11.

patra. (21) A ociosidade de Lucullo perdeu no mundo a admiração do seu nome, ganhado na fadiga perigosa de tantas batalhas contra os valerosos Mitrídates, e Tigranes. (22) Apenas Alexandre largou por breves instantes o continuo exercício da campanha, quando a ociosidade da Persia rendeu com a brandura dos regalos, o que não pudera á força das armas. (23) Envergonhou-se Arbacto de ver no Throno dos Assírios o indigno Sardanapalo, que gastava o tempo com a roca no cinto, sentado entre as meretrizes, e tirou-lhe a vida. (24) He impossivel, que a este vicio não fação companhia todos os outros. Em quanto Nero, como Edil de Roma, se occupava no bem do povo, viveo em muita piedade, e foy hum claro espelho do amor da Patria: porém tanto que subio ao Throno, se entregou a todo o genero de regalo, e a toda a sorte de crueldades. (25)

404 O homem nasceo no mundo para o trabalho. (26) Então vive vida humana, o que como homem se occupa. O mesmo he suspenderse o movimento do coração, que espirar a vida. Tudo o que he estimavel se perde, quando os homens se deixão levar dos divertimentos. Portugal, que nos seus seculos dourados os criava de ferro, tanto que os corrompeo a ferrugem dos melindrosos pallatempes, já não respeita o mundo em cada Soldado hum Heroe, e ha poucos Heroes, que mereçaõ o nome de Soldados. Então criava o valor barbas até á cintura: hoje os Martes da valentia se affectaõ Narcizos da belleza. Então eraõ necessarias roupas largas, para respirarem

OS

(21) *Plut. in ejus vita.* (22) *Plut. in eo.* (23) *Quint. Curt. liv. 1.*  
 (24) *Just. hist. liv. 1.* (25) *Alex. ab Alex. liv. 4. cap. 4.* (26) *Nascitur homo ad laborem. Job cap. 5.*

os coraçoes, que só se ajustavaõ com os arnezes: hoje todos os homens são Damas, e os seus apertos melindres.

405 Para não se affeminarem os animos aos valerosos Romanos queria Scipião, que se conservasse em Cartago huma Aula de Marte. (27) Com a perda de Africa, parece, que mudaraõ os Portuguezes de natureza. Faltou-lhes a escola do trabalho, e não admiramos os prodigios de valor daquelles seculos. Os que passaõ á India mais os leva a violencia, que a honra; porque o Cabo da Boa Esperança só visto no planispherio mete horror. Em quanto Tarquino trouxe aos Romanos com as armas nas mãos, todo o mundo temia Roma. (28) Os Principes, que por especial favor do Ceo, conservaõ os Reinos em paz, nem por isso devem esquecer nos vassallos o trabalho da guerra. Pisistrato costumava sair ás praças, e em vendo aos homens ociosos, mandava-os trabalhar no campo á sua custa. (29) Se no proprio campo não tem o Principe em que occupe os vassallos, mande-os aos campos alheios á sua despeza aprender a arte da guerra. A sciencia theorica não serve tanto nas campanhas, como a practica, e experimental, adquirida com o largo uso do trabalho, e desprezo do temor. Tanto que em Athenas faltou o valeroso Epaminondas, corrompeo a ociosidade os seus Cidadãos, e entregues a todos os vicios lhe originaraõ a ultima ruina. (30)

## CAPI-

(27) Flor. liv. 2. cap. 15. (28) Dion. Alicar. liv. 4. (29) Ælian. var. hist. liv. 9. (30) Just. liv. 6. §8.

## CAPITULO III.

*He necessaria a Temperança contra a Gula.*

406 **A** Penas a natureza abre os pavimentos ao edificio do corpo humano, e apparece sobre a terra este fragil colosso, se lhe oppoem o escumago á sua conservação, cavando-lhe a ruina em si mesmo. Grande lastima, que comece de bruto a fazer-se homem o que nasce para ser hum quasi Deos! Deve impedir-se ao Principe, que se não sujeite ao dominio da gula, já que ha de ser Senhor de tantos homens. Este infame vicio os faz meninos duas vezes. (1) Infunde-lhes impetos brutaes, (2) e com as trevas do coração mudavel lhes offusca a clara luz dos entendimentos. (3)

407 Contra este fero monstro peleja valerosamente a Temperança. Concede aos homens o preciso, e impede-lhes o desnecessario como damnoso. As armas da gula são o desordenado desejo de comer, e beber. Ingrato vicio, que aos mesmos, que o beneficiao faz achaque do regalo! Elle he o pay da luxuria, o ventre com demasias, o coração com torpezas. Hum dos seus jeroglificos he o lobo, sempre faminto, ainda que farto. Não tem mais Deos, que ao ventre: a elle se sacrificao as victimas abrazadas, se tributaos sacrificios cruentos, e ardem consumidos os holocaustos. (4) Do vaó deste monstro não sahem as ruinas de Troya: lá dentro as gerao os deleites, que a tantos tem feito em cinza.

408 Todo o mundo he pouco para que este bruto

(1) *Plat. de leg.* (2) *Arist. Pol. 7.* (3) *Div. Greg. sup. 1. Regum.*  
 (4) *Quorum Deus venter est. ad Philip. cap. 3.*

to se farte. Não lhe escapão as profundidades do Oceano; porque até lá lançaõ as linhas as suas indústrias. A Região do ar, totalmente inacessivel ao homem, não he seguro a sylo ás innocentes aves; ou da sua mesma especie lhes criaõ os inimigos, ou fazem, que o pezo do chumbo voe mais que elles. As grutas, e cavernas dos bosques perderaõ o sagrado do horror; porque todos os refugiados se acollaõ. Os animaesinhos domesticos, que tem tantas exempçoens, partidos, e despedaçados saõ lastimosas victimas da voracidade, e sofreguidaõ. A terra, por mais que produza, nunca sahe dos seis mezes da esterilidade. O fogo, como não tem especies que criar, arde, e consome-se em a servir. He o homem guloso hum sepulchro vivo de animaes mortos, e competindo emulaçoens com as entranhas da terra, quer tragar de hum bocado os viventes todos. Notavel invençaõ he a de fabricar huma morte das ruinas de tantas vidas!

409 O baixo nascimento da gula não pode ter acçoens honradas. Bastou hum só bocado de mais, para fazer de hum Principe hum homem de ganhar. Os banquetes de Cleopatra foraõ o descredito de Marco Antonio. A razão opprimida não pode obrar, ou o estomago ha de cozer as iguarias, ou o entendimento digerir as especies. Ambas as acçoens ao mesmo tempo mostra-as a experiencia impossiveis. Segue-se logo, que o homem demasiado não pôde obrar com honra; porque o faz sem razão. Quando Galba mandou a Vitellio, contra os Alemaens temeo o Imperio tanta authoridade, em quem tão pouco a merecia. Determinou impedir a eleiçaõ, e não o pôde conseguir. Resolveo Galba, porque

o en-



o entendia assim, que aquella expedição seria gloriosa; porque Vitellio era muito amigo de comer, e beber. (5) Notavel discurso de hum Emperador! Forte circumstancia para hum General! Corresponderão os successos á boa disposição de Galba. Não se occuparão as pennas dos Historiadores em lhe escrever as façanhas. Infamias suas se encontraõ a cada passo nas Historias, que saõ os triunfos infalliveis da gula. (6)

410 Mais Heroes se tem tirado de tras do arado, que das delicias dos banquetes. Estomagos delicados não soffrem fadigas gloriosas. Fakta-lhes o animo para tolerar a fome, sede, e frio; porque nunca tiverão a abstinencia por comida, por bebida a Temperança, e as abobadas do Ceo por antecamaras de inverno. Os tigres no Brasil saõ velozes como o pensamento, e em estando satisfeitos, taõ tardos, que se não movem. (7) Como ha de bulir os pés para correr no estadio da honra quem leva no estomago o pezo dos quatro Elementos? Estes animaes, que desejaõ dar á alma o mesmo pasto, que ao corpo, merecem as honras dos condemnados. (8)

411 A natureza humana he de taõ bom accommodar, que com pouco se contenta. Não quer que lhe falte o précizo, e aborrece o desnecessario. Passando o famoso Agefiláo pela Ilha de Thasso, lhe offerecerão os seus moradores hum magnifico refresco. Agradeceo-lho muito Agefiláo, e aceitou-lhe huma pouca de farinha, dizendo ser o que lhe bastava. (9) O primeiro prato da mieza de Achilles era o trabalho. Quebrava ás mãos os ossos dos leoens, para lhes chupar

Tom. I.

LI

par

(5) *Suet. in vita Vitel.* 67. (6) *Rhod. liv. 13, cap. 25.* (7) *Ælian. liv. 4, cap. 23.* (8) *Luc. cap. 12.* (9) *Plut. in Mor. Apopth. Laco.*

par o miúdo. Os delfins, que são os Reys dos peixes, não se criaõ nas aguas doces. Dizia Seneca ao seu Lucillo, que ter vida de homem com ventre de bruto era remar contra a maré. (10) As espumas, que borbulhaõ os demasiados fervores do estomago apagaõ o fogo do entendimento.

412 O primeiro guloso, que teve o mundo, o transformou este vicio de sorte, que ficou semelhante a hum animal, que faz vida de comer. O Onocrotalo, que he hum dos symbolos da gula, logo na goêla tem hum ventre aonde mete tudo; e o peixe chamado afello tem o coração por estomago. (11) Quantos homens brutos não tem mais Deos, que ao ventre, e por ventre ao coração? Ainda isto he pouco na féra irracionalidade deste vicio: até a Deos se traga; porque para satisfazer a gula, toda a sua Ley se engole. Pervertida a razão pelos appetites, seguem-se os roubos, as lascivias, as blasfemias, os juramentos, e os horrendos peccados de escandalo, que irritaõ a paciencia Divina, como experimentou Balthasar no seu banquete.

— 413 Se o homem não andara taõ cego de desejos, veria melhor o que deve a Deos, para fazer o que elle lhe manda. Suspende-se o entendimento, quando se eleva á contemplação da summa providencia com que o Author da natureza criou tanta variedade de especies, para o licito regalo do homem. Fertilizou a terra, fazendo-a produzir innumeraveis frutos, taõ faborosos ao gosto, como deleitaveis á vista: o mar com a infinita variedade dos seus peixes, e mariscos; e o ar, e bosques com tanta diversidade de animaes, que tudo entregou ao homem para o seu uso. Porém  
o gu-

(10) *Lib. 22. Epist. 113.* (11) *Sophonias cap. 2. v. 14.*

o guloso, ingrato a taõ abundantes beneficios, como Prodigio faminto, tudo lhe parece pouco; desejando inventar em outros mundos novas especies; porque tantos fainetes já naõ saõ bastantes incentivos do seu gosto. Esta ingraticidãõ he propria dos brutos, que comendo sempre, naõ agradecem a quem lhes dá de comer; porque lhes falta o entendimento. (12) O canhaõ muito carregado rebenta; e os hastilhaços do furor investem a quem lhes deu tanto; porque em tomando fogo a ingraticidãõ, vomita chammas contra o bemfeitor.

414 O guloso como a nada perdoa, tambem o naõ faz ao seu proprio ser. Tantos bocados amontoa para a fabrica do seu gosto, quantos golpes dá na sua ruina. Acabado o gozo das depravadas delicias, se tornaõ as glorias em inferno. Offusca-se o racional, e ainda o animal tanto tem de boy, como de opprimido. Por hum prato fantastico se compraõ mil pezares verdadeiros. O demasiado uso o inhabilita para o mesmo uso. No tropel dos gostos encontra o foçobro; porque nenhum homem pode resistir a taõ arrebatada avenida de deleites. No muito que recebe se atormenta, e na vida dos desejos o agonia a morte dos appetites. A satisfacãõ destes já he pezo, e naõ poder cumprir com aquelles, afflicçãõ; servindo-lhe o gozo de impedimento ao mesmo gozõ. O coraçãõ anda inquieto; porque immoderados os affectos, tanto se affogaõ no excessivo, como fluctuaõ com a impossibilidade. Mudada assim a satisfacãõ em ancia, se extorce da suavidade o terrivel veneno da amargura. O gosto de instantes se estende a pezar de muitos dias.

Ll 2

No

(12) *Cum in honore esset, non intellexit . . . sicut equus, & mulus quibus non est intellectus. Ps. 31.*

No altar em que adoraraõ a Volupia se vem obrigados a dobrar o joelho a Angenora. Postos com a boca aberta á doçura das correntes, choráõ nas aguas, que vaõ passando, faltarlhes a immensidade no seu feyo, para receberem no coração a todo o pégo.

415 A quantos perdeo infamemente este indigno vicio! Grandes thesouros, e bem provídas ocharías offerencia hum mentecato á sua alma, para se fartar muitos annos de comer: porém aquella mesma noite foy estender as toalhas no inferno. (13) Dos regalos da meza passou Balthasar aos tormentos de condemnado. O Emperador Valentiniano morreo rebentado depois de huma larga cea. (14) O cruel Attila açoute, e espanto de todo o mundo, bebeo huma noite tanto vinho, que vomitou a infame alma pela boca. (15) Joviniano relaxou de tal sorte o estomago com continuos banquetes, que morreo de cruzas. (16) Tambem na Christandade temos exemplos tanto mais lastimosos, quanto menos permittidos. O Cardeal Colona, ViceRey de Napoles, comeo em huma occasião tantos figos, que faltando-lhe o calor para os digerir, perdeo o natural, e a vida quasi de repente. (17) O Emperador Zenon revolvendo-se como bruto entre os pastos da gula, e os mananciaes de Baccho, ficou como apopletico. Adriana sua mulher, envergonhada de vicio taõ indigno de huma purpura, fingindo-o morto, o mandou enterrar vivo. (18) A gula dos Assirios facilitou a Judith a morte de Holofernes; e nas Historias saõ celebradissimos por notavel, e in-

(13) *Habes multa bona posita in annos plurimos. Luc. cap. 12.*

(14) *Aurel. Vict. in ejus vita.* (15) *Aeneas Sylo. p. 2. Afri. cap. 29.*

(16) *Baptist. Ignac. liv. 1. de Rom. Princ.* (17) *Paul. Jov. in vita hom. illust. liv. 6.* (18) *Zonaras Ann. tom. 3.*

e infamemente vorazes Clodio Albino, Lucio Papiro, Philoxeno, Maximino, Galinio, e outros muitos, que traziaõ os coraçoes nos pratos, e almas de homens em corpos de animaes immundos.

416 Remunera a gula os serviços, dando desgraças por mercês. He impossivel, que o gozo depravado deixe de parar em amarguras. (19) Ainda na vida se acompanha este vicio do mayor dos males. O entendimento enterrado no estomago tem o homem morto para Deos, em cujo Reino se não come, nem bebe. Ninguem se levanta dos banquetes a praticar virtudes. O mesmo foy sentarse o povo a comer, que levantar-se a jogar. (20) Os sequazes da gula são Atheístas da Divindade: no fim não olhaõ mais que a morte, e as Latrias de Deos se dão ao ventre. Nauzêa o maná da razaõ aos que se lembraõ das olhas do Egypto. Estas almas sem sabor haõ de adorar no Sacramento as especies; porque lhes sabem a paõ. Transformados em brutos pelos exercicios, até as almas são de carne. Indignos Sardanapalos, que com a infamia das suas gulofinas compoem o epitafio para os seus execraveis monumentos: *Tive de meu quanto comi.* (21)

417 Livre-se o homem bem nascido deste torpe vicio, origem de outros muitos. A excessiva variedade de manjares, he preza solta, em que se moem torpissimos pensamentos. Parece que deu a entender o Rey Profeta, que o demonio meridiano he o estomago muito carregado. Ou este tenta, ou aquelle se vale d'elle para tentar. Dizia Socrates, que o homem não vivia para comer, mas comia para viver. Ne-

(19) *Prov. cap. 14.* (20) *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere. Exod. cap. 32.* (21) *Plut. in Mor. liv. 1.*

Nenhum prudente respeita os meyoſ como fins. Ainda he mais indigno em hum Politico vender a liberdade dos cortejos, naõ a quem lhe dê honra, mas meza. Com as ſuas mãos lavava o Filoſofo Ariſtippo humas alfaces a tempo, que paſſava Plauto. Reparou eſte Filoſofo na miſeria do outro, e lhe diſſe: *Se tu ſerviras a Dionyſio, naõ comeras hervas.* Reſpondeo Ariſtippo: *Se tu comeras hervas, naõ ſerviras hum tyranno como Dionyſio.* Os Sabios para manterem a vida corporal, naõ deſejaõ regalos: tudo comem, porque a natureza com tudo ſe accomoda.

418 Admirou-ſe Plataõ em Athenas de que em quanto eſteve em Sicilia, vira hum monſtro, que jantava, e ceava. De pouco ſe admirou o Filoſofo na peſſoa de Dionyſio. Que diſſera ſe viſſe os monſtros, que tem criado os noſſos ſeculos! O homem mais abſtinentemente ao menos tem dous banquetes no dia. Haverá alguns de quatro, e outros de hum ſucceſſivo, em que ſe contaõ tantos bocados, como iſtantes. Ainda no modo de comer ſaõ os homens peyores que os brutos: eſtes ſatisfazem-ſe com o que a natureza lhes poem diante, ſem mais tempero, que o que lhe deu eſta grande meſtra de coſinha. Porém os que andaõ a paſto pelas mezas, na variedade, e delicadeza das iguarias, querem infinitos inventos, e tantos modos de guizados, que cada animalinho atura milhares de tyrannias. De França ha de vir naõ ſó o mal da moda, e a moda do mal, mas tambem a etiqueta de guarnecer os pratos, as receitas para a ſopa, potages, e fricallès; e de Calicut as eſpecies, que com a liſonja do goſto tanto tem eſtragado a humana.

419 Se haveria no tempo do noſſo Portugal o  
velho

velho tantos fainetes para o appetite? He certo, que naquelles bons tempos seria o melhor banquete huma boa olha de vaca com o presunto de Lamego, payo de Portalegre, huns poucos de adubos desses taes, que produzisse a terra, e com ella se criaraõ varoens taõ esforçados, como venera o mundo com assombro. Não duvidamos, que Portugal o moço tenha inda homens de muito bom gosto para o seu bom proveito; porque dos que servem á Patria rarissimos seraõ, os que se não queixem de que lhes não dá de comer. Quem traz os olhos nas mãos, ou he servo, ou jornaleiro.

420 Esta variedade de comeres, que não tem os brutos, he a causa de andarem os homens quasi sempre fracos, e enfermos, quando aquelles fãos, e robustos. A certo Religioso muy abstinente, e notavelmente bem disposto, perguntou hum seu amigo: com que engordava tanto? Respondeo o Padre, *Comendo hervas com legumes, e legumes com hervas.* Não quer a virtude, que o Politico faça tanto, porque não he Anacõreta. Tenha muitos regalos, que he senhor; porém use delles como homem. Se quiser, que lhe preste o que come, coma com vontade. Jejue que he Christão, porque colhe na meza dous frutos: satisfaz a Deos, e gosta do que come. Convidou hum Romano a Tullio para cear com elle, e não foy excessiva a profusaõ do banquete. Disse Tullio, que fora muy esplendido, porque lhe deixara appetite para o outro dia.

## CAPITULO IV.

*Da Temperança, e Politica, que deve ter o Politico nos banquetes.*

421 **A**Rriscadissimos congressos são os em que a gula occupa o lugar de Presidente. Nelles se estraga a faude, (1) perde o tempo, (2) armaõ as porfias, (3) se provoca, e exaspera a luxuria, (4) tomaõ fogo as iras, (5) envilece a honra, (6) e se dissipa a fazenda. Seguem-se os jogos, os bailes descompostos, as palavras profanas; travaõ-se as amizades falsas, e se revelaõ os segredos. Não ha potro, que mais faça fallar, que huma meza, porque os fervores do estomago borbulhaõ pela boca. Talvez, que aquelle gulotaõ do Evangelho, que tinha toda a alma no inferno, e só pedia refrigerio para a lingua, fosse porque como mais delinquente, mereceo allí mayor castigo. O mayor assombro, que se vio em Athenas, foy hum velho douto, que sabia estar calado nos banquetes. (7) Isto faz pasmar em hum velho, que sabe muito: que faraõ os que são moços, e não sabem nada.

422 Da notavel invençaõ dos banquetes nos não devemos queixar da gula. Tanto os publicos, como os particulares foraõ idéa da vangloria, que não podia deixar de gerar hum vicio. É na verdade, que não ha loucura igual, como a de dissipar hum homem a sua fazenda em encher os estomagos alheyos, para ficar com a paga de hum vasio louvor. Haverá muitos, que

(1) *Eccl. cap. 37.* (2) *Div. Cesar. Hom. 10.* (3) *Div. Ambr. liv. de Elia & jesun. cap. 12.* (4) *Div. Ephrem de perf Monach.* (5) *Petr. Chryf. serm. 26.* (6) *Div. Ambr. liv. 1. de Virg.* (7) *Laertius.*



que não tem da noite para o dia, e por não faltarem ao uso do tempo, haõ de dar os banquetes de Lucullo, que em cada cea gastava cinco mil Filippéos, que era huma certa moeda de ouro, que bateo Philippe, Rey de Macedonia. Da sua bizarra profusaõ, e liberal magnificencia se dava Lucullo por satisfeito com a admiraçãõ dos seus hospedes. (8) Dos esplendidos banquetes, com que Marco Antonio foy lisongeado de Cleopatra, andaõ cheyas as Historias. Em hum delles desfez em vinagre huma preciosa perola, e de grandissimo valor, sem mais gofsto, que a sua vaidosa jaçtancia. (9) Marco Hyrcio conservava por grandeza hum viveiro de lampreas, de que tirou seis mil para as ceas triunfaes de Cesar. Estes, ainda que vaidosos, gastavaõ porque tinhaõ que: porẽm se hum fulano Topete, sem ser senhor de nada, se mete a vaidoso; como póde o prudente deixar de fazer irrizaõ, quando vê hum topete sem cabeça, ainda que hajaõ muitas cabeças sem topete? (10)

423 Em fim a vaidade, a gula, o tempo, ou a moda introduzio os banquetes; e a muitos se verá o Politico obrigado a assistir, que sem offer, bom fora, que se banquetearse em sua casa, para evitar o reparo nas alheyas. Hum dos grandes pezares, que teve Cataõ Cenforino á hora da sua morte, foy ter aceitado o convite de hum amigo. Não pretendemos fazer peccados na civilidade; quizeramos, que nella não peccassem os Politicos. O damno da demasia já fica mostrado; agora deseamos advertir o aceyo, e policia, com que se deve assistir nas mezas. Esta practica está taõ culta, que parece desnecessario qualquer avi-

Tom. I. Mm fo.

(8) *Plut. in Lucul.* (9) *Plin. liv. 9. cap. 35.* (10) *O Conde da Castanheira.*

fo. Porém como todas as terras não são Cortes, e nós escrevemos para meninos, bom he que lhes ensinemos a levar o bocado á boca, ajustando-os ás regras da etiqueta, e fazendo esta diversão á curiosidade.

424 He conselho do Evangelho, que o convidado não tome na meza o primeiro lugar, porque o não fação descer; mas o inferior para que o mandem subir. As mezas redondas baralhão este jogo, que muitas vezes o foy da tabola; porque cahião os lugares por forte.

425 Os instrumentos, que deu a natureza, os fez inuteis o uso. He necessário ao Politico ter huma desembaraçada destreza no pegar do garfo, faca, e colher; porque ainda que violento o gosto, ha de comer á moda.

426 He afforismo practico não se louvar outra meza, quando estamos á do senhor, que nos faz graça. Esta inadvertencia será reputada por affectado desdem, ou por huma especie de ingratição. Além de que, está a vaidade tão introduzida, que ninguem consente haja no mundo quem lhe leve ventagens, nem ainda na vasta immensidade dos estomagos.

427 Deve o Politico estar na meza com muita gravidade, comer com aceado desembaraço, e vagarosa, mas não affectada circunspecção. Beba com summa temperança, ou só por obrigação Politica. Mostre se sobrio, e attento; falle pouco, e com séria graciosidade, tendo o cuidado em se não recollar sobre a meza.

428 Antigamente era moda não encher os pratos, nem despejallos: hoje manda o uso, que repartida a carga se lhe dê fogo, ainda que o canhão rebente. Haja cuidado nas libras, não se demasie o ataque.

429 Não desdenhe nos cozinhadores, que offende a seu amo. Os Senhores de bom gosto tem mais jaçtancia em saber escólher hum Mestre de cozinha, que hum bom Padre espiritual para a alma. Não se lance ás fobras dos vizinhos, que tem pouca feição esta faccia.

430 Supponho, que ninguem ignora, que não deve deitar-se sobre os pratos, entregando-lhe a boca, e o coração; morder o pão, e tomar bocado, que lhe inche o rosto. Da mesma sorte sabe, que as potagens não se bebem a sopros, nem a sorvos. Com duas leys aos lados se senta o Politico á meza: a de Deos, que lhe ordena coma o necessario, e a da etiqueta, que manda provar de tudo, e que tudo se gabe, ainda que se minta; porque se satisfaz o Senhor, e lisongea os officiaes.

431 He hum bello conselho, que o Politico não beba vinho puro, ainda que seja pouco. Pode succeder que o estomago, por alguma indisposição, se não accommode com elle, e experimente nos seus effeitos o fatal prejuizo do seu credito. Diga sempre que he estupendo, como de Champanha, Bordéos, Rhin, e Kaló, ainda que seja o mais intragavel vinagre: porém isto no caso que lho perguntem, sem dar mais ração, que a de goftar d'elle; porque se não entenda que he graduado nas Aulas de Baccho. Não se desafie com outros a beber; porque o triunfante ha de ter igual infamia, que o rendido. Como as coroas deste certame Bacchanal sempre são de louro, não faltará quem pergunte: debaixo d'elle a como vay a canada?

432 O estylo laconico he muy proprio das mezas. Nellas se gosta do muito, que ha que comer, e nin-

quem gosta de que se diga muito. Esta universidade, ainda que nella haja muitas especies, he impropria para controverter questoes, e alterar porfias. A' torrente da eloquencia se devem fechar os diques. Na meza permittem-se graças com sainete; quem não as souber dizer, coma, e calle. Escusem de referir historias, porque não estaõ a tempo de ajustar chronologias.

— 433 Refreem-se os risos immoderados; porque se o fujeito, que os der, não tiver a fatuidade, que os move, buscar-se-ha outra causa mais infame, por culpavel, a que se lhe attribua a origem. Quando se mover pratica sobre os bons cosinheiros da terra, ande o Politico por ella de salto. O homem sabio applica-se a temperar os actos do entendimento, para trazer a vontade com saude, regulando-a pela razão em que se assemelha aos Anjos, e não a alimentando com os deléites communs aos escravos, e brutos.

— 434 Huma das celebres facecias, e das mais notaveis resoluçoens do tempo he a com que muitos, sem serem convidados, se mettem pelas casas dos banquetes aos lados dos amigos. A estes introduzidos davaõ os Romanos o nome de sombras; porque pegados aos companheiros, se faziaõ inseparaveis. (II) Em certa occasião se uniraõ a Philippe de Macedonia tantas destas sombras, que assombrado o hospede, lhe pareceraõ poucas as suas luzes, para chegarem a tantos. O prudente Principe com huma bella industria lhes castigou a confiança, e livrou o hospede da vergonha. Mandou a hum criado, que fosse dizendo aos ouvidos de todos, que se guardassem para os ultimos pra-

(II) *Mend Saturnationum Decad. 1. ex Agellio liv. 13. cap. 11.*  
 & *Macrob. 1. Saturnal. cap. 7.*

pratos, que eraõ os de mais bom gosto. Assim o fizeram elles, e sobrou muito do pouco; porque reservado o lugar para o melhor, ficou a todos em vazio. Nestes casos obre o Politico o que entender; que eu não lhe sey o remedio.

## C A P I T U L O V.

*O uso do vinho he indigno da pessoa do Politico.*

435 **O** Excesso do vinho, que em todo o homem he indigno, na pessoa do Politico passa a infame. Saõ terriveis os effeitos deste licor. Offende a razaõ, confunde a memoria, e tira o juizo. Dá ao homem forças brutaes, e o transforma peyor, que bruto. Absorto no mesmo, que absorve, só lhe fica advertencia para se arrojar a todo o genero de excessos. Todas as potencias do homem vence a potencia do vinho. Nas suas ondas naufragaraõ muitas náos de alto bordo. Contra Alexandre se encapellaraõ as vagas do mar Persico; e porque se lançou a ellas, lhe naufragou a fama, e teve quasi affogada a vida. Com as mãos de huma embriaguez tirou a do fidelissimo Clito, glorioso companheiro das suas victorias; que em se escurecendo a razaõ com os extasis de Baccho, nem as dividas merecem attenções.

436 Este he o segundo braço da gula, e o direito por mais valeroso. Alguns lhe chamaõ a lingua; porque como disse hum Persiano, não ha mister tratos para extorcer verdades. O unico bem, que traz consigo o vinho, he não mentir nunca. Como não está em estado de compor, descompõem tudo. O que até alli soube, guardou-o para o dizer entaõ. Mais fa-

facilmente se achará a verdade na boca de hum copo; que na face da terra, aonde tem o seu nascimento. Os que celebravaõ as festas Bacchanaes penduravaõ as mascaras pelos ramos das arvores. (1) Os sequazes de Baccho não usaõ de biocos, e tudo o que sabem dizem com cara descoberta, e como quem perdeu o pejo, e a vergonha. Veja o Politico se confia o seu segredo de homens taes, que em bebendo o vinho, vomitaõ o que sabem.

437 A gentilidade adorou o vinho na divindade de Baccho. Não sem mysterio esculpiaõ a sua figura com huma coroa de touro na cabeça; porque a todos os homens, em quem infunde espiritos, transforma brutos. Este Deos casado com as Ninfas, ou Linfas, poderá domesticar a fereza. Foy conselho de Plataõ, que se linsalle o vinho. O primeiro que deitou agua neste licor foy hum tal Staphilo, como diz Plinio: outros que Amphitryo Rey de Athenas. Tomado puro, e em quantidade, estraga a faude, e causa na alma mortaes enfermidades. Rara vez succede não perecerem ás suas mãos a castidade, a modestia, o silencio, a prudencia, e a mansidaõ. O racional digno de veneraçãõ summa se transforma em espectaculos taõ ridiculos, e irrisorios, como funestos, e compassivos.

438 Depois de muito bem ceado em noite de Natal, sahio certo homem a ouvir a Missa do Gallo. Ajoelhou no pateo, e pondo os olhos no Ceo, feria o peito a golpes, e com ternissimas lagrimas, dizia: *A mim peccador duas luas!* Na derrota da Armada de Inglaterra, em que Hespanha perdeu o mayor poder naval, que até entãõ opprimio o Oceano Athlan-

(1) Virgil.

Athlanticó, entraraõ quinhentos Inglezes, e Holandezes no Galeaõ S. Philippe já rendido. Acharaõ o convés taõ bem provido de toneis, que esquecendo-se das suas obrigaçoens, e de si mesmos, não sentiraõ o navio hirse a pique, que estava taõ cheyo como elles. Lá foraõ Baccho, e Neptuno disputar o triunfo aos abyssimos. Lastimosa miseria da racionalidade! Em que se distinguaõ estes homens daquelles animaes immundos, que na furia de huma tormenta, quando todos pediaõ a Deos misericordia, elles se cejavaõ com tanta serenidade, como se o mar estivera revestido do seu animo?

439 O vinho he fomento da luxuria. (2) A's matronas Romanas se prohibio o seu uso com pena de morte (3) Era a razaõ, em que se fundava taõ severa ley; porque as mulheres devem mais attentamente guardar castidade, modestia, e silencio. Hoje tambem ha Senhoras, que bebem. Notavel Mestre de virtudes foy o nosso Portugal antigo. Aconselharãõ os Medicos á Emperatriz Dona Leonor mulher de Frederico III., que para lograr a desejada fecundidade usasse do vinho. Respondeo a augusta Princeza com graciosa modestia: *Oh que mal pareceria beber eu, sendo mulher, e Portugueza, não bebendo o Emperador, sendo homem, e Alemão.* (4) O Amphiteatro Romano em que se celebravaõ as festas de Baccho, estava pegado ao Templo de Venus. (5) Será milagre não parecerem Venus as que se entregaõ a Baccho. Taõ visinhos estaõ estes vicios, que o primeiro se applica para fomento do segundo.

440 A's

(2) *Nolite inebriari vino, quod est luxuria, ad Ephes. cap. 5* (3) *Plin. liv. 14. cap. 13.* (4) *Supic. p. 1. liv. 1. pag. 19.* (5) *Franc. Bacon. Sylva Sylvarum centur. 1. n. 23.*

440 A's ruínas da alma se segue a infâmia da reputação. Na eleição dos seus Principes offerenciao os Corinthos, como por tributo ás suas pessoas, hum copo de agua, advertindo-lhes, que ficavao inhabilitados para usarem do vinho. (6) Que glorioso nome podia dar ao Emperador Galerio Maximino, sahir a publico com hum Decreto em que mandava, que se não executassem as determinaçoens, que elle ordenasse estando emborrachado; porque se lastimava depois das ruínas do seu povo? (7) Que bello Emperador! Ha monstruosidade mais indigna de huma Coroa? Cabeça em que se forjavao resoluçoens de Baccho, merecia o seu vilissimo diadema. Prohibio Licurgo em toda Thracia, que se não plantassem vinhas, não menos, que com pena de morte, para impedir as desordens, que o seu fruto causava na Republica. (8) O inventor do vinho na primeira vez, que usou d'elle, teve logo a infâmia da sua descompostura. A's gloriosas acçoens com que Trajano se fez digno do Imperio, se lança a nodoa do demasiado beber. (9)

441 Reprehensoens ridiculas em homens de alta esfera, são mais catastrofes, que farças. Que practiquem estes excessos hum Commodo desenfreado, e hum Nero tyranno, he porque com a racionalidade perderaõ a vergonha, servindo-lhes a toga Imperial mais de sambenito, que de purpura. (10) A huma embriaguez na campanha se segue a derrota do exercito, e a morte do General. (11) Não he muito, que hum vicio, que poem em total esquecimento de Deos, não deixe lembrar da honra, e vida.

CAPITULO

(6) *Aeneas Sylv. de Eur. cap. 20.* (7) *Aurel. Vict. in ejus vita.*  
 (8) *Plut. in Mol. de audacia poetica.* (9) *Aurel. Vict. in ejus vita.*  
 (10) *Suet. in Nerò, & Herodia. in liv. 1. Just.* (11) *Judith cap. 14.*



## CAPITULO VI.

## Da Temperança no dormir.

442 **P**Ara as fadigas, e trabalhos da vida deixou a natureza no mundo o socego, e descanso do sono (1) Elle he o irmão da morte; (2) mas tambem consanguineo da vida: (3) e assim como na terra ha homens diversos, tambem devem haver diversidades de sonos. O estudioso, como dissipa muitos espiritos na applicação, necessita de muito socego, que lhos recobre. Do mesmo modo o trabalhador, que todo o dia lida; porque ao muito trabalhar corresponde o muito dormir. (4) Alguns homens tem havido, que ás summas fadigas ajuntavaõ igual vigia. O famoso Castrioto apenas dormia huma hora das vinte e quatro do dia (5)

443 Nos estudiosos he impracticavel este excesso; porque com a saude perderaõ o gosto do seu bem logrado trabalho. Os Trasenios consagravaõ na mesma ara ás Musas, e ao Deos do sono; (6) porque ao trabalho do entendimento se segue o repouso das potencias. Grandes bens traz consigo o sono. Desterra os cuidados, e poem em socego ao espirito; por cuja razaõ a gentilidade lhe deu lugar entre os Deoses. Das partes, em que se divide a vida do homem, he a do sono a mais innocente. He sem duvida, que não pecca quem dorme; e não tem questaõ, que pode peccar em dormir.

444 Os Poetas fingiraõ hum Deos Sono, que era filho de Erebo, e da noite, e irmão da morte. O seu

Tom. I.

Nn

pala-

(1) *Arist. de somn. & vigilia.* (2) *Plat. de Leg.* (3) *Quintilia Decl. 2.*  
 (4) *Div. Anselm. sup. Epist. ad Rom.* (5) *Dupleix.* (6) *Diog. Laert.*

palácio era na Região dos Cimerios, em huma profunda caverna, aonde não entrava o Sol, e com tão grande silencio, que só se ouvia o brando murmurio do rio do esquecimento, que convidava a dormir. (7) A' sua porta havia quantidade deervas soporíferas, e o Deos dormente descansava em hum leito de Ebano, guarnecido de plumas, e cercado de quartinas negras; e ao redor dellas muitos sonhos deitados huns sobre os outros. Entre os seus filhos foraõ os mais principaes; Morfeo, que representava as imagens dos homens, Phobetor as dos animaes, e Phantazio, as das cousas inanimadas. Muitas mais geraçoens tem produzido o sono; porque sendo este criado para legitimo descanso da natureza, bastardeou em sono Epiletico, e Lethargico. Deitaõ-se os homens a dormir, como quem se estira para morrer. Outros esperaõ, que o Sol se ponha em ponto, para levantar-se da cama, sentarem-se a comer, e tornarem-se a recostar. Estupenda vida para brutos!

445 Tanto dorme a natureza, quanto se perde da vida. Pouco a estima, quem a passa sem a sentir. Disfarça o sono com a lisonja do regalo a inimizade encoberta, e a traição solapada. Rouba dos dias huma terceira parte em noites, e a muitos leva a metade em noites, e dias. Este vicio ordinariamente predomina nos que desejaõ viver muito. Os grandes, e senhores, como mais regalados, são os mais sonolentos. Qualquer vida he breve, e toda a arte longa. A fabrica de hum Heroe necessita de muito tempo: quem o gastar dormindo, deixará a imagem imperfeita. Não pode haver operação sem tempo,

(7) Ovid.

tempo, e toda a arte pende de muita applicação. Repartidas as horas pelos deleites, ociosidade, passeio, jogo, e cama, que fica para Deos; e para o homem? O gosto não pode ser despertador do sono, porque não sente em quanto dorme. O vencedor do mundo reputava por infamia do seu valor, deixar-se vencer desta humana penção. Sustentava na mão huma bola, para que cahindo-lhe com o descuido do sono, o seu estrondo lhe impedisse o dormir. (8) Os que nascerao para reinar, como tem muito de divinos, não lhe haõ de pagar tanto tributo, como os homens. O Rey das feras descança com os olhos abertos: todo o seu sono he vigia. Apenas nasce, dorme tres dias; porque em entrando a reinar, acabou-se o tempo de dormir. Tanto que a cabeça se sujeita aos cuidados, entregaõ se os olhos ao desvêlo.

446 As horas do sono pervertidas tem damnos pouco considerados. Esta he a practica das feras, que se encovaõ de dia, para sahirem de noite aos seus roubos. No mundo ha muitos animaes grandes, que seguem esta mesma regra. Levaõ os dias enterrados no sono, dando espiritos ao vicio, para sahirem de noite a dissipallos nas casas de Venus, nos estudos do jogo, e no trabalho vicioso, e deshonesto. Os que levaõ esta vida brutal, não podem practicar acçoens de homens. O pay de familias sahe de manhã cedo a conduzir os operarios, e os despede á boca da noite; (9) porque esta hora he para Deos, para o estudo, e o restante para o descanço. A mudança, que se faz nas Cortes de noites em dias, não são milagres de Josue. Querem-se os Soes parados, mas entre sombras. A estes triunfos nocturnos em vez de estatuas, se levantarão mausoleos.

Nn 2

447 Vi-

(8) *Plat. de amit. & adulat.* (9) *Mat. cap. 10.*

447 Vida, em que a racionalidade não vive, não he vida. O famoso Isocrates Atheniense rondando as guardas, achou huma sentinella dormindo: meteo-lhe a espada, e tirou-lhe a alma. Aos cargos, que por esta morte lhe fizeraõ, respondeo: *Deixey-a como estava* (10) Que gosto podia ter Epimenides na sua vida, se mandando-o seu pay, sendo menino, a buscar huma ovelha, que se lhe desgarrara, dormio em huma cova setenta e cinco annos? (11) Ajustemos bem as contas, e vejamos as horas, dias, e annos, que furtamos á vida, ou mortos no sono, ou enterados no vicio. O tempo de viver he só o em que se obra com o entendimento, como sabios, ou com a espada, como valerosos.

448 A cabeça em lethargo, e o corpo em enferma ociosidade. Sansam adormecido no regaço de Dalila, entregou os cabellos á tisoura, e a liberdade aos Filisteos. (12) No horrivel espanto de huma tempestade dormia Jonas a sono solto; e desta imagem da morte passou para o sepulchro, donde o resuscitou hum milagre. Os que no mundo governaõ Republicas haõ de dormir vigiando. Apenas hum Rey, e o mayor de todos, fechou os olhos, estando embarcado com os vassallos, quando estes se viraõ soçobrados, porque os mares enfurecidos. (13) O Piloto da náõ da Republica ha de vigiar muito; porque depois de encapelladas as ondas, e furiosos os ventos, não he omnipotente. Com a pessoa dormem os cabedaes, e os ladroens aproveitaõ-se da noite. Quando Saul dormia, lhe entrou David na tenda: não quiz tirarlhe

a vi-

(10) *Alex. ab Alexo. liv. 1. cap. 12.* (11) *Apuleyo liv. 2. Florid.*  
 (12) *Judic. cap. 16.* (13) *Motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus. Marc. cap. 4.*

a vida, mas levou-lhe parte da purpura, o sceptro, e as armas. (14) Ainda que os dormentes sejaõ Adãos, haõ de acordar ao lado com a causa da sua ruina. Até huma mulher tem confiança para espreitar o Principe, que dorme. Fechou Holofernes os olhos, tendo Judith na barraca; e ás forças desta fraca companhia não pôde resistir hum General no seu exercito. Para os Sifaras em lethargo basta huma Jael atrevida.

449 Os olhos dos que governaõ são luzes dos povos. Na noite mandem ver, e vejaõ; e de dia vigiem sempre. O Capitaõ mais alentado, que teve o mundo, vendo-se huma noite em grande perigo, encarregou as guardas aos Soldados mais amantes, e escolhidos, fazendo elle a primeira sentinella. (15) E se entaõ dormiraõ todos, sem os despertar o exemplo; que será nos dias das delicias, quando repousa o Cabo a sono solto? O leaõ do vicio anda em hum continuo gyro esperando a hora do descuido, para accommeter o arrayal. Tanto que Abner dormio, fizeram o mesmo os seus Soldados. (16) O mayor dos triumphos reservou Deos para os que mais se desvelaraõ. (17) Não conhece a divindade do Templo da Honra áquelles nescios, que se deitaraõ a dormir no atrio da virtude. (18) Quem lhe quizer livres as entradas traga sempre acezas as alampadas das suas obrigaçoens.

450 Foy criado o Sol para Rey dos Astros. Nasceo acordado, e ha de morrer vigiando. O dia em que lhe fecharem os olhos, será o ultimo da sua vida. Antes quer morrer, que esconderse. Sim nos mostra, que

(14) 2. Reg. cap. 26. (15) Mat. cap. 26. (16) 1. Reg. cap. 16. (17) Valde mane venerunt ad monumentum. Marc. cap. 19. (18) Nescio vo;... vigilate. Mat. cap. 25.

que no seu occaso tem leito , em que descansa , sendo throno de outra aurora , em que vigia. Como senhor de muitos Estados não socega , para que a todos visite. O guarda de Israel não fomente não dorme , mas nem dormita. (19) O Emperador Juliano dividia a noite em tres partes: dava huma ao descanso , outra á applicação das letras , e a ultima ás dependencias do governo. (20) Lastimava-se Demosthenes , que os trabalhadores se levantassem mais cedo para o vil ganho de hum jornal , que elle para a util , e honrada applicação dos seus estudos. (21) Ha de merecer mais o interesse de hum officio mecanico , que tantas horas furta ao tempo , que o cuidado de huma Republica , e a de todo hum mundo , qual he o microcosmo? Que comparaçãõ tem o cumprimento das obrigaçoens de homem racional , com a vileza laboriosa do mecanismo? A caridade manda ao individuo , que cuide de si: porém não tanto , que de si , e de todos se descuide. Não lhe basta ao Principe , que os Ministros vigiem: tambem ha Ministros Judas , sobre quem deve o Principe fazer sentinella.

451 A vigilancia no governo guarda as cousas de todos , e nas fadigas de hum descanso tantos cuidados. (22) Reprehendeo o prudente Nestor ao incauto Agamemnon , dizendo-lhe , que era indigno de hum Capitaõ levar toda a noite dormindo. (23) Ao mesmo desvelo do Piloto se sujeita o que governa. Mais perigosos são os baixos , e cachopos da Republica , que os bancos , e penhascos do Oceano. (24) O Piloto dormindo , a não á costa. Em quanto cuida

(19) *Non dormitabit neque dormiet qui custodit Israel* Pl. 12.  
 (20) *Crinit. de discipl. liv. 49. cap. 4.* (21) *Cicer. Tusc. 4.* (22) *Seneca ad Polyb. cap. 26.* (23) *Homer. Iliad. 2.* (24) *Plat. liv. 2. de Regno.*

da de si, se perde com todos. O Cesar, que tomou a seu cargo reger o leme do Imperio, não se lembra de si; porque não he seu. (25) Se os vassallos perigaõ, não pode descansar o Rey. Quando os Troyanos dormiaõ, vigiava o esforçado Eneas. (26) Ainda no pouco tempo que os olhos se fechaõ, deve estar o coração de sentinella. (27) Mostra o muito dormir, que pezaõ pouco os cuidados. Quem dorme a bom levar, leva tudo bem. Se he pedra em poço no descanso, tambem he insensivel na desgraça. Deixo de parte os desvêlos interiores; porque o menos de que os homens cuidaõ, he o de que mais lhes importa; mas para conservar as temporalidades com felicidade, he preciso trabalhar em todo o tempo. Nem tudo se podê, e deve fiar dos criados; porque se seu dono não guarda o que he seu, como espera, que os outros lho fação? Tanto que David veyo a entreterse nas delicias da Corte, perdeu Joab os exercitos na campanha. (28)

## CAPITULO VII.

*Da Temperança contra a luxuria.*

452 **N**Aõ era esta materia para se tratar no fim de hum pequeno tomo: muitos, e grandes volumes eraõ necessarios. Depois que hum diluvio apagou este voraz incendio, das mesmas aguas sahio mais consumidor o fogo. Todo o mundo arde, e todos os lugares se consomem. Abraza-se o tronco,

(25) Senec. *supra ad Poly.* (26) *At pius Æneas per noctem pluvina volvens.* Virg. (27) *Ego do mio, & cor meum vigilat.* Cant. cap. 5. (28) 2. Reg. cap. 11.

e a vergonhea , o sagrado , e o profano , o palacio , e a choupana , os montes , e os valles , as pedras , e a estopa ; e porque em tudo ha materias , em toda a parte ha incendios. A cega gentildade adorou a luxuria como divina , com o nome de Cupido. Ainda hoje os Christãos aos objectos vis , e torpes do seu depravado gosto , com impia blasfemia , os intitulaõ Divindades.

453 Os monstros mais sensuaes foraõ adorados por Deoses. Que cousa eraõ Jupiter , Apollo , Hercules , e Marte ? Este foy reconhecido por adultero : Hercules morreo ás mãos da lascivia : Apollo andou arrastado pelos amores de Dafne ; e Jupiter , quando o respeitavaõ sobre todos os Deoses , o descreviaõ sensual. Grande desgraça ! Até os homens , que parecem divinos , cahem na torpeza deste brutal vicio. Seja Xerxes Principe poderoso , mas tanto tem de lascivo , como de infame. Os seus Estados o reconhecerã por universal escandalo ; porque ao inventor de cada especie de luxuria dava hum grande premio. Usurpou ao Centauro a natureza : era homem , bruto , e monstro.

454 A's mãos deste vicio se tem acabado muitas vidas , estragado muitas saudes , e assolado muitos Reinos. (1) Que catastrofes taõ lastimosos naõ referem as Historias a cada passo ? O impio Catilina tirou a vida a seu filho , porque Aurelia Orestilia naõ queria condescender aos seus rogos sem esta circumstancia. (2) Medea fez em pedaços a seu irmão Absirto ; porque lhe impedia a fugida com Jason. (3) O valoroso Agamemnon foy fatal despojo da lascivia de sua mulher

(1) *Arist. de longa vita.* (2) *Sallust. in eo & Max. liv. 9. cap. 1.*  
 (3) *Natal Comes liv. 6. cap. 9.*



mulher Clitemnestra, namorada de Xipto seu amigo. (4) Pelos deshonestos amores do indigno Petronio morreo Fabriciano ás mãos de sua esposa Fabia. (5) Bastou huma Anna Bolena para destruir hum tão bello Reino, como Inglaterra. Até huma estatua de marmore, por ter figura de mulher, fez perder o juizo, e a vida áquelle discreto, e gentil mancebo de Athenas. (6)

455 Quantos leoens, que foraõ terror do universo, se deixaraõ prender de hum toucado, cativar de huns negros olhos, rendendo as armas fortes ao brando toque de huma mão? Quantos aos pés das Damas inclinaraõ as coroas, que na campanha ganhara o valor? Aonde estaõ os triunfos de David, rendido por Bersabé? Aonde os de Hercules cativo de Onfala? Que cousa saõ as glorias da coroa de Cyro, quando esta cinge as infames frentes da deshonesto Apama? (7) Que importaõ as desmarcadas forças de Milon Crotoniato, se qualquer meretriz lhas avassalla? (8) Aonde está a fama de Marco Antonio, a valentia de Sansam, o poder de Xerxes, a soberba de Herodes, a arrogancia de Holofernes, e o triunfo de Dioxippo? Bastou huma só mulher para perder o mundo; e como não perderaõ muitos mundos tantas mulheres?

456 O que será esta humana paixãõ, esta cousa chamada amor? Oh como enganas aos ignorantes doce, mas venenoso nome! Tu es aquella fera, ou furia, que fazes maniacos tantos afizados. És infame cativeiro da liberdade do animo, vida do corpo

Fom. I. Oo II. alheyo

(4) Homer. 11. od. & Sen. in ec. (5) Plut. in parall. (6) Rhd. dig. liv. 17. cap. 12. (7) Ælian. liv. 7. de var. hist. (8) Joseph. liv. 11. de Anti. cap. 3.

alheyo, e fatal morte do proprio. Es o que não es: e por querer ser, vens a ser o que não queres. Es morte da razão, e vida dos cuidados; discurso sem discurso, e afeição sem affecto. Esqueces a honra, sepultando no Lethes as obrigaçoens do nascimento. Ultrajas a authoridade, rendendo acatamentos aos infames simulacros da torpeza. Todas as leys pizas, e ao mesmo Deos atropellas. Com a substancia dissipas a fazenda; e para guardares respeitos indignos, e alheios, não fazes caso dos proprios, e honrados.

457 Ay de tantas casas por ti perdidas! Olhay os morgados empenhados, as heranças vendidas, os patrimonios estragados, as consortes afflictas, os filhos relaxados, as amizades quebradas, desgostados os parentes, escandalizados os povos, a saude perdida, o corpo sem figura, e a alma condemnada. No procelloso mar do mundo só se ouvem os cantos, que encantaõ, olha se a luz, que cega, segue-se a Estrela errante, teme-se o norte, como furacão, e não se conhece mais rumo, que o naufragio.

458 Oh desejo inquieto, que como penhasco solto veis rodando do cume aos abyssos! Como Castor, e Pollux buscas a uniaõ, mas não te lembras do apartamento. Em te lançando ao ar, cortas as azas, para que huma vez cahido, nunca mais voes. No golfo dos deleites es não em calma, que por fugir do porto não navegas. Buscas com os olhos o ecco das fereas, tapando os ouvidos á voz do defengano. Meus Politicos de pouca idade, e tambem vós oh meninos de cem annos! Abri os olhos, e vede, que a perda do mundo, e o cabedal do inferno he este espantoso, e abominavel vicio; taõ geral em toda a especie humana, que nem os que se acolhem

ao sagrado, escapão aos seus insultos. Pedi a graça de Deos para vos separares do montão de tantos perdidos; porque a fatalidade dos estragos vos não servirá ao depois de defengano.

459 Aonde está o juizo do torpe lascivo? Mas que cousa he juizo em hum bruto? Entrou no exercendo Templo de Verticorde dedicado á Deosa da luxuria, e ficou-lhe o juizo de fóra. (9) Apagada a luz da razão, tambem se escurece o luminar da Fé. Que dissera quem visse a virtuosa sabedoria de Salamaõ, negando as adoraçoens a Deos, para as tributar aos idolós das suas concubinas? Tambem Adriano, que viveo ha muitos seculos, tinha amores com o menino Antinoõ, e depois de morto o mandou adorar por todo Egypto. (10) Ainda ha muita cousa destes idolosinhos; porque o nosso seculo he hum fatal imitador das maldades dos passados.

460 Veste o lascivo por gala o sambenito do peccado; e talvez que os mesmos, que desejaõ deixar estatuas no Templo da Fama, levantem estes padroens á mayor infamia. Animaes immundos, que não samente vos cevais nos escondidos esterquilinios, mas andais sempre a grunhir, para que se saiba aonde morais, aonde comeis, e aonde vos revolveis. Mas que muito, se enlodada a razão, não podeis esconder as manchas. Vomita a boca os enchimentos do coração. He gentileza dos Absaloens, fazer vaidade dos intestos. (11) Gente, que anda fora de si, não póde guardar o mesmo, que quer esconder. Faz jactancia da deshonra, porque aonde a razão erra, não

Oo 2

póde

(9) *Busf. H. 2. cap. 10 de antiq. Romæ.* (10) *Dionys. Alic. v. n. liv. 2.* (11) *2. Reg. cap. 16.*

póde acertár a lingua. (12) Fallão as vozes, que entendem; porque nos Reinos de Venus todos os idiomas são torpes.

461 O lascivo não respeita pessoas, tempos, e lugares. Tanto importa o sagrado, como o profano; este dia como aquelle, e a senhora, como a criada. Fecharam-se as janellas do entendimento; e faltou a luz aos olhos, não vendo mais objectos, que as sombras com que tropeça. Os incautos nas vistas costumão fer os despojos da sensualidade. Vio David, e ficou cego. Vio Siquem, e perdeu os olhos. Não se dá mayor desgraça! Entrar o amor pelas vistas, e deixar os olhos cegos! Tanto o ficou Ptolomeo, Rey de Macedônia, vendo a sua irmã, que a recebeu por mulher, e tendo della huma filha mais de seu gosto, a tratou como concubina. (13) Viraõ os filhos de Deos as filhas dos homens, e ficaraõ adoptados pelo diabo. Não ha que desprezar faiscas da concupiscencia: sempre levantaõ incendiõs, e ateadaõ as chammas tudo conformem. Quem não retirar os olhos das occasioens, pode dar-se por perdido. Depois de submergido neste abyssmo, com difficuldade se surde. O pouco fogo não ha mister muita agua: porém ateado o incendio, são necessários diluvios: se os olhos o haõ de apagar chorando, melhor he não os acender vendo.

462 Quem retira as vistas, foge ás lagrimas, e não he pouco poder chorar depois de ver. Lá teve Cyro huma occasião, em que se mostrou recatado. Instaram-no para que visse o espanto da formosura, e o pasmo de Pantea; e como não quiz cegar, negou-se a ver. (14) Fechar os olhos ás vaidades, evita pec-

car

(12) *Div. Ambr. de bon. mortis cap. 9.* (13) *Val. Max. liv. 9. cap. 1.*  
 & *Herodian. hist. liv. 1.* (14) *Rhodig. liv. 13. cap. 23.*

car com as vaidosas. (15) Occupado o coração do veneno, que beberão os olhos, morre a razão, e acaba a honra. Então he que as Magestades rogaõ as Simiramis, tributando a cada deídem huma sujeição, e huma vallallagem a cada repudio. Cada passieyõ he hum obsequio, cada fineza huma escravidão, cada cuidado huma braga, cada desejo hum grilhaõ, e cada cortejo huma almoeda publica da soberania. Ah! andão de rastos os Acabs, os Salamões, e os Davids; e isto por quem? Por huma Bersabé, que se lava com graça, por huma Jesabel, que se enfeita á moda, e pelas estragadas Moabitas, de que se faz gosto.

463 Olhay para elles beijando o chaõ, que ellas pizaõ, cortejando as criadas, que ellas desprezaõ, sem que se lembrem, o Principe da Magestade, o grande da Excellencia, o quasi, ou simigrande da querida Senhora; porque a mayor honra he hum trato de melindre, que se facilita com o trato. Vede os que governaõ dando a justiça a quem tudo manda: o Soldado entregando as armas a quem tudo rende: o soberbo abaixando a cabeça a quem tudo inclina: o arrogante domesticando a fereza a quem tudo pode, e o estudioso fechando os livros por naõ perder as memorias, ainda que perca o juizo, ou talvez que com a boca aberta no Parnaso, pedindo influencias a Apollo, a agudeza ás filhas de Antiope, as respiraçoens a Helicon, as correntes a Aganipe, e as suavidades a Camena; desejando meter toda a Encyclopedia no Quarteto, na Decima, no Romance, no Soneto, ou Epigramma Epico. Forte cegueira! O que ha no mundo de homens sem juizo! Se se considerara mais, vira-se melhor.

464 Deixa-mos de expor mais especificamente esta materia; porque com ella se encherão muitos livros. Tocaremos as rigorosas penas, com que Deos sempre castigou este vicio, apontando exemplos tão verdadeiros, que de Fé. A corrupção do genero humano teve por castigo hum universal diluvio. (16) Sodoma, com as mais Cidades infames, consumio-as outro de fogo. (17) Pela lascivia de Siquem, foy destruida a sua Cidade: (18) pela dos Hebreos morreraõ enforcados, e passados á espada vinte e quatro mil homens: (19) pela de David entrou a peste em Israel, e pela de Salamaõ se dividiraõ os Reinos de Judá. Nabucodonosor foy mandado pastar no campo entre os brutos; castigo bem proporcionado com hum vicio tão brutal. (20) Tanto que Holofernes se enamorou de Judith, perdeu o exercito, a vida, e alma. (21) Em toda a Escritura apenas se achará castigo horrendo, de que não fosse causa este torpe vicio. Para elle está destinada aquella morte segunda, (22) consequencia da primeira, que o homem fabrica com as suas mãos. He Deos a summa pureza, e nada aborrece tanto, como a immundicia. Ella he o fundamento da impia ley de Mafoma, cuja liberdade sensual tem entregue ao inferno a mayor parte do mundo; e a que na Christandade defia de Deos tantas almas. Nos outros vicios cahem alguns homens: neste quasi todos se abyfmaõ, e são os menos os que se levantaõ.

465 Estes peccados deviaõ ser os mais castigados, como os mayores damnos, e impedimentos da felicidade da Republica. Porque a experiencia mostra

(16) *Gen. cap. 6.* (17) *Ibid. cap. 10.* (18) *Ibid. cap. 34.* (19) *Num. cap. 25.* (20) *Dan. cap. 4.* (21) *Judith. cap. 10.* (22) *Apoc. cap. 21.*

tra os grandes males, que delles se originaõ, por isso os Principes antigos os castigavaõ severamente. Romulo promulgou rigorosissimas leys contra os deshonestos, e castigava os adúlteros com pena capital (23) O seu successor Numa Pompilio zelou tanto a modestia das matronas Romanas, que edificou o Templo das Virgens Vestaes, para nelle se conservarem em summo recato. (24) Se alguma succedia manchar a pureza, a mandavaõ enterrar viva com demonstraçoens tão funebres, como presagio fatal de alguma grande calamidade. (25) Ah Virgens Vestaes enterradas na vida! Incomparavel miseria! Fabio Eburno matou a seu filho, porque era inclinado á deshonestidade. O Emperador Aureliano mandou fazer em muitos pedaços a hum Soldado, por violar a mulher do seu patraõ. Os Egypcios arrastavaõ pelas ruas publicas aos impudicos. A's mulheres, que provocavaõ á concupiscencia, mandavaõ cortar os narizes, para que a horribilidade do espectáculo affugentasse os pretendentes. (26) Quanto se necessitavaõ nos nossos tempos destes exemplos dos passados! Entaõ impedia se a formosura natural, pagando a pessoa o que foy graça da natureza. Agora bastava, que se evitasse a belleza artificial, e se castigassem severamente os peccados da malicia.

## CAPI.

(23) *Dionys. Alicarn. liv. 2.* (24) *Plut. in eo.* (25) *Rhodig. liv. 17. cap. 19.* (26) *Cicer. Tusc. 2.*

## CAPITULO VIII.

*Da Intemperança , e Estupidade extremos desta virtude.*

466 **A** Intemperança, ou demasiado desejo dos regalos, prevertida a ordem da razão, he o que acabamos de demonstrar nos Capitulos antecedentes, vencida pelas fortes armas da Temperança. Resta-nos o segundo inimigo, que tambem he debellado pelas mesmas forças, chamado Estupidade, ou Apathia, o que aqui tocaremos brevemente.

467 O homem estúpido, como estatua de neve, em si mesmo pára, se consolida, e condensa. He Etna cuberto de gelo, sem que as lavaredas sayão das cinzas. Como fructo de Sodoma affecta apparencias de formoso, sendo o pó a sua substancia. He sentido sem sensibilidade, voz sem ecco, vidro sem luz, e ar sem respiração. Olha os objectos delectaveis, como inimigos, e se mostra mais insensivel, que os brutos; porque parece planta sem vegetação, sensitivo sem alma, e racional sem discurso. He homem não sendo homem, bruto não sendo bruto, planta não sendo planta, e ente não sendo nada. Não ama os deleites para a vida, nem a vida para os deleites, faltando ao mesmo tempo á essencia de racional, e ás qualidades de sensitivo.

468 Com o mesmo, que deseja, se enfastia o Estúpido. Na appetencia se atormenta, em não appetecer se desconhola, querendo o que não quer, e não sabendo querer o que deseja. Quanto creou a natureza lhe parece demasia, tendo por superfluas as obras de Deos. Quer fazer o necessario impossivel, e  
ainda



ainda difficultosa a miseria. Vive sem os meynos para a vida, e foge de morrer, quando chama pela morte. Se abre a boca, a fecha de repente; porque não quer, que o vento lhe sirva de comida; parecendo-lhe cegueira a luz do cenocefalo, e enchimento de estomago o ar do cameleaõ. Na fatuidade, em que se consome, se mostra fogo, quando não arde.

469 He marmore insensivel, que enterrado no centro da frieza, tem o sepulchro por descanso. Os affectos alheyos lhe não merecem correspondencia, e as injurias proprias o não movem á vingança. Com Estoica brutalidade se mostra ingrato aos beneficios, desculpando a insensibilidade á beneficencia com Apopthegmas moraes, de que se mostra industrioso collectõr. Assim vive mortificado sem virtude, salto de eleição nas acçoens, defeituosa na natureza, e sem uso na razaõ. Na torpeza da sua abstinencia, não attende a circumstancias, tempos, e quantidades, e como neste vicio se perde totalmente o discurso; vem a ser o mais infame, porque são os seus objectos os mais vis. Ainda merecê mayor lastima o Estupido, pela impossibilidade do remedio; porque estando morto na sensibilidade, he necessario hum milagre para lhe dar a vida da razaõ. Bem conhece elle a maldade das suas operaçoens; porém transportado do impeto se arroja ao peyor, e aquella abstinencia, que se a governara a razaõ, pudera ser virtude angelica, passa a exercicio, ainda menos que brutal.

POLITICA  
MORAL, E CIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA.

LIVRO VI.  
DA LIBERALIDADE, E SEUS EXTREMOS.

CAPITULO I.

*Que cousa he Liberalidade, virtude propria dos  
Principes, e Grandes.*

470

**T**AM propria he dos Principes esta virtude, que da sua etymologia tomou o nome o supremo de todos os Reys. Da-se Deos a conhecer, só porque dá: (1) e assim como he propriedade em Deos o ser liberal, os Principes, que são imagens suas, devem retratar-se das mesmas cores. Equivoca-se esta virtude com o mayor bem dos homens, qual he a Liberdade. (2) O Liberal dando, descativa o que o seu poder aprisiona; dispendendo as riquezas em bom uso, fazendo-se pay do beneficio, (3) tendo a benignidade por affecto, que a repartição por effeito. (4)

471 Os Filozofos modernos definirão a Liberalidade, por Huma virtude moderada do affecto humano no dar, e receber riquezas humanas,  
uni

(1) *Deus dicitur à dando, ipsa natura Dei est dare. Phil. Hebr.*  
(2) *D.Thom. 2. 2. quaest. 117. art. 2. in corp. in 4. Eth.* (3) *Arist. 1. Rhét.* (4) *Arist. Eth. 4.*

unicamente pelo motivo do honesto. A providencia Divina, que governa tudo, não fez ricos aos homens todos, nem a todos pobres. Socorrem-se huns aos outros, mantendo o cabedal de hum o commercio de muitos; com o que se facilita o trato dos Reinos, e o trafego do mundo. Daqui resulta ao liberal, ganhar com ufuras a benevolencia, servindo-lhe a caridade de imperturbavel olimpo ao focego temporal. (5) Estes bens foraõ precisos, para medir o preço das cousas necessarias á vida humana. Por esta razaõ se chamaõ bens da opiniaõ; porque valem o que os homens querem. Tambem se lhes dá o nome de bens uteis, ou da fortuna. Em quanto bens da fortuna, saõ repartiçaõ sua; porque com a mesma pressa, que os dá, os tira. Como bens uteis se transformaõ á medida dos desejos humanos, dando os homens ao dinheiro todas as figuras.

472 Move-se o Liberal a despender riquezas, sem dellas esperar paga. Esta he a verdadeira Liberalidade. (6) O Sol como Principe magnifico, a todos os vassallos communica luzes, sem olhar para a retribuiçaõ. Os Astros resplandecem com os seus reflexos, e as plantas florecem, e frutificaõ com os influxos da sua beneficencia. Esta grande virtude era necessaria no mundo, para moderar o excessivo amor, e desprezo dos bens da fortuna, não lhes faltando á estimaçaõ, nem impedindo-lhes o uso. O preço da riqueza he repartilla, sem defestimalla. Ha homens escravos do dinheiro, e dinheiro escravo dos homens. Tudo he vicio; porque o rico só he dono, e a riqueza bem.

Pp 2

473 Dar,

(5) *Cicer. 2. de finib.* (6) *Div. Laurent. Justin. liv. de lig. vi. cap. 3.*

473 Dar, e receber, tendo em si contrariedade, não são cousas contrarias ao Liberal. Não deve este envergonhar-se de aceitar; porque dar sempre, e não receber nunca, he por-se em termos de não ter que dar. Só Deos, como abyfmo inesgotavel, pode distribuir sem aceitar; porque as suas riquezas são infinitas. Com dar, e receber forma o mar o circulo do perpetuo movimento; com que fertiliza a terra. O Liberal não dá, porque lhe dem; recebe para tornar a dar. Quando fecha na mão o que lhe entregão, já tem aberta a tenção de o largar. O seu ouro he sereno, e placidorio, que recrea a todos, e fertiliza a muitos; formando aquelle acto espontaneo, com que gosta summamente de dar, sentindo em extremo faltar-lhe, que repartir.

474 Pintaraõ os antigos á Liberalidade em figura de mulher, com a cornucopia em huma mão, e hum compasso na outra. Na cornucopia mostrava a inclinação a dar, e no compasso as medidas prudenciaes, que se devem observar na distribuição. O prodigo parece, que de hum jacto quer extinguir a Liberalidade. O muito oleo apaga a luz, e o demasiado chuveiro affoga o trigo. A effusão da Liberalidade he moderada. Quando se reparte aos poucos em diversos tempos, dá-se sempre, saboreando o gosto dos que recebem. Assim esperaõ os benemeritos servindo melhor. Chuvas de ouro são liberalidades de Jove; e não obstante chover beneficios, como Deos, reparte-os como chuva. Não se abrem os Ceos de golpe; porque começã a orvalhar gota, e gota. Duvido, que aos Principes convenha seguir o exemplo desta ley; porque como sempre tem muito, devem dar sempre á proporção do que tem. O seu thesouro se  
augmen-

augmenta, quando o erario se esgota. Cada vassallo rico he hum thesouro do Rey.

475 Varios jeroglificos idearaõ os antigos, para dar a conhecer a alta qualidade desta grande virtude. Buscaraõ lhe semelhanças no Sol; porque sendo Principe liberal, dá, e não aceita. A<sup>c</sup> cornucopia, offerecendo com largueza a immensa variedade de suas flores, e frutos, fizeraõ tambem sýmbolo da Liberalidade. (7) A mesma veneraçãõ teve a moeda de Adriano, com a inscripção de *Liberalidade augusta*. (8) As nuvens fertilizando a terra, repãtem beneficios com todos. Parece, que hydropicas querem meter o mar no seu seyo, sendo a sua tenção receber, para tornarem a dar. Não querem a condição daquelle fonte da Umbria, junto da Cidade de Narnia, que nunca soube correr, senão por prognostico da futura esterilidade. (9) Não he Liberalidade repartir abundancias, quando estaõ proximas as miserias. Soccorrer nos ultimos apertos, he mais obrigaçãõ, que Liberalidade. Se entãõ fecharem os ouvidos ás vozes da necessidade, de Principes pouco largos passaõ aos ultimos apertos de tyrannos.

476 A purpura muito estreita, além de desauthorizar a Magestade, se aperta as enfanchas. Dividio Alexandre os Dominios pelos seus vassallos, e quando parecia, que dava tudo, com elles senhoreou o mundo. Com os homens sabios ainda se mostrava mais Alexandre. Só de huma vez deu a Aristoteles o valor de quatrocentos e oitenta mil escudos, porque indagou a natureza, e propriedades dos animaes. O grande Cyro fez hum donatiyo de sete Cidades a

Py-

(7) *Larga opulenter. Pier. liv. 56.* (8) *Adolph. Otto, de nummis p. g. 155.* (9) *Leand. in Umb.*

Pytharco seu criado. (10) O Rey he do tamanho da sua Liberalidade: pela sua corpulencia se lhe mede a estatura. A mayor fortuna de Cesar foy ter que dar; e o melhor da sua fortuna, nascer com animo de Cesar. (11) Das suas victorias não recolhia este Emperador outro proveito mais que o poder, e gosto de distribuir os despojos pelos Soldados. (12) Já houve Principe, que para alegrar o povo não reparava nas excessivas despezas. (13) Os gastos, que o aliviao, não empobrecem os Estados.

477 Taõ grande he o gosto da Liberalidade, que por elle devem os Principes reconhecerlhe a grandeza. Não ha que trabalhar em levantar horoscopos ao Rey magnifico; porque o seu nascimento he taõ feliz, que de necessidade ha de ser mimoso da fortuna. As mercês são cadêas, que se não rompem; se com ellas se ligaõ os coraçoes, prendem as vontades eternamente. Jacob, como amante, quiz a correspondencia da amada Raquel: como não tinha que darlhe, offereceo lagrimas, que ella lhe pagou com osculos. (14) A Liberalidade faz ao Principe duas vezes Rey, porque tanto domina nas vontades, como nas pessoas. A cubiça, ou mofina dos tempos, tem desterrado do mundo esta virtude. Está a Liberalidade taõ fumida, como aquelles rios, que tragados da terra, nunca mais são vistos. Desta commua fatalidade deveraõ fugir os Principes; porque tanto faltaõ á beneficencia, quanto perdem na soberania.

478 As Historias dos Reys liberaes todo o mundo

(10) Athen. liv. i. cap. 27. (11) *Nihil in fortuna tua maius habes, quam ut possis, nihil melius quam ut velis benefacere.* Demosth. (12) Senec. (13) Theodor. Rex apud Cassiod. liv. 3. var. Epist. 12. (14) Gen. cap. 29. v. 11.

mundo as lê com goſto. Alli ſe lhes tributaõ ás memorias as meſmas veneraçõens ; que receberaõ nas vidas. Neſtas deraõ etquecendo ſe de que davaõ , para que nós nos lembrallemos de que foraõ dadivoſos. Com as ſangrias dos ſeus cofres eternizarã as exiſtencias nos coraçõens. Os amados de Deos ſãõ os liberaes : (15) eſtes vivem em quanto daõ. Até Chriſto, quando quiz morrer, repartio os theſouros, que tinha nas mãos. (16) Parece que não acabaria a vida, em quanto não deſſe tudo. Morreo pobre, para viver amado. Dia que paſſa ſem ſe fazerem mercês, não he de vida para os Principes. As horas de viver contaõ ſe pelos eſtrondos das repetidas beneficencias. Morra o Sol no fim do mundo, porque ſe lhe acabou o tempo de influir. Arda a terra em incendios, porque não pode fructificar. Se a navegaçãõ ſe perde, derribem ſe os Colloſos. As maravilhas exiſtem no mundo, em quanto ſe conſervaõ para a ſua utilidade. Os maſſoléos taõ avarentos, que até guardaõ cinzas, pouco importa, que ſe reduzaõ a pó. Parece que perdera Deos a exiſtencia, ſe não foraõ communicaveis os ſeus Atributos. Toda a eternidade eſteve, como ſahindo de ſi, em quanto lhe faltava a quem darſe. Naquelle tempo ſem tempo, em que era Deos comſigo, dava contemplando, até que chegou o ponto, em que principiou a dar obrando.

## CAPL.

(15) *Hilarem enim datorem diligit Deus. 2. ad Cor. cap. 5.* (16) *Omnia dedit & Pater in manus. Joan. cap. 13. Cum eſſet ſapiens plus dare nescivit; cum eſſet omnipotens plus dare non potuit. D. Thomas.*

## CAPITULO II.

*A Liberalidade compoem a fabrica do Throno.*

479 **N**O campo da batalha se prova a fortuna; e a Liberalidade he a batalha donde se approva a Magestade. Nunca o varaõ grande se limitou em dar, parecendo prodigo, sem que o seja. (1) Segurar a soberania com o ouro, he usura da Real contrataçaõ. O povo he mar soberbo; porẽm cada moeda, que se lhe lança, he huma ancora com que o Throno se firma. A misericordia, e verdade guardaõ o Rey, e com a clemencia se segura o Throno. (2) As virtudes grandes, como emanaçoens do ser Divino, tem ás Coroas justissimo direito; e sendo a Liberalidade o Diadema de Deos; em lhe faltando os Principes com a imitaçaõ, desemparelhaõ as imagens.

480 A força que vence, naõ reina nos coraçõens: a generosidade que obriga, domina nas vontades. (3) O Principe quanto mais dá, mais recebe; porque para elle tornaõ os beneficios, que fez aos vassallos. Assim como o ser Real lhe facilita os meynos, o exercicio o empenha a que authorize os seus augustos braçoens. Se á respiraçaõ do Rey faltar o ar do beneficio, naõ correrá airoso na accessãõ. Dativas, que quebraõ penhas, melhor derrem peitos. Que poucos amariaõ a Deos, se no Ceo naõ desse gloria, e na terra as suavidades da graça! Quem diz Principe, diz Alexandre; (4)  
e os

(1) Senec. de benef. cap. 14. (2) Misericordia & veritas custodiunt Regem, & roboratur clementia Thronus ejus. Prov. cap. 20. (3) Plut. in Apop. (4) Plut. in Alex.



e os que não são Alexandres, antes não foram Principes. Ter mãos de Cesar para dar como Fernandes, he fazerse Fernandes o que nasceo Cesar. Se os Principes não querem ver na Liberalidade o que tem de plausivel, attendão ao que encerra de util. As riquezas, que distribuem, multiplicaõ-se no augmento. São fecundas sementes, que espalhadas no campo da Republica, dão cento por hum.

481 He a velocidade argumento de soberano. Da agilidade da aguia se serve a Liberalidade de Jove. O leão, Rey dos bosques, e o delfim das aguas, não são vagarosos. O elemento immovel he o inferior, e o que gyra ligeiro o mais alto. A caridade, como nome attributo do amor, he fogo, a que a beneficencia não só communica linguas, mas tambem azas. Se o Nilo não corra, não frutificara. Iris, e Mercurio eraõ annuncios das felicidades dos Deoses: hum voa como vapor, e outro como metal se congella. Se Saturno não fora tardo em aperfeiçoar os influxos, perdera o que tem de infausito á natureza. Ninguem quer que a magnificencia se exceda; basta que o dispendio se iguale á possibilidade. (5) Alexandre dava Reinos, porque tinha mundos: não se espera, que dê mundos quem tem Reinos.

482 Victória, e honra adquire o que dá, roubando o coração do que recebe. (6) Se reparte com pressa, então dá mais. O beneficio com azas tem forma de Anjo: o que caminha arrastado, toma a figura de serpente. Diminue a Liberalidade o que dá com vagar, (7) se he que o remedio se não torna em vene-

Tom. I.

Qq

no.

(5) *Senec. de benef. liv. 2. cap. 55.* (6) *Victoriam, & honorem accipiet, qui dat munera, animam autem aufert accipientium.* *Prov. cap. 21.* (7) *Xenoph. in Cyro pad. liv. 7.*

no. A esperança he mais trabalhosa , que o trabalho. Só dadas imensas soffrem demoras. Deos quando promette , abre logo as mãos : quando quiz dar o Filho , fez esperar seculos. Entre os homens não tem força esta ley , porque nenhum se dá a si : como liberalisaõ do seu , ha de ser logo. A promptidaõ mostra vontade , e o vagar violencia. Não se tire o nome á mercê , mudando-lhe na substancia os accidentes. Tanto se diminue ao favor , quanto lhe cresce de tardança Depressa , depressa , he fabricar dous elogios com huma só voz ; porque se louva a acção , e a circumstancia. A mercê , e o vestido , talha-os o appetite. (8) A tempo conveniente , com lucro , e a gosto do benemerito ha de o Principe cortar o beneficio.

483 Se a justiça dominara o coração dos Historiadores antigos , sò deveriaõ lembrar-se dos Reys liberaes , para que enterrados os avarentos no sepulchro do esquecimento , desencovassem os vivos da fardida escaceza da sua miseria. Se as pennas não fizessẽm voar os vicios , não andariaõ de rastos as purpuras. Quando Augusto abria as mãos , dava mercês ás mãos chêas. Os successores , que lhe igualaraõ o palmo , tiveraõ palmas de Cesares. Quando estas se fechaõ , escondem-se os triunfos. Nos arrayaes de Pyrrho não se ouviaõ mais vozes , que os eccos da sua gloria. Os Soldados lançando-se com liberdade aos despojos , de camaradas do seu valor , passavaõ a trombetas do seu nome. Os Titos liberaes faõ delicias da Patria. Pouco teme Scipiaõ os seus emulos ; porque a grandeza do animo lhes arranca louvores das linguas , quando lhes abraza o odio os coraçoes.

484 A natureza levantou os Principes no mundo ,  
como

(8) *Senec. de benef. liv. I. cap. II.*

como na terra os montes. Todos os campos os olhaõ como corõas da sua pobreza, esperando que se rompaõ em copiosas fontes, para que correndo por muitos aqueductos, os beneficiem como inferiores. Até á fealdade da tyrannia dá o Rey liberal diversas cores. Se os rayos de Jupiter saõ de ouro, ninguem os teme como rayos. A mancha, que ElRey Henrique II. de Hespanha deitou na sua Real purpura com o fraticidio de ElRey Dom Pedro, apagou-a com a generosidade. O detestavel parricidio de Bela escondeo a horribilidade á vista das luzes da sua magnificencia. Tiberio, que era hum monstro abominavel, conservou o Imperio na sua pessoa, porque era mostruosa a sua Liberalidade. (9) A espada com fios dourados parece, que naõ he taõ cruel: se tira huma vida como ferro, conserva muitas como ouro.

485 Taõ amavel he nos Principes esta virtude, que os vassallos antes querem conhecellos por Liberaes, que por Principes. Tiraõ-lhes o nome de Reys, para lhes darem o de *Beneficos*. Os que saõ miseraveis, conservaõ os nomes sem substancia na pessoa: os magnificos daõ entidade á denominaçaõ. Os Egypcios naõ conheciaõ os Principes por este nome: aos avarentos chamavaõ Reys, e aos Liberaes *Beneficos*. Cleomenes, e Ptolomeo, assim foraõ denominados, porque eraõ grandemente generosos. O Emperador Probo nunca negou o que lhe pediraõ, e sempre lhe fizeraõ o que mandava. (10) Igual applauso mereceraõ Cyro, Dario, Alexandre Magno, Mithridates, Periandro, Vitellio, Tito, Antonino, e outros muitos Principes; (11) naõ sendo inferior a algum delles

Qq 2

o gran-

(9) *Quam virtutem diu retinuit, cum ceteras exueret. Tacit. liv. 1. Ann.* (10) *Claud. in paneg. Prob* (11) *Beyeri. in Theatr. verbo Liberalit.*

o grande Rey de Portugal Dom Diniz, cuja magnifica grandeza abrangeo a toda Hespanha, e deu brado pelo mundo; merecendo justamente o pronome de Liberal, entre os Principes do seu seculo.

486 Hum dos grandes predicados desta virtude para com as pessoas Reaes, he naõ lhe faltarem nunca objectos, em que a exercitem com ganancia da Magestade. Sempre ha benemeritos, e viciosos, amigos, e inimigos, e a todos deve dar o Principe proporcionalmente, porque com todos lucra. Nos benemeritos premea virtudes, e desperta generosas emulaçoens. Aos viciosos tambem deve dar. Em certa occasião soccorreo Aristoteles hum mal procedido, e deu a razão: que naõ lhe fazia bem, por bom, senaõ por homem; e que podia fazello para que se emendasse, ou ganhallo, para que se naõ perdesse. (12) Dar aos amigos he obrigação; porque as provas da amizade sahem pelas mãos. Aos inimigos, he grandeza heroica, e magnanimidade estupenda, muito propria da Magestade. Quando Antiocho sitiava Jerusalem lhe pediraõ os Judeos suspendesse os effectos da guerra naquelles sete dias, em que eraõ obrigados a celebrar a festa do seu Phase, ou Pascoa. O magnanimo Rey, naõ samente condescendeo aos rogos ajustando a tregua; mas com liberal generosidade lhes mandou muitas especies preciosas, abundantes bastimentos, e muitos touros para os sacrificios. (13) Oh que acçoens taõ dignas dos animos Reaes! Reconheçaõ estes, que a melhor victima dos coraçõens he o amor; e esta só se offerece, quando recebe materias para arderem os holocaustos.

487 Po-

(12) *Theſaur. Phil. mor. liv. 6. cap. 5.* (13) *Plut. in Mor. liv. Apoph. Reg.*

487 Porém para obrigar o agradecimento do vassallo, he necessario, como Antiocho, fazer as mercês a tempo. O Sol, e a chuva fecundaõ a terra; mas se chover no Estio, e fizer Sol ardente no Inverno, consumiráõ o vegetavel. Tambem o Sol, e a agua não haõ de ser muitos de huma vez. O Sol moderado cria, e a chuva branda rega. Esta copiosa, affoga: aquelle intento, queima. O remedio fora de tempo estraga a natureza. Seja o beneficio como esta provida bemfeitora: em sentindo a parte leza, no mesmo instante acode a foccorrella. Não se dê á Liberalidade a condição da fonte de Exaucia, que emanava das entranhas da miseria: quando havia refrescar a secura, abrazava com calor. (14) Se quando o vassallo necessitado pede dinheiro ao seu Rey, este, qual outro Xerxes, lhe dá o escudo, (15) meta-lhe antes a lança. Se todos os Principes fossem como ElRey Dom João I. de Portugal, que mandava pagar aos pretendentes os gastos que faziaõ, em quanto os não despachavaõ; menos sensível fora, que as resoluçoens da justiça, e os effeitos da caridade viessem fora de tempo.

488 Não devo dar ao Rey liberal outro attributo na essencia da sua Magestade, senão o de Omnipotente. Se o dinheiro o he, como o não será o Principe, que o domina? A omnipotencia do ouro, não está no ouro, mas no uso: logo o que usa do ouro, esse he o omnipotente. Ptolomeo, Rey de Chipre, teve muito, e não pôde nada, porque não usou do que tinha. O outro Ptolomeo Rey do Egypto não tinha nada, porque dava tudo: porém podia tudo, por isso

(14) *Susath de mirabil. cap. 4. mir. 223. tit. de Aquis.* (15) *Autemones Drisso. titul. 3. liberal.*

isso mesmo, que ficou sem nada. Estupendo metamorfoses do dinheiro! Elle he o sceptro de Amaltea, ornado de todo o preciso, para tudo aquillo, que se quer. (16) Deos porque pode tudo, dá quanto tem. Lá na sua eternidade, quando não tinha a quem dar, para mostrar-se o que podia, communicou se gerando, e procedendo, só para communicar-se. A Cruz das novas moedas he mais triunfante, que todos os Labaros de Constantino. A figura dos Reys nos dobroens, corre por toda a parte: hum só está em todos os lugares, todos os labios o beijaõ, todas as mãos lhe dão as palmas, todos os joelhos se lhe curvaõ, e todas as estimaçoens se lhe empregaõ. Na moeda dos Cruzados, até as ligas são sagradas.

489 Ser Principe, e não saber dar, se não he impotencia, he affronta. Cada Rey liberal he hum Deos Crumenigero, que com a bolsa pendente está provocando as adoraçoens. Quando os moradores de Constantinopla quizerão que os povos da Thracia tributassem latrias á estatua de Mercurio, pozeraõ-lhe hum faco em lugar de caduceo. (17) Como ás dadas tudo obedece, necessitaraõ os Deoses de ser liberaes, para poderem ser Deoses. Se as bolsas dos Principes forem pelles de Ulysses, em que se fechem os ventos; como ha de navegar a náõ da Republica? O dinheiro quando corre a todos, alcança tudo. As suas letras são as que mais sabem, e as suas armas as que mais podem. A sua vista he mudo o coro das Musas, e fracas, em sua comparaçãõ, as clavas de Hercules, e Aquilles. O agudo Oven julgou mais poderoso ao ouro, que a Jupiter, e Neptuno. (18)  
Se

(16) *Philemon. Comicus.* (17) *Coãno nos Deoses de Fenicia.* (18) *Oven. liv. 3. Epist. 62.*

Se as amarras se torcem dos seus fios , não as trinca a força do Tridente. Os louros se são dourados , os raios de Jove , e Apollo os não offendem. Nenhum Astro se rebella ao poder do Sol , porque a todos dá. Triste vida he a do Principe , que vindo á luz para fazer bem , mete os raios em si , para dar-se morte.

490 O corpo do dinheiro dá alma a todas as cousas : porém he necessario medir os corpos das cousas , para lhes inspirar estas almas. As armas de Saul gigante não se ajustaõ ao corpo de David , homem mediano. O globo terraqueo cabe nas esféras celestes : as esféras não se accomodaõ no globo. O batel , que navega rios , não corta golfos. As barcas , ainda que andem na carreira , não são galeoens Reaes. O cedro quer mais humidade , que o rustico zambujo. Raizes mais fundas , que necessitaõ de mais rego. Arvores muito altas pedem mayor beneficio : para a planta rasteira hum orvalho lhe basta. Os moradores da Zona glacial não haõ mister muita luz : os da temperada huma grande parte , aos da torrida deve-se todo o Sol. A hum grão de graç corresponde outro de gloria. Se quizerem pagallo além do que merece , dem-lhe dous , que já he favor : se forem vinte , he injustiça. Os serviços da guerra são mais trabalhosos , que os da paz ; os das mãos mais valentes , que os dos pés. Os netos de avós conhecidos , haõ de conhecerse : os de pouco vistos , basta porlhes os olhos , e ir passando. Os mesmos , que recebem o que não merecem , fazem irrisaõ do que lhes deraõ. Se tantos não foraõ hypocritas , regeitaraõ modestos. Alexandre deu huma Cidade a hum humilde desses poucos , que vivem sem biocos ; agradeceo este a mercê , e porque era  
gran-

grande, não aceitou a esmola. (19) Quem nasce das hérvas, deixa-se fazer arvore: depois de ter frutos, veste-se de folhas. Se mostra boa inclinação, não he justo, que se pize: cultive-se com pouco, até que mereça mais; e se não for muito grande, não se lhe dê muito. Virtudes, e letras, por se não enregelarem, haõ de vestir galas de tanto valor, como pezo: effes feitos mascarados deixallos morrer de frio: como cubraõ as caras he o que lhes basta, e com esta bufoneria muitos tem de sobra. Quem não sabe nadar affoga se nos pégos; os delfins por natureza passeaõ sobre as ondas.

491 A Liberalidade dos Principes não consiste só em repartir os thesouros: tambem daõ mercês, officios, graças, e sobre tudo boas palavras, que não faõ pequenas beneficencias. A Aurora não he liberal só de orvalhos, porque tambem dá rizos. Primeiro que a arvore enriqueça com frutos, lisongea com flores. O ribeiro que tem pouca prata, nem por isso perde a serenidade do murmurio. Os que não sahirem com as mãos cheyas, não levem as esperanças vafias. Demonstraçoens cobertas com affectada arte fazem parecer liberal, o que não está em occasião de o poder ser. Huma inclinação dos olhos mostra, que haverá tempo, em que se deixem cahir as mãos. Se ao Principe falta que dar hoje, á manhã haverá para dar, e ter. Huma negação tem lagrimas por consequencia. Mais vale defenganar com o tempo, que com a voz: porém isto só no caso de ser irremediavel a impossibilidade.

CAPÍ-



## CAPITULO III.

*Continua-se a mesma materia, e mostra-se quaes sejam os objectos da Liberalidade.*

492 **M**ostrámos a Liberalidade como instrumento do Imperio, e gloria da Magestade. Agora fallaremos com toda a casta de homens, que tem com que ser liberaes. As outras virtudes os fazem bem quistos; porém esta muito amados. Liberalidade, e benevolencia são as duas azas, com que remonta os voos a alternação do coração humano, para roubar os outros corações. O grande Pompeo tornou os odios de seu pay em glorias suas, tendo tanto de amado, quanto de dadivoso. Dionysio o mais velho de Sicilia entrou huma occasião no quarto de seu filho, e vendo nelle muitas riquezas, lhe disse: *Naõ tens animo Real, porque te faltaõ amigos, tendo tanto.* Se o Politico quer andar nas palmas, abra as mãos. Cada hum com o que pode, alcança o que quer. O criado bem pago, e o jornaleiro satisfeito ( e mais isto he justiça ) o fazem venerado dos pequenos. O superior obsequiado, e galanteado o amigo, o constituem amado dos grandes.

493 O Liberal, que deu quando abastado, guardou os thesouros para o tempo da miseria. He verdade que o mundo está tal, que recebida a mercê se sepulta no Lethes. Em quanto ricos, naõ vos faltarão amigos, que riaõ; esperay apobreza, chorarvos heys fós. (1) Porém esta regra naõ he taõ geral, que naõ admitta excepção. Haverá pequeno taõ agradado,

Tom. I.

Rr

decido,

(1) *Tempora si fuerint nubila solus eris. Trist. liv. 1. eleg. 8.*

decido, que se vos faltar com o cabedal, porque o não tem, vos não desfampare com a assistência, que he o com que póde. Se houverem alguns grandes, que virem a cara, não faltarão outros generosos, que vos ponhão os olhos. Esta he a razaõ, porque ElRey Dom Affonso de Aragaõ dizia, que guardava para si o mesmo, que dava. (2) O cabedal fechado na arca, está perdido, porque só se reserva o que se dá. O exemplo de hum Rey, mais que humano, prova esta verdade. Deu este Monarca tanto na sua vida, que não teve aonde reclinar a cabeça na hora da morte. (3) porém nesse mesmo extremo de pobreza o não desfamparãõ coraçõens magnanimos, fazendo-lhe os funeraes com liberal grandeza. Até os homens Principes se esquecerãõ da soberania, e tirado o rebuço, mostraraõ a sua humanidade. Quando o Sol empobrecer, todos os seus favorecidos o haõ de chorar.

+ 494 Se o honrado vos chega a pedir, com que cara lhe haveis de negar? O nosso Rey Dom Joaõ o II. sahindo huma manhã já tarde do Paço, disse a huns Fidalgos, que o acompanhavaõ, que fossem comer, porque eraõ horas. Quando voltou achou alguns delles, e lhes disse: *Naõ vos avisey, que fosseis comer?* Respondeo hum por todos: *Senhor, os que tinhaõ que comer, foraõ; os que o não tinhaõ, aonde haviaõ de ir?* A esta petiçaõ com ar correspondeo o Rey com graça, porque a todos fez mercês. O Emperador Gallieno foy hum claro espelho de Principes liberaes. Testimunhaõ as suas historias, que nunca negou nada, do que lhe pediraõ. (4) Dizia Maximiliano,

(2) *Panorm. liv. 2. de reb. gest. Alphons.* (3) *Filius autem homini non habet ubi reclinet caput. Luc. cap. 9.* (4) *Bapt. Ignac. in vita Gallien.*

no, que elle era Emperador para guardar homens, e não moedas. Os thesouros dos Reys são francos para quem pede: guardemnos dos que lhos furtao.

495 Mas que vergonhosa he a miseria de pedir! He verdade, que pedir ao Rey não he vergonha. As necessidades dos filhos haõ de foccorrellas os pays; e a seu pay todo o filho pede. Era Apophtegma de hum dos nossos Soberanos, que quem tinha mãos para o servir, tivesse lingua para lhe rogar. Porem he certo, que a mercê antes do memorial, são duas mercês: remedeia se a necessidade, e evita-se o rogo. O Emperador Adriano, fazendo reflexão na altiva condição do ser humano, não esperava que lhe pedissem. Informado da necessidade, acodia logo com o remedio. (5) O generoso Arcesiláo não quiz que a miseria de Ctesibio lhe batesse á porta: visitou-o enfermo, e escondeo-lhe huma grande esmola no leito. (6) Mais heroica era a generosidade de Alexandre Severo; porque em lhe constando, que algum dos seus vassallos não tinha recebido mercês da sua Real effusão, o mandava vir á sua presença, satisfazendo-o com tão amorosa ternura, que a graça da lingua excedia ás mercês das mãos. (7) Não tire a cara entre estes Principes o II. Philippe de Hespanha, ainda que seja Senhor de novos mundos. Dizia elle, que se dera a todos, brevemente pedira para si. Talvez que se desse muito, lhe não tiraraõ tanto.

496 Não obstante o que temos ponderado, deve haver occasioens em que o Principe espere, que lhe peçaõ, e em que ha de pedir o vassallo. Os Soberanos são substitutos de Deos, e Deos quer que o ro-

Rr 2

guem

(5) *Dion Cassi. in ejus vita.* (6) *Erasm. liv. 8. Apoph.* (7) *Lamprid. in ejus vita.*

guem para dar. (8) O mar enriquece aos que o navegaõ. A fonte ainda que offereça as aguas, gosta que lhas tirem. Os Reys de Lacedemonia comiaõ com pratos dobrados: hum para si, e outro para o necessitado, que pedisse. (9) Os Reys naõ sabem tudo, nem conhecem todos. Quem naõ pede, naõ o ouve Deos. O ponto está em saber pedir. O Procurador, dos que querem as cadeiras aos lados do throno, naõ allegue por serviços serem seus filhos, os que pedem. Bebaõ estes o calix dos trabalhos, e entaõ esperem grandes premios. A primeira rogativa da petição ha de ser: Diz a modestia. Quando a necessidade he a que falla, naõ se envergonhe de começar: Diz a fome. A virtude ordinariamente pede pouco, ou nada: porém as figuras a modo della, ainda que finjaõ fallar pouco, sempre dizem: A minha virtude quer muito.

497 Com dadivas pequenas se obrigarãõ já corações grandes. Quando aos de Boecia faltavaõ Cordeiros, naõ lhe regeitava Hercules hum pomo por sacrificio. (10) Naõ dá pouco, quem dá o que póde: porém o Principe ás vezes ha de fazer por poder dar muito. Haõ de se medir os tempos, as pessoas, e as circumstancias. Estas mudaõ os casos. A viuva do Thesoureiro de ElRey Dom Sebastião devia muito á fazenda Real, e pedia a ElRey, que lhe fizesse quita. Perdoou-lhe elle metade da divida: e como todos os olhos se cegaõ com as luzes dos beneficios alheios; naõ faltou quem na presença do mesmo Rey reputasse por excessiva a sua Liberalidade. Chamou elle á pertendente, que já se retirava, e perguntou-lhe, se

(8) *Petite, & dabitur vobis. Mat. cap. 7.* (9) *Xenoph. liv. de Laced. Repub.* (10) *Julius Polux.*

fe o tinha entendido? Respondeo ella, que sua Alteza era servido de lhe quitar metade da divida. Disse então ElRey: *Naõ he isso; senaõ, que vos perdoõ toda.* Que fina espora para a inveja! É que bella circumstancia para ser prodiga a Liberalidade!

498 A estatura das pessoas quer dadivas do seu tamanho. Os Embaixadores de Veneza offereceraõ ao Emperador Maximiliano I. huma copa de barro. Mandou este, que se puzesse em huma meza, ordenando a fizessem cahir, como por acaso. Assim succedeo, e quebraraõ se os vasos. Disse então o Emperador: *Se foraõ de ouro, ou prata, naõ se quebrariaõ.* Bens de pouca dura naõ se daõ a homens duros. Os corpos de ferro naõ se vestem com barro. Cobrir o Sol de saco he amortalhalle. Os vassallos de Mercurio offereceraõ-lhe pedras: porém os Mercurios Principes dem ouro aos vassallos principaes.

499 Nem todo o tempo he para o mesmo: na sua variedade haõ de haver mudanças. O grande Poeta Virgilio servio em tres tempos diversos ao Emperador Augusto, sem receber mais premio, que augmentar-lhe a raçaõ de padas. No ultimo serviço, que era o mayor, pôde Virgilio dizer ao Emperador com liberdade de Poeta: *Eu dissera, que Vossa Magestade he filbo de algum padeiro; porque sendo Emperador, todos os meus serviços me paga com padas.* Ainda que no tempo em que os Perillos pedem lhes bastem dez talentos, se os que haõ de dar saõ Alexandres, he necessario ver em que tempo pedem, para se lhes dar conforme ao tempo. (II)

500 Ganhem os Principes, e Heroes com a generosidade da sua beneficencia os voos das pennas, e  
a in-

a inclinação dos agudos engenhos. Estes são os clarins, que por todo o mundo levantaõ o brado, ajudando o pregaõ da sua fama. Entre o gosto de tantos triunfos, se entristecia Alexandre, porque lhe faltava hum Homero, que os celebrasse. Tanto que aquella generosa Princeza venceo o dragaõ, cuidou em voar nas pennas das aguias (12) Estas aves entaõ se remontaõ mais, quando levaõ a preza nas garras. Com pennas de ouro, até se douraõ pirolas. Naõ he razaõ, que os sabios se coroem de folhas, estando os viciosos, os bobos, os ridiculos, e os hypocritas carregados de frutos. Aquelles sãõ saõ Maroens para os Mecenas magnificos. (13) As vidas dos avarentos, se lhas escreverem os que sabem as materias, ha de ser como caens ladrando, e mordendo, porque naõ lamberaõ. Os fios das espadas tem o córte mais penetrante nas pontas das linguas. As pennas que se apuraõ, tambem se apuraõ. Naõ ha Apostolo que prégue a Christo, em quanto naõ recebe dons.

501 Quando a mercê do Principe cahe sobre algum serviço particular, entaõ se deve esforçar a sua Liberalidade. A correspondencia Real ha de competir no possivel igualdades com o seu caracter. Artaxerxes, Rey da Persia, andando de jornada, mereceo aos seus vassallos as demonstraçoens da mayor alegria. Todos lhe sahiaõ ao encontro, offerecendo-lhe o que tinhaõ. Hum pobre, que naõ tinha nada, correo a hum ribeiro, e enchendo as palmas de agua, lha apresentou com as mãos abertas. Gostou muito o Rey de ver taõ boa vontade, e mandou lhe dar huma grande taça de ouro com mil moedas dentro. (14) O Duque de Polonia hospedou em sua casa ao Emperador

(12) *Apoc. cap. 12.* (13) *Martial Epist. 14.* (14) *Plut. in eo.*

dor Ottaó II., que em remuneração deste beneficio o coroou Rey daquelles Estados. (15) Manfor, Rey de Marrocos, perdendo-se na caça dos seus criados, guiado de huma luzerna, foy dar com hum pobre homem, que pescava ao candeyo em humas lagoas. Hospedou-o este como pôde, ainda que o não conheceo. No seguinte dia chegaram os criados, e El Rey lhe fez mercê de muitas casas, e castellos, que depois foraõ grandes Cidades; e principal entre ellas, a de Elcibir, de que o fez Principe. (16) Assim remunerãõ os coraçõens magnificos, e generosos as graças, que recebem, desempenhando ao mesmo tempo a Liberalidade, e o agradecimento.

502 Expostos os modos de ser liberal, resta nos mostrar, quaes sejaõ os objectos da Liberalidade. Não ha duvida, que todo o objecto da Liberalidade he beneficio: porém todo o beneficio não he objecto da Liberalidade. Não se haõ de confundir as virtudes; porque dar auxilio com bons officios aos poderosos, he officiosidade: derramar o sangue pela Patria, he fortaleza: consolar os afflictos, piedade, e dar bons conselhos, he humanidade. O objecto da Liberalidade saõ os bens da fortuna. Este se mede com o ouro; porque a seu respeito modera a Liberalidade por officio proprio, e affecto humano. Deve porém advertirse, que não he só Liberalidade dar ouro em moedas. Todas as maquinas, e fabricas publicas, que se edificaõ para divertimento do povo, ainda que com utilidade propria, he Liberalidade. Seus donos retem as propriedades; porém o usufruto he de todos os olhos.

503 Sen-

16) *Kranzsius Wandalia liv. 2. cap. 30.* (16) *Richierius in descriptione Africa.*

503 Sendo o ouro o objecto da Liberalidade, he necessario vermos, em resumo, quaes sejaõ os objectos em que o ouro deve ser bem empregado. O primeiro he no culto, e serviço de Deos, no ornato, e magnificas fabricas dos seus Templos, em que o nosso Reino excede a todos os da Christandade. E porque os domesticos compoem as casas, devem os Sacerdotes, e Religiosos sustentarse com a decencia devida aos seus altos caracteres.

504 Os homens sabios, e estudiosos, como columnas, e ornato das Republicas, não haõ de andar de rastos. Aristoteles foy grandemente honrado de Alexandre Magno. (17) O grande Constantino sustentava nas Escolas aos estudantes pobres, e amava muito os que se applicavaõ ás letras sagradas. (18) O Emperador Aleixo Commeno mandou edificar hum Museo de todas as sciencias mantendo os estudantes, e Mestres á sua custa. (19) O mesmo fizeraõ outros muitos Principes, ennobrecendo os Reinos com Universidades, Escolas, e Collegios; reconhecendo os de Portugal poucas ventagens ás de outras naçoens; illustrado sempre com sujeitos eminentes em todas as faculdades; especialmente no presente seculo, em que as Sciencias, e Artes parece que chegaraõ á ultima perfeiçaõ.

505 Bons objectos saõ os discipulos, para as Liberalidades de seus Mestres. Com elles dispendia Socrates muitas riquezas, (20) e o sabio Taberio Heros os ensinava de graça, como fez a Bruto, e Cassio. (21) No tempo de Carlos Magno mandou Beda vir de Escocia

(17) *Athen. liv. 9. cap. 20.* (18) *Eusebius in ejus vita. liv. 4.* (19) *Zonaras tom. 3. Ann.* (20) *Laertius.* (21) *Tranquill. de illustr. Gram. cap. 12.*



ecocia a Claudio, Rabano, e Alcuino, ensinando-os á sua despeza. (22)

506 O valor dos Soldados está defafiando a Liberalidade dos Principes, Generaes, e Capitaens. Com elles foy Scipião taõ generoso, que Cataõ o reprehendo de prodigo. (23) O valente Visconde Joaõ Galeaço lhes deixava livres todos os despojos, e repartia com os valerosos o seu cabedal. (24) Alexandre, em tudo Magno, excedia-se na Liberalidade para com os seus Soldados. Mandava pelos arrayaes guisarihes de comer, visitava-os nos Hospitales, e sustentava até á morte os inuteis, e estropeados. (25)

507 As liberalidades, e privilegios concedidos aos Lavradores, tambem he Liberalidade. El Rey Dom Diniz lhes fazia mercês, e o Papa Leaõ X., além das isençoens, lhes dava louvores.

508 Com os Embaixadores se deve practicar esta virtude á imitação do grande Rey da Persia Artaxerxes, que com elles era magnifico. (26) A Liberalidade com os amigos he como de justiça. Nella foy Alexandre quasi prodigo, Marco Antonio insigne, e singular Parmeniam. O Graõ Duque de Florença Cosme lhe mandava os presentes, em forma que ignorassem quem lhos dava. (27)

509 Os enfermos necessitados naõ samente saõ objectos da Liberalidade, mas da compaixão. Alexandre Magno, e Mathias Corvino tinha com elles grande caridade. Carlos, Principe de Navarra, repartia por elles os remedios mais especificos, para o que tinha muitas boticas, e visitava em pessoa os mais

Tom. I.

Ss

afque-

(22) *Polyd. liv. 4. & Avent. liv. 3.* (23) *Plut. in Gatón.* (24) *Jovius in ejus vita.* (25) *Cuspin.* (26) *Plut. in eo.* (27) *Plut. de Liberal. cap. 27.*

afquerosos. (28) Não lhe foraõ inferiores na piedade Pedro Urfeolo, Doge de Veneza, (29) e Uladisláo, Rey de Polonia. (30)

510 Para os cativos, e prezos foy talhada a Liberalidade. Equivoca-se esta virtude com a liberdade, que tanto se defeja, e ella facilita. A grande Heroína de Roma, Antonia, mereceo incomparaveis applausos pela generosidade com que tratou a Agrippa prezo, e desprezado. (31) Com os prisioneiros Romanos parecia Anibal antes pay, que inimigo. O Papa Joáo IV. vendia os vasos dos Templos para resgatar os cativos. (32) Destes singulares exemplos de piedosa Liberalidade estaõ cheyas as Historias.

511 Os miseraveis naufragantes, que fluctuando as vidas perderaõ o cabedal, merecem que a Liberalidade lhe ponha os olhos. Os Palinuros despídos na praya até ás areas não conhecidas mettem compaixão. (33) Viraõ em si as de Rhodes ao famoso Aristippo nú, e lançado das ondas com outros muitos companheiros da fortuna, e da miseria: porém a liberal piedade dos seus moradores, a todos cobrio, e amparou. (34)

512 Não menos se acryfola a Liberalidade com os perigrinos, e desterrados. Com huns, e outros era Xerxes magnifico, como experimentou Temistocles estando degradado na Persia. (35) Em quanto o valeroso Camillo não restaurava Roma sua Patria, estiveraõ as Virgens Vestaes desterradas na Hetruria, a  
cujos

(28) Pont. cap. 6. de benef. (29) Bergom. liv. 11. (30) Cromerus liv. 11. (31) Joseph. liv. 18. de Antiq. cap. 8. (32) Cranzius in Metrop. liv. 2. cav. 1. (33) Nudus in ignota Palinure jacebis arena Æneid. (34) Fulg. liv. 7. cap. 2. (35) Diodor. liv. 11. & Plut. in ejus vita.

cujos povos deveraõ excessivas beneficencias. (36) Cybele, e Corihanto peregrinos na Italia, tiveraõ a Cidade de Ravena naõ só por domicilio, mas de propriedade. (37) Por hospedes liberalissimos saõ celebrados nas Historias Prothagoras, Amyclas, Ptolomeo, Pomponio Attico, e outros muitos. Na liberal hospitalidade dos Principes Francezes se refez a Igreja de Deos andando peregrina.

513 A Liberalidade com os inimigos, já disse-mos que era heroica. Philippe de Macedonia o foy muito com o seu contrario Nicanor. Os Romanos foraõ tratados por Porfena seu inimigo com tal grandeza, que em agradecimento lhe levantaraõ estatuas nas praças de Roma. (38) Christerno II. Rey de Dinamarca estando em guerra com Suecia, foy levado de huma tempestade a Stocholmo em summa miseria, e o Rey seu inimigo o tratou com a magnificencia de Rey, pondo de parte a lembrança dos odios. (39) Naõ merece menos applauso a Liberalidade com os mortos. Ella fez mayor ao grande Alexandre. Até com lagrimas lhe assistia aos funeraes, como se vios de seu amigo Efestiaõ. (40) Pelo mesmo motivo daõ as Historias honrados nomes a Xerxes, Mithridates, e Adriano. Até o impio Nero nas exequias de Poppea se mostrou magnificamente liberal, e piedosamente compassivo. (41)

514 Estes saõ propriamente os objectos do ouro liberal: e ainda que hum só com o seu ouro naõ possa chegar a tantos, as riquezas de muitos abrangerãõ a todos. As arcas dos Principes tem moedas bastantes,

Ss 2

para

(36) *Liv. liv. 5.* (37) *Beros. liv. ult. de Chaldaorum dignitate.*  
(38) *Sabell. liv. 6. Em. 2.* (39) *Joan. Magnus. liv. 23.* (40) *Diador. liv. 17.* (41) *Plin. liv. 2. cap. 18.*

para que nenhum destes objectos perca o direito, que tem á Liberalidade do seu cabedal. Consolem-se estes com proporção, e não se carregue hum com demasia, logo haverá para todos. Esta he a igualdade do Sol, que dando luz a tudo, cada corpo a recebe conforme a disposição, em que está.

#### C A P I T U L O IV.

##### *Da Liberalidade com os pobres.*

515 **E** Stes objectos, que tambem o saõ da Liberalidade, devem andar muito nos olhos dos Principes, e por isso os reservamos para hum Capitulo. Foy ley expressa de Deos aos Principes, e povo de Israel, que soccorressem os proximos nas suas necessidades. (1) A caridade he hum dos eixos da Religiaõ, e esta obriga mais aos que tem muito. Como o centro da miseria dos pobres he a fortuna dos Principes, ha de esta lançar muitas linhas para todas as circumferencias. O sacrificio mais agradavel a Deos he a esmola. Se o mundo estivesse sem Sacrificios, e sem Sacramentos, nunca estaria sem Misericordia. Destas victimas póde ser offerente o homem mais barbaro; porque nos altares da caridade todos saõ Sacerdotes. Os frutos desta virtude multiplicaõ-se nas mãos dos liberaes. Ha sementes, ainda que virtuosas, infecundas; porque se semeaõ em má conjunção: porém para a sementeira da caridade todo o tempo he estação, e infalliveis os seus frutos. Quem dá hum, ainda na vida recebe cem. Isto he de Fé. No Emperador Tiberio II. de Constantinopla o provou o suc-

(1) *Deuter. cap. 15.*

o successo. Reprehendo o a Emperatriz do muito, que dava aos pobres. Respondeo elle, que tinha muitas esperanças em Deos, e passados poucos dias, mandando arrancar huma Cruz, que estava no pavimento de hum quarto baixo, se achou hum grandissimo thesouro. (2)

516 O glorioso titulo dos Reys he serem pays dos pobres. Nada tem de Real, e Augusto quem com elles não usa da Liberalidade. O Papa Silvestre I. mandou fazer hum catalogo de todos os pobres, para os conhecer como pay pelos seus nomes. (3) Entre as Reaes, e heroicas virtudes de S. Luiz Rey de França, resplandecia como luminar mayor da sua esfera a summa compaixão com os pobres. No Palacio dava de comer a muitos, accrescentando a este numero mais cento e vinte no tempo da Quaresma. (4) A beneficencia faz aos Principes Deoses dos homens. Joseph liberal, e reconhecido Deos do Egypto, foy tudo o mesmo. Quasi a mesma veneração, e pelo mesmo motivo, tiverão o Emperador Zenaõ, (5) e Osualdo, Rey de Inglaterra, cuja liberal maõ esteve seculos incorrupta. (6) Se a mayor gloria de Deos he ser pay dos pobres, (7) como não seraõ gloriosos os Principes, que ampararem os necessitados como a filhos?

517 Sim parece ouro de Principes o que se gasta no ornato, e magnificencia dos Templos; porém mais Real he o que se dispende no remedio dos pobres. Nestas moedas poem Deos o cunho, e saõ propriamente dinheiros de Deos. Em cada hum delles he louvado, e hon-

(2) *Leg. unic. col. ut nemini liceat sign. salv. Christ. &c.* (3) *Marul. liv. 1. cap. 2.* (4) *Jonullius in ejus vita cap. 84.* (5) *Baron. tom. 6. Ann Chron. 474.* (6) *Beda liv. 3. hist. Angl. cap. 6.* (7) *Veni pater pauperum. Ev Eccl.*

e honrado este supremo Senhor, não só como em hum Templo vivo da sua Real morada, mas como em si mesmo; porque cada pobre he hum Deos. (8) Os Hospitaes grandes, e bem providos, as casas para a educação dos orfãos bem patrimoniadas, e os Recolhimentos, e Mosteiros para as Donzelas honradas, e mulheres pobres; oh que fabricas tão dignas da magnificencia dos Principes! Estas são aquellas verdadeiras torres, não de Babilonia, mas de Sião, com que se escação os Ceos. He vergonha nos Reinos da Christandade andarem os pobres a bandos pelas ruas, gemendo muito, e soccorridos pouco. Não o consentem nos seus Estados os Chinos, e Turcos, ainda que barbaros. Se não podem ganhar as vidas, obrigaõ os parentes a que os sustentem; e se estes não tem com que, os recolhem nos Hospitaes publicos, aonde os alimentaõ até á morte. Os antigos Napolitanos deraõ ao mundo o mais estupendo exemplo de caridade; e Deos para com elles o da sua infinita Providencia. Eraõ excessivas as despezas, que faziaõ com os pobres, viúvas, donzelas, e meninos, para o que tinhaõ edificado muitas casas: porém da fecunda caridade recolhiaõ o cem dobro no augmento das suas riquezas. (9)

518. Grande foy a Liberalidade de muitos Pontifices, Reys, e Senhores para com os pobres. Entre os primeiros se venera a Paulo I., que andava de noite visitando as casas dos enfermos, e repartindo por elles grandes esmolas. Frequentava os carcerees, e pagava as dividas dos que por ellas tinhaõ prezas as liberdades. Dos meninos orfãos, e pobres viúvas era

pay,

(8) *Quandiu fecisti uni de minoribus . . . mihi fecisti. Mat. cap. 25.*  
 (9) *Pont. de Liberal. cap. 19.*

pay, e marido. (10) Leão III. seguiu os mesmos vestígios, (11) e Simmacho I. excedeo a ambos; porque além do mar Mediterraneo passou a sua caridade. Mandava os Bispos, e Clerigos pela Africa, e Ilhas do Archipelago a confortar os povos na Religiaõ, e distribuir por elles muitas riquezas, resgatando á sua despeza muitos cativos. (12) A estes seguirão, e imitarão na beneficencia os Urbanos, os Gregorios, os Calistos, os Eugénios, e outros, que nestes thesouros da Igreja depositavaõ as suas riquezas.

519 Os exemplos destas supremas Cabeças seguirão outras inferiores. Teve o mundo Bispos, e Prelados, que ardiaõ na caridade como Vesuvios. Não devia naquelles bons tempos estar a vaidade tão fastosa, e a avareza tão inchada. Synesio, Bispo de Alexandria, era pay da pobreza. (13) A Saõ Joaõ, que teve a mesma Cadeira, ficou o pronome de Es-moler. (14) O Arcebispo de Senna, Lopo, deu quanto tinha. (15) Eligio, Bispo de Novi, que fora ourives, trazia o ouro nas mãos, e pelos dedos lhe cahiaõ as suas memorias. (16) Em fim se quizeramos fazer catalogos, encheramos volumes. Os nossos Prelados Portuguezes veremos em outro lugar; não deixando neste em esquecimento as memorias de Thomaz de Cantuaria, de Henrique Affo, Adalgotto de Magdeburgo, e Nicoláo de Lubeca, que foraõ assombros da caridade, e espelhos de perfectos Prelados.

520 Entre os Principes houve muitos, que não quizerão perder os frutos da caridade, reconhecendo que

(10) *Platina.* (11) *Platina.* (12) *Niceph. liv. 16. cap. 35.* (13) *Cerdrenus.* (14) *Vide Simeon Metaph. in ejus vit.* (15) *Marul. liv. 1. cap. 2.* (16) *Ravifus.*

que os bens da fortuna são no mundo communs, e que nelle todos nascem, e morrem despidos. Nas suas mãos entregou Deos as riquezas, não como a Senhores, mas depositarios, e dispenseiros. Assim o entendeu Ricardo, Rey de Inglaterra, que á hora da morte, não satisfeito com o que dera na vida, mandou repartir os seus thesouros em tres partes iguaes, dando huma aos pobres, outra aos seus criados, e a terceira a seu parente o Emperador Ottao, como legado. (17) Alfredo, Rey do mesmo Reino, despejou os erarios Reaes com a pobreza, Embaixadores, Ministros, Mosteiros, e Escolas. (18) Leopoldo de Austria, que fora muito caritativo na vida, deixou reservados grandes thesouros, para que depois da sua morte, se repartissem pelos pobres, que no Templo mayor de Neoburgo orassem pela sua alma. (19) O Emperador Vespasiano mandava por todas as Cidades, e povos do Imperio focorrer os necessitados, (20) e Rodino Duque de Franconia enterar os mortos, dando aos vivos as esmolas pela sua mesma mão. (21) Nestes piedosos ministerios se occuparaõ muitos Principes de ambos os sexos, com exemplar edificação dos seus vassallos, e eterna lembrança nas Historias; sendo nellas venerados com muita particularidade o Emperador Carlos Magno, o Grande Constantino, Nerva, Federico I., Henrique IV., e Andronjo Comneno, que por outra parte tinha entranhas de tyranno. (22)

521 Tambem houve muitos homens particulares, que entao se reconheciao ricos, quando davaõ aos  
po-

(17) *Polid. liv. 14.* (18) *Wilhelmus Malmesburiensis liv. 2. cap. 16. de gestis Anglorum.* (19) *Cuspin. in Austria.* (20) *Suet. in eo.* (21) *Aimoinus liv. 3. cap. 40.* (22) *Vide Nicetas liv. 2.*



pobres. Deixamos de nomeallos por evitar o fastio. Não he muito, que aquelles que com o crysol da Fé conhecem os quilates do ouro da caridade, sejaõ esmoleres. Muitos gentios, governados da luz da razão, foraõ caritativos. Com ella conheceraõ, que a esmola he a pédra filosofal da virtude. Demosthenes não queria ter, se lhe faltasse a quem dar. (23) Aristoteles beneficiava máos, e bons: estes porque o eraõ, e aquelles para que o fossem. A féra de Tiberio, teve piedade de homem. (24) Pelopidas sustentava todos os moços pobres, dizendo, que não era servo do dinheiro; mas que este devia servir os homens bons, e necessitados. (25) Christianizados estes exemplos, ha cousa mais barata, que comprar o Ceo com dinheiro? Com chaves, não digo eu de ouro, mas de cobre, se abrem as suas portas. Huma gota de agua dada pelo amor de Deos, ao menos, lucra hum gráo de graça, que vale mais, que mil mundos. Ah homens avarentos, quanta gloria perdeis!

522 Nos Reinos ha muita pobreza, não por falta de bens, mas por sobra de ociosidade. Grande utilidade fora das Republicas, que os Principes mandassem impedir nellas esta quantidade de gente vádia, e vagabunda, ordenando fosse occupada nos officios, e cultura dos campos. Assim se evitava a necessidade de tantos individuos inuteis, e lucrava o augmento no beneficio dos campos, e melhor serviço das artes. Este conselho he Evangelico. Sahio o pay de familias pelas praças a buscar operarios; conduzio os ociosos, fez que trabalhassem, pagou-lhes o jornal, e tiveraõ que comer. Todos se negaõ á occupação,

Tom. I.

Tt

quando

(23) *Stobaus.* (24) *Zonaras.* (25) *Plut. in Pelopida.*

quando tem menos custosa a passagem. Por este motivo julgou Tacito, que era imprudencia focorrer a todos, os que se chamaõ pobres; porque neste numero haviaõ entrar os ociosos, e esgotada a Republica, naõ ficariaõ elles satisfeitos. (26) Sobre este principio fundaraõ os Emperadores Graciano, Theodosio, e Valentiniano as Leys, em que mandavaõ, que todos os que pediaõ, sendo aptos para o trabalho, fossem perpetuos colonos, dos que os denunciaõsem por ociosos. (27) Empreguem os caritativos as suas esmolas nos verdadeiramente impedidos, e realmente necessitados: e os Principes mandem purgar as Republicas desta gente inutil, que por viciosa, lhes impedem as felicidades.

## C A P I T U L O V.

### *Da distribuiçaõ dos Bispados, e Beneficios Ecclesiasticos.*

523 **C**omo todas as mercês dos Principes saõ Liberalidades, pareceo-nos tocar aqui esta taõ importante materia. Tem os Principes nas suas mãos muita parte do thesouro de Christo, que sendo preço do seu Sangue, he necessario ver porque vejas corre; e he razãõ, que seja por quem tem sangue nas vejas. Os Bispados naõ se haõ de entregar nas mãos dos nobres sem cabeça, nem pôr as Mitras nas cabeças daquelles, aos quaes a virtude, e natureza naõ deu a mão. A falta desta reflexãõ fez padecer a Igreja de Deos tantos trabalhos no seculo XVI., como choraõ os nossos olhos. Entaõ se negocearaõ os

Be-

(26) Tacit. liv. 2. Ann. (27) Leg. 1. cod. de mendic. valid. liv. 11.

Benefícios com sujeitos indignos, preterindo os benemeritos, que estimulados das injustiças, desembainharaõ contra a Igreja as armas, que tinhaõ affinadas para a sua defenfa.

524 Decretou o Concilio de Trento, que se elegendessem para Bispos os homens maduros, assim em letras, como idade, e exemplarissimos nos costumes. (1) Dignidades no berço, ou dormem, ou choraõ. Os que com ellas se embalaõ, causarãõ muitos abalos. Os Prelados saõ Anjos da guarda das Provincias: se as vidas não forem angelicas, e os juizos intelligencias; haõ de passar a pedras de abominavel escandalo, donde corraõ fontes de veneno. Paraísos aonde os dragões tem facil entrada, depressa se tornarãõ em infernos. Estas pestes do sagrado até á immortalidade tiraõ vidas. Sõ lhes falta hum bem, que he darem de comer, ainda que seja por tentação.

525 O' Principes da terra, quanto deve forcejar o braço da vossa Prudencia, e todo o corpo, e alma da vossa Fortaleza, para eleger os Prelados como Deos manda! A força dos candidatos he quimera de Belofronte, e a cavilação das suas artes compete superioridades com a astucia do infernal dragão. Os dignos, como modestos, ordinariamente não pretendem: os poderosos, e ignorantes haõ de allegar por ley hereditaria a posse de entrarem nos Santuarios; e os pequenos, que não aspiraõ menos, que á igualdade da grandeza, se affectaõ dignissimos pelas suas muitas virtudes, corádas com a mais fina, e refinada hypocrisia. Provera a Deos, que não houvera tanto disto pelo mundo.

526 Os Argonautas, que querem possuir veloci-  
 nos

Tt 2

(1) *Seff. 22. cap. 2.*

nos haõ de ter espiritos de Jafon. Em quanto o batel de Pedro foy naveta, podiaõ entrar nella pescadores. Hoje que he nãõ de Saõ Pedro, até os marinheiros haõ de fer Palinuros. Os pilotos, que nãõ sabem tomar a altura, evitem-lhe os naufragios; porque quem anda por baixos, encalha em cachopos. De nobres, e plebeos se compoem o mundo, e tudo houve na ef-cõla de Christo. Bom he que todos cursem a mefma Aula; porẽm ao distribuir as mercês he necessario medir os progressos. Os que estudaraõ para Judas, ponna-fe-lhes huma corda ao pescoço; aos negativos tragaõ-se sempre com as lagrimas nos olhos; e nãõ faltem as correccoens aos incredulos, se quizerem meter as mãos no feyo. Se nas pretencoens ha Jofés justos, e Mathias fantos, dem-se os lugares por sorte, invocando o auxilio, e assistencia de Deos, para que caya sobre os mayores merecimentos. Aos que pedem cadeiras sem assento, nãõ ha mais reposta, que: *Nãõ se jais nescios*. Sangue, letras, e virtudes deixaõ ao canto os que pedem os cargos sem mais requisitos, que as desentoadas vozes, ajustadas ao compasso da simulaçaõ. Se houverem estes predicados nos Palacios, nãõ se vaõ desenterrar das tendas. O mundo nos dias de hoje nãõ está como nos tempos de entaõ: entaõ tudo era hum: hoje qualquer hum quer fer hum tudo. Já se nãõ respeitaõ as Prelazias pelo que saõ, mas por quem as tem. Os reflexos do sangue escondem faltas: ás faltas do sangue só muitissimas letras, e virtudes daõ reflexos.

527 / Quiz o Apõstolo das Gentes deixar no mundo o retrato de hum Bispo perfeito, e pegando do pincel lhe foy lançando estas linhas. (2) Primeiramente,

(2) *Epist. 1. ad Timoth. cap. 3.*

te, ha de ser irreprehensivel. Bispo em que ha que reprehender, naõ he capaz de corrigir. Para ser irreprehensivel, naõ lhe basta o naõ ter vicios, he necessario, que seja ornado de muitas virtudes. Seja marido de huma só mulher. Que bella advertencia do Apostolo! A Igreja, como unica Esposa dos Prelados, deve ser o singular objecto do seu amor. Deve ter sobriedade. Isto he, vigilancia, muito propria do seu exercicio Pastoral. Se o Mayoral dorme, pouco lhe dá do rebanho. Necessita de muita Prudencia. Esta he a arte das artes para governar almas. Os Pastores astutos guardaõ rapozas. Deve ser ornado de summa modestia, de sorte que no rosto se lhe perceba a moderação do animo. Ha de ser pudico. Bispos com trato com mulheres, ainda que sejaõ santos, causaõ reparos. Se este se cobre com pretextos de piedade, ainda deixaõ mayores suspeitas. As almas bem se podem dirigir de longe, ou nos pertos dos confessorarios. Homens, e mulheres só oraõ nos Templos: fora delles cada hum em suas casas.

528 Deve ter muita hospitalidade. (Continúa o Apostolo.) As mezas dos Bispos saõ francas para os peregrinos. Ha de ser Doutor. Naõ por titulos de honra taõ vã, como elles vafios: mas com muita sabedoria para cumprirem as suas obrigaçoens, e distribuirem pelas ovelhas o saudavel pasto de fantas, e verdadeiras doutrinas. Naõ seja amigo de fazer fangue. O cajado naõ degola, castiga com mansidaõ. Seja modesto. Isto he, benigno, para naõ tratar com rigor. Naõ arme litigios. Enredar as ovelhas, para lhes tosquiar os vélos, naõ he exercicio de Pastor, mas de inhumano mercenario. Naõ seja avarento. Antes dissera o Apostolo, ladraõ, porque o Bispo  
tanto

tanto guarda, quanto furta. Ha de ser bom Economo. Quem não sabe governar a sua casa, como ha de reger a de Deos! É ultimamente, para ser perfeito Prelado, ha de ter na Republica opiniaõ de homem de boa vida. (3)

529 Que formosa pintura, se lhe corresponderaõ os seus originaes! Alguns ha com estas circumstancias; porém são os menos; porque o atrevimento dos tempos nem ao sagrado respeita. Além dos sobreditos predicados, he necessario, como dissemos, que os candidatos sejaõ de idade madura. He verdade que nesta materia não ha nada definido na Escritura sagrada: porém consta, que Eleutherio não foy promovido por São Paulo antes dos vinte annos. (4) O Papa Clemente I. provou por tradiçoens, serem necessarios cincoenta; em cuja idade estaõ quasi mortas as verduras da mocidade. (5) Porém isto não obstante, he resoluçaõ certa, que havendo na juvenilidade circumstancias, que se não encontraõ na provecta, que não seja preterida. Alguns Concilios decretaraõ trinta annos completos. (6)

530 O que houver de se eleger para Prelado, ou Bispo, não ha de ser homem muy occupado em negocios seculares; porque ao depois fará o mesmo. Os que cuidaõ, ou devem cuidar da salvaçaõ eterna das almas, não he justo se entreguem todos ás temporalidades dos corpos. (7) Santo Ambrosio depois de eleito Bispo, entregou a seu irmaõ Satyro a administração dos negocios, por não interromper os exercicios

(3) Vide Div. Bernard. in fine liv. 4. de considerat. ad Eugenium  
 (4) Lorinus in cap. 7. Actorum (5) Lib. 2. Const. cap. 1. (6) Can. 14. quod a probatum est à Concil. Niceno, & habetur cap. Episcop. dist. 77. ex Concil. Agathens. &c. cum in cunctis de election. (7) Act. Apost. cap. 6.

ercicios do seu ministerio. (8). O Concilio Carthaginiense IV, e o Synodo de Chalcedonia impedirão o mesmo aos Bispos; ordenando-lhes fiassem de outros o seu governo Economico, para elles cuidarem da fazenda de Deos, que são as almas. (9)

531 Fujaõ os Principes com os hombros ao pezo de peccados alheios: allás carga lhes poz Deos. He necessario examinar as intençoens, e aspectos dos pretendentes. Com os astutos revistaõ-se de sagacidade, de authoridade com os atrevidos, e de enfado com os impertinentes. Examinem por pessoas pias, doudas, e desinteressadas se nos sujeitos ha algumas evidencias das sobreditas circumstancias. Desterrem todo o favor nas eleiçoens; porque a materia he de rigorosa justiça. Destapem os olhos ao amor, para não darem com cegueira. Não se creão a si, nem aos outros, e só a verdade. Não haja nestes casos frouxidaõ, por não errar; advertindo, que com o preço do sangue de Christo, não se compoem vontades.

532 Depois de eleitos os Bispos, devem os Principes averiguar como procedem nos Bispados; se cumprem as suas obrigaçoens, fazendo justiça sem paixãõ; se residem, visitaõ, e tem em todas as cousas sollicito cuidado; se provêm as Igrejas em sujeitos idoneos, e benemeritos, e se os sagrados Templos são tratados com a devida decencia. Se a voz da fama lhe gritar os vicios, acuda-se logo com o remedio. Não lhes consintaõ, que abracem os povos com pleitos, que levem as bolsas á escala, e que tenhaõ vicios de homens, devendo ser todos espirito.

533 Qualquer dissoluçaõ na pessoa de hum Prelado he escandalosa. Os defeitos humanos são nelles  
taõ

(8) *Paulinus in ejus vita.* (9) *Lorinus in cap. 6. v. 2. Acto.*

taõ abominaveis , que até a applicação das suas letras se lhes impede , só porque são humanas. Os cantos das Musas , que ha muitas que encantaõ , naõ haõ de fazer harmonia nos austeros ouvidos do Pastor. O entendimento humano occupa-se , aonde o occupaõ ; e a vontade dá a maõ ao appetite , para que a guie. O Bispo Sipontino naõ achava mais gosto , que na applicação das Poefias de Marcial , porque nellas trazia empregado o entendimento. No Synodo Provincial de Theffalia foy reprehendido asperamente Heliodoro Bispo Tricense , porque naõ quiz mandar recolher muitos escritos amatorios , contrarios aos bons costumes , que elle havia composto. (10) Digna applicação de hum Prelado ! Terrivel acrimonia de genio ! Livre-nos Deos de Bispos , cujos escritos são sentenças de Pilatos. S. Gregorio reprehendeo asperamente a Desiderio Bispo em França , porque ensinava grammatica , e estudava humanidades , e novelas ridiculas. (11) Prelados amigos de noveleiros haõ de trazer as Diocefis em hum empedado enredo. E se o seu estado he taõ perfeito , que naõ admite imperfeições ; como se casaráõ com elle as dissoluções , escandalos , vagueações , parcialidades , odios , vinganças , e tyrannias ?

534 Nos Beneficios moderados , que naõ tem obrigação de curar almas , naõ haverá necessidade de tanta circunspecção , como nos Bispados ; e podem darse mais facilmente , precedendo hum conselho prudente , e sabio , como o do Confessor. Porém he necessario advertir , que em hum sujeito se naõ accumulem muitos Beneficios , deixando desprovidos os benemeritos. Foy notavel o caso , que succedeo ao

Pon-

(10) *Niceph. liv. 12. histor. cap. 34.* (11) *D. Greg. liv. 4. Epist. 48.*



Pontifice Clemente IV. com hum seu sobrinho. Tinha este tres Beneficios, e pedio a seu tio a promoçãõ de quarto, que vagara: porẽm elle não sò lho negou, mas lhe tirou dous, com que premiou outros benemeritos, dizendo: *He indigno de hum sucessor de Pedro, ser mais liberal com o sangue, que com a piedade.* (12) Se todos os Prelados se deixaraõ governar assim da Equidade, não se levantaraõ tantos Palacios com as ruinas da Igreja.

535 Todos aquelles, que podem promover os Beneficios inferiores, devem de justiça seguir este exemplo. Assim como para com Deos não ha excepção de pessoas, e sò de merecimentos; tambem os dispenheiros dos seus dons sò haõ de exceptuar os merecimentos nas pessoas. O Sacerdote Summo não deu o poder das chaves ao parente Joãõ, e mais era dignissimo; senãõ ao estranho Pedro, porque era igualmente benemerito. Não poz os olhos no Joãõ amado, mas no Pedro amante. (13) As Dignidades Ecclesiasticas não são heranças do sangue; são patrimonios das vidas. Este foy o sistema, que seguiraõ os Papas Adriano IV., que tendo sido hum homem de pequena forte, pudera fazer grandes os seus parentes, Celestino V., Calisto III., e outros muitos. Os Santuarios de Siaõ edificaõ-se de pedras muito escolhidas: as que lhe servirem de casa, haõ de sahir della bem justas, e approvadas.

## CAPITULO VI.

*Qual seja o liberal, porque motivo obre, e como se exercite a Liberalidade.*

536 **D**uas paixoes vehementes cegaõ o entendimento, impedindo os actos da Liberalidade. Saõ ellas o temor, e a esperanza. Esta gera a prodigalidade, e aquella a avareza. Hum teme, que tudo lhe falte, e outro espera, que lhe sobre tudo. Tambem ordinariamente se observa ser liberal o successor do avarento, e avarento o que succede ao liberal. Os ricos sem obrigaçoens devem ser mais largos; porque os que as tem, ló podem exercitar a caridade com as sobras da justiça. Observaremos nos que usaõ desta virtude conforme a razaõ, que saõ affaveis nas conversaçoes, alegres nos semblantes, graciosos nas açoes, taõ livres em fallar o bom, como em dar os bens, aceados nos vestidos, e esplendidos em suas casas; merecendo as pessoas agra-dos voluntarios, quando parece, que os compraõ.

537 Os motivos de obrar como liberal, nascem da intençaõ recta, que dá alma a todas as cousas. O valor do ouro he valer, o que o animo quer. Cyro o Grande dava muito para conservar amizades, e valeo-lhe o ouro para ter amigos. (1) Herodes Rey de Judea era magnifico, com o animo de ganhar opiniaõ de generoso, e conseguiu o applauso que intentou. (2) Alexandre Magno dava por gloria liberal, e a teve taõ completa, que se naõ distingue liberal de Alexandre. (3) Dativas muitas vezes pequenas,

(1) *Pont. de Principe, ex Xenoph. Pedia.* (2) *Joseph. liv. 16. cap. 9.* (3) *Ca. ius liv. 7. cap. 28.*

quenas merecerão estimaçoens grandes. Hum ramo de louro na cabeça foy já indício da mayor honra. He necessario medir os animos, para ver se convem aceitar o que se dá. Offerecer mundos para attrahit veneraçoens, he tentação do diabo. Dar ouro para fabricar bezeros, he concorrer para idolatrias. Se as suas cadeas vem prender a liberalidade, são grilhoens: se a buscar a justiça, he peita; e se não traz mais fim, que a honestidade de dar, he generosa Liberalidade. Busca o prodigo a vangloria no que reparte, o avarento a cubiça no que recebe, e o Liberal a bondade da acção no que distribue.

538 Nos exercicios desta virtude, he necessario distinguir a semelhança, que tem com outras, para se perceber a pura Liberalidade. Não se ha de dar o nome de Liberal ao que paga dividas, porque isto he justiça: não ao que galantea o bemfeitor, porque he agradecimento: não ao que soccorre ao necessitado, porque he misericordia: nem tambem ao que dá ao amigo, porque he amizade: ao Principe, que he obsequio; e a Deos que he religião. Estes objectos fim o são tambem da Liberalidade: porém o seu verdadeiro fim he somente dar pela honestidade da acção. Deste modo era Tito liberal, sentindo, e chorando por perdido o dia, em que perdia de fazer bem. Alexandre Severo, que excedendo a muitos, ninguem o excedeo na Liberalidade, chamava compra a toda a mercê, que tinha outro fim além da honestidade da acção. (4) Tambem não he verdadeira Liberalidade a que torna o ouro do beneficio em trombeta que o pregõe.

539 He destro piloto o que sabe bem as regras da

(4) Lamprid. in eo.

da Nautica. Não ha bem algum, de que o homem não possa usar ao seu arbitrio: a boa, ou má intenção, fará que a obra lhe corresponda. O ouro não he bom, nem máo: o uso lhe dá o ser. O que o souber dispende, será liberal. O dom com proporção ás pessoas que dão, e recebem, sempre he generoso; porque com as circumstancias de virtuosa mediocridade. Quando Pyrrho he liberal com os Romanos, dá como quem o faz a Roma. (5) Tambem a Liberalidade mede a situação dos tempos; porque a Carthago com fome, não lhe manda Scipião armas. O ouro corre a todos os sujeitos: porém como leva na mão a sua regra, mede as pessoas, e as circumstancias. Não se dá todo a hum; porque o que a este sobra, aos outros falta. Na casa de muitos filhos da-se a todos.

540 O Liberal que dá, e aceita de homens infames, e mal procedidos, mancha as suas dadiyas, e envilece os seus thesouros. O ouro em mãos viciosas fomenta vicios, e virtudes nas virtuosas. Sim temos contra este dictame o exemplo de Aristoteles, que dava aos viciosos, não por máos, mas por homens: porém não devemos dar o nome de liberaes a estas acçoens, que nascem da humanidade, e compaixão. Estas regras observa a caridade, mandando amar o sujeito pela especie, e aborrecer as obras pela maldade. Por esta razão se deve socorrer o miseravel vicioso, não como liberal, mas como caritativo.

541 Não são thesouros da Liberalidade os que se repartem pelos ricos; porque sem beneficio não ha Liberalidade. Lançar agua no mar he dar pingas a quem tem pégos. Por amizade fidalga, e Politica será razão, que se dê aos poderosos: porém o primor civil

(5) *Lamprid. in eo.*

civil não he Liberalidade virtuosa. Assim o mostrou Agefiláo com os da Ilha de Thafó, que offerecendo-lhe magníficos presentes, só lhes aceitou a farinha de que necessitava, dando-lhes a entender, que a Principes poderosos não se apresentavaõ riquezas: e sendo instado a recebellas, mandou, que se repartillem pelos moradores da mesma Ilha, a quem faltassem.(6) O mar mais rico, que Xerxes, despreza os seus ce-  
pos de ouro. Devera antes distribuillos pelas Musas; sendo affronta da virtude, que estas andem pelas portas. Os mais modos de exercitar a Liberalidade ficaõ mostrados neste discurso.

## C A P I T U L O VII.

*Da avareza hum dos extremos desta virtude.*

542 **O** Avarento, e a avareza não ha juizo, que os entenda. Ordinariamente se ca-  
sa este vicio com os annos ja estereis. Valente absurdo! Cubiçar riquezas quando falta o tempo de gozal-  
las! Olhay o insensato inutilmente rico, e viciosamente virtuoso, que jejua por não comer, que não come por não gastar, que não joga por não perder, que não tira vidas, porque lhe não tirem ouro, e que por não parecer opulento, se finge modesto. Assim vay passando como bruto; vive pobre, e morre rico, perdendo entaõ tudo com a alma. Não se dá na clas-  
se dos vicios outro algum mais irracional. Todos se oppoem á razão; porém buscaõ-lhe as apparencias: este nem nas apparencias tem razão. Menos máo he peccar com a vontade, que com o juizo. Os erros da  
ava-

(6) *Plat. in Apoph.*

avareza todos são do entendimento: por isso se acha nos homens este vicio, não sendo vicio para homens.

543 Não ha obra, ainda viciosa, que não tenha fim. A sensualidade lisonjea com o deleite; a vaidade incha se com o applauso; a astucia honra se com os lugares, e a ficção com os lucros negocea: porém a avareza, nem negocea, nem se honra, nem se applaude, nem se deleita. Não deleita, porque não gosta, não applaude, porque não gasta, não honra, porque não levanta, e não negocea, porque não lucra. Enthessoura a avareza, não para si, porque morre de fome, não para os outros, porque não se reparte, e nem para os herdeiros, porque ás vezes os não tem. Quer fartarse sem que se farte, beber para ter mais sede, e pôr em socego a causa de mayor cuidado. He como o mourão de seixos, que quanto mais pedras lhe deitaão, mais cresce o montaão. He lenha, que vay ao fogo, que quanta mais lhe botaão, por mais se consome, sem que nada lhe baste.

544 Terrivel molestia! Todos os symptomas tem mortaes, e o seu mal he sem cura; porque nos achaques do corpo padece sem alma. Quasi sempre os bens equivocados se desenganaão com os males descobertos. Os gostos passados esquecem a vaidade: os danos succedidos dão temor a astucia, e os perigos sem fructo acautellaão a temeridade: porém a avareza não tem cautellas, temores, e esquecimentos. Mortos os bens, vive a lembrança; o temor he de perder, o que se tornar a lucrar; e acautella aos golpes da miseria, não lhe prevenir o reparo. Coraçoes baixos, não levantaão pensamentos altos. Na balança do gosto, sem fabor, pezaão estes toda a honra com hum grão de ouro: metem-se com elle nas conchas, e  
o pezo

o pezo da sua effimação as enterra até ao inferno.

545 A bemaventurança destas almas he o outro; que respeitão por ultimo fim, não tendo em si nada de bem. Para meyos de muitas confas fim servem es cabedaes, mas de nenhuma faõ fins. As areas ferrolhadas tanto importa que guardem diamantes, como feixos. Não he meyo, nem fim o que se fecha. Não he fim porque não goza: não he meyo, porque não consegue. Não he meyo da maldade, porque se não gasta no vicio; e he máo sem meyo nem fim, porque se conserva vicioso. Não he meyo da virtude, porque se não applica ao honesto. Como virtude não pode ser fim: como vicio não deleita, fomentando se sem deleite no mesmo vicio. Esteril nos thesouros do rico, que o não usa, e nas mãos do pobre, que o não tem, os constitue igualmente infelices: hum pelo muito, outro pelo nada: este pelo nada para o preciso; aquelle pelo muito com necessidade. Hum he monte de pedra sem fecundidade por falta da natureza: outro he ferro de mineral, calvo na superficie, por ter as madexas no coração. Ambos sem fruto: este porque não quer, e aquelle porque não póde. Hum afflige o rosto, porque não tem, o outro mostra carranca do que lhe sobra, para que se entenda que lhe falta.

546 Quem poderá crer, que as muitas riquezas empobrecem o mundo? A antinomia da pergunta he evidencia palpavel. Se na terra rodara o ouro, que desenterraraõ tantos seculos, haveria Lazaro, que não fosse Cressõ, e Aldea, que não parecesse Lydia? Mas que ha de ser, se os poços de Acheronte abrem o bocal, e ferrolhaõ o fundo! Cada avarento he hum Judas. Em sete palmos de terra sepultaõ todos os the-  
fo.

souros: Se Deos os não refuscita fica o mundo em summa miseria. O rio de Sannicia torna os ramos em pedras, mettendo-as no fundo. (1) A corrente da avariza converte as pedras em ouro, sepultando-o nas profundezas. Na metrôpoli da cubiça, (2) todos os sacramentos tem fé nos sacriarios. Como são malditos, nunca se expõem. (3) Descobre-se na natureza deste vicio hum impossivel da natureza: conserva-se tanta substancia sem nenhum accidente nas mãos destes accidentes sem substancia. Os Sacerdotes da avariza devem ter palavras de consagração: não porque fação milagres, mas porque a transubstanciação se lhes reproduz. Estas são aquellas substancias da vaidade, guardadas em vão, que Deos aborrece pela alma. (4) É com razão; porque criando-as para utilidade de todos, as usurpaõ os ninguens sem utilizar-se.

v. 547 O amor do ouro lhe tira o ser, e o odio honesto lhe dá o valor. Amado sem juizo não se goza; aborrecido com razão, entã se possui. A cegueira do vicioso affecto de cada avarento fórma hum Tantaló. As maçãs de ouro se lhe mettem pelos olhos, e as aguas do rio da prata lhe daõ pela barba. Porém estas não humedecem a lingua, e naquellas se não ferra o dente. O avarento, como Protheo multiforme, he ao mesmo tempo Pygmaleão, e o cunhado: vive matando, pelo que quer, e morre vivendo, pelo que tem. Olha as moedas com agrado, e por lhe não morder as caricias, se raiva na miseria. Abre esses olhos mentecapto, e deixa cahir as escamas, ainda que tas pozeirão douradas. Vê bem, que he teu o que gastas, e que tu

(1) *Pentam. in Meteor.* (2) *Bion apud Stob. serm. 10.* (3) *Sacra auri fames, V. Virgil.* (4) *Odissi observantes vanitates supervacue. Psalm. 30.*



tú es do que sepultas. Este he dinheiro , aquelle he o teu dinheiro. Sejas embora Forcides , e Medusa , todo hum olho para guardar , que logo virá Perseo , que to ha de consumir. Morre de fome monstruoso bruto , que hum monstro taõ infame nem he digno de comer como animal.

548 Assim vive opprimido de trabalhos o que pudera gozar muitas , e licitas delicias. Para amontoar não se poupa , poupando por amontoar. Eylo lá vay pela barra fóra a levar máos dias , e peyores noites , exposto aos vaivens da inconstante fortuna. Aonde caminhas homem sem juizo ? Vás buscar a gloria nos perigos da honra ? Vás dar nome á Patria com açoens famosas ? Qual Patria , nem qual gloria : vay alli á India buscar diamantes , á America cavar ouro ; e metterse pelo mundo todo , para metter em si a todo o mundo. Supponhamos , que assim te succede como o pintas. Dize-me agora : que lucras de tantos fuores , e nos frutos , que recolhes , que fruto tiras de tantos trabalhos ? Que ? Ser rico. Ja te julgo Alexandre : mas que fazes do mundo ? Guardar o que tenho , e chorar pelos que não ha. Oh ignorante ridiculo ! De que te servem as propriedades , se lhe não recolhes as produçoens ? Que te importa poder comer o mundo , se por immundo nem comes ? Daqui se segue ter sono com mais vigia , vida com mais cuidados , morte com mais angustia , e inferno com mais tormentos.

549 Se a avareza tem occasião de abrir as mãos , he para comprar a maldade. Darse-ha o ouro para fundir animaes , se houver de provocar idolatrias. Como a posse he iniqua , o sordido uso ha de ser malvado. As arêas douradas apparecem nas correntes do Coci-

to; porque as infernaes riquezas só se dispendem pelos Deoses do Inferno. (5) Não ha rayo, que no ouro se não accenda, luxuria que nelle se não ceve, e arrogancia a quem não fomente. De muitos vicios fugirá o avarento por não gastar, mas esse pouco que der, ha de ser por elles. Ha alguns realmente mofinos, que para o appetite abrem vilmente as bolsas, mas abrem: porém nas occasioens de alguma virtude não levantarão as cabeças ao Ceo, porque não succeda cahirlhes as coroas.

550 Mostrada em geral a abominação da avareza he necessario vermos com ella abominaveis as pessoas. Comece o juizo pela casa da Deos. Quem tal dissera! Pois tambem nella ha homens avarentos? Provera a sua absoluta vontade, que não foraõ tantos. Infinitos thesouros se tem amassado com o sangue de Christo, porque este vicio nem a Deos respeita; e só obrando sem liberdade, parece, que alguns Ecclesiasticos deixariaõ de ser avarentos. Com elles se tem casado esta maldade, como já dissemos no Capitulo VI. da Prudencia. Para ser senhor de hum cavallo houve Ecclesiastico, que fez a sua alma escrava de Satanaz. (6) Ainda ha filhos de Heli malvados, que dos sacrificios de carne santissima tiraõ lucros. (7) Alguns faraõ, que os votos, como sejaõ de ouro, ou coufa, que o valha, se ponhaõ sobre os Altares, não para victimas de Deos, mas para rapinas dos endeofados (8) Não se acabou a avareza em Pychia Sacerdote Espartano; haja dinheiro de Athenas, que todos os Oraculos daraõ más repostas aos pobres opprimidos, ainda que  
sejaõ

(5) *Ditem vocarunt Platonem. Ambr. lib. de Nabot. cap. 6.* (6) *Bernardes* Ultimos fins do homem. pag. 288. (7) *1. Reg. cap. 2.* (8) *Mat.*

sejaõ naturaes. (9) Ninguem se espante, porque com vendas de palavras sagradas tambem se ajustaõ simonias. Os exemplos dos Antiochos Ptolomaidos Bispos de Fenicia, (10) e dos Severianos da Syria (11) ficaraõ de herança para a imitação a muitos irmãos no caracter, que em todos os seculos escandalizarãõ o mundo.

551 Nas pessoas dos Principes, a quem Deos elego para dispenheiros dos seus dons, he taõ vil, e abominavel este vicio, que com estupenda infamia naõ sò destroe a essencia da Magestade, mas nem deixa accidentes na soberania. Nasceo o Principe livre, e dominante: a avareza o torna servo, e escravo. Deita-lhe grilhoens o interesse, que sendo vil senhor, faz mais indigna a infamia da sua escravidãõ. Que cousa seria o Sol, se para ter luzes roubasse os mentidos reflexos dos baixos fenomenos? He hum quasi Deos quem dá como elle: o avarento nem a Deos conhece, para mayor desgraça da sua infamia. Assim se vio no avarento Proteo Rey do Egypto. Furtou naõ só a beneficencia aos homens, mas tambem os cultos a Deos, e comprou com os seus immensos thesouros o nome mais escandaloso, que viraõ os seculos. (12) O Emperador Mauricio, que na campanha trazia a caixa militar taõ fechada, como tinha os cofres na Corte, foy desamparado de todos os seus Soldados, e morto vilmente ás mãos de outro tal avarento, como era Focas, que lhe succedeo nos vicios, no Imperio, e no modo da morte. (13) Basta este vicio para fazer de hum Principe hum grande tyranno. Assim o chorou

Xx 2

Ro.

(9) Herodot. liv. 5. (10) Sexomenis liv. 8. cap. 10. (11) Idem liv. 13. cap. 36. (12) Diod. Sic. liv. 2. de Reb. antiq. cap. 2. (13) Volat. liv. 23. Anthropol.

Roma no tempo de Antonio Caracalla. Este abominavel escandalo meteo nos seus thesouros as riquezas, de quasi todo o mundo, que entãõ era sujeito ao seu Imperio. Advertido por Julia sua madrastra, que suspendesse tantas extorçoens; porque os vassallos ja não tinhaõ que dar, respondeo desfembainhando a espada: *Em quanto tiver esta, não me ha de faltar dinheiro.* (14) Grande Principe! Oh que fero monstro!

552 Com mentirosos titulos engana a cubiça aos Reys, fazendo-os perder o honroso nome da Magestade. Ella os transforma em verdadeiros Protheos, dando-lhes as peyores figuras. (15) Lança-se a maõ para pegar na piedosa, e real beneficencia, e achasse huma voraz, e sanguinolenta fera. Que esplendor haviaõ dar á purpura de Guilhelmo Ruffo Rey de Inglaterra os sacrilegos roubos dos sagrados vasos dos Templos, gastados em usos profanos? (16) Todas as leys, que daõ alma á Magestade, se corrompem com a avareza; e atropellada a equidade se introduz a mais barbara tyrannia. (17) Confundirse-haõ os respeitos divinos, e humanos com desprezo de Deos, sem receyo dos homens, sem lealdade com os amigos, sem attençaõ aos conselhos; opprimidos os povos, e toda a harmonia da Republica confundida. Bem o mostrou a experiencia no tempo daquella horrenda monstruosidade da natureza humana Venceslão III. Rey de Bohemia. Roubava este impio os povos com tributos enormissimos, os particulares com desapiadado furor, sendo taõ cruel verdugo do seu Reino, que concitou o odio dos vassallos, e de seu proprio  
filho

(14) *Dion. & Xiphilinus.* (15) *Homer. liv. 4. Od. & Virgil. liv. 4. Geor. & Ovid. liv. 1. Fast.* (16) *Polid. liv. 10.* (17) *Just. hist. liv. 3.*

filho Premislão, para se lhe levantar com elle. (18)

553 A felicidade da Republica consiste na sua abundancia. A riqueza dos Principes he pobreza nos vassallos, e reduzidos estes ao extremo da miseria, não pode haver aquella felicidade. Os Soberanos haõ de considerar os sujeitos como o Pastor ás ovelhas: se estas se mugeem, e tosquiaõ sem que se regalem, e apascentem, depressa se extinguirá o rebanho. As conveniencias dos Reinos dependem immediatamente da attenção dos Principes, e faltará esta no governo, se applicarem todos os seus cuidados em ajuntar ouro. Esta he a melhor arte para se empobrecerem. Assim o entendeo o Grande Cyro, que dava muito para ter mais. (19) Nas occasioens de aperto faltarlhes haõ os vassallos, não só com os voluntarios donativos, mas ainda aos licitos tributos, regateando assistirlhes com as pessoas. Em faltando a certeza de que as espadas haõ de ter fios de ouro, logo se embotaõ. Ninguem gosta de dar, e servir á tyrannia. Quando os Principes saõ Julianos, que ferrolhaõ os thesouros em arcas de ferro, deitaõ cadeados de bronze nas portas do coração. (20) Não adquiriaõ os Soberanos nas Historias os infames nomes de Cressõ, e Crasso, de Domiciano, e Nero, de Commodo, e Galba, de Caracalla, e Focas, e de Anastasio, e Caligula. (21) Este vicio na Magestade não se extingue com o tempo: renova-se nas tradiçoens, para a fazer abominavel em todos os seculos.

554 Este vicio, meus Politicos bem nascidos, he muito feyo para as vossas pessoas. Sois senhores do vosso cabedal; e deveis conservar com elle o esplendor

(18) *Dubravius liv. 16.* (19) *Zonaras tom. 1. Ann.* (20) *Baron. ann. 582. n. 2. p. 850.* (21) *Vid. Theatr. vita human. verb. Avaritia pag. 69ã.*

— dor da vossa honra. O sangue não se distingue pela cor: todo he vermelho. Os que não souberem a vossa genealogia, haõ de conhecervos pela bizarrria das açõens, e aceyo do tratamento. He verdade que isto tambem está hoje confundido. Como tanta pompa roda ( deixay-me explicar no nosso estylo familiar ) hum Joaõ Fernandes, como hum Julio Cesar. Esta igualdade, ou desigualdade he confusão de inferno. As jerarquias no Ceo todas tem ordem. Porém vós picados de emulação, que para com taes sujeitos he vil, não excedais as vossas forças; medi as possibilidades.

— A grandeza dos vossos animos ha de supprir a falta dos cabedaes. Qualquer penna nas vossas azas he de aguia; muitas aguias douradas sobre hum esterquilinio, se daõ azas aos voos das immundicias, não lhes communicã a natureza. Abominay vilezas, com que se adquirem moedas. Lucray com honra, para dispende com liberalidade.

555 Se vos elevarem aos empregos, sendo pobres como Themistocles, não o imitteis nelles, amontoando talentos com infamia da reputação. (22) Trabalhay pelo bem commum, sem lhe particularizares os bens. Vede se nas vossas occupaçoens tendes obrigação de administrar justiça, e não ponhaes a equidade em leilão. Provera a Deos, que muitos desta má qualidade fossem accusados pelas partes, e chamados nas causas como reos! Assim o fez o Author de huma demanda, que corria no juizo do Senador Estatenno, sabendo, que este aceitara do reo huma grande quantidade de dinheiro. (23) Esta materia fica melhor expendida no Tratado da Justiça.

556 Os

(22) *Alian. var. hist. liv. 10. & Plut: in co.* (23) *Cicer. liv. 2. in Verrem.*

556 Os que occupais os postos militares, se vos deixais vencer deste vicio, expondes ao ultimo risco, tudo o que he estimavel. Haveis perder com a opiniaõ, o amor dos Soldados, a fama com a vida, e não menos a honra, entregando as praças, e vendendo os exercitos. Muitos destes coraçoes vós teve o mundo. Periclo Capitaõ Atheniente corrupto com o dinheiro de Plistonax, Rey de Esparta, entregou todas as tropas ás espadas inimigas, como sacrificios da sua cubiça. Leotychides, que com gloriosa fortuna tinha conquistado quasi toda a Thessalia, apenas lhe sahio ao encontro hum esquadrão de moedas, retrocedeo o terreno, e perdeu o ganhado. (24) Hum Letrado, que não queria defender certa injustiça, offerecendo-lhe duzentas dobras, em que havia a figura de hum cavalleiro vestido de armas, aceitou a procuração, dizendo: *Se vossa mercê me investe com duzentos de Cavallo armados, quem lhe ha de resistir?* Nem só os Letrados fallaõ com as letras do dinheiro: tambem os Soldados pelejaõ com as suas armas. A traição contra a Patria he a mayor das infamias; e para ella he aptissimo o Soldado avarento.

## C A P I T U L O VIII.

*Da Prodigalidade, outro extremo desta virtude.*

557 **H**E a Prodigalidade o diametro da avariza. Huma tudo guarda, outra nada estima. Esta he semelhante ao rio Lidia, que arranca o ouro do montê Midas, para lançallo no mar: aquella

(24) *Paus. in Laconicis.*

la tem a condição das formigas dos montes Arimalpos, que escondem o ouro, não para servirse d'elle; mas para que não sirva aos outros. Vay muita distancia de ser prodigo, a ser liberal. Não he o mesmo repartir com prudencia, que desperdiçar sem juizo. Os homens não se haõ de enraivecer contra o seu cabedal. Elle he huma das circumstancias accessorias da felicidade; e fazendo ditosos aos outros, ficarão infelices os que o defestimaõ. (1) O que hoje se dá por ponto de honra, a manhã se ha de roubar com muita infamia. O prodigo em quanto o he, tem mais de vaidoso, que de máo; (2) porém acabada a prodigalidade na falta do com que ha de ter mais de máo, que de vaidoso. Esta he a razão, porque os sequazes deste vicio são reputados por iguaes á gente vil; (3) em se dissipando a fazenda, que he infallivel, não duvidaõ guardar animaes indignos de nomearse.

558 Não duvidamos que este vicio he menor, que a avareza. Os seus peccados todos são leves; porque o homem he senhor do seu dinheiro, e este o infimo dos bens do homem: porém não he razão, que os Principes, e Politicos gastem muito, no que podem fazer com menos. Muda a prodigalidade de natureza, quando se applica a fins inhonestos, e viciosos. Quem livrará de gravemente peccaminoso, o que se gasta, e consume com os bobos, farçantes, e outros ridiculos divertimentos, faltando ás rigorosas obrigaçoens da justiça, caridade, e beneficencia? Porém prescindindo na prodigalidade, do fim menos honesto, da razão do effeito, offensa dos proximos, e particulares obrigaçoens de dispend

(1) *Senec. Epist. 120.* (2) *Arist. Eth. 4.* (3) *ff. de donation. l. non debit.*



der nas causas pias, e tratando só da que se exercita por fastosa bizzarria; deve advertir o Politico, que se como Epiphanes expozer as suas riquezas, para que lhas leve o primeiro, que lhe chegar, não ha de conseguir da sua supposta grandeza mais nome, que o de ridiculo.

559 A muitas naçoens foy grandemente danoso o desprezo das riquezas. Hum dos pontos Politicos, que pudemos tratar aqui largamente, he o gravissimo prejuizo, que causa aos Reinos a extracção da moeda. Os estrangeiros com as suas drógas, que só servem á vaidade do luxo, escalaõ os povos. Elles bolsaõ, e embolsaõ riquezas, vivendo muitos natu-  
raes em summa miseria. Paizes ha (este aonde isto es-  
crevemos) donde os senhores das propriedades são colónos dos estrangeiros. As suas fazendas compraõ se como elles querem; e as nossas as pagaõ como lhes parece. Se esta liberdade fosse permittida nos generos precisos, desculpada ficava com a necessidade: porém os que servem ao fasto, se totalmente se lhes não negasse a entrada, deviaõ ser carregados de muitos, e pezados tributos, e direitos. Ponhamos os olhos só no nosso Portugal, e vejamos o numero innumeravel de moedas, que em cada anno nos levaõ os galoens, panos, e baetas de Inglaterra, e os traizes de França. Quasi tudo pudera remediar o paiz com utilidade dos povos. Por esta causa se arruinou a Thessalia, e consumidos os thesouros na vaidade do luxo, facilitaraõ aos Persas a sua conquista. (4) Pela mesma razaõ foy menos trabalhoso ao Romanos subjugarẽm a Asia. (5) O ouro he o sangue dos Reinos: se lho esgotarem espiraõ.

Tom. I.

Yy

560 Def-

(4) *Athên. liv. 12. cap. 10. & liv. 14. cap. 32.* (5) *Val. Max. liv. 2. cap. de Instit. antiq.*

560 Desafiã as superfluidades ás ruínas. Maqui-  
nas da vaidade sempre foraõ quedas das Monarquias,  
e abyfimo das casaf. Banquetes continuos, jogos incef-  
fantes, galas fem medida, edificios nas estrellas, e  
dadivas magnificas, fem se porporcionarem com as  
forças do cabedal, faõ torres de Babilonia, levanta-  
das para confundir. Vendo Plataõ aos Agrigentinos  
gastar muito, fem medir o modo, disse: *Estes edifi-  
caõ para viver sempre, e comem para morrer á ma-  
nhã.* (6) Tudo succedeo a Marco Apicio: deu, e  
gastou em hum dia, o que pudera servir lhe para  
muitos annos: e naõ tendo que dispender no se-  
guinte, houve por bem matar-se com veneno. (7)

561 As obras magnificas, ennobrecem muito os  
Reinos: porẽm naõ se haõ de esquecer, como Istra-  
cio Angelo, os empenhos da honra, para gastar os  
thesouros em paredes. (8) Quando ás praças saõ mon-  
tes de ruínas, he loucura levantar coloffos. Escalar  
montanhas com perda de Cidades, para metter no  
mar hum braço de rio, fem nenhuma utilidade dos  
póvos, he ignorante prodigalidade dos vaidosos Xer-  
xes. (9) Affogou o rio Gynde hum cavallo de destra  
a ElRey Cyro. Tanto se enfureceo contra elle este  
Monarca, que protestou de lhe naõ affogar outro. No  
seguinte Estio, em que o pobre rio tinha taõ pouca  
lingua, que apenas murmurava, marchou ElRey con-  
tra elle com hum poderoso exercito, e com immen-  
sa despeza de ouro, e trabalho o mandou dividir em  
muitos braços. (10) Pudera controverterse neste caso,  
se fora mayor em Cyro a ignorancia, a raiva, ou a  
prodigalidade. O certo he, que a ignorancia fomen-

I. mo tou

(6) *Ælian. liv. 12. var. hist.* (7) *Senec. de consol. ad Albin. cap. 10.*  
(8) *Nicetas.* (9) *Sabell. liv. 2. Enn. 3.* (10) *Herod. liv. 1.*

tou a ira, esta a vingança, e a loucura do desagravo rompeo as mãos com a prodigalidade.

562 Bem empregados thesouros na magnificencia dos Templos! He necessario ver se nelles se empregão bem. Não quer Deos, que a vaidade exceda o possivel; gosta de medianias racionaes, applicadas com recta intençaõ. Escalar os povos para edificar Templos, he offerecer ao Ceo sacrificios de sangue, que não permite a Igreja. Que importa, que a grandeza Egypciaca ponha aos olhos tantas demonstraçoens de piedade nas exterioridades dos Templos, se a guarniçaõ interior he tecida de torpezas? (11) Mandou o Emperador Constantino Monomacho edificar hum magnifico Templo, delineado com taõ soberba, e despropositada grandeza, que abertos os pavimentos, ficaraõ despejados os thesouros. Pagaraõ as miseraveis Provincias o restante da obra, assollando as com tributos. (12) As casas para o culto de Deos, não se levantaõ com as ruinas dos povos. Quando os Reys de Israel lhe quizerãõ edificar o seu grande Templo, ajuntaraõ de pays para filhos; porque despezas taõ immensas não opprimissem os Reinos.

563 Os Obeliscos, Pyramides, Colossos, Palacios, e Monumentos, saõ grandezas dos Reinos, e maravilhas do mundo: porém os meynos, e fins, com que, e porque se fabricaõ lhes mudaõ as circumstancias. Levantar maquinas sem utilidade do commum, e com detrimento dos Reinos, he mais, que magnificencia estupenda, irracional prodigalidade. Semiramis mandou arrancar dos montes da Armenia aquella desmarcada pedra, que conduzida a Babilonia

Yy 2

com

(11) *Callius liv. 16. cap. 5.* (12) *Zonaras tom. 3.*

com summo trabalho, e despeza, teve no mundo tanto de aflombro, como de nenhuma conveniencia. (13) Os Obeliscos de Sefostris, Rey do Egypto, ainda que soberbamente magnificos, eraõ de muita utilidade. Nelles se viaõ as demarcaçoens do Imperio, a multidaõ das suas rendas, e todos os povos, e Provincias que subjugara. (14) A mesma naçaõ excedia a prodigalidade nos sepulchros dos seus Reys. Só no monumento de Simandio se gastaraõ tres mil e duzentos milhoens de milhoens, como refere Diodoro. (15) Na grandeza dos Palacios excederaõ os Romanos a todos os Principes, e Grandes do mundo. A casa de Mario era mais soberba, que os Palacios de muitos Reys do seu tempo. (16) A de Lepido avantajou-se na magnificencia a todas as de Roma. (17) Infinitos thesouros se consumiraõ em quasi todos os seculos com estes padroens da vaidade: porém como nós não pretendemos atar as mãos á grandeza, concluímos com a infallivel sentença, de que não pòde haver virtude, quando se falta, ou excede á honestidade.

## INDICE

(13) Diodor. liv. 2. cap. 4. (14) Idem liv. 1. cap. 4. (15) Liv. 1. cap. 4. (16) Joan. Gerund. liv. 8. Paralip. Hispan. (17) Plin. liv. 36. cap. 15.

# INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS,  
que contém este livro.

*Os numeros mostraõ os paragrafos.*

## A

**A** *Cõens.* As heroicas são necessarias ao Principe no principio do governo. num.

173. Com ellas se conserva a Magestade. 263, e seg.

*Affectos.* Deve o Principe moderallos, 85, e 86.

*Alegria.* Que cousa seja, e como se distingue da felicidade, 47.

*Amizade.* Perverte a intençaõ, 79. Que cousa seja, ibi. Primeiro que ella está a justiça, 106.

*Amor.* Ganhe o Principe o dos vassallos, para adquirir, e conservar, 174. Effeitos do sensual, 456.

*Astucia, e Astuto.* Mostra apparencias de prudente, 136. Se não fora vicio, pudera ser honrado, e porque, 321. Anda com o tempo, 322.

Todo he experiencia, 323. O seu fim he a utilidade, sem olhar á iniquidade dos meyo, 324. Sabeo-os applicar, porém dá-se a conhecer, 325.

*Avareza, e Avarento.* Não se entende, 542. Obra sem fim, 543. Não se desengana, 544. Não he meyo, nem fim, 545. Empobrece o mundo, 546. Tira o ferro ao ouro, 547. Vive com trabalhos, 548. Se alguma vez gasta he na maldade, 549. Deshonra, e destroe a Magestade, 551. Tira o nome aos Principes, 552. Destroe a felicidade da Republica, 553. He feyo vicio nos Politicos, 554, e 555. Enos militares, 556.

## B

**B** *Anquetos.* São arriscados, 421. Suas consequencias, ibi. Quem os inventou, 422. Como ha de assilir nelles o Politico, 427, ate 433. Como chamavaõ os Romanos aos que se introduziaõ nelles sem ser convidados, 474.

*Bens.* Os do animo fazem o homem feliz, 43, e 45. Os temporaes acompanhaõ a virtude, 48, e 50.

*Bispos, e Bispados.* Muitos houve esmoleres, 519. Quaes se devaõ eleger, 527. Haõ de ser homens feitos, 524, e 529. A grande circumspecção, que haõ de ter os Principes na sua eleição, 525. Haõ de medir as pessoas, 526. Retratou-os S. Paulo, e como, 527, e 528. Naõ haõ de ser occupados em negocios seculares, 530. Como se ha de haver o Principe com os pretendentes antes, e depois de eleitos, 531, e 532. Qualquer dissolução he nelles escandalosa, e por isso se lhes prohibe a demasiada applicação ás letras humanas, 537. Nos outros Beneficios he menos grave a obrigação, 534, e seg. São escandalosos os avarentos, 550.

*Bondade* A intellectual em que consiste, 62. Naõ a ha sem oppositos, 38. A das Leys consiste na observancia, 248. Vide *Leys*.

## C

**C** *Argos.* Porque razoens os ha de pretender o Politico, 115. Repartaõ-se por muitos, e naõ se entreguem a hum, 192, e seg.

*Castigos.* Como se devem regular, 107. Haõ de ser raros, 131. Vide *Clemencia*.

*Circumspecção.* He necessaria ao Principe, 266. Mede os empenhos, 267. Sabe fingir para acertar, ibi. He muy necessaria nas palavras, 271.

*Clemencia.* He muy poderosa, 162, e seg. Inseparavel da justiça, 123. E o diamante mais precioso das Coroas, 124. Eternizou os Cezares, 125. Naõ a esconda o respeito, 126. He hum dos olhos do Principe, 127. Com carinho, e rigor, 128.

*Conselhos.* Haõ de ser prudentes, 162, e seg. Devem cuidar-se de vagar, 165. Naõ sabem o que se aconselhaõ os que daõ conselhos a si mesmos, 166. Neiles se naõ busquem sequazes, 167. Como os ha de pedir o Principe,

168. Será tyranno, se obrar sem elles, 169. Imite a Deos em consultar, 170. São necessários para adquirir, e conservar, 171.

*Conselheiros.* Se são melhores elles bons, e o Principe máo, ou pelo contrario, 175. São os olhos do Principe, 176. Não se governe sem elles, 177. Não de escolherse os melhores, 178. Os máos perdem os Reinos, 179. O applauso, ou reprovação commua, he a sua pedra de tocar, 180. Fazem-se pela expedição dos negocios menores, 181. Não de fer velhos, sabios, experimentados, e virtuosos, 182, e seg. Em que casos não devem preferir aos moços, ibi. Não se fie o Principe dos jaftanciosos, 188. Nem dos interessadòs, 189, e 190. Os melhores, são os que elege o Principe, 191. Não sejaõ Estrangeiros, 196. Necessitaõ de muitas circumstancias, 197. Não de ter segredo, 198. Abominem a soberba, 199. e seg. Não haõ de fer ingratos, 204. Não servem os Fidalgos grandes sem juizo, 205. Nem de consciencia estragada, 206. Não de fallar verdade, 208, e seg. Não haõ de ter affectos, ira, vingança, e vaidade, 211, e seg.

*Costumes.* Os bons são o thesou-

ro do sabio, 45. Os do Principe cõservaõ a Magestade, 273. *Covardia, e Covardes.* As acções covardes são indignas de Principes, 355. He vicio abominavel nos homẽs honrados, 373. Desejaõ honras vãs, 374. Vivem com ignominioso milagre, 376. Ainda que algum accaõ lhẽs dê creditos, depressã os perdem, 377, e 378. Em nenhum caso o deve fer o Principe, 379, e seg. Dá valor aos inimigos, ibi. Facilmente cahem na desesperação, 384.

*Cuidados.* Não de fer continuos em quem governa, 450. Porque guarda as dôulas de todos, 451.

## D

*Dãdivas.* Arrastaõ a justiça, 120, e por todo o Cap. Vide *Justiça, e Liberalidade.*

*Deseites.* Os immundos estragaõ a saude, 394. Fazem guerra ao corpo humano, 396. São muito valentes, 400.

*Direito.* Em quantos se divide a Justiça, 97. Vide *Justiça.*

## E

*Economia.* Vide os seus Documentos, que vão, do n. 275, até 306; *Eccle-*

*Ecclesiasticos.* Se he util admittilos nos negocios civis, 219, e seg. Muitos Principes obrãrão bem com os seus conselhos, 218. Ha quem os reprove, 220. Desvanece-os a vaidade, 221. Saõ avarentos, ibi. E ambiciosos, 222. Naõ tem pratica dos negocios civis, 223. Dem a Deos o que he de Deos, 224. Saõ semeadores de zizãnia, 225. Causão inveja à nobreza, e ao povo, 226. Esquecem-se da humanidade, 227. Com que circunstancias sejaõ dignos, 229. Houve muitos exemplares, 230, e seg. Naõ lhes imponha o Principe tributos, 242. Vide *Bispos*.

*Eloquencia.* He necessãria ao Principe, 268. Põde muiro, 269. Saõ celebrados os eloquentes, 270.

*Entendimento.* He mais valente, que a espada, 161. Vide *Prudencia*.

*Epiqueya.* He interprete das leys, 96.

*Estupido.* He estatua de neve, 467. Com o mesmo desejo se enfastia, 468. He marmore na frieza, 469.

*Exemplo.* Põde mais que a ley, 110. Os Principes o saõ dos seus Reinos, 273, e 274.

*Exercicios.* Os inuteis saõ indignos da Magestade, 357. Aproveitalhe a applicaçãõ das

artes, e para que fim, 358. Em que empregos se deve occupar, 359.

*Extremos.* Quaes saõ os das virtudes, 74. Diferença que tem entre si, 88.

**F**

*Fama.* Quanto se deve estimar, 13. He premio das proprias obras, 14. Meyos de a adquirir, 15. Vide *Virtude*.

*Feliz.* Só he o sabio, 43, e seg. E o que vive com pouco, 391. Vide *Virtude*.

*Felicidade.* A temporal, que cousa seja, 47. Sua definiçãõ, 48. Naõ a ha sem virtude, 46. He propria do homem, 49. Os bens exteriores a ajudaõ, 50. O gosto, honra, e segurança a acompanhaõ, 51, 52, e 53. Une-se com a penna, e como, 54. Naõ acaba com a morte, 55. Naõ he igual em todos os homens, ibi. Qual seja a Evangelica, 57.

*Fortaleza e Forças.* Estas se haõ de acompanhar dos conselhos prudentes, 171. He dos Heroes, 326, e 327. Mostra-se timida, e alentada, 328. Se he mais estimavel que as letras, 329. Seus geroglificos, 330. Naõ acomete com ventagem, 331. Obra nas occasioens, 332, e seg. Vide *Occasião*.



*casiaõ.* Não soffre as injurias da Patria, 335. He igual o seu animo em ambas Fortunas, 339, e seg. Foge da ociosidade, 348, e 349. Levanta altos os pensamentos, 350. Como õbre o varaõ forte, ibi, e seg. Move o animo para as acçoens grandes, 354. O seu mayor triunfo he vencerse a si, 360.

*Fortuna.* He grande a de nascer de pays illustres, 7. Sem razãõ nos queixamos della, 12. Os fortes não lhe temem a carranca, 339, e seg.

**G***overno.* Não se acerta nelle sem Prudencia, 154. Vide Obras.

*Gula, e guloso.* Desde o nascimento começa a destruir o homem, 406. Contra ella peleja a Temperança, 407. Todo o mundo a não farta, 408. Perde a honra, 409. Não cria Heroes, 410. Transforma o homem em bruto, 412. Quanto deve a Deos, e quaõ mal lho agradece, 413. Nem a si perdoa, 414. A muitos perdeo, 415. Remunera os se viços com desgracas, 416. Fuja della, 417. As variedades, que deseja, 418. Porque os brutos a não tem,

vivem mais saõs, 419, e 420.

**H**

**H***erões.* Não desprezaõ os contrários, e porque, 352. Não desmayãõ nas feridas, 353. A grandeza os não embaraça, nem o abatimento os confunde, 341, e seg.

*Hypocrisfa.* Fins porque dissimula, 76. Deve castigar-se com summo rigor, 108.

*Honra.* He o premio da virtude, 66, e seg. Quaes saõ os seus amantes, ibi. Só os merecimentos a ganhaõ, ibi. Não acaba coma vida, ibi.

**I**

**I***gnorantes.* Semelhantes á Lua, e porque, 77. Para que se metem a justiceiros, se não sabem, 114.

*Immortalidade.* Quanto a desejou o homem, 22, e seg. A facilidade com que a consegue, ibi.

*Imperio.* He mais nobre o das almas, que o dos corpos, 125.

*Imprudencia, e Imprudente.* Perce ás suas mãos, 313, e 314. Deseja bons fins com máos meyo, 315. Não sabe dar cores á malicia, 316. Não conhece as coulas como saõ,

317. Olhe para o fim dos outros imprudentes, 319, e 320.

*Industrias.* São muy poderosas, 160. Vide *Prudencia.*

*Injurias.* Vide *Vingança, e Clemencia.*

*Injustiça.* He omnipotête quem a não obra, 111. Feyo retrato do Politico injusto, 139, e todo o Capitulo.

*Inveja.* O seu fim he derrubar os outros, 84. A que causa o poder dos Ecclesiasticos, 226.

*Ira.* A dos Principes tem más consequencias, 135. Vide *Vingança.* Não a haõ de ter os Conselheiros. Vide *Conselheiros.* Remedios contra ella, 138.

*Justiça.* Que cousa seja, 94. A legal, e geral, 95. A particular, 96. Distributiva, e Comutativa, 97. He propria dos Principes, 98. Respeita se se he igual, 99. Sem ella he o diadema ignominia, 100. Nem sempre se ha de fiar dos Ministros, 101. Em outras occasioens o deve fazer, e como, 102. Ha de ser igual com todos, ibi, e seg. Não esquece a memoria dos antigos Heróes, 105. Manda nos Reys, 109, e 110. Não tem mais razoens que a razaõ, 112. As outras occupaçoens não devem embarcaõlla, 113. Acautele-se de Privados, e amigos, 116, e 117. He mais

formosa quádo se antepoem á amizade, 129. As dadas á corrompem, 120, e seg.

*Justo.* Parallelo entre elle, e o Injusto, 139, e todo o Cap.

**L**

*Agúmas.* Em nenhum caso devem apparecer nos olhos do Principe, 272. Com chore o Soberano, ibi.

*Lays.* Não as havia nos primeiros seculos, 100. Quando se observãõ, deixa o Principe obrar os Ministros, 107. Ha de respeitallas o Rey, 110. Todas se desprezaõ pela conveniencia, 142. São freyo dos appetites, 245. Quem foy o primeiro Legislador, ibi. Celebres, que houve no mundo, 246. Davaõ a entender, que as recebiaõ dos deoses, para se respeitarem, 247. A sua bondade consúte na observancia, 248. As fundamentaes dos Reinos devem eternizarse com elles, 249. Contentem mudança, ibi. Não se publiquem sem conferirse, 250. Julgadas por boas, chriegue origor a observallas, 251. São o esteyo da Republica, 252. Sãõ á luz, porque se escureceo a razaõ, 253. São nervos das Monarquias, 254, e 255. Não se haõ de multiplicar,

plicar, 256. Poucas, e bem observadas, 257. As demaziadas armaõ pleitos, 258.

*Leitados.* Pestes das Republicas, 260. Portugal foy bem governado em quanto os não teve, e muitas naçoens os não consentiraõ, ibi.

*Liberalidade.* He propria em Deos, 470. Equivoca-se com a liberdade, ibi. Sua definição, 471. Conserva o trato do mundo, ibi. Dá sem esperar paga, 472. O aceitar, não se lhe oppoem, 473. Como a pintaraõ os antigos, 474. Seus geroglificos, 475. He propria de Principes, 476. Ella os faz felices, 477. As suas historias se lem com gosto, 478. Com ella se approva a Magestade, 479. Quanto mais dá mais recebe, 480. Dê depressa, 481. Porque dá mais, 482. As Historias só deveraõ louyar aos liberaes, 483. Disfarça a tyrannia, 484. Os vassallos conhecem os Reys por liberaes, 485. Sempre tem objectos, 486. Dê a tempo para dar mais, 487. He omnipotente, 488. Provoca adorações, 489. Mede as pessoas, 490. As boas palavras tambem são liberalidades, 491. He amavel em todo o genero de pessoas, 492. Aproveitalhe o que dá no tempo da misera

ria, 493. Não se nega aos honrados, 494. Não espera, que lhe peçaõ, 496. Mede os tempos, circunstancias, e sujeitos, 497, e seg. Gãnhem os Principes com ellas as penhas dos Escritores, 500. Estorcem-a na correspondencia de serviços particulares, 501. Quaes pôdem ser os seus objectos, 502, e seg.

*Liberalidade com os pobres.* 503, e todo o Cap. Como foy sobre o liberal, 536, e todo o Cap.

*Liberal.* Vide *Liberalidade.*

*Lisonja.* He indigna nas linguas honradas, 78.

*Luxuria.* Fomenta-se com o vinho, 439. Consome tudo, 452. Os monstros mais luxuriosos foraõ adorados por deoses, 453. Muitos pereceraõ ás suas mãos, 454. Quantos Heroes se lhe sujeitaraõ indignamente, 455. Ruinas que causa, 457. He desejo inquieto, 458. Tira o juizo, 459. Faz gala do peccado, 460. Não respeita pessoas, tempos, e lugares, 461. Arrasta os Principes, 462, e 463. Sempre Deos a castigou com rigor, 464. Merece as mayores peñas, como lhas davaõ os antigos, 465.

## M

**M** *Agestade.* Os Validos lhe diminuem o poder, 117, e. 118. Deve o Principe conservalla, para que lhe observem as leys, 261. Como se conserva, 263, e seg. Nem sempre ha nella que temer, 262. A sua presenca ha de ser veneravel, 264. E acompanhada da virtude, 265. E da circumspeccão, 266, e seg. Vide *Circumspeccão.* E da gravidade das palavras, 268, e seg.

**Mercês.** Devem os Principes ter nelas moderaçãõ, 83. como se repartem, 104. Vide *Justiça.*

**Ministros.** Haõ de obrar conformes à intençãõ do Principe, 102. Recebaõ delle as mercês, e naõ dos particulares, 122. Proporçione-os o Principe com os lugares, 127. Vide *Conselhos, e Conselheiros.*

**Molestias.** Destroem todo o bem do homem, 395. Saõ infóportaveis companheiras, 397. Vide *Gula, e Deleites.*

## N

**N** *Atureza.* A humana com pouco se acomoda, 411. Vide *Temperança.*

**Nero.** Mandou matar a sua mãy, 134. Vide *Vingança.*

**Nobreza.** He verdadeira, a que se ganha com a virtude. Vide todo o *Proemio à Nobreza.* Exaspera-se com os tributos, 241.

**Nome.** O bom naõ o dá a Fortuna, 26, e seg.

## O

**O** *Bras.* Distinguem os homens, 18. Saõ taes como a intençãõ, com que se fazem, 76. Daõ a conhecer os interiores, 89. Naõ as ha boas sem Prudencia, 154.

**Occasiãõ.** Nasce com a Prudencia, 172. Com ella obra a Fortaleza, 332. Faz valentes os covardes, 333. Nos seus braços tem o valor as forças, 334. Os Gentios a reconhecerãõ por divina, 336. Naõ se cobra depois de perdida, 337. Naõ se ha de deixar a certeza da menor pela contingencia da mayor, 338.

**Octosidade.** Fogem della os fortes,

tes,

tes, 348, e 349. A sua vida não tem vida, 401. Corrompeo a muitos, 402, e 403. Gera-se do sono, 448.

*Olhos.* Os Conselheiros são os do Principe, 176. A justiça, e clemencia os deu a natureza aos Reys. Vide *Clemencia*. Por elles se arruina a alma, 461. Fujaõ-se as vistas, para se evitarem as lagrimas, 462.

*Oraculos.* Haõ de ser as vozes dos Principes, 368.

*Ouro.* He omnipotente, 121. Vide *Dadivas*, e *Liberalidade*.

## P

*Peões.* Elegerão o Clemente por seu Rey, 129.

*Pleitos.* As muitas leys os movem, 258. He miseravel a vida dos pleiteantes, 259.

*Politica.* He a regra que ajusta as accoens humanas, 1. Nella consiste a felicidade dos Reinos, 19. Immortaliza os homens, 22, e 27. Em todo o Tomo se trata nas materias, a que toca.

*Politico.* Horrivel pintura do injusto, 144, e 145. Não teme a infamia por adquirir o cabedal, 146, e seg. Não tem mais ley que a vontade, 149. Não observa os uireitos, ibi.

O justo pelo contrario. Vide os mesmos u. n.

*Portuguezes.* Foraõ famosos em quanto obraraõ com boa intençaõ, 80. Nenhuma naçaõ os iguala em valor, 727.

*Principes.* Não podem ser vingativos, 135, e seg. O justo he amado, e execravel o injusto, 141. Perguntem o que não sabem, 163. Não sigam os seus dictames, quando se oppoem aos dos sabios, 164. Não gostaaõ de ouvir verdades nuas, 210. Delles he mais proprio dar, que pedir, 233. Quando opprimidos podem mostrar que são leoens, 345. Vide *Reys*.

*Prodigalidade*, e *Prodigio.* Despreza os bens, 557. He menor que a avareza, e porque, 558. Damnos que caula a extracçaõ da moeda, 559. He origem de muitas ruinas, 560. Como ennobrecem os Reinos as obras magnificas, e são de gloria para Deos os Templos sagrados, 561, e 562. De que sorte sejaõ uteis os obeliscos, collossos, &c 563.

*Prudencia.* He hum dos meyo da virtude, 87. Que cousa seja, 151, e seg. Nem toda he, o que parece, 155. Prudencia Politica, que cousa seja, 157. He a gala dos Principes, 158. Pode mais

mais que o valor, 159. He invencivel unida com as forças, 161. He necessaria nos nos Conselhos. Vide *Conselhos*, e *Conselheiros*. E precisa na imposição dos tributos, 240. Vide *Tributos*. Prudencia Economica, 275. Vide *Economia*. Prudencia Monastica, 307, e todo o Cap. *Prudente*. Como obre, 307, e seg. Vide *Prudencia*.

## Q

**Q** *Ueinas*. As do pobre merecem a attenção do Principe, 99. As da saúde quem as causa. Vide *Gula*, e *Deleit*.

## R

**R** *Azã*. He o meyo da virtude, 82. Se não se escureceira; escuzavaõ-se as leys, 353. Nenhum poder a contrasta, 309. O homem de razaõ no exterior se conhece, 312. Não ha vida quando ella não obra, 447.

*Recebedores*. Os dos tributos são verdugos dos povos, 244. Tenha o Principe muito cuidado nelles, ibi.

*Rei d.õ*. Regula as açõens humanas, 75. Sua definição, ibi. Tucs são as obras, qual he a

rectidão, 76. conserva o homem immovel em hum estado, 77. Não se muda com a variedade dos casos, 78. Perde-se com as más amizades, 79. Por nenhum respeito se ha de torcer, 80.

*Reys*. Castigaõ como pays, 123. Antes summamente piedosos, que justiceiros, 129. São pays de tantos filhos, quantos os vassallos, ibi. Sacramentem a soberania, para se lhe verem as especies da humanidade, 130. Vigiem sobre os Ministros, 132. Não vivem seguros os avarentos, 235. Vide *Avareza*. Vide *Principes*.

*Riqueza*. Os vassallos ricos são thesouros dos Principes, 234. Na da India, e Chrina se imponhaõ os tributos, 243. Vide *Liberalidade*, e *Prodigalidade*.

## S

**S** *Abios*. Ornato dos Reinos, 21. No modo de obrar se daõ a conhecer, 90. He feliz, mas em quanto vive, pode vir a ser miseravel, 40. Não se desvanecaõ, ibi.

*Sacerdotes*. Honras dos antigos, 216. Se são uteis nos governos civis. Vide *Ecclesiasticos*, e *Bispos*.

**Saude.** He igual ao gosto da vida, 398. Os Principes devem ter nella muito cuidado, 399.

**Sol.** Mais amigo do commum, que de si mesmo, 125. Não dorme, porque he Rey, 450. Dá como liberal. Vide *Liberalidade*.

**Sono.** He descanço da natureza, 442. Muito necessario aos estudiosos, 443. Como fingirão os Poetas o seu Deos, 444. He perda da vida, 445. Não se devem perverter as suas horas, 446. Os que governaõ haõ de dormir pouco, 449.

## T

**Temeridade, e Temerario.**

Engana aos atrevidos, 362. Castigo, que lhe davaõ os Romanos, 363. Obra com o mesmo impeto do forte, 364. Temeridades do valor dos nossos Portuguezes, 365. Prejudicaõ o publico, e compraõ a sua infamia, 366. He perigosa nos Principes, e Generaes, 367, e seg.

**Temor.** Gãne-se o dos inimigos, 174. Em nenhum caso o mostre o Principe, 379, e seg.

**Temperanca.** Que cousa seja, 386. Dirige as mais virtudes, 387. Guerreia contra os appetites, 388, e 389. Com ella vive o homem seguro, 390.

Em que objectos se exercita, 392. A necessidade que ha della, 393. Peleja contra a gula, 707. Vide *Sono, Luxuria, Vinho, Gula, e Banquetes*.

**Tyrannia, e Tyrannos.** Foraõ sempre victimas do povo, 126. A de Hespanha fez rebelar Portugal, 125. Vide *Justica, Injustica, e Tributos*.

**Trabalho.** Com elle se compra a gloria, 27, e 28. Para elle nasce o homem, 404. Porque os animos se não affinem, trabalhem os corpos, 405.

**Tributos.** Porque se chamaõ assim, 232. Os demasiados he tyrannia, 233. Não vive seguro o Principe, que os impoem, 235. Destroem o Reino, de que o Principe he administrador, e não rendeiro, 236. As moedas dos tributos pescaõ-se de huma, e huma, 327. E com suavidade, ibi. Saõ causa dos levantamentos, 328. Ha de pagar-se o centõ em fórma, que fique o lucro do trabalho, 239. Na sua imposiçaõ se necessita de muita Prudencia, 240. Não se devem impor na Nobreza, e Ecclesiasticos, 241, e 242. Nem nas cousas precisas para a vida, 243. Carreguem-se as superfluidades, ibi.

## V

- V** Alor. Causa da gloria, 16.  
*Vaidade.* Perde os Validos, 41. Por ella gasta o prodigo. Vide *Prodigo*.  
*Validos.* Impedem a rectidão da Justiça, 116, e 117. O seu mandado he perigoso, 193. A tua authoridade injusta do publico, 194. São necessarios ao Principe, e de que modo, 195.  
*Vassallos.* Os ricos são thesouro do Principe, 234. Os pobres desobedientes, 238.  
*Vicio.* He anteposto á virtude, 44. E inimigo de si mesmo, 91.  
*Vingança.* Não se une com a justiça, 132. Seus effeitos, ibi, e seg. He indigna de animos generosos, 136. Desdiz da essencia dos Principes, 137.  
*Vinho.* Usado com demasia he infamia do Politico, 435. He segundo braço da guia, 436. sempre falla verdade, e diz o que sabe, ibi. A gentildade o adorou na pessoa de Baccho, 437. Faz o homem ridiculo, 438. Fomenta a luxuria, 439. Infama a reputação, 440.  
*Virtude.* Porque a amavaõ os Filolofos, e como a deve amar

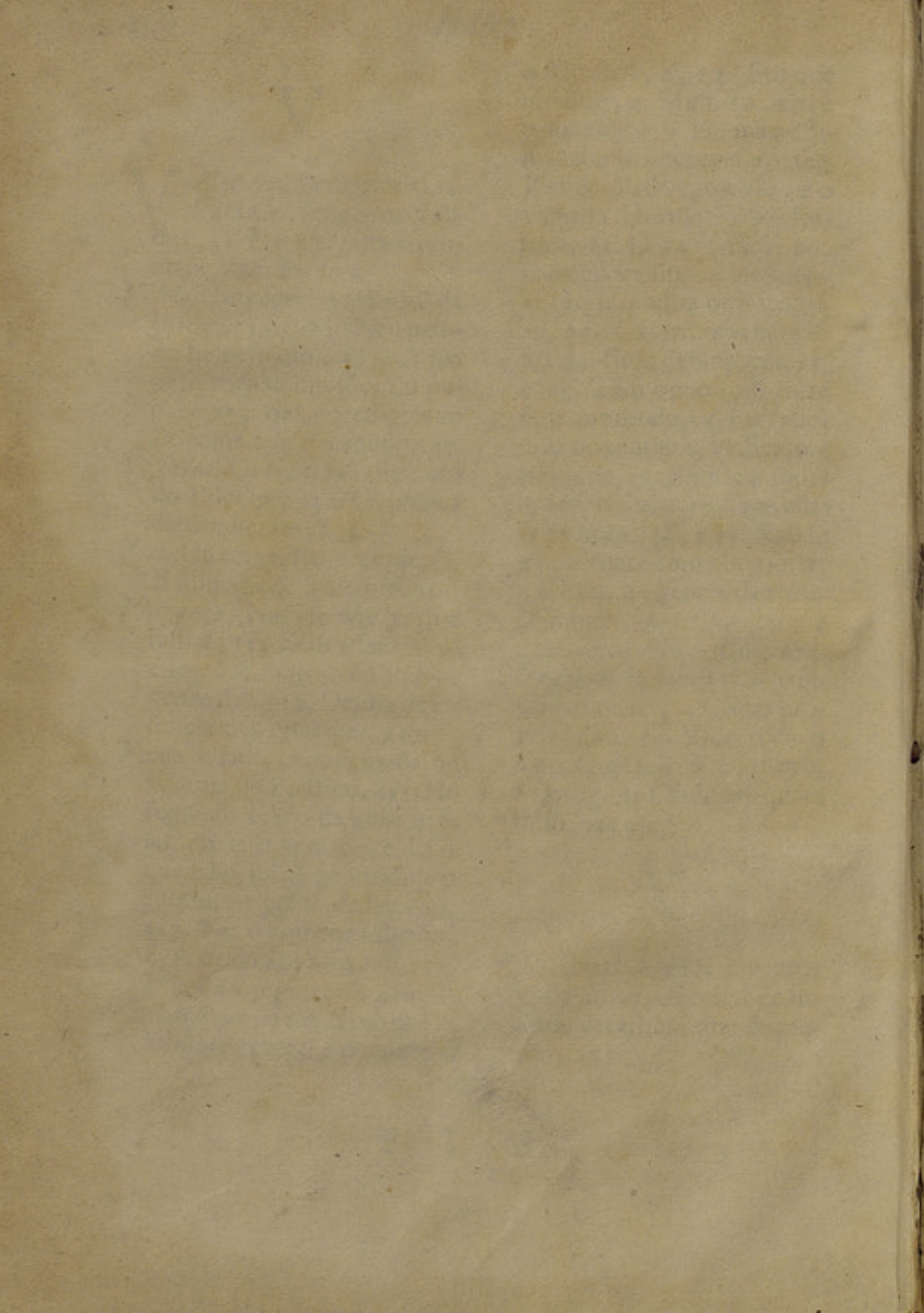
o Christão, 2, e 3. Em que consiste, 4. Muitos a deixaõ pelos vicios, 6. He mais estimavel que a nobreza, 7, e seg. Desigualdade entre ella, e o vicio, 11. He mãy da boa fortuna, 12. Deve seguirse, por não desacreditar os mayores, 17. Immortaliza os homens, 22, 23. Os virtuosos são Fenix, 24. Suas definições, 29, e seg. Tem opposição entre si, de que modo, 34. Foy adorada dos antigos, 35. Sempre he gloria, 36. Resiste a todas as adversidades, 37. Com ellas se purifica, 38, e 39. Não se enloberbece com a boa sorte, 40. Fim, e essencia da virtude moral, 43. Quantas, e quaes sejaõ estas virtudes, 74. Todos os homens tem habitos para ellas, 46. Suas propriedades, 59. Vide todo o Cap. Qual seja o seu meyo, 81, e seg. As Cardinaes quaes sejaõ, 92, e seg.

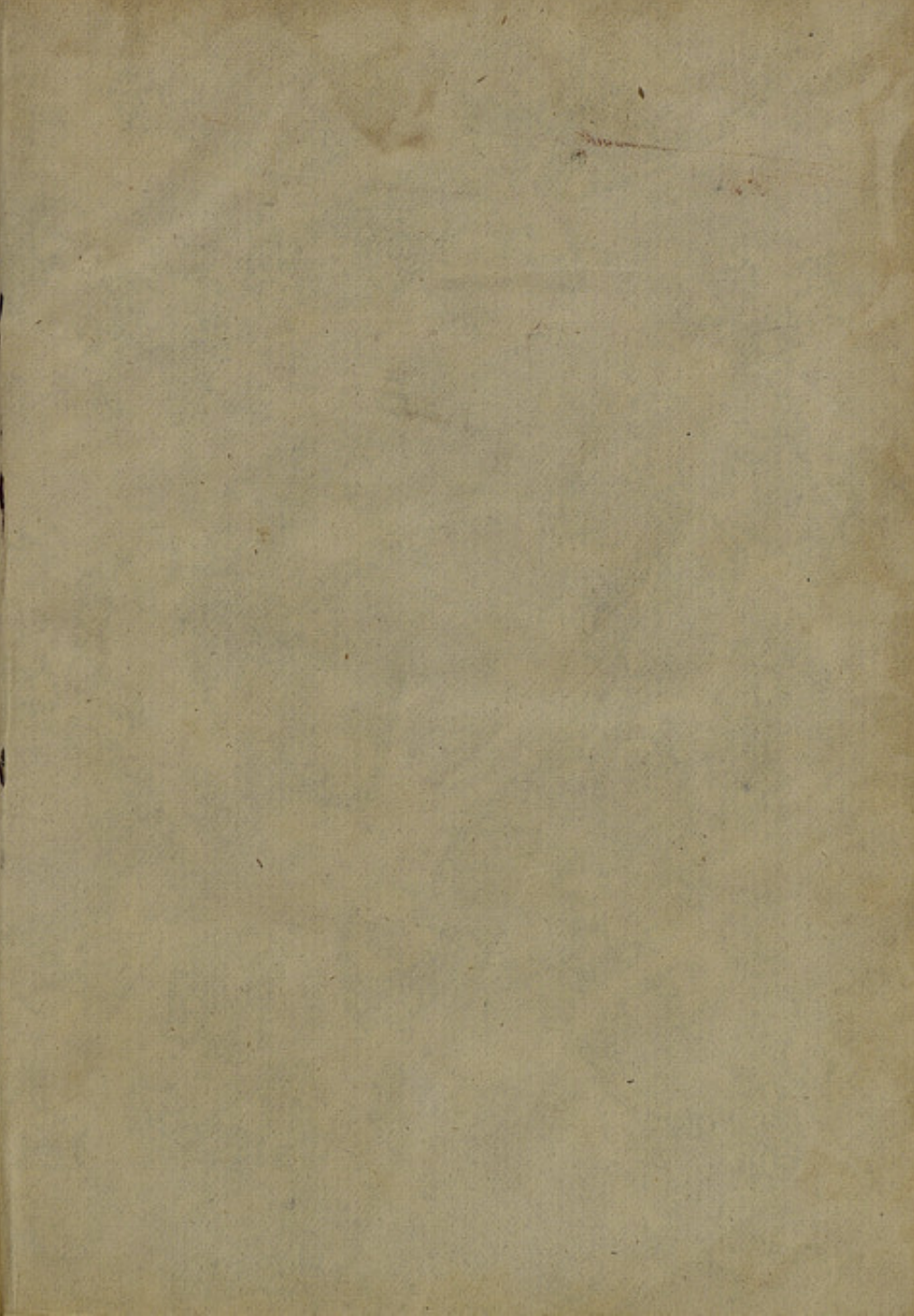
## X

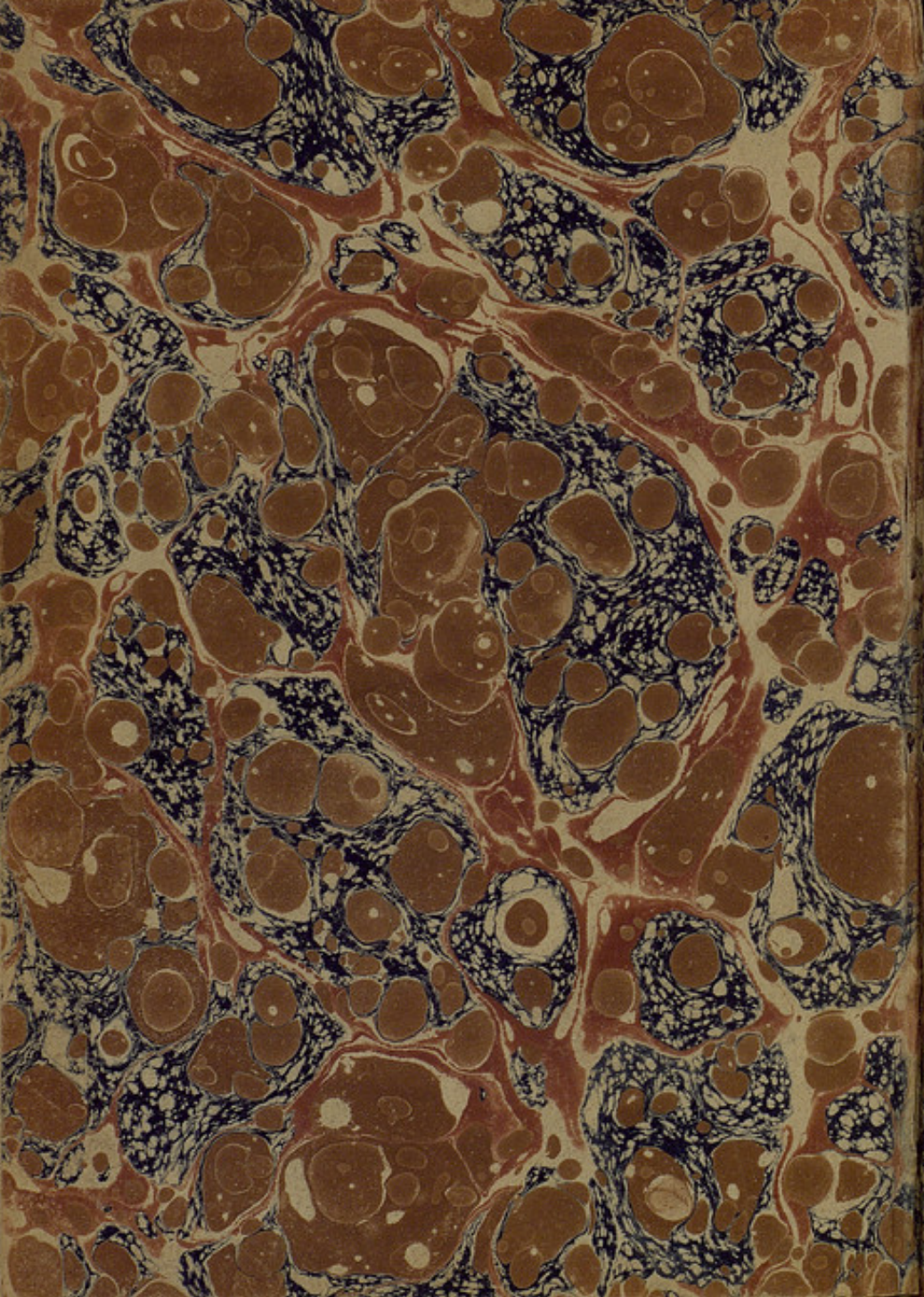
**X** *Erros.* A cada inventor de novas especies de luxuria, dava hum grande premio, 453.

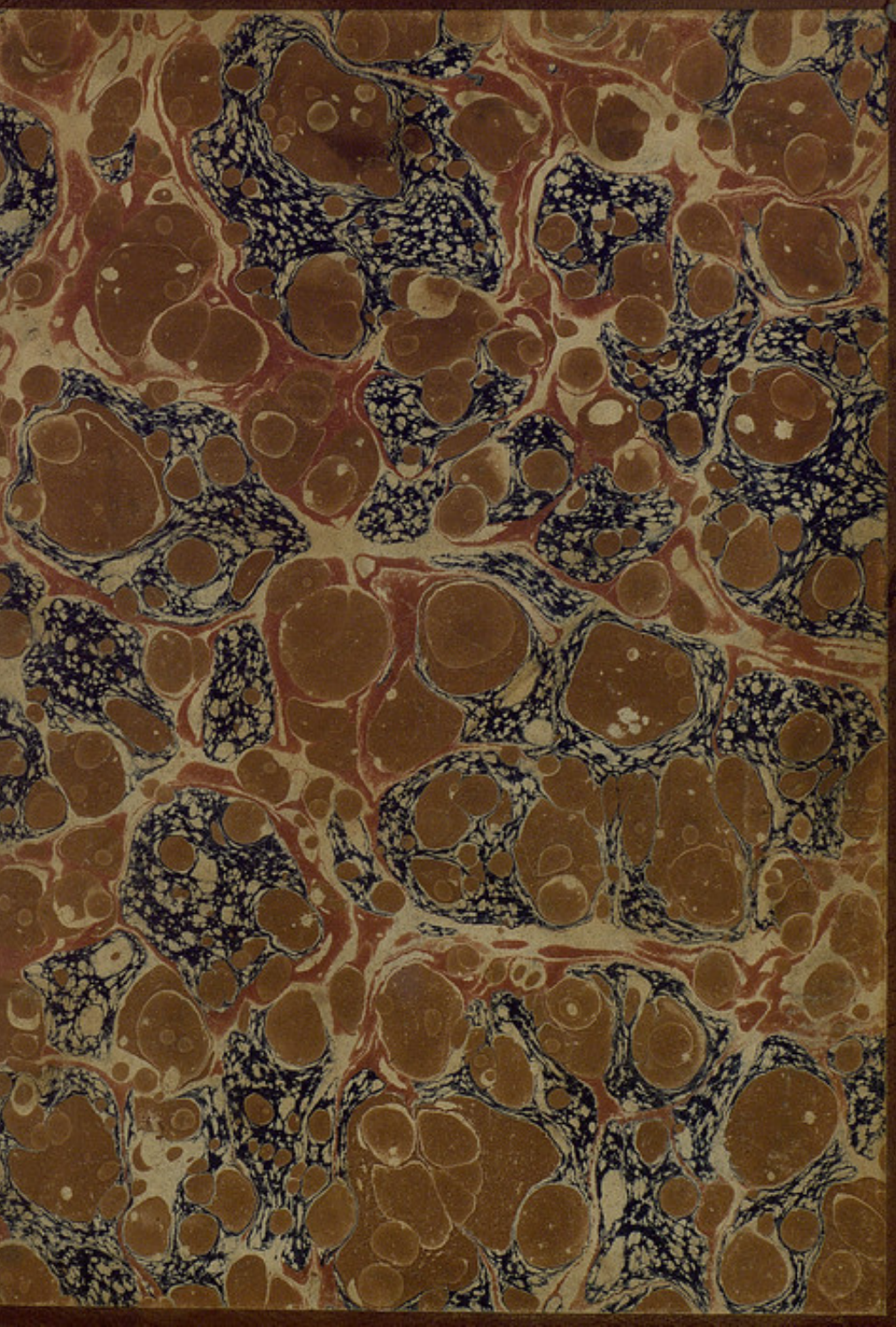












NB



\*EFG0000010202\*